

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida Cangemi



**Sândi vocálico externo no
Português Arcaico**

ARARAQUARA – S.P.

2014

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida Cangemi

Sândi vocálico externo no Português Arcaico

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: FAPESP (2011/23104-0)

ARARAQUARA – S.P.

2014

Cangemi, Ana Carolina Freitas Gentil Almeida

*Sândi vocálico externo no Português Arcaico / Ana Carolina Freitas Gentil
Almeida Cangemi – 2014*

208 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Câmpus de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Língua portuguesa -- Arcaísmos. 2. Canções sacras.
3. Poesia medieval -- História e crítica. I. Título.

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida Cangemi

SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NO PORTUGUÊS ARCAICO

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: FAPESP (2011/23104-0)

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Membro Titular: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães
Instituição: Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Membro Titular: Profa. Dra. Célia Marques Telles
Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre
Instituição: Universidade de Campinas (UNICAMP)

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti
Instituição: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Durante a vida temos pessoas que nos ajudam, escutam, compartilham de nossos sentimentos e da nossa caminhada. Agradecer a elas pelos momentos que foram compartilhados se torna um ato simples e pequeno, mas indispensável. Portanto, venho agradecer a essas pessoas pelo amor, carinho, respeito e pela confiança em mim depositados.

Agradeço aos meus pais, Mônica e José Carlos, por terem me apoiado durante os anos da minha vida, sempre torcendo para que eu realizasse os meus planos, mesmo não os entendendo muito. Pela confiança, pela infinita paciência ao entender minha ausência e principalmente pelo amor. A vocês, obrigada.

To Kotaro Ninomiya, my love. Thank you for being so kind to me, understanding my culture and accepting me the way I am. Thank you for showing me a world with new perspectives. Also I must thank you for the support with my academic life.

À Zoé e à Nala, minhas alegrias. Por sempre brincar comigo e fazer os meus dias mais felizes!

Aos meus avós – Manoela, Carlos Alberto, Antônio e Aurora. Amo-os tanto!

Aos meus tios, Cristina e Adriano – Carmem e Humberto, pelas palavras de carinho e pela confiança. Pelos momentos alegres de almoços em família.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari. Agradeço por todas minhas conquistas acadêmicas, pelos conselhos exatos, pelas conversas, pelo tempo dedicado a mim e ao meu projeto e por ter compartilhado a sua sabedoria. Por me fornecer caminhos e, conseqüentemente, me tornar uma pessoa (e profissional) melhor. Obrigada, Gladis.

À minha supervisora de Estágio no Exterior, Prof^a Dr^a Marina Vigário. Obrigada, Marina, pelo tempo dedicado ao meu projeto, orientando-me com o intuito de me tornar uma profissional melhor.

Agradeço aos meus amigos brasileiros – Joelma Castelo, Solange Galofero, Flávio Marques, Laís Jeronymo, Thaís Abreu, Gisela Sequini Fávaro, Dayane Batista, Raíssa Sgarbosa, Priscila Toneli, Talita Silva, Daniel Costa, Taísa Borges, Mari Leonel, Mayra Vollet e Ana Paula Meneses – pela ajuda, pelas risadas compartilhadas, pelos

almoços, pelos sorrisos e pelos conselhos. São tantos bons momentos guardados em meu coração. Obrigada, queridos!

Aos meus amigos europeus – Nádía Barros, Marisa Cruz, Cátia Severino, Nuno Paulino, Nuno Matos, Pedro Oliveira, Susana Correia, Joseph Butler, Daniel Marcelo e Tomás Beaumont – que tanto me ajudaram (pessoal e academicamente), fazendo-me tão feliz em Lisboa. Obrigada, caros, de todo o meu coração.

Aos professores – Luiz Carlos Cagliari, Cristina Fargetti, Rosane Berlinck, José Sueli Magalhães, Célia Marques Telles, Gisela Collischonn, Rosa Virgínia Mattos e Silva (*in memoriam*), Bernadete Abaurre, Odette Menon, Sónia Frota, Carolina Serra, Flaviane Svartmann e Luciani Tenani, pelos ensinamentos, pela ajuda no desenvolvimento de meus estudos e pelas prolíferas discussões as quais me auxiliaram no desenvolvimento do trabalho. Por fim, pelos sorrisos carinhosos que me passavam confiança e tornavam minha jornada mais amena.

Ao grupo de pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro* e aos laboratórios de pesquisa do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), *Lisbon Baby Lab* e *LabFon*, e ao Laboratório de Estudos Diacrônicos do Português (LEDiP) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Araraquara.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que financiou e possibilitou diretamente o crescimento de meus conhecimentos, por meio do Estágio no Exterior, das participações em congressos, da compra de livros, dentre outros feitos. Foram concedidas três bolsas pela Fundação durante o período de Pós-Graduação: a primeira, dentro do Programa de Mestrado (processo 2009/12286-0), com vigência de 01 de março de 2010 a 29 de fevereiro de 2012; a segunda, Doutorado Direto (processo 2011/23104-0), com vigência de 01 de março de 2012 a 31 de agosto de 2014; a terceira, Estágio de Pesquisa no Exterior (número do processo 2012/20947-0), com vigência de 01 de fevereiro de 2013 a 31 de julho de 2013.

Agradeço, principalmente, a esta força superior, por estar sempre comigo, por me proporcionar inúmeras oportunidades e por ter colocado em meu caminho as pessoas acima referidas.

*A vida ensina
E o tempo traz o tom
Pra nascer uma canção
Com a fé do dia a dia
Encontro a solução*

*Quando bate a saudade
Eu vou pro mar [...]*

(A estrada, Cidade Negra)

RESUMO

Esta tese objetiva estudar os processos fonológicos de sândi vocálico externo – ditongação, elisão de V_1 , crase e não realização ou apagamento de V_2 – no Português Arcaico (PA) em 200 *Cantigas de Santa Maria (CSM)*, século XIII, à luz das teorias não lineares. As *CSM* são uma coleção de 420 cantares em louvor da Virgem Maria compiladas em galego-português por Afonso X (1221 – 1284). Partimos da escansão, da contagem das sílabas poéticas dos versos das *CSM* e verificamos a localização dos acentos, elucidando dúvidas acerca da delimitação da palavra em PA e da resolução de encontros vocálicos em juntura vocabular. A metodologia busca abstrair da escansão dos versos em sílabas poéticas e do padrão de metrificação presente nas *CSM* os limites entre as palavras da língua daquela época, trazendo informações necessárias para uma pesquisa sobre a prosódia de línguas em relação às quais o contato com os falantes nativos não é possível. Os contextos de aplicação rítmicos e fonotáticos dos processos de sândi vocálico externo constituem o cerne de nosso estudo, que se expande, também, para a análise da ocorrência do hiato. Os resultados obtidos revelam que, na primeira fase da história da língua portuguesa, os processos fonológicos que desfazem a estrutura de hiato nos dias de hoje começaram a atuar ainda no PA. Ademais, esses eram expressivos no PA, por exemplo: a elisão, se comparada com o hiato (a permanência das duas vogais envolvidas no contexto de juntura vocabular), contém uma margem de aplicação muito próxima à manutenção de vogais, isto é, tanto a elisão quanto a manutenção do hiato eram produtivos naquele momento da língua. Por outro lado, a ditongação, a crase e o apagamento ou não realização de V_2 consistiam em processos marginais, de contextos de aplicação bem mais restritos. Esses fatos se devem, muitas vezes, às restrições de natureza rítmica, prosódica e fonotática do PA. Devido ao fato de trabalharmos com o sândi vocálico externo, esta tese faz também um estudo da ressilabação das margens silábicas e do núcleo, com destaque a esse último. Assim, discutimos as possibilidades de um molde silábico pertinente que dê conta das resoluções das sequências de vogais advindas do sândi.

Palavras-chave: Sândi Vocálico Externo. Sílabas. Português Arcaico. Cantigas de Santa Maria.

ABSTRACT

This thesis aims to study the processes of external phonological vocalic sandhi in 13th century Archaic Portuguese (AP). These processes are diphthongization, V_1 elision, crasis and deletion or nonproduction of V_2 and will be analyzed in 200 *Cantigas de Santa Maria* (CSM) from the point of view of the Nonlinear Phonology theories. The CSM are a collection of 420 chants in praise to Virgin Mary compiled in Galician-Portuguese by Alfonso X (1211-1284). We started from the scansion of the CSM verses, verifying the location of stresses and clarifying doubts about the word's delimitation in AP. The methodology aims to abstract the limits between words by from the scansion of the verses in poetic syllables and from the metrification patterns present in the CSM. The rhythmic and phonotactic contexts of application of the processes of external phonological vocalic sandhi constitute the core of our study, which extends itself to the analysis of hiatus occurrences. In the first phase of Portuguese language the results achieved reveal that the phonological processes which undo the hiatus structure nowadays started to act already in AP. Besides, those processes were expressive in AP, for instance: the elision has an application margin close to the vowels maintenance when compared to hiatus (the permanence of two vowels which are involved in word junctioncontext). Both elision and hiatus were more productive at that moment of the language than diphthongization, crasis and deletion or nonproduction of V_2 , which were marginal phonological processes, with more restricted application contexts. These facts are due to rhythmic, prosodic and phonotactic restrictions in AP. This thesis also studies the restructuring of the syllabic margins and of the nucleus, with emphasis to last one.

Key-words: External vocalic sandhi. Syllable. Archaic Portuguese. Cantigas de Santa Maria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>CSM 99</i>	35
Figura 2 - <i>CSM 99</i>	36
Figura 3 - Afonso X.....	39
Figura 4 - Miniaturas. <i>CSM 400</i> e <i>CSM 220</i>	42
Figura 5 - <i>CSM 35</i> – Códice Toledo (To 92)	44
Figura 6 - <i>CSM 7</i> – <i>Códice Rico</i> de El Escorial (T).	45
Figura 7 - Intensificação e a redução dessa força na sílaba.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Soluções para os encontros vocálicos na <i>CSM15</i>	53
Gráfico 2 - Soluções para os encontros vocálicos nas <i>CSM</i>	135
Gráfico 3 - Hiatos nas <i>CSM</i>	170

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das cantigas de acordo com sua origem	31
Quadro 2 - Molde silábico do português	72
Quadro 3 - Molde silábico do Português Arcaico.....	77
Quadro 4 - Resumo dos tipos de pés	86
Quadro 5 - Construção dos pés	86
Quadro 6 - Ditongos decrescentes no interior do vocábulo em PA	128
Quadro 7 - Ditongos crescentes no interior do vocábulo em PA.....	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Soluções para os encontros vocálicos - <i>CSM 15</i>	53
Tabela 2 - Contextos envolvendo vogais - <i>CSM15</i>	54
Tabela 3 - Contextos de aplicação dos processos de sândi – <i>CSM15</i>	55
Tabela 4 - Contextos envolvendo ditongos decrescentes – <i>CSM15</i>	56
Tabela 5 - Ditongação nas <i>CSM</i>	136
Tabela 6 - Ditongação: Mi/Ti	136
Tabela 7 - Apagamento de V_1 nas <i>CSM</i>	148
Tabela 8 - Outros processos nas <i>CSM</i>	155
Tabela 9 - Hiatos envolvendo ditongos decrescentes	171
Tabela 10 - Hiatos envolvendo ditongos crescentes.....	172
Tabela 11 - Hiatos nas <i>CSM</i>	173

LISTA DE ABREVIATURA E SÍMBOLOS

A	Adjetivo
C	consoante
Co	coda
CSM	Cantigas de Santa Maria
E	Códice dos Músicos – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo
F	Códice de Florença
N	Nome
Nu	núcleo
On	<i>onset</i>
OT	<i>Optimality Theory</i> , Teoria da Otim(al)idade
PA	Português Arcaico
PB	Português Brasileiro
PCO	<i>Obligatory Contour Principle</i> , Princípio do Contorno Obrigatório
PE	Português Europeu
PWG	<i>Prosodic Word Group</i> , Grupo de Palavra Prosódica
Ri	rima
s	forte (<i>strong</i>)
T	Códice Rico ou Códice das histórias – El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo
To	Códice de Toledo
V	Verbo
V	vogal
w	fraco (<i>weak</i>)
Σ	pé
< >	elemento extramétrico
σ	sílaba; sílaba sem especificação de quantidade
˘	sílaba leve
-	sílaba pesada
x	batida forte, sílaba proeminente do pé
.	batida fraca, sílaba não-proeminente do pé

μ	mora
ω	palavra prosódica
φ	sintagma fonológico ou frase fonológica
I	sintagma entoacional ou frase entoacional
U	Enunciado
[]	forma de base

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CORPUS	20
1.1 O Português Arcaico	21
<i>1.1.1 As Cantigas de Santa Maria</i>	29
1.1.1.1 O códice de Toledo (To).....	43
1.1.1.2 O códice T: <i>Códice Rico</i> de El Escorial	45
1.2 Considerações finais	46
2 METODOLOGIA	47
2.1 Considerações finais	56
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	58
3.1 A Sílabas	59
<i>3.1.1 Estudos sobre a sílaba</i>	59
3.1.1.1 A estrutura hierárquica da sílaba	63
3.1.1.2 Os constituintes internos da sílaba	67
<i>3.1.2 A sílaba em Português: molde silábico</i>	70
<i>3.1.3 A sílaba em Português Arcaico: molde silábico</i>	75
3.2 A relação entre sílaba e acento	79
3.3 Fonologia prosódica	94
3.4 A palavra fonológica	103
3.5 Considerações finais	109
4 ESTUDOS SOBRE O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO	110
4.1 Sândi vocálico externo em PB	111
<i>4.1.1 Ditongação</i>	113
<i>4.1.2 Elisão</i>	116
<i>4.1.3 Degeminação</i>	119
4.2 Estudos sobre o sândi vocálico externo em PA	127
<i>4.2.1 Ditongação</i>	127
<i>4.2.2 Elisão</i>	130
<i>4.2.3 Crase</i>	131
4.3 Considerações finais	132

5 SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO E HIATO NAS CSM: ASPECTOS FONOTÁTICOS E RÍTMICOS	134
5.1 Ditongação	135
5.2 Apagamento de V₁: Elisão	147
5.3 Apagamento de V₁: Crase	153
5.4 Não realização ou apagamento de V₂	155
5.5 Hiato	169
5.6 Considerações finais	178
CONCLUSÃO	181
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES	206
Apêndice A - Contexto de aplicação dos processos de sândi nas 200 CSM	207
Apêndice B - Elisões das formas xe, lle, de e che	208

INTRODUÇÃO

Nosso estudo tem como objetivo analisar (quantitativa e qualitativamente) o sândi vocálico externo no Português Arcaico (PA)¹. As estratégias de solução do hiato há tempos despertam interesse na literatura fonológica, no que se refere às suas motivações e aos aspectos implicados, como estrutura silábica, constituintes prosódicos e acento.

O termo sândi, proveniente da antiga gramática sanscítica, designa as alterações mórficas e fonológicas causadas pelo contato entre formas da língua (TRASK, 2004, p.261). Essas alterações podem ocorrer tanto no interior do vocábulo, sendo assim interno, quanto na justaposição vocabular – final de uma palavra com o início de outra; neste caso, o processo é denominado externo.

Para Trask (2004, p.260), o sândi é uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”; para Xavier e Mateus (1990, p.327-328), é um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”. Todos os processos de sândi são opcionais, porque, em fala cuidada, podem ser realizados os hiatos.

Embora haja trabalhos a respeito do PA (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946 [1912-13]; CUNHA, 1961; MATTOS E SILVA, 1989; MASSINI-CAGLIARI, 2005a), sobre aspectos do tema proposto, utilizando modelos teóricos e pontos de vistas díspares, a possibilidade de dinamicidade característica das línguas e das teorias linguísticas acaba por oferecer novas questões de estudo, deixando em aberto possibilidades para novos trabalhos. Dessa forma, nesta tese, considerando o diálogo com os estudos mencionados e outros (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, 2000, 2003, 2005a, 2008; BIAGIONI, 2002; PARKINSON, 2006; BISOL, 1989, 1992a,b, 1996; TENANI, 2002, 2004; ABAURRE, 1996; COLLISCHONN, 2005[1996]), temos a intenção de contribuir não somente para a compreensão do sândi vocálico externo no período arcaico da língua, no que tange os aspectos rítmicos e fonotáticos envolvidos,

¹ Optamos pelo rótulo “português arcaico” em detrimento de “galego-português” porque o objetivo do Projeto mais amplo ao qual esta pesquisa de Doutorado se vincula é estabelecer o percurso de possíveis mudanças fonológicas no português (e não no galego). Mostraremos que, na fase trovadoresca, o galego e o português eram reconhecidos pelos falantes como sendo a mesma língua, embora houvesse, muito provavelmente, variações entre esses dois falares.

mas também com os assuntos relacionados (o hiato, a epêntese da vogal /e/ em contexto de junção vocálica, sendo sílaba inicial da segunda palavra, e a aproximação das diferenças e semelhanças do sândi vocálico externo no Português Brasileiro, PB, e no PA).

Ancoramos teoricamente nosso trabalho nas fonologias não lineares, em especial nos modelos métrico e prosódico, que se detêm em questões de estruturação silábica (seus constituintes internos e sua relação externa na hierarquia prosódica) e de ritmo, respectivamente – Nespor e Vogel (2007 [1986]), Selkirk (1984a), Hogg e McCully (1991[1987]) e Hayes (1995).

A opção de sustentar as análises fonológicas à luz das teorias não lineares, e não no mais recente modelo teórico em linguística, qual seja, a Teoria da Otim(al)idade (McCARTHY; PRINCE, 1993,1995; PRINCE; SMOLENSKY, 1993; KAGER, 1999, entre outros) se deu pelo fato de que a grande maioria dos trabalhos produzidos sobre o sândi vocálico externo em PB utiliza uma abordagem pautada nas teorias não lineares. Para que a aproximação dos resultados qualitativamente entre os dois períodos, PA e PB, seja realizada de modo coerente, é conveniente que utilizemos o mesmo quadro teórico. Demonstrados nossos objetivos e nossa motivação teórica, passemos à organização desta tese.

A presente tese é organizada por meio de seções. O *corpus* composto pelas *Cantigas de Santa Maria (CSM)* é apresentado na seção 1. Contextualizamos o momento da língua portuguesa em que foram compiladas as *CSM*, bem como os dois códices com que trabalhamos, To e T.

Na seção 2, trazemos a metodologia utilizada. A fim de observar e analisar o sândi vocálico externo, partimos da escansão e da contagem das sílabas poéticas dos versos para poder elucidar dúvidas acerca da consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única sílaba poética – tem-se o caso da elisão, da ditongação, da crase e de outro processo ainda não nomeado pela literatura especializada – ou em sílabas diferentes – constituindo assim um hiato. Buscamos abstrair da escansão dos versos em sílabas poéticas os limites entre as sílabas fonéticas e com isso observar a solução dada pelo falante da época (trovador) para os processos fonológicos de encontro intervocabular de vogais: hiato, elisão, crase, ditongação e/ou alguma outra resolução (não realização da vogal epentética). O principal *modus operandi* deste trabalho é o mapeamento dos processos de sândi vocálico externo em

200 *CSM*, seguido da sua classificação em duas tabelas distintas: vogais envolvidas e contexto de aplicação rítmica.

Na seção 3, apresentamos os pressupostos teóricos. A proposta da seção é mostrar os aspectos que se referem à organização de traços dos segmentos, à representação da sílaba e à parametrização do acento nas teorias derivacionais que utilizamos em nosso trabalho. Esses modelos derivacionais foram postulados com o objetivo de chegar a generalizações por meio de princípios gerais que regulam o funcionamento das línguas. Optamos por utilizá-los com o intuito de subsidiar e formalizar nossas hipóteses sobre a resolução dos encontros vocálicos entre palavras no PA. Feita a revisão sobre os subsídios teóricos para a análise dos processos de sândi vocálico externo nas *CSM*, trazemos na seção 4 as investigações sobre os processos de sândi vocálico externo no PB e no PA, finalizando com a nossa contribuição, na seção 5. Nessa seção, trazemos a quantificação e a análise dos processos de sândi vocálico externo (ditongação, elisão, crase e apagamento ou não realização de V_2) nas 200 *CSM*, discutindo: 1) as tendências principais da língua, 2) as silabações ótimas e excepcionais e 3) as resoluções (in)aceitáveis em PA para sequências de vogais em junção vocabular.

Foram mapeados todos os casos de encontros de vogais em junção vocabular nas 200 *CSM*. Os hiatos foram preponderantes quantitativamente aos processos de sândi vocálico externo. Todavia, a elisão foi o processo fonológico mais aplicado para resolver o encontro de vogais em junção vocabular. A ditongação, a crase e o apagamento ou não realização de V_2 também serviram de mecanismo para evitar a sequência vocálica entre palavras, no entanto, consistiam em processos marginais, não aplicados em larga escala e de contextos de aplicação bem restritos.

Por fim, confirmamos que os processos fonológicos que desfazem a estrutura de hiato (o sândi vocálico externo) nos dias de hoje começaram a atuar ainda no PA e que ocorreram diferenças na aplicação do sândi vocálico externo de dois períodos da língua portuguesa, por exemplo os domínios prosódicos que agem como bloqueio de aplicação e as sílabas resultantes da ressilabação motivadas pelo choque entre as vogais no contexto de junção vocabular.

Com o intuito de auxiliar a visualização dos dados obtidos, é mostrada a tabela com os mapeamentos das 200 *CSM* no Apêndice A.

1 CORPUS

Quis o destino que sobrevivessem os três cancioneiros galego-portugueses, e ainda os códices das Cantigas de Santa Maria, que, sem dúvida, não somam toda a produção poética trovadoresca, mas constituem um conjunto concreto sobre o qual o pesquisador tanto com interesse literário como com intenção de análise linguística pode definir como sendo representativo da produção medieval poética portuguesa.

Mattos e Silva (1989, p.17).

O objetivo de nosso estudo consiste na análise e no mapeamento de todos os processos de junção vocabular entre vogais, isto é, processos de sândi vocálico externo (elisão, crase e ditongação), hiatos e/ou algum outro processo não nomeado pela literatura especializada, no PA, século XII até meados do século XIV. Diante dessa proposta, é importante contextualizar esse momento da língua portuguesa e o *corpus* que utilizamos como fonte de dados: as *Cantigas de Santa Maria* (século XIII). O contato com as cantigas foi feito por edições críticas² de Mettmann (1986, 1988) e pelo acervo pessoal de Massini-Cagliari para a edição fac-similar produzida pela editora Edilán, de Madri. Utilizamos também como apoio digital a página *Cantigas de Santa Maria for singers* desenvolvida por Andrew Casson (disponível em <<http://cantigasdesantamaria.com/>>) e o banco de dados do *Centre for the Study of the Cantigas de Santa Maria of Oxford University* (disponível em <<http://csm.mml.ox.ac.uk/>>).

O Centro para o Estudo das Cantigas de Santa Maria da Universidade de Oxford foi criado em 2005 e atualmente abriga dois projetos de pesquisa vinculados: o banco de dados *Cantigas de Santa Maria* e o novo *Cantigas de Santa Maria* edição crítica. O banco de dados *Cantigas de Santa Maria* é projetado para dar acesso a uma vasta gama de informações relevantes para os processos de recolha, composição e elaboração das *Cantigas de Santa Maria*. Esse banco irá fornecer o material crítico para a nova edição das *Cantigas de Santa Maria*, que será publicada tanto na forma impressa quanto eletrônica.

Embora a página *Cantigas de Santa Maria for singers* seja desenvolvida para músicos, foi consultada no intuito de verificar como foi entendida a silabação das *CSM*

² Melo (1957, p.40) diz que uma edição crítica é a que “procura estabelecer o texto perfeito, – confrontando manuscritos ou edições antigas, de vida do autor, anotando variantes e, além disso, desfaz as abreviaturas, quando é o caso, moderniza a pontuação, corrige os erros tipográficos, interpreta os passos obscuros, podendo ainda substituir o sistema ortográfico por outro mais moderno, – mas tudo isso respeitando escrupulosamente a língua, as formas, a fonética do tempo e do autor”.

para serem cantadas, uma vez que é possível encontrar os poemas, de acordo com edição de Mettmann (1986, 1988), totalmente silabificados. A proposta do autor da página se baseia no princípio de argumentar que existe uma, e somente uma, maneira correta de encaixar as palavras das *Cantigas de Santa Maria* para a música.

Para a realização do presente estudo, tomamos como referência, no levantamento do *corpus*, a edição crítica das *CSM* organizada, em três volumes, por Mettmann (1986, 1988, 1989). Quando necessário, recorreremos à primeira edição (em quatro volumes, sendo o último um glossário) preparada pelo mesmo, Mettmann (1959, 1972), publicado pela Acta Universitatis Conimbrigensis.

Em todos os momentos de nosso estudo, optamos por analisar os dados por meio de edições facsimiladas ou com a ajuda de microfimes dos próprios manuscritos (no caso dos códices *Escorial rico* e *de Florença* das *CSM*) e recorrendo ao auxílio de edições críticas, diplomáticas ou interpretativas, em caso de dúvidas de decifração. A consideração da fonte direta, sobretudo no caso da estruturação silábica (sequências de vogais, marca de nasalização, etc.), é de fundamental importância, porque, muitas vezes, uma marca crucial da versão original escrita em galego-português pode “desaparecer” de uma edição interpretativa, depois de aplicadas as convenções ortográficas atuais, uma vez que o PA ainda não dispunha de um sistema ortográfico fixo. Muito embora o uso social da escrita (por exemplo, nos cancioneiros) tenha forçado a formação de uma certa tradição, evitando uma escrita muito variada com relação à ortografia, podem ser encontradas no PA algumas tendências gráficas próprias da nova língua e a generalização de algumas soluções (MASSINI-CAGLIARI, 2005a).

1.1 O Português Arcaico

O rótulo *Português Arcaico* (PA) é aqui utilizado para designar o período compreendido pela fase trovadoresca (fins do século XII até meados do século XIV). Com o intuito de contextualizar o momento em que o PA ocupa na história da língua, trazemos estudos de cunho geográfico-linguístico e linguístico-documental.

De acordo com Câmara Jr. (1979[1975], p.16), após a ocupação romana da Península Ibérica, o latim, pouco a pouco, estabeleceu-se no território, fazendo desaparecer as demais línguas da península. Segundo Ilari e Basso (2007, p.21), a língua em 1100, no berço do Estado português, era muito parecida com o galego, por isso a denominação galego-português, ou seja, por apresentar notáveis semelhanças com a

língua falada na outra margem do rio Minho. Encontramos na bibliografia especializada essa denominação aplicada à variedade de língua cuja manifestação literária corresponde à lírica trovadoresca. No século XIII, o galego-português foi usado como língua da poesia não só por trovadores portugueses, como Dom Dinis – rei a partir de 1290 –, mas também por trovadores de outras regiões da Ibéria – por exemplo, Afonso X, o Sábio, rei de Castela: “o galego português gozava de prestígio e era considerado adequado para desempenhar as funções que, em outras regiões da Europa, foram exercidas pelo provençal” (ILARI; BASSO, 2007, p.22).

Considerados aspectos documentais, para Silva Neto (1956, p.67), a partir do século IX, o português propriamente dito já existia – mas somente como língua falada, uma vez que, até o final do século XII, os documentos ainda eram escritos em latim. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) também considera que o português já existia como língua falada, provavelmente “um ou mais séculos antes” do surgimento dos primeiros documentos escritos na língua, ao final do século XII.

De acordo com Leite de Vasconcellos (1959), Michaëlis de Vasconcelos (1946), Williams (1975[1938]), Said Ali (1964) e Coutinho (1974), o português aparece documentado em textos escritos, que testemunham e comprovam a sua ocorrência na região lusitânica somente após o século XII, embora existisse como língua falada, em um período que antecede esse século. Antes, portanto, há apenas indícios do português, em determinados documentos de natureza tabelionária, escritos em latim bárbaro.

Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) declara que, no final do século XII, ainda eram raríssimos os documentos escritos em português. Segundo a autora, somente a partir do século XIII (de 1250, mais especificamente), esses documentos começam a aparecer com maior frequência, multiplicando-se. Além disso, a estudiosa revela que a língua dos poucos documentos remanescentes do final do século XII, embora fosse a portuguesa – “bem caracterizada pelas suas feições especiais” –, ainda apresenta algumas formas do latim bárbaro.

Mattos e Silva (2006, p.38) considera uma questão problemática a que se refere à localização, no tempo, dos primeiros documentos escritos em português, e não mais em latim, como era a tradição. A autora, assim como Teyssier (1994[1980]), traz um estudo da obra do padre Avelino de Jesus da Costa, intitulada *Os mais antigos documentos escritos em português - revisão de um problema histórico-linguístico*, no qual o autor mostra que os documentos antes considerados como os mais antigos do

português – o *Auto de Partilhas* e o *Testamento de Elvira Sanches* – não são de 1192 e 1193, respectivamente, como se acreditava até então, mas são ambos do final do século XIII. Segundo Mattos e Silva (2006, p. 38), o estudo revela que datam de 1192 e 1193 os documentos originais, escritos em latim, e não em português, referentes ao *Auto de Partilhas* e ao *Testamento de Elvira Sanches*, respectivamente. Teyssier (1994[1980], p. 103) diz: “segundo o autor, o texto primitivo destes dois documentos, redigidos respectivamente em 1192 e 1193, era em latim e as versões galego-portuguesas que nos chegaram são traduções efectuadas uma centena de anos mais tarde, no fim do século XIII”.

O *Testamento de Afonso II*, terceiro rei de Portugal, datado de 1214, é considerado o mais antigo documento jurídico escrito em português. De acordo com Mattos e Silva (2006, p.137), sua data é indiscutível. Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.14) aponta para o valor do *Testamento de Afonso II* em relação aos documentos que o precederam, remanescentes do final do século XII, afirmando que o testamento do rei (do ano de 1214) é superior aos precedentes, “em correção e estilo”.

Posteriormente, de acordo com Mattos e Silva (2006), viria a *Notícia do Torto*, escrita, muito provavelmente, entre 1214 e 1216.

Marcam o nascimento do português arcaico, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa o *Testamento de Afonso II*, datado, indiscutivelmente, de 1214, e a *Notícia do Torto* que hoje se considera que foi escrita entre 1214-1216. (MATTOS E SILVA, 2006, p.21, grifo da autora)

Mattos e Silva (2006, p.38) assume que todos esses documentos citados são “*extemporâneos*”; são exemplos singulares e isolados de uma época, uma vez que, somente a partir de 1255, voltam a aparecer documentos escritos em português. A autora reitera a observação de Michaelis de Vasconcelos (1946) de que eram raríssimos os documentos escritos em português no final do século XII. A partir desse período e ao longo do século XIII, segundo a autora, esses documentos se multiplicam, até a língua portuguesa se tornar, no reinado de D. Dinis (1279-1325), o idioma oficial de Portugal, substituindo, oficialmente, o latim nos documentos jurídicos. A datação dos mais antigos documentos jurídicos escritos em português é uma questão em aberto, na medida em que não está descartada a possibilidade de serem encontrados novos documentos, com datas anteriores aos já identificados, que venham a substituí-los no rótulo de mais antigos. Essa questão, portanto,

não é [...] difícil de se reabrir, porque ainda não está concluída uma investigação que tenha esgotado a documentação jurídica remanescente nos arquivos portugueses e em arquivos estrangeiros que guardem documentação de Portugal, tarefa onerosa, mas que não é impossível de ser feita. (MATTOS E SILVA, 2006, p.38)

Mattos e Silva (2006, p.22), a respeito da poesia do período arcaico, considera os ensaios de Giuseppe Tavani (1988), cuja proposta de recuo para 1196 (data do mais antigo texto poético do português) se faz válida, segundo a autora. Ela afirma que os fatos narrados em uma cantiga de escárnio de Joam Soares de Paiva, identificada pelo seu primeiro verso *Ora faz ost'o senhor de Navarra*, ocorreram em 1196 e o *ora* (*agora*), presente no primeiro verso, indica que o poema é contemporâneo aos acontecimentos que narra e, portanto, é de 1196. Ainda sobre a datação das primeiras cantigas medievais, acrescenta: “Entre os fins do século XII e XIII, as cantigas circulavam na tradição oral e, pode-se admitir, em folhas escritas soltas com poemas de um poeta ou mesmo em ‘livros’ de poemas com o conjunto de sua produção” (MATTOS E SILVA, 2006, p.22).

Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.15) considera extenso demais o período atribuído ao PA. A autora, baseada na produção literária medieval, propõe uma subdivisão³ do período: *período trovadoresco*, até 1350, cuja língua seria o galego-português; e *período da prosa histórica verdadeiramente nacional*, de 1350 a meados do século XVI, em que o português e o galego teriam tomado rumos diferentes, tornando-se línguas distintas.

Na época trovadoresca, a língua fora galego-portuguesa, substancialmente igual (se abstrairmos de algumas particularidades dialetais) à que se desenvolvera do outro lado do Minho. Na época da prosa nacional, afastou-se dela mais e mais, ao passo que o galego ou galiziano se ia aproximando mais e mais do castelhano. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p.15)

Para Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 14), a mais antiga cantiga trovadoresca, “que se conseguiu datar com alguma probabilidade”, é do ano de 1189. Segundo a autora, há outras presentes durante o reinado de D. Sancho I e de D. Afonso II, e muitas do reinado de D. Sancho II que são anteriores a 1250.

³ Silva Neto (1952, p. 405) segue a medievalista Michaëlis de Vasconcelos (1946) e considera que o PA deve ser dividido em dois períodos distintos: o *trovadoresco*, até 1350; e o período do *português comum*, de 1350 em diante.

A respeito da data limite para se considerar ainda produções em PA, Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.15) nos diz: “o período arcaico prolonga-se até 1500 ou mesmo ainda mais além dessa data” e que

os limites entre os dois períodos são vagos, e que houve uma época de transição. O que já dissemos do latim vulgar e do neo-latim tem aplicação também aqui. ‘Uma língua não nasce em dia e hora certa’, nem evoluciona num momento, de um estado a outro. Algumas transformações realizam-se muito devagar; outras, muito depressa. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p.15)

Leite de Vasconcellos (1959, p.121) reconhece também que a passagem do latim vulgar ao português pré-histórico, e assim em todas as línguas, não ocorre de uma hora para outra, de maneira abrupta, mas aos poucos, após um longo período de transição: “uma língua não nasce de pronto como um indivíduo, em dia e hora suscetíveis de se marcarem no calendário e no quadrante, mas evoluciona lentamente, como o feto no seio materno”.

Para Said Ali (1964, p. 18), o “português antigo” “é a linguagem escrita usada até fins do século XV e ainda nos primeiros anos do século seguinte”. Leite de Vasconcellos (1959), Silva Neto (1956), Coutinho (1974) e Câmara Jr. (1979[1975]) consideram o século XVI como o início de uma nova fase na história da língua. Para Mattos e Silva (2006, p.22), embora os estudiosos considerem o século XVI como o marco de uma nova fase na história da língua, o limite final do PA ainda é uma questão também em aberto, à espera de um estudo diacrônico detalhado, com bases linguísticas, que identifique transformações na passagem de um período ao outro, estabelecendo, assim, uma delimitação baseada no desaparecimento de características linguísticas que configurem o PA em oposição ao português moderno.

Mattos e Silva (2006, p.23) considera que, diferentemente do que ocorre com o limite inicial do PA, que é baseado no surgimento dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa, não há um fato específico que indique seu limite final. A autora expõe três acontecimentos extralinguísticos que, em sua visão, corroboram o fato de se considerar o século XVI como outra fase do português. São eles: o surgimento do livro impresso, nos fins do século XV, em substituição aos manuscritos medievais que existiam até então; o desenvolvimento da expansão imperialista portuguesa no mundo, que se refletiu na língua e na cultura da sociedade portuguesa europeia, devido ao contato com novas culturas e novas línguas; o surgimento das primeiras Gramáticas da

Língua Portuguesa: a Gramática de Fernão de Oliveira, de 1536, e a Gramática de João de Barros, de 1540.

Os acontecimentos históricos numerados são de fato extralinguísticos, mas, na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas. Os três acontecimentos mencionados inter-relacionados e outros que possam ser destacados favoreceram, muito provavelmente, mudanças linguísticas que vieram a eliminar as características que em geral se apresentam para a fase arcaica do português. (MATTOS E SILVA, 2006, p.23)

Messner (2002) já anunciava o mesmo ponto de vista assumido por Mattos e Silva (2006) de que é preciso fazer uma investigação de cunho mais linguístico para a determinação do período arcaico. O autor ainda critica outros estudiosos – dentre eles Leite de Vasconcellos, Silva Neto, Vázquez Cuesta, Lindley Cintra, Paul Teyssier, Clarinda Maia, Ivo Castro, entre outros – com o argumento de que eles “seguem o mesmo esquema, sem oferecer novidades, sem basear-se em estudos próprios, repetindo o que outros já disseram” (MESSNER, 2002, p.101). Segundo o autor, as denominações atribuídas aos diferentes períodos do português são as mesmas e que os termos empregados não estão relacionados à Linguística, e sim à Literatura e propõe que sejam desenvolvidos estudos com bases linguísticas, comparando documentos de mesma natureza e de períodos diferentes, a fim de se obter uma periodização mais precisa e confiável do português. Assim é, também, a opinião de Mattos e Silva (2006, p.23):

Falta ainda [...] uma investigação sistemática da documentação remanescente do português arcaico, em confronto com a do século XVI, que, com maior rigor e precisão, nos permita dizer não apenas que o período arcaico termina nos fins do século XV ou na primeira metade do século XVI.

A partir dos estudos expostos por nós e considerando-os (mesmo cientes que falta uma delimitação temporal mais precisa), podemos dizer que por ora é unânime a consideração que o PA teve seu início no século XII, perpassou os séculos XIII e XIV, terminando no final do século XV ou início do século XVI. A fase trovadoresca, em que está inserida a produção das *CSM*, é dos fins do século XII até meados do século XIV.

Sobre considerar a língua falada do século XIII a XVI como uma só língua rotulada como PA e não como línguas distintas, galego e português, Mattos e Silva (2006) afirma que

Com a dicotomia galego-português/português se faz necessário ressaltar uma face do problema que é de caráter não apenas diacrônico, mas também diatópico. Esse enfoque para a questão da subperiodização não é apenas baseado na produção literária, como são, explicitamente, o de Carolina M. de Vasconcelos e Serafim da Silva Neto, mas tem a ver com a possível diferenciação dialetal da língua falada a que se poderia opor uma primeira fase do período pré-moderno, em que haveria uma unidade galegoportuguesa, refletida na documentação escrita, e uma segunda fase, em que se poderia definir a distinção entre o diassistema do galego e do português. Fatores históricos direcionaram a diferenciação entre o galego e o português que, **na sua origem, constituíam uma mesma área linguística em oposição a outras áreas ibero-românicas.** (MATTOS E SILVA, 2006, p.23, grifo nosso)

De acordo com Teyssier (1994[1980], p.5), alguns fatores históricos, assim como abordados na citação de Mattos e Silva (2006) acima, foram determinantes para compreender a situação linguística dessa época. Segundo Teyssier (1994[1980], p.5), a invasão muçulmana e o movimento de Reconquista foram determinantes no desenvolvimento das três línguas que se formaram na Península Ibérica: o galego-português, a oeste; o castelhano, no centro; e o catalão, a leste.

De acordo com Hany (1989, p. 25), durante o período da Reconquista, quando os cristãos expulsavam os muçulmanos para o sul da Península Ibérica e recuperavam, pouco a pouco, o território conquistado pelos árabes, formaram-se os reinos cristãos de Leão, Aragão, Navarra e Castela. No século IX, havia os “falares hispano-românicos”, na Península Ibérica: o leonês, o aragonês, o catalão e o galego-português. Segundo a autora, Portugal separou-se da Galiza no século XII, quando o galego-português era o idioma falado em toda a região da Galiza e da nascente nação portuguesa. Durante os três séculos seguintes, o galego-português foi a língua utilizada na produção poética trovadoresca, em toda a Península Ibérica, até adquirir, no século XIV, um novo aspecto, que a caracterizou como língua portuguesa. A esse respeito, Melo (1957, p.114) declara: “o que até o século XII era a mesma língua já são duas línguas diferentes no século XVI, dois co-dialetos, o português e o galego”.

Massini-Cagliari (2007a, p.122) demonstra que o galego e o português da época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema”. A partir dos estudos apontados e outros, é possível inferir

que o galego-português pode ser considerado uma só língua e uma manifestação ancestral legítima do português.

Embora a língua utilizada em produções artísticas se molde ao contexto (literário) em que está inserida, não podemos deixar de considerar que ela tem como fonte uma língua natural, permeada de um contexto social e de uma realidade linguística. Para Michaëlis de Vasconcelos (1946), o galego-português consistia em uma língua veículo da produção poética trovadoresca em toda a Península Ibérica e que, embora seja uma língua utilizada na poesia, não deve ser, de maneira alguma, interpretada como artificial ou distante da realidade linguística da época.

Não menor erro é supor que a linguagem desses (trovadores), evidentemente mais unitária e escolhida que a falada, era artificial. Três quartas partes, talvez, dos vocábulos antigos são idênticas às modernas, ou pelo menos semelhantes, ex.: *Rosa, mesa, mês, mar, jurar, falar, levar, querer, poder*. (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p.18)

A esse respeito Silva Neto (1952) afirma que o galego-português não deve ser considerado uma língua artificial e exclusivamente literária:

O que as cantigas trovadorescas representam é, na verdade, uma estilização da língua falada contemporaneamente na região Entre-Douro-e-Minho, língua que, em relação àquela que mais tarde se tornou padrão, mostrava aspecto conservador. Na doce linguagem dos trovadores há frescura e espontaneidade - ela não é, como poderia parecer a quem não levasse na devida conta o que afirmamos, nem artificial, nem muito menos um organismo 'imóvel, convencional e puramente literário'. (SILVA NETO, 1952, p.404)

Como nosso objetivo consiste no estudo de aspectos prosódicos, era necessário que o *corpus* escolhido do PA os contemplasse; portanto, fez-se necessário utilizar um *corpus* de base poética (as *CSM*), uma vez que devem ser privilegiados documentos que trazem informações outras que não apenas a representação linear dos elementos segmentais. Massini-Cagliari (2005a) afirma que pouco se sabe a respeito da prosódia do PA, devido ao fato de alguns autores, Maia (1997[1986]), Mattos e Silva (1989) e Toledo Neto (1996), trabalharem prioritariamente com *corpora* em prosa e terem outros focos de estudo.

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do *corpus* não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um

sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa. (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p.142)

A partir da observação de como o poeta trovador conta as sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Os estudos de línguas passadas por meio de um *corpus* poético é uma ferramenta válida e pertinente para a reconstrução de um período da língua (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998). Para Allen (1973, p.103), “*metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning*”⁴. Para Abercrombie (1967, p.98), o ritmo da fala corrente é o fundamento do verso. Logo, o ritmo está presente em ambas. Na poesia, esse se encontra organizado de maneira a produzir padrões recorrentes, que por sua vez são percebidos pelo leitor; já na fala este fato não acontece.

Mattos e Silva (1991, p.32) mostra que

A documentação linguística fornecida pelo conjunto da lírica medieval galego-portuguesa é riquíssima [...]. O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

Nossa escolha de textos poéticos para o estudo de elementos não-segmentais (prosódicos) de uma língua, em seus estágios passados, se mostra eficaz e adequada, portanto.

1.1.1 As Cantigas de Santa Maria

As CSM do Rei Afonso X de Castela, o Rei Sábio,⁵ são uma coleção de 420⁶ poemas que recontam milagres das intercessões da Virgem Maria, datados do final do

⁴ “A métrica, no caso de línguas mortas, não pode ser ignorada, uma vez que a relação entre poesia e língua pode indicar pistas para o seu padrão prosódico.” (ALLEN, 1973, p.103, tradução nossa)

⁵ De acordo com Filgueira Valverde (1985), Afonso X nasceu em 22 de novembro de 1221 na cidade de Toledo. Foi filho primogênito de Fernando e Beatriz Suábia e passou parte de sua infância na Galícia. Em 1246, casou-se com a princesa Yolanda e, algum tempo depois começou seu reinado, em 1251. De acordo com Vieira (1987, p.141), Afonso X teve “um governo atribulado, cheio de conflitos externos e internos, que culminaram com a revolta de seu filho D. Sancho, o qual procurou apossar-se do trono, em 1282

século XIII.⁷ Muitas vezes os poemas, escritos na língua medieval galego-português – língua preferida pelos poetas líricos daquela época (O’CALLAGHAN, 1998, p.1) –, são iluminados em miniaturas de página inteira.

Segundo Parkinson (1998a, p.179), as *CSM* constituem um monumento literário, musical e artístico da mais elevada importância. Lapa (1933, p.iii) considera “um dos mais primorosos monumentos da língua e literatura galego-portuguesa”.

Para Leão (2007, p.21), esse cancionero mariano é “de longe a maior e mais rica coleção produzida nos vernáculos românicos da Idade Média sobre esse tema”. Leão (2002, p.3) considera que

do ponto de vista do léxico, as Cantigas [de Santa Maria] apresentam uma riqueza imensa, (como, também em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, nos falam não só da vida religiosa, mas também da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria. É evidente que essa temática complexa tem repercussões na linguagem.

De acordo com Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.142), as *CSM* consistem na maior coletânea medieval em louvor da Virgem. Segundo a autora há dois tipos de cantigas: *miragres* – narram milagres alcançados pela Virgem, a respeito de ajuda com enfermidades, socorro a perigos, ou também na ajuda às decisões do Rei D. Afonso X, que somam um total de 356; e *loores* – que possuem um caráter mais lírico para louvar a Virgem Maria como auxiliadora, mediadora e interventora, sendo essas o restante, com exceção de uma introdução e duas cantigas prólogo.

De acordo com Mettmann (1986, p.15), as variações temáticas nas *CSM* não são muito numerosas. Os tópicos elogiosos da literatura devocional e litúrgica se repetem e se parafraseam. É explicado nas cantigas o porquê devemos elogiar ou louvar à Virgem, a impossibilidade de louvar a Maria é ilustrada por uma série de imagens e o tema tradicional é o contraste entre o amor mundano e o amor de Maria. A Virgem é inigualável e perfeita, é a Mãe de Deus e ao mesmo tempo a sua filha, esposa,

Abandonado por todos, inclusive por seu neto, D. Dinis, rei de Portugal, acabou sendo socorrido pelo rei mouro de Marrocos”. O Rei Sábio morreu em Sevilha em 4 de abril de 1284 aos 63 anos, tendo sido rei até sua morte. Durante todo esse período, “sua figura está no centro da atividade poética ibérica do século XIII” (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993b, p.37).

⁶ Descontadas as repetidas – Mettmann (1986, 1987), Parkinson (1998a) e Bertolucci Pizzorusso (1993a).

⁷ Período denominado por Michaëlis de Vasconcelos (1946, p.15) como *período trovadoresco* (até 1350), no qual a língua do território seria o galego-português.

empregada doméstica, amiga, dona, Virgem e Mãe, rainha e imperatriz. Muitas vezes, ela é advogada também, protegendo do diabo, reparando as injustiças e as consequências da perdição dos primeiros padres, mostrando sempre o caminho correto a se seguir.

Vejamos o quadro 1, adaptado de Mettmann (1986, p.12), que nos mostra a quantidade dos tipos de cantigas ao longo de suas edições. Na primeira coluna (Cantigas) temos os ciclos de *CSM*; já nas colunas posteriores há a quantidade de *CSM* separadas pela temática:

Quadro 1 - Distribuição das cantigas de acordo com sua origem

Cantigas	Milagres	Internacionais	Nacionais	Pessoais
1-100	89	75	14	1
101-200	90	46	44	3
201-300	90	36	54	8
301-427	87	19	68	13

Fonte: Adaptado de Mettmann (1986, p.12).

Nas *CSM*, as cantigas de milagre são predominantes. De acordo com Leão (2007, p.24), as cantigas aparecem em uma proporção de nove por um, ou seja, para cada grupo de nove cantigas de milagre tem-se uma cantiga de louvor, numerada com dezena inteira. Segundo Leão (2007, p.24),

a estruturação das cantigas obedece [...] a um ritmo regular, em que as cantigas de louvor ocupam sempre as dezenas, enquanto as de milagre têm números terminados pelas unidades de um a nove, comparando-se esse sistema, aproximadamente, ao de um rosário.

As cantigas de milagre possuem sua estrutura recorrente, a saber: o estribilho (refrão) apresenta a idéia principal da *cantiga*; nas duas primeiras estrofes, podem ser observadas as indicações sobre o tempo e o espaço da narrativa e também a nomeação das personagens que participam do milagre ou que o presenciam – (1):

(1)

Esta é como Santa Maria se queixou en Toledo eno dia
de ssa festa de agosto, porque os judeus crucifigavan a omagen de cera, a
semellança de seu fillo.

*O que a Santa Maria mais despraz,
é de quen ao seu Fillo pesar faz.*

E daquest' un gran miragre | vos quer' eu ora contar,
 que a Reinna do Ceo | quis en Toledo mostrar
 eno dia que a Deus foi corõar,
 na sa festa que no mes d'Agosto jaz.
O que a Santa Maria mais despraz...

O Arcebispo aquel dia | a gran missa ben cantou;
 e quand' entrou na segreda | e a gente se calou,
 oyron voz de dona, que lles falou
 piadosa e doorida assaz.
O que a Santa Maria mais despraz...

E a voz, come chorando, | dizia: «Ay Deus, ai Deus,
 com' é mui grand' e provada | a perfia dos judeus
 que meu Fillo mataron, seendo seus,
 e aynda non queren conosco paz.»
O que a Santa Maria mais despraz...

Poi-la missa foi cantada, | o Arcebispo sayu
 da eigreja e a todos | diss' o que da voz oyu;
 e toda a gent' assi lle recodyu:
 «Esto fez o poblo dos judeus malvaz.»
O que a Santa Maria mais despraz...

Enton todos mui correndo | começaron logo d'ir
 dereit' aa judaria, | e acharon, sen mentir,
 omagen de Jeso-Crist', a que ferir
 yan os judeus e conspir-lle na faz.
O que a Santa Maria mais despraz...

E sen aquest', os judeus | fezeran ãa cruz fazer
 en que aquela omagen | querian logo pôer.
 E por est' ouveron todos de morrer,
 e tornou-xe-lles en doo seu solaz.
O que a Santa Maria mais despraz...

(CSM 12, METTMANN, 1986, p.88)

Com relação às cantigas de louvor, Mettmann (1986) afirma que essas não apresentam, como a cantiga de milagre mostrada acima, um modelo estrutural recorrente que pode ser identificado na maioria das cantigas. Segundo o autor, devido ao fato de a adoração e a súplica à Virgem Maria constituírem um assunto constante em poemas da Idade Média, todos os temas, epítetos, imagens e comparações presentes nas cantigas de louvor afonsinas têm antecedentes ou paralelos na literatura medieval anterior ou contemporânea às CSM. Embora as cantigas de louvor tenham sido inspiradas na literatura da época, elas não seguem modelos determinados, no que diz

respeito à sua estrutura. O que se pode dizer sobre esses poemas líricos está relacionado ao assunto de que tratam: a maioria celebra a Virgem como auxiliadora, mediadora e procuradora.

Mettmann (1986) revela que há uma variedade extraordinária de formas métricas: entre as 420 cantigas, há mais de 280 combinações métricas distintas, das quais cerca de 170 não aparecem mais do que uma única vez em todo o cancionero. A forma estrófica predominante é o *virelai* (ou *zejel*)⁸, empregada em mais de 380 cantigas. Fidalgo (2002, p.178-179) também considera que a forma estrófica presente na grande maioria das *CSM* é o *virelai*, que pode ser definido da seguinte maneira: há um refrão inicial, geralmente composto por um ou dois versos rimados, seguido de um número indeterminado de estrofes que, de um modo geral, são constituídas de quatro versos, dos quais os três primeiros rimam entre si e o último retoma a rima do refrão (a volta). Ainda segundo a autora, o refrão (ou estribilho inicial) é repetido ao final de cada estrofe. A respeito dessa forma estrófica recorrente tem-se Leão (2007, p.137):

Após o refrão, vêm as quatro estrofes, cada uma constituída por um trístico monorrímo, seguido de um quarto verso que rima com o refrão, segundo o modelo do *zéjel*, na sua estrutura mais simples, que coincide com a do *virelai* da poesia ocidental. Relembremos que essa estrutura poética se inicia por um refrão em forma de dístico monorrímo e prossegue com quadras compostas de três versos monorrímos que variam de uma estrofe para a outra (“mudança”), mais um quarto verso que retoma a rima do refrão (“volta”). O esquema seguido é, portanto, o seguinte: AA-bbba-AA-ccca-AA-ddda-AA, etc.

O *virelai* está presente em mais de 380 cantigas na forma AA/bbba. As combinações de dois hemistíquios de sete sílabas femininos ou masculinos são preferidas nos versos. Além do *virelai*, podem-se encontrar outras formas métricas como o *rondeau*, a canção e a estrofe de quatro versos.

Sobre a contagem de sílabas dos versos em língua portuguesa atual, há duas formas que podem ser empregadas: a primeira considera que as sílabas poéticas são contadas até a última sílaba tônica do verso, desprezando-se as átonas finais, e na segunda, a contagem considera sempre uma sílaba átona após a sílaba tônica, mesmo que esta não exista. Tem-se como produto do primeiro tipo de contagem o verso agudo, característico do português e do francês, e como produto do segundo tipo o verso grave, característico do italiano e do espanhol.

⁸ *Zejel* (ou *zéjel*, *zéxel*, *zadjal*) corresponde à terminologia moçárabe empregada ao *virelai* francês (PARKINSON, 1998a, p.191).

Enquanto, no conjunto de cantigas profanas, há uma preferência pela estratégia conhecida como lei de Mussafia, isto é, pela consideração das átonas de final de verso como participantes da estrutura métrica do poema, nas cantigas religiosas essa estratégia aparece menos do que a outra, em que as átonas finais são desconsideradas na contagem das sílabas poéticas. (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.174)

Na época das *CSM* conviviam duas maneiras de trovar. A primeira e mais antiga seguia a lei de Mussafia: contavam-se todas as sílabas do verso.

Há no nosso lirismo antigo uma particularidade de ordem métrica, muito debilmente representada na poesia francesa e provençal: o facto de poderem, em uma mesma composição e em uma mesma estrofe, misturar versos agudos com graves, contados até a última sílaba. (LAPA, 1929, p.317)

o princípio rítmico dominante já no século XIII, sempre que havia mistura de versos graves e agudos, era o de fazer o verso agudo o padrão da medida. Contudo deverá notar-se, porque é um fenómeno característico da antiga métrica portuguesa, que não são raros os casos em que, entre nós, se alinhavam octossílabos e decassílabos agudos com setessílabos e novessílabos graves. (LAPA, 1981, p.222)

A segunda, mais recente, equivale ao modo atual de poetar, quanto à consideração das sílabas átonas finais, mas difere desta quanto à consideração dos encontros vocálicos.

Massini-Cagliari (1995, 1999a) ainda diz que o fato de poder ocorrer essa alternância entre os versos agudos e graves e, conseqüentemente, de coexistirem duas formas opostas de versificação quanto às sílabas átonas de final dos versos é de muita importância, uma vez que esses dados fornecem pistas na direção do estabelecimento do padrão rítmico do PA, do pé rítmico que serve de base à localização do acento lexical.

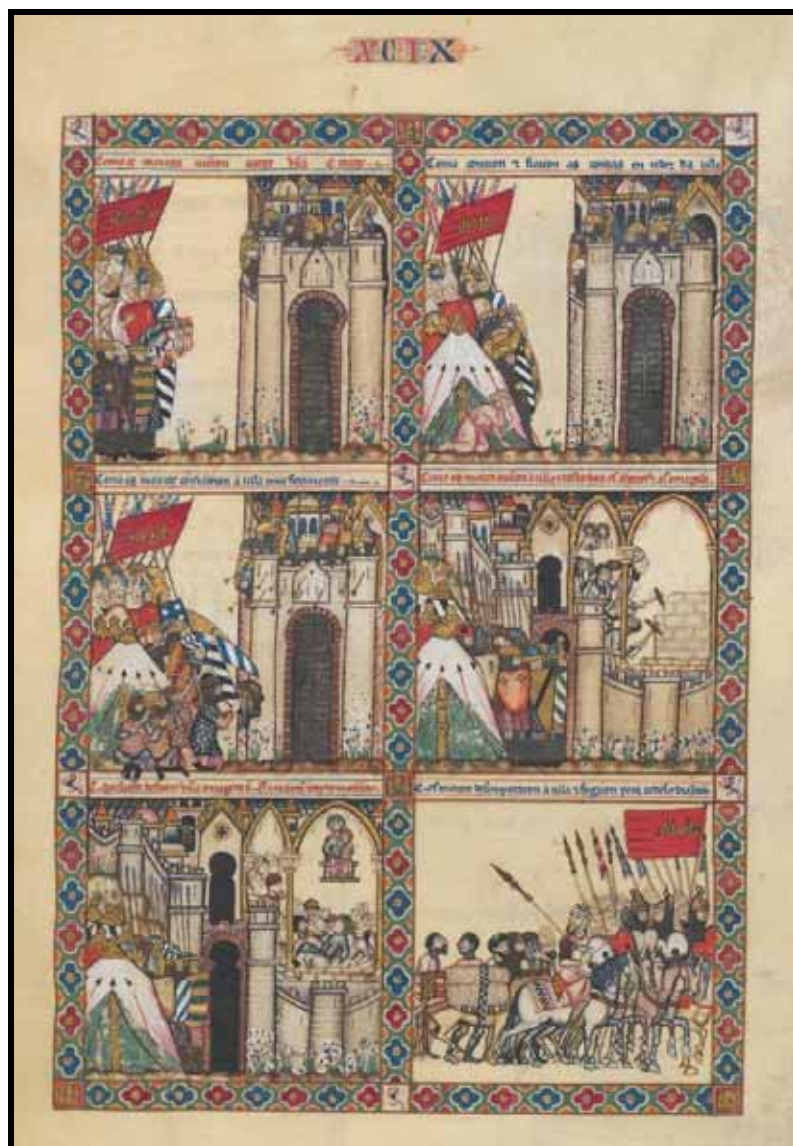
Na tradição da literatura portuguesa atual, conta-se somente até a última sílaba tônica do verso. Esse método é encontrado facilmente em gramáticas escolares. Segundo a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (LIMA, 1999, p.524): “contam-se os versos somente até a última sílaba tônica: daí três espécies: a) *Agudos*, os terminados em palavra oxítônica; b) *Graves*, os terminados em palavra paroxítônica; c) *Exdrúxulos*, os terminados em palavra proparoxítônica”. Esse ensinamento baseia-se no trabalho seminal de Castilho (1850); o tratado de metrificação. Este tratado tornou-se uma referência para o estudo de metrificação em língua portuguesa.

Em sua maioria, as *CSM* contêm notação musical e todas são compiladas em português arcaico por Afonso X, o rei Sábio. Além da notação musical, em alguns

códices, as cantigas contêm, também, *iluminuras* – desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga.

A respeito das iluminuras, Leão (2007, p.27) diz “enquanto a narrativa verbal se expressa em sintético poema cheio de subentendidos, a narrativa visual a acompanha através da sequência das iluminuras, podendo às vezes extrapolá-la para preencher eventuais lacunas da narrativa poética”. A figura 1, abaixo, traz a iluminura da CSM 99, retirada do Códice Rico.

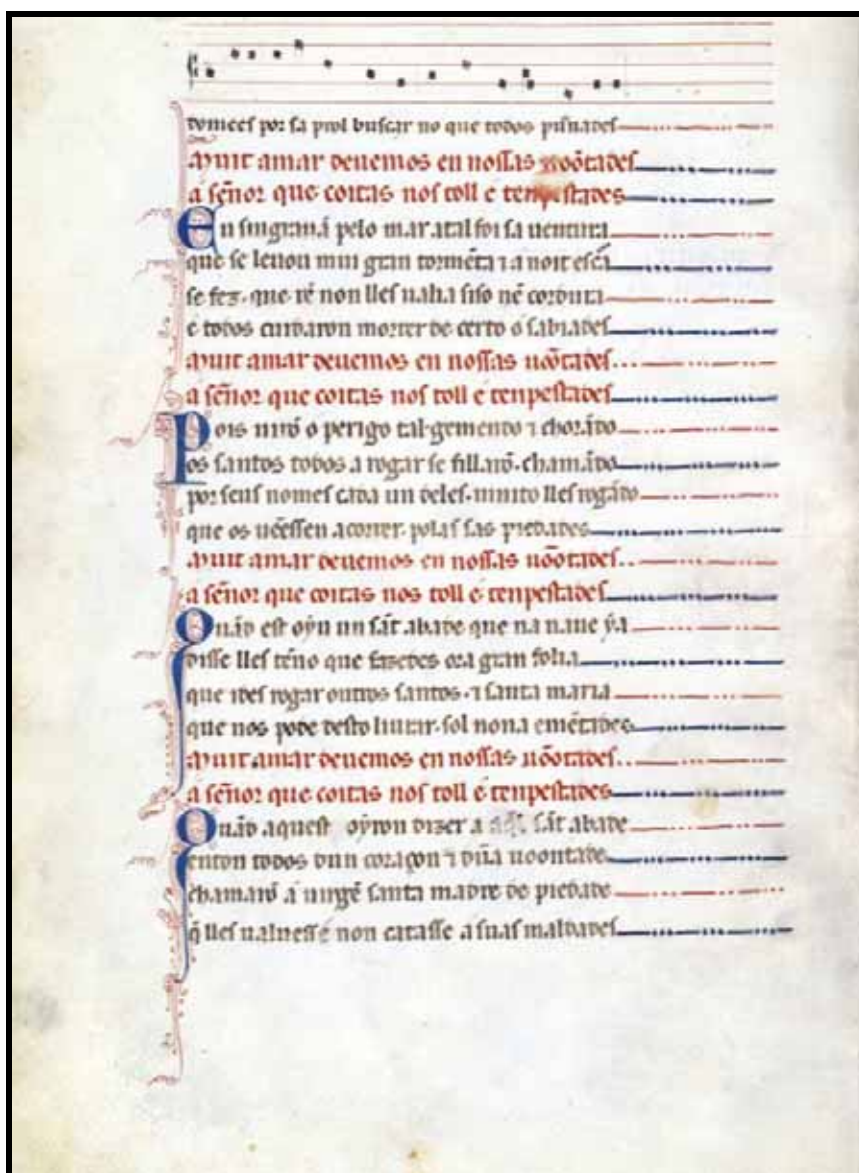
Figura 1 - CSM 99 – Códice Rico.



Fonte: *The Moors who Tried to Destroy an Image of the Virgin*. Disponível em: http://warfare.totalh.net/Cantiga/Cantigas_de_Santa_Maria-099.htm. Acesso em: 08 jul. 2014.

Todavia, há um códice das *CSM* que não contém iluminuras. Trata-se do Códice Toledo. Esse códice pode ser encontrado na Real Biblioteca de San Lorenzo de El Escorial. Trazemos, na figura 2, a mesma *CSM* 99. No entanto, retirada do Códice de Toledo.

Figura 2 - *CSM* 99 – Códice Toledo.



Fonte: Figura presente no acervo do projeto Biblioteca Digital Hispanica da Biblioteca Nacional da Espanha. *The Patrimonio Nacional or the Escorial Library. Images of the Toledo MS at the BNE website.* Disponível em: < <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000018650> >. Acesso em: 08 jul. 2014.

A maioria dos estudiosos das *CSM*, como Parkinson (1998a), acredita que nem todas as cantigas são de autoria exclusiva do rei, pois seu valor artístico muito desigual aponta para uma multiplicidade de autores. Contudo, não é impossível que Dom Afonso X tenha composto algumas delas, sendo ele próprio um poeta e estando

“empenhadíssimo na estruturação e na composição da obra” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.61).

*é de suponer que o rei tería acompañado de cerca a estructuración e a composición da obra. Mais en realidade resulta estraño que se teña pensado durante bastante tempo que unha colección de semellante tamaño fose unicamente do Rei Sabio (que tería moitas outras cousas en qué se ocupar). A lóxica indícanos, xa que logo, que non podería o rei ter composto todas as 420 **Cantigas** e, o mesmo tempo, que sendo el poeta non podería non ter composto ningunha delas. (PARKINSON, 1998a, p.183)⁹*

Autores como Parkinson (1998a) e Castro (2006) consideram Afonso X como o grande compilador, organizador das cantigas, com algumas delas sendo compostas por ele e outras não. Para Castro (2006, p.44),

O rei organizava um sistema semelhante ao da construção dos templos religiosos de então. Como um mestre de obras, um arquiteto medieval que cuidava de uma catedral, D. Afonso era o coordenador que supervisionava o trabalho de vários artífices para formar uma obra cuja grandiosidade espelharía a imensidão da fé e dos poderes divinos. A dimensão e a qualidade das *CSM* serviam para refletir a grandeza do reinado, tal como as catedrais inspiravam orgulho e admiração nas comunidades que as ergueram.

Dada a sua grandiosidade, o projeto das *CSM* implica a intervenção de várias pessoas, tanto no aspecto criativo dos textos poéticos, quanto da própria confecção dos manuscritos complexos que os contém.

Mettmann (1986) e Parkinson (1998a) observam que ocorre uma variação no valor artístico das cantigas, podendo ser considerado como um forte indício de que as cantigas não teriam sido compostas por uma única mão, a do Rei que, como tal, teria muitos outros compromissos a que se dedicar. Da mesma maneira, é difícil dizer que D. Afonso, sendo também poeta, não tenha tido uma boa participação na elaboração de um número de cantigas.

Ainda de acordo com Mettmann (1986), as únicas cantigas que podem ser certamente relacionadas a Afonso X são aquelas em que o Rei fala em primeira pessoa. Essas cantigas, de maneira geral, tratam de desejos do Rei, com relação às vitórias em batalhas contra os mouros:

⁹ As citações que estão em galego-português não foram traduzidas, em função de que a Galícia faz parte da CPLP (Comunidade dos Países de Língua portuguesa); como membro Observador Consultivo, sua função é a compreensão do domínio da promoção e difusão da Língua Portuguesa, assim como todas as áreas de cooperação nas quais a CPLP desenvolve ações específicas (vide <<http://www.cplp.org>>). Sendo assim, por se tratar de uma região lusófona, optamos por não traduzir os textos escritos em galego.

(2)

E al te rog' ainda que lle queyras rogar
 que do diab' arteiro me queira el guardar,
 que punna todavia pera om' enartar
 per muitas de maneiras, por faze-lo peccar,
 e que el me dé siso que me poss' amparar
 dele e das sas obras, com que el faz obrar
 mui mal a queno cree e pois s'en mal achar,
 e que contra os mouros, que terra d'Ultramar
 tēen e en Espanna gran pat'a meu pesar,
 me dé poder e força pera os en deitar.

(3ª estrofe da CSM 401, METTMANN, 1989, p.304)

(3)

Ben vennas, Mayo, e con alegria;
 poren roguemos a Santa Maria
 que a seu Fillo rogue todavia
 que el nos guarde d'err'e de folia.
 Ben vennas, Mayo.
Ben vennas, Mayo, e con alegria.

Ben vennas, Mayo con toda saude,
 por que roguemos a de gran vertude
 que a Deus rogue que nos senpr'ajude
 contra o dem'e dessi nos escude.
Ben vennas, Mayo, e con alegria.

(1ª e 2ª estrofes da CSM 406, METTMANN, 1989, p.316)

Parkinson (1998a) problematiza, também, a questão de como definir critérios que nos permitam identificar as cantigas de autoria do rei e, embasando-se em Mettmann (1987), sugere que as cantigas de autoria própria de Afonso X são as “cantigas persoais” (PARKINSON, 1998a, p.183), as que estão em primeira pessoa do singular e representam seus sentimentos, suas vivências e desejos em relação à Virgem Maria. Para Mettmann (1986), uma boa fração da obra foi, realmente, composta por um mesmo autor, mas é possível notar traços estilísticos muito divergentes em outras partes, fato que apontaria para uma multiplicidade de autores.

Independentemente da existência ou não de vários autores para as CSM, todos os estudiosos são unânimes em afirmar que o autor principal é Afonso X. Montoya

Martínez (1999) compara a elaboração das *CSM* com a da Bíblia, sendo Deus o seu autor principal, mas servindo-se de autores secundários para os dizeres.

Na *iluminura* que aparece na figura 3, vê-se o monarca ao centro entre seus colaboradores. Dom Afonso X está sentado sob um arco central em ogiva, com um pergaminho na mão, cercado de cantores (à direita), músicos (à esquerda) que tocam seus instrumentos e moços que escrevem em folhas de pergaminho, no rolo, as cantigas que o Rei lhes dita.

Figura 3 - Afonso X, entre seus colaboradores.



Fonte: Miniatura de abertura do Prólogo A *Códice Escorial Rico* (T). Reproduzido da obra de Leão (2007, p.15).

Para Leão (2007, p.3), “D. Afonso, que é o principal trovador daquele *scriptorium*, ou, para usar uma terminologia medieval, é o mestre daquela corporação de poetas, planeja, escreve ele próprio, supervisiona e revê a obra que levará o seu nome”. Ainda segundo a autora,

podem ver-se, pois, além das personagens menores envolvidas no enredo, três participantes desse circuito comunicativo de louvor a Santa Maria: o produtor do texto, que é Dom Afonso; os seus transmissores, que são tanto os cantores quanto os músicos e copistas; e o seu destinatário, que é a própria Virgem, representada em quase todas as iluminuras, ora no céu entre os anjos, ora com seu Filho menino a amamentá-lo, ora sobre o altar, nos mais diferentes lugares de culto, rodeada de fiéis. (LEÃO, 2007, p.30)

Por meio dos aspectos ressaltados por Mettmann (1986 e 1987), Parkinson (1998a), Montoya Martínez (1999) e Leão (2007), depreendemos que o conceito de autor do século XVIII consiste em aquele que escreve uma obra, mas não necessariamente com suas próprias mãos.

As *CSM*, atribuídas ao Rei Sábio de Castela, Afonso X, chegaram até nós através de quatro manuscritos antigos denominados códices (PARKINSON, 1998b, p.86):

- **To:** Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas;
- **T:** El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (Códice Rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico);
- **F:** Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T;
- **E:** El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos.

As cotas dos manuscritos, bem como as siglas convencionalmente utilizadas para referência a eles são as mostradas acima, de acordo com Parkinson (1998b, p.86-nota 3). Os códices E e T pertencem à Biblioteca Del Monasterio de El Escorial na Espanha. O códice To está conservado na Biblioteca Nacional de Madrid e o F pertence

à Biblioteca Nazionale Centrale de Florença, Itália. Os especialistas costumam apontar 1275 como a provável data de término de To, enquanto a confecção de T, F e E é localizada por volta de 1280-1284, os anos finais do reinado de Afonso X (PARKINSON, 2000b).

Parkinson (1998a e 2000a) diz que a diferença na datação dos quatro manuscritos remanescentes não deve ser considerada acidental, pois revela um processo de ampliação e evolução contínua da coleção. A coleção inicial teria cem poemas, correspondendo a To (sendo esse ora considerado a compilação original – SCHAFFER, 2000; PARKINSON, 1988a; 2000a –, ora como uma cópia – METTMANN, 1986, 1987; TORRES, 1987; SCHAFFER, 1995; WULSTAN, 2000). Segundo Parkinson (1998a, p.187),

Esta colección foi estruturada en grupos de dez (sendo cada décima cantiga unha de loor, relacionada esta estrutura co modelo do rosario) establecendo así un principio básico de organización de todos os manuscritos. En rigor, esta primeira colección consta de 103 cantigas, pois hai dúas cantigas prologais e unha petiçon final; das cales a primeira e a última fan referencia explícita ó feito de o cancionero central constar de cen cantigas.

Parkinson (2000a) observa que a evolução da coleção das CSM não acontece apenas numericamente, mas artisticamente também. O valor da coleção inicial levou Afonso X expandir a coleção em algo mais aventureiro, de duas maneiras distintas – por um lado, ao aumentar o número de cantigas de 100 a 400, e, por outro, enriquecendo a devoção poética à Santíssima Virgem Maria com um ambiente artístico que a tornaria uma oferta digna à sua senhora.

Evidências apresentadas por Mettmann (1986) e Parkinson (1988) sugerem fortemente que T provavelmente começou sua vida como uma coleção fechada de 200 cantigas (o dobro de To). Em algum ponto posterior no tempo, uma decisão foi tomada no sentido de expandir a coleção de T: um segundo volume, F, teria sido preparado, para conter mais 200 cantigas (o que dá o dobro do volume inicial T).

Posteriormente, um novo projeto foi concebido, mais modesto em termos de iluminuras, em um único volume, capaz de conter a coleção total de 400 cantigas: E (o *códice dos músicos*). Nesse códice, acompanham as cantigas de louvor miniaturas com um ou dois músicos tocando ou preparando seus instrumentos, conforme se pode observar na figura 4:

Figura 4- Miniaturas. *CSM* 400 e *CSM* 220.



Fonte: *Códice dos músicos* de El Escorial (E). E400, fólio 359r; E220, fólio 201v. Reproduzido da obra de Alvarez (1987, lâminas VIII e V).

De acordo com Parkinson (1998b), embora a produção de F constitua uma continuação de T, F representa um estágio bastante diferente na grande empreitada afonsina de compilação das *CSM*, um estágio no qual o vislumbre da conclusão estava presente desde o princípio, ficando a cada dia mais urgente. Devido à urgência, há uma menor consistência no nível literário, ocorrendo uma menor variedade métrica da última centena de cantigas da coleção (PARKINSON, 1998a). Para Massini-Cagliari (2005a, p.66), dos manuscritos mais “tardios”, F ficou muito incompleto (sem música e com diversas lacunas); em compensação, E é quase completo, mas incorpora sete cantigas duplicadas e duas cantigas sem notação musical.

Ao final de todas as expansões, o total das *CSM* conhecidas é de 420. No entanto, esse total não corresponde diretamente a nenhum dos testemunhos completos dos códices sobreviventes.

Dentre os quatro códices disponíveis para servirem no estudo dos encontros vocálicos em junctura vocabular (sândi vocálico externo e hiato), escolhemos seguir uma perspectiva cronológica de ampliação e evolução contínua da coleção, por entender que esses aspectos espelham também o *continuum* da língua estudada. Logo, trabalhamos com os dois primeiros e mais antigos códices, To e T, que contemplam as 200 primeiras cantigas que constituem nosso *corpus*. Embora o códice E traga também as 200 primeiras *CSM*, não o utilizamos por se tratar de um códice posterior a To e T, considerando a perspectiva cronológica adotada por nós. Na seção 1.1.1.1 destacamos To e T como *corpus* do presente estudo.

1.1.1.1 O códice de Toledo (To)

No total, o códice de To possui 128 cantigas, dentre as quais há cantigas que narram milagres da Virgem Maria (cantigas de miragres), cantigas de louvor (loores) e ainda mais 5 que falam sobre as *Festas de Ano da Virgem Maria* e outras 5, das *Festas de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

A coleção inicial do To teria cem poemas (sendo este ora considerado a compilação original – PARKINSON, 2000a –, ora como uma cópia desta – METTMANN, 1986, 1987). De acordo com Mettmann (1986), o códice de Toledo tem 160 folhas de pergaminho, medindo 315mm x 217mm (espaço de texto: 225mm x 151 mm), além das folhas de guarda; a letra é francesa, típica de códices do século XIII. As rubricas explicativas de To dão conta de que o Rei teria decidido, após a transcrição das 100 cantigas e da *Pitiçon* final, acrescentar à coleção inicial cinco cantigas de festas de Santa Maria. Depois dessas, foi também acrescentado um grupo de cinco cantigas de festas de Jesus Cristo e, finalmente, mais algumas cantigas de milagres.

Segundo Ferreira (1994, p.77), esse manuscrito foi copiado por pelo menos cinco escribas diferentes; no entanto, uma pessoa parece ter sido copista das pautas musicais (em sua maioria, pautas de cinco linhas; excepcionalmente, algumas de quatro ou seis). Parkinson (2000a) nos diz que o *layout* de To constitui um manuscrito nobre e real e não uma cópia feita em condições desfavoráveis.

De acordo ainda com Ferreira (1994, p.59), To contém uma introdução em verso, o que perfaz cem cantigas emolduradas por um prólogo e uma súplica e três apêndices contribuem para um total de 128 canções.

Esse manuscrito não contém iluminuras, como há em outros códices. Ao contrário de T e F, To tem as letras iniciais decoradas, mas não iluminadas – ao estilo do que aparece em E, nas cantigas múltiplas de 10 (PARKINSON, 2000a, p.134). Mettmann (1986) ressalta que, em To, a primeira cantiga é um louvor. Esse gênero é reservado às décimas. A escrita é dividida em duas colunas com 27 linhas cada uma, e as letras iniciais das cantigas são alternadas em vermelho (decoradas em azul) e azul (decoradas em vermelho) (FERREIRA, 1994, p.78). De acordo com Parkinson (2000a, p.134), a troca das cores vermelha e preta ajuda a distinguir os dois componentes das entradas do índice, a rubrica (ou epígrafe) e o *incipit* (verso inicial).

Figura 5 - CSM 35 – Códice Toledo (To 92).



Fonte: *Cantigas de Santa María. Edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069).* Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003. fólíos 116r e 116v.

A alternância de tinta preta e vermelha, nesse manuscrito, também parece servir a um propósito decorativo. Todas as cantigas desse códice são acompanhadas por um Prológo inicial, com as finalidades e intenções do *Livro*, e uma *Pitiçon* final, com um rogo de Afonso X à Virgem Maria. Schaffer (2000) considera que To é o mais enigmático dos códices das CSM. O autor o descreve como sendo sutil na sua execução e impressionante na qualidade de seus materiais, provocador por seus comentários marginais. Acima de tudo, é notável por sua aparente tentativa de retratar o início da história da empreitada mariana de Afonso por meio da inclusão de grupos de canções de festa e os prólogos em prosa.

Schaffer (1995) aponta a importância ímpar do códice, no que diz respeito aos prólogos das cantigas de festas, que sugerem a cronologia de um projeto, um traço que o faz o mais explícito dos quatro manuscritos no que concerne à caracterização do papel de Afonso X e da história externa das compilações das CSM.

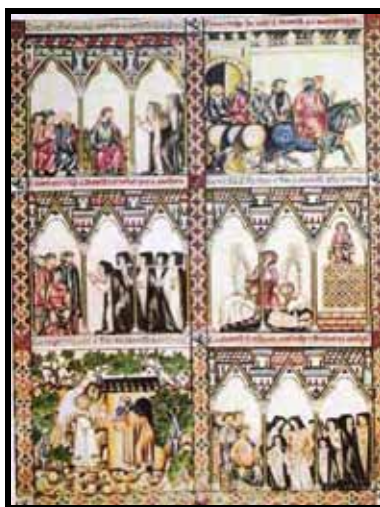
1.1.1.2 O códice T: *Códice Rico* de El Escorial

O códice escorialense de cota MS T.I.1 é conhecido como *Códice Rico*. Essa nomeação se deve à riqueza do material com que foi feito, ao cuidado na formalização de sua notação musical e das letras das cantigas e à riqueza e à beleza das iluminuras, sendo caracterizado por muitos autores como superior em seu aspecto artístico, se comparado com os outros códices. Para Torres (1987, p. 119), T é uma jóia europeia do século XIII: “*la joya de la miniatura europea del siglo XIII*”.

No que tange os aspectos formais, Aita (1922) observa que as folhas de T medem 485 mm x 326 mm e a área de texto 335 mm x 217 mm. As disposições dos textos e da notação musical das cantigas seguem as que aparecem em To: rubrica, pautas com a música e a letra de pelo menos o primeiro refrão e a primeira estrofe, e o restante do texto da cantiga.

No entanto, há diferenças entre T e To. O *layout* de T é mais complexo e vislumbra a presença de miniaturas como parte integrante de cada cantiga, o que não acontecia em To, em que os textos/músicas das cantigas se seguem uns aos outros, sem troca de página nem espaços demarcatórios intermediários. A autora ressalta também que em T há um excesso de espaço: algumas cantigas contêm linhas em branco e algumas outras repetem o refrão completo para preencher as linhas não usadas. A letra utilizada é do estilo gótica francesa, típica do final do século XIII. A seguir, reproduzimos uma das iluminuras que acompanham as cantigas de milagres no *Códice Rico* de El Escorial (T):

Figura 6- CSM 7 – *Códice Rico* de El Escorial (T).



Fonte: Reproduzido da obra de Leão (2007, p.34).

É opinião unânime que o conjunto (textos, iluminuras e notações musicais) faz das *CSM* uma das obras mais ricas de toda a Idade Média, trazendo luz a um período de obscurantismo e sendo considerada a “Bíblia estética do século XIII” (MENÉNDEZ Y PELAYO *apud* LAPA, 1981).

1.2 Considerações finais

Esta seção objetivou apresentar e delimitar o *corpus* e aspectos relacionados, tais como a língua em que foram escritos, questões sobre a produção artística das *CSM* e a sua importância no contexto literário da época.

Apresentamos os aspectos literários e linguísticos do PA com o intuito de contextualizar o seu momento na história, por meio de estudos de cunho geográfico-linguístico e linguístico-documental. Passamos para a argumentação de que o PA não pode ser entendido dicotomicamente em galego e português, uma vez que constituía uma unidade linguística que, posteriormente, deu origem a duas línguas distintas.

Ainda no que concerne a aspectos relacionados à língua, discutimos a pertinência de se considerar uma análise de cunho linguístico por meio de uma produção artística. Concluímos que, embora a língua utilizada em produções artísticas tenha um aspecto estilístico imanente, não podemos ter esse argumento como bloqueador de estudos pautados na interface linguística-literatura, uma vez que a língua utilizada em produções artísticas tem como fonte uma língua natural, permeada de um contexto social e de uma realidade linguística.

Expusemos a polêmica a respeito da atribuição de autoria das *CSM* e trouxemos uma descrição histórica dos manuscritos das *CSM*, o *corpus* que utilizamos, bem como sua disposição no códice de To e no de T, caracterizando-os no que concerne à datação e ao *layout*. Passemos, pois, à metodologia.

2 METODOLOGIA

As pesquisas que são desenvolvidas na área de linguística histórica têm como objetivo descobrir, partindo da língua atual, fatos do passado. Faraco (1998, p. 17) alerta para o fato de que:

Quem se inicia em linguística histórica [...], como qualquer cientista social, precisa estar particularmente atento para evitar transferir juízos de valor do senso comum para o trabalho de descrição e de interpretação dos fenômenos linguísticos (em especial quando se trata de realidades da sua própria língua), porque esses juízos não têm, na maioria das vezes, base empírica e não passam de enunciados preconceituosos.

Uma das vertentes do especialista em Linguística Histórica é a busca, no passado, de evidências que possam explicar os fatos presentes da língua. No entanto, esse não é um trabalho fácil, pois como reflete Labov (1981, p.20) a Linguística Histórica consiste na “arte de fazer o melhor uso de maus dados”. Os dados com que o linguista da área histórica lida nunca são perfeitos, porque são fruto da escrita, em uma época em que não havia tecnologia para guardar todas as peculiaridades da fala. Para Massini-Cagliari (2012, p.273) “o especialista nessa área está sempre lidando com o problema crucial de relacionar fala e escrita, uma vez que a escrita, na nossa sociedade e em todas as outras que se conhece, não reflete diretamente a fala, ou seja, não se trata de uma transcrição fonética” e reforça que “a escrita das épocas passadas (a exemplo da atual) fornece apenas ‘pistas’, indícios de como a fala daquela época teria ‘soado’, mas não certezas absolutas” (MASSINI-CAGLIARI, 2012, p.273).

Com o intuito de encontrar tais pistas, consideramos textos poéticos, principalmente com uma métrica fixa, para observação de como o poeta trovador contava e delimitava as sílabas poéticas. Localizando os acentos em cada verso, a partir da notação que receberam nos testemunhos manuscritos das *CSM*, podemos observar também os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Observados esses elementos, são mapeadas todas as soluções para os encontros vocálicos intervocabulares (elisões, crases, hiatos, ditongos e/ou algum outro processo que porventura possa ser encontrado). Portanto, os dados fornecidos por meio da escrita consistem da escansão dos versos do *corpus* proposto. Escandidos os versos em sílabas poéticas, trabalhamos no sentido de abstrair os limites entre as sílabas fonéticas.

A metodologia consiste na busca das características prosódicas de línguas mortas ou de períodos passados de línguas vivas através da estrutura métrico-poética da poesia e foi inaugurada, no Brasil, por Massini-Cagliari (1995). A escansão e a contagem das sílabas poéticas dos versos podem elucidar dúvidas sobre a consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única ou em sílabas diferentes. A escrita dos manuscritos medievais aqui considerados como fonte, que, por um lado, não é perfeita, pois trata-se de uma relação entre fala e escrita, por outro é particularmente reveladora do fenômeno da elisão, já que não costumavam ser grafadas as vogais apagadas neste processo. Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento dos processos de sândi, está exemplificada em (4). Transcrevemos a CSM15 (METTMANN, 1986, p.93) e marcamos de **vermelho** os hiatos de palavras terminadas em sílaba aberta; **azul**, as elisões; **verde**, as ditongações; **amarelo**, os hiatos das sequências de ditongos decrescentes e, de **roxo**, a elisão ou não realização da vogal da segunda palavra.

(4)

- | | | | |
|-----|---|--|-------------|
| { | 1. | Esta é como Santa Maria defendeu a cidade de Cesaira | } Epígrafe |
| { | 2. | do emperador Juyão. | |
| { | 3. | Todo-los Santos que son no Ceo de servir muit o an gran sabor | } Refrão |
| { | 4. | Santa Mari a a Virgen, Madre de Jeso-Cristo, Nostro Sennor. | |
| { | 5. | E de lle seeren ben mandados, | } Estrofe I |
| | 6. | esto dereit' e razon aduz, | |
| | 7. | pois que por eles encravelados | |
| | 8. | ouve seu Fill' os nembros na cruz; | |
| | 9. | demais, per ela Santos chamados | |
| | 10. | son, e de todos é lum' e luz; | |
| | 11. | porend' estan sem pr' apparellados | |
| 12. | de fazer quanto ll' en prazer for. | } Estrofe II | |
| 13. | Todo-los Santos que son no Ceo de servir muito an gran sabor... | | |
| 14. | Ond' en Cesai ra a de Suria | | |
| 15. | fez un mirag re, á gran sazón, | | |
| 16. | por San Basillo Santa Maria | | |
| 17. | sobre Juyão fals ss' e felon, | | |
| 18. | que os crischãos matar queria, | | |
| 19. | ca o demo no seu coração | | |
| 20. | meter ra y tan grand' er igia, | | |
| 21. | que per ren non podia mayor. | | |
| 22. | Todo-los Santos que son no Ceo de servir muito an gran sabor... | | |

23. Este Juyão **a**via guerra
 24. con perssiãos, e foi sacar
 25. oste sob**br'** eles, e pela terra
 26. de Cesai**ra ou**ve de passar;
 27. e San Basill' **a** pe **da** serra
 28. sayu **a el** por xe **ll'** omillar,
 29. e **diss' assi**: «**A**quel que non erra,
 30. que Deus é, te sal**v', En**perador.»
 31. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor...

Estrofe III

32. Juyão **diss' ao** ome santo:
 33. «Sabedor es, e muito me praz;
 34. mas quer' **agora** que sábias tanto
 35. que mui mais **sei eu** ca **ti** assaz,
 36. e de **tod' esto eu** ben **m'** avanto
 37. que **sei o que en** natura jaz.»
 38. Basil[l]o diz: «Será **est' en**quanto
 39. tu connoceres teu Criador.»
 40. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor...

Estrofe IV

41. O sant' **ome** tirou de seu sêo
 42. pan **d' or**jo, que lle **foi** offercer
 43. dizend': «**Esto** nos dan **do** allêo
 44. por Deus, con que possamos viver.
 45. Pois ta pessôa nob**br'** aqui vêo,
 46. **filla-o**, se te jaz en prazer.»
 47. Juyão disse: «Den-ti **do** fêo,
 48. pois me cevada dás por amor.
 49. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor...

Estrofe V

50. E mais ti digo que, sse conqueiro
 51. terra de Perssia, quero vir
 52. per aqui log' **e** teu mõeiteiro
 53. e ta cidade ti destroyr;
 54. e fêo comerás por fazfeiro,
 55. ou te farey de fame fiir;
 56. e se **t' a**queste pan non refeiro,
 57. terrei-me por **d'outr' ome** peyor.»
 58. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor...

Estrofe VI

59. Pois San Basill' **o** fêo fillado
 60. ouve, tornando-sse **diss' atal**:
 61. «Juyão, **deste** fêo que dado
 62. **mi ás** que comesse feziste mal;
 63. **e est' orgullo** que **mi ás** mostrado,
 64. Deus **tio** demande, que pod' **e** val;
 65. e quant' **eu ei** tenn' **en**comendado
 66. **da** Virgen, Madre **do** Salvador.»
 67. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor...

Estrofe VII

68. Pois se tornou aos da cidade,
 69. fez-los juntar, chorando dos seus
 70. ollos, contand' a deslealdade
 71. de Juyão, e disse: «Por Deus
 72. de quen é Madre de piadade
 73. Santa Mari', ay amigos meus,
 74. roguemos-lle pola sa bondade
 75. que nos guarde daquel traedor.»
 76. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... } Estrofe VIII
77. Demais fez-lles gejūar tres dias
 78. e levar gran marteir' e afan,
 79. andando per muitas romarias,
 80. bevend' agua, comendo mal pan;
 81. de noite lles fez ter vigias
 82. na eigreja da do bon talan,
 83. Santa Maria, que dēsse vias
 84. per que saissen daquel pavor.
 85. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... } Estrofe IX
86. Poi-lo sant' om' aquest' ouve feito,
 87. ben ant' o altar adormeceu
 88. da Santa Virgen, lass' e maltreito;
 89. e ela logo ll' apareceu
 90. con gran poder de Santos afeito
 91. que a terra toda 'sclareceu,
 92. e dizendo: «Pois que ei congeyto,
 93. vingar-m-ei daquele malfeitor.»
 94. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... } Estrofe X
95. Pois esto disse, chamar mandava
 96. San Mercurio e disse-ll' assi:
 97. «Juyão falsso, que rezōava
 98. mal a meu Fill' e peyor a mi,
 99. por quanto mal nos ele buscava
 100. dá-nos dereyto del ben aly
 101. du vay ontr' os seus, en que fiava,
 102. e sei de nos ambos vingador.»
 103. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... } Estrofe XI
104. E manteneute sen demoraça
 105. San Mercurio log' ir-se leixou
 106. en seu cavalo branqu', e sa lança
 107. muito brandind'; e toste cheguo
 108. a Juyão, e deu-lle na pança
 109. que en terra morto o deitou
 110. ontr' os seus todos; e tal vingança
 111. fillou del come bon lidador.
 112. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... } Estrofe XII

113. Tod' a questo que vos ora dito
 114. ei, San Basil' en sa vison viu;
 115. e Santa Maria deu-ll' escrito
 116. un lyvro, e ele o abryu,
 117. e quant' y viu no coraçon fito
 118. teve ben, e logo ss' espedyu
 119. dela. E pois da vison foi quito,
 120. ficou en con med' e con tremor.
 121. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... Estrofe XIII
122. Depos aquest' un seu conpanheiro
 123. San Basilio logo chamou,
 124. e catar foi logo de primeiro
 125. u as sas armas ante leixou
 126. de San Mercurio, o cavaleiro
 127. de Jeso-Crist' , e nonas achou;
 128. e teve que era verdadeyro
 129. seu sonn', e deu a Deus en loor.
 130. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... Estrofe XIV
131. Essa ora logo sen tardada
 132. San Basillo, com' escrit' a chey,
 133. u a gente estav' assada
 134. foi-lles dizer como vos direi:
 135. «Gran vengança nos á ora dada
 136. San Mercurio daquel falsso rei,
 137. ca o matou dūa gran lançada,
 138. que nunca atal deu justador.
 139. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... Estrofe XV
140. E se da questo, pela ventura,
 141. que digo non me creedes en:
 142. eu fui catar a ssa sepultura
 143. e das sas armas non vi y ren.
 144. Mas tornemos y log' a cordura,
 145. por Deus que o mund' en poder ten,
 146. ca este feit' é de tal natura
 147. que dey' om' en seer sabedor.»
 148. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... Estrofe XVI
149. Logo tan toste foron correndo
 150. e as armas todas essa vez
 151. acharon, e a lança jazendo,
 152. con que San Mercur' o colbe fez,
 153. sangoent' ; e per y entendendo
 154. foron que a Virgen mui de prez
 155. fez fazer esto en defendendo
 156. os seus de Juyão chufador.
 157. Todo-los Santos que son no Ceo | de servir muito an gran sabor... Estrofe XVII

- | | | |
|---|--|-----------------|
| { | 158. Eles assi a lança catando,
159. que creer podian muit' adur ,
160. mestre Libano foi chegando,
161. filosofo natural de Sur,
162. que lles este feito foi contando,
163. ca sse non detevera nenllur
164. des que leixara ra a ost' alç ando
165. e Juyão morto sen coor.
166. Todo-los Santos que son no Ceo de servir muito an gran sabor... | } Estrofe XVIII |
| { | 167. E contou-lles a mui gran ferida
168. que ll' un cavaleiro branco deu,
169. per que alma tan toste partida
170. lle foi do corp' . «A questo vi eu ,»
171. diss' el , «poren quero santa vida
172. fazer vos qu', e non vos seja greu,
173. e receber vossa ley comprida,
174. e serey de la preegador.»
175. Todo-los Santos que son no Ceo de servir muito an gran sabor... | } Estrofe XIX |
| { | 176. E log' a agua sobela testa
177. lle deytaron, e batismo pres;
178. e começaram log' y a festa
179. da Virgen, que durou ben un mes;
180. e cada dia pela gran sesta
181. van da ost' un e dous e tres,
182. que lles contaron da mort' a gesta
183. que pres Juyão a gran door.
184. Todo-los Santos que son no Ceo de servir muito an gran sabor... | } Estrofe XX |

A CSM15 contém 20 estrofes de 9 sílabas poéticas e, de acordo com Mettmann (1986, p.93), segue o modelo 9'A9A 9'b9c 9'b9c 9'b9c 9'b9A de rima. Nessa cantiga é possível encontrar todos os processos fonológicos realizados no contexto de juntura de vogais em limite de palavra em PA: apagamento de V₁ (elisão/crase)¹⁰, ditongação, a não realização ou o apagamento da vogal da segunda palavra (V₂) e hiato. Por meio da checagem da palavra no glossário¹¹ desenvolvido por Mettmann (1972) das CSM,

¹⁰ Elisões e crases encontram-se sob o rótulo apagamento de V₁ (elisão/crase), sendo diferenciados nas seções 5.2 e 5.3, respectivamente.

¹¹ No glossário registram-se todas as palavras pertencentes aos poemas das CSM e as variantes mais significativas. De acordo com Mettmann (1972, nota preliminar), utiliza-se o material contido no índice do manuscrito E e nas legendas, ainda não publicadas, das miniaturas dos manuscritos T e F. Em geral não há mais de cinco referências para cada palavra, significado ou frase. No caso dos nomes de pessoas e de lugares, em cuja identificação se usou de especial cuidado, indicam-se todas as passagens em que ocorrem. Há grande importância atribuída à determinação exata dos matizes semânticos de cada vocábulo

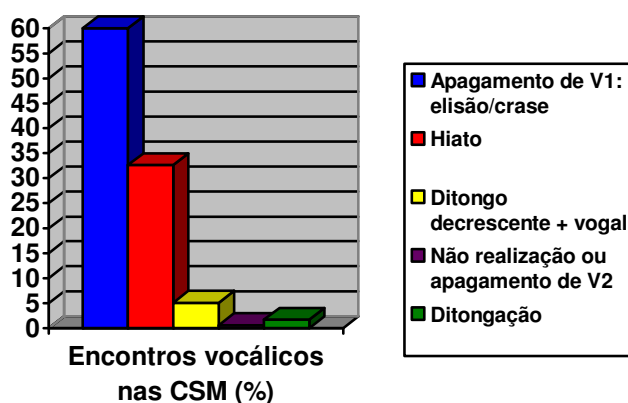
podemos constatar, em um primeiro momento, a ausência da vogal final da primeira palavra (V_1) na escrita. Logo em seguida, os facsímiles ou microfílmes dos códices são consultados, com o intuito de verificar se realmente as vogais não foram grafadas na cantiga. Dada a correspondência entre ambos, grafia no glossário e grafia na cantiga presente no facsímile, marcamos todas as sílabas dos encontros vocálicos de acordo com a legenda de cores proposta.

Na CSM 15, a solução de ditongação é minoritária. Outra resolução marginal no contexto geral do *corpus* é aquela em que há a não realização ou o apagamento da vogal inicial da segunda palavra (V_2) – (verso 91, “toda 'sclareceu”) –, ocorrendo somente uma vez. Os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente. Depois de mapeadas todas as soluções para os encontros vocálicos presentes na cantiga (tabela 1 e gráfico 1), quantificamos as vogais envolvidas.

Tabela 1 - Soluções para os encontros vocálicos - CSM15¹²

Soluções para os encontros vocálicos	Quantidade	Percentual
Apagamento de V_1 : elisão/crase	105	60,0
Hiatos	57	32,6
Ditongo decrescente seguido de vogal	9	5,1
Não realização ou apagamento de V_2	1	0,6
Ditongação	3	1,7
Total	175	100%

Gráfico 1 - Soluções para os encontros vocálicos na CSM15



e ao seu emprego fraseológico. Na maioria dos casos ocorre uma referenciação ao contexto, a fim de precisar o sentido de uma palavra ou locução.

¹² O formato das tabelas segue a proposta desenvolvida por Massini-Cagliari (2005a).

Com o intuito de verificar o comportamento dessas sequências vocálicas em juntura vocabular e suas resoluções prosódicas – quando átonas, tônicas, pretônicas ou postônicas em hiato, elisão, ditongação e algum outro processo – geramos as tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 2 - Contextos envolvendo vogais - CSM15

Vogal final da primeira palavra	Vogal inicial da segunda palavra	Apagamento de V1: elisão/crase		Hiato		Ditongação		Não realização ou apagamento de V ₂		Subtotal
		Verso de ocorrência	Total	Verso de ocorrência	Total	Verso de ocorrência	Total	Verso de ocorrência	Total	
a +	a (a, ã/an)	73,133	2	4,14,138, 164,176	5					7
	e (e, ê/en)			28,82,146	3			91	1	4
	é (/ɛ/)									
	i			20	1					1
	o			19,26,46, 135, 137,164	6					6
	ó (/ɔ/)			131,135	2					2
Subtotal	a + V	2		17				1		20
e +	a (a, ã/an)	11,29,32,36,45,56,60,66,68,75,82,84,86,88, 89,93,96, 119,136, 140,143,164,179, 181,182, 182	26	15,78,91, 150,151, 154,169	7					33
	e (e, ê/en)	10,11,12,14,20,25,38, 61,64,100, 111,115, 118, 147, 171, 172	16	37,63,92, 109,116	5					21
	é (/ɛ/)	119,174	2	89,128	2					4
	i									
	o	28,42,43,47,57,63,66, 69,82,87, 101,110, 170	13	18,116,145	3					16
	ó (/ɔ/)									
Subtotal	e + V	61		17						78
é (/ɛ /) +	a (a, ã/an)									
	e (e, ê/en)									
	é (/ɛ/)									
	i									
	o									
	ó (/ɔ/)									
Subtotal	é (/ɛ /) + V									
i +	a (a, ã/an)			29,35,158, 178	4	62,63	2			6
	e (e, ê/en)			153,170	2					2
	é (/ɛ/)									
	i			143	1					1
	o					64	1			1
	ó (/ɔ/)									
Subtotal	i + V			7		3				10
o +	a (a, ã/an)	27,34,70,80,113, 132, 144,159, 170,176	10	23,43,87, 116,183	5					16
	e (e, ê/en)	6,17,30,36,43,52, 65,65,78,88,98, 106,107, 114,120, 127,129, 132,145, 153	20	36,71,96, 108,116, 155	6					26
	é (/ɛ/)	146	1							1
	i	105,117, 178	3							3
	o	8,41,57,59,86,86, 147, 152	8	32,109,126	3					11
	ó (/ɔ/)									
Subtotal	o + V	42		14						56
u +	a (a, ã/an)			125,133	2					2
	e (e, ê/en)									
	é (/ɛ/)									
	i									
	o									
	ó (/ɔ/)									
Subtotal	u + V			2						2
TOTAL		105		57		3		1		166

Tabela 3 - Contextos de aplicação dos processos de sândi – CSM15

Contexto de aplicação		Apagamento de V1: elisão/crase		Hiato		Não realização ou apagamento de V ₂		Subtotal	
Sílabas final da primeira palavra	Sílabas inicial da segunda palavra	Verso de ocorrência	Total	Verso de ocorrência	Total	Verso de ocorrência	Total		
... (C)V tônica +	V tônica			135	1			1	
	V pré-tônica			29	1			1	
	monossílabo	V (leve)			158	1			1
		VV (ditongo)							
	VC								
Subtotal				3				3	
... (C)V (átona) +	V tônica	25, 32,36,41,43, 57,8086,86, 146, 147,171	12	15,26,131, 135	4			16	
	V pré-tônica	11,11,20, 29,30,34, 38,45,60,63, 65, 86,113, 132,132,133 ,159,164,170	19	23,138	2	91	1	22	
	monossílabo	V (leve)	6, 8,10, 17,27,52,59, 64,70,78,87, 88,98, 101, 106, 107, 110, 117,120, 127,129,144, 152,153,172, 176,178,182	28	4,14, 20,46,71, 96,108, 109,116, 116,126, 164,183	13			41
		VV (ditongo)	65,73	2	56	1			3
		VC	14, 105,114,122, 145,147,181	7	155	1			8
Subtotal		68		21		1		90	
monossílabo +	V tônica	42,57,61, 100,111,119, 174	7	28,32,63,89 ,116, 128,146, 164,169, 176	10			17	
	V pré-tônica	28,36,56,75, 84,89,93,96, 115,118,136, 140	12	35,43,78,82 ,87, 116,153	7			19	
	monossílabo	V (leve)	43,47,66,66, 68, 69, 82,82,88,101, 119, 143,170,179, 181,182	16	18,19, 91,109,133, 137,143, 145, 150,151, 154,178	12			28
		VV (ditongo)			92,170	2			2
		VC	12,168	2	37,125	2			4
Subtotal		37		33				70	
TOTAL		105		57		1		163	

Tabela 4 - Contextos envolvendo ditongos decrescentes – CSM15

Ditongo decrescente	Vogal inicial da palavra seguinte (V ₂)	Hiato	
		Verso de ocorrência	Total
Ditongo decrescente (eu; oi; ai; iu; ei; ey)	a (a, ā/an)	28,68,73,129	4
	e (e, ê) / en)	35,65,120	3
	é (/ɛ/)		
	i		
	o	37,42	2
	ó (/ɔ/)		
	u (û / un)		
Total	Ditongo decrescente + V	9	

O *modus operandi* descrito para a CSM15 foi aplicado nas demais 199 cantigas. No apêndice A, trazemos as tabelas da quantificação total das resoluções.

Após mapeados, os processos foram analisados de acordo com as teorias fonológicas não lineares, em especial os modelos métrico e prosódico, Hayes (1995), Nespor e Vogel (2007[1986]), Selkirk (1984a) e Hogg e McCully (1991[1987]).

2.1 Considerações finais

A proposta desta seção foi mostrar o *modus operandi* do nosso estudo sobre o sândi vocálico externo em PA, traçando os passos que demos desde o momento em que entramos em contato com a língua a ser analisada.

Começamos expondo a dificuldade do especialista em Linguística Histórica para buscar, no passado, evidências da língua analisada. Muitas vezes contamos com dados não perfeitos no sentido de analisar, por exemplo, a fonologia ou a sintaxe de uma língua. Dada essa primeira dificuldade, passamos à procura de pistas, nos textos poéticos, que auxiliassem o levantamento de hipóteses acerca do tema de estudo proposto. Logo, aspectos como a métrica fixa dos poemas, a localização do acento, a metrificação das sílabas poéticas, a grafia original dos poemas e sua transposição a edições críticas e ao glossário foram consideradas.

Posteriormente às hipóteses e considerações, passamos de fato ao mapeamento dos processos fonológicos envolvendo vogais no contexto de juntura vocabular. Utilizamos cores para categorizar os diferentes processos fonológicos que eram encontrados nos poemas. Em seguida, geramos tabelas referentes ao contexto de

aplicação segmental e prosódico dos processos fonológicos de cada *CSM*. Como exemplo, trouxemos a *CSM* 15, em que foram encontrados todos os processos fonológicos realizados no contexto de junção de vogais em limite de palavra em PA: apagamento de V_1 (elisão/crase), ditongação, não realização ou apagamento de V_2 e hiato. Por fim, ressaltamos que não somente as tabelas, mas toda proposta metodológica segue a de Massini-Cagliari (1995).

Na próxima seção, trazemos os pressupostos teóricos que nortearam a análise fonológica dos dados mapeados e categorizados.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Começamos esta seção apresentando as concepções que utilizamos sobre acento, sílaba e palavra. Essas duas últimas com especial destaque para o português, tanto atual quanto arcaico. Posteriormente, trazemos estudos sobre os modelos fonológicos que nortearam nossas análises: as fonologias não lineares. A fonologia tem discutido, nas últimas décadas, aspectos que se referem à organização de traços dos segmentos, à representação da sílaba e à parametrização do acento. A fonologia autosssegmental, a fonologia métrica, a fonologia lexical e a fonologia prosódica, agrupadas sob o rótulo de fonologia não linear, modelos derivacionais, vêm sendo utilizadas com o objetivo de chegar a generalizações, por meio de princípios que regulam o funcionamento das línguas. Atualmente, contamos também com a Teoria da Otim(al)idade (OT, *Optimality Theory*), um modelo não derivacional¹³.

Nesta seção fazemos uma apresentação dos subsídios teóricos para a análise dos mapeamentos dos processos de sândi vocálico externo nas CSM. Não é o caso de discutir e pormenorizar tais teorias, nem de sugerir mudanças de aspectos intrínsecos de cada uma ou, ainda, de propor um modelo de análise teórico de nossos dados, visto que, como já ressaltamos, seguimos a mesma linha teórica de trabalhos que tiveram o sândi vocálico externo como tema de estudo. Iniciamos com a exposição dos modelos fonológicos métrico e prosódico. É por meio, principalmente, das fonologias métrica e prosódica¹⁴, cujos pressupostos são apresentados nas seções seguintes, que nortearmos nossa investigação a respeito dos processos de sândi vocálico externo no PA.

¹³ Não trabalhamos nessa perspectiva teórica. No entanto, cabe resgatar brevemente algumas informações a respeito da OT, uma vez que alguns trabalhos anteriores sobre sândi no PA e no PB referidos nesta tese trabalham nessa perspectiva. Esse modelo teórico postula que a gramática universal contém conjuntos de restrições universais, restrições violáveis, diferentemente dos princípios do modelo de princípios e parâmetros, que sempre têm de ser respeitados. O que determina que em uma língua certas restrições serão violadas ou não é o *ranking* entre elas. Para cada língua, há um *ranking* específico constituído pelas restrições, que são as mesmas para todas as línguas. Além disso, a teoria postula que a fonologia opera sobre formas lexicais, de entrada, chamada *inputs*, traduzidos, no componente fonológico, em formas de saídas, chamadas de *outputs*. Para cada *input*, um série de possíveis *outputs* é produzida, dos quais um será eleito o *output* ótimo. A escolha do *output* ótimo se dá pela comparação de todos os possíveis *outputs* com as restrições ranqueadas: aquele que satisfizer da melhor forma o conjunto de restrições, será o *output* ótimo.

¹⁴ Pelo fato de a fonologia prosódica seguida por nós, o modelo de Nespor e Vogel (2007[1986]), não contemplar a estrutura interna da sílaba, partimos para o auxílio da fonologia métrica, uma vez que consideramos válida a estrutura interna da sílaba em PA para os processos fonológicos estudados por nós. Contamos com os subsídios de outros estudos teóricos desenvolvidos com o intuito de discutir a estrutura interna da sílaba por meio da fonologia métrica.

3.1 A Sílaba

*The syllable is very important unit. Most people seem to believe that, even if they cannot define what a syllable is, they can count many syllables there are in a given word or sentence. If they are asked to do this they often tap their finger as they count, which illustrates the syllable's importance in rhythm of speech.*¹⁵

Roach (2001, p.70)

Analisamos, nesta subseção, aspectos referentes às sílabas, uma vez que os fenômenos de sândi levam em conta aspectos não somente rítmicos, mas também silábicos. Nossa proposta é trazer um panorama sobre modelos fonológicos que discorrem sobre a sílaba e os aspectos que ajudam a determinar a sua importância na fonologia de uma língua. Apresentamos definições de sílaba, os seus constituintes e os princípios que a regem. Posteriormente, são apresentados os fatores que podem interferir na segmentação silábica e os moldes silábicos do PB e PA.

3.1.1 Estudos sobre a sílaba

Assumimos que a sílaba é um constituinte da representação fonológica intuitiva e perceptual, sendo referida por regras fonológicas (ou outro tipo de mecanismo, por exemplo, parâmetro ou restrição). A noção de sílaba pode ser definida de vários pontos de vista. Nas áreas de fonética e fonologia, esse primeiro nível prosódico tem sido abordado por diferentes modelos teóricos e em diferentes perspectivas.

A respeito do carácter intuitivo, Freitas (1997, p.601) salienta três aspectos que evidenciam essa consideração: a existência de um sistema de escrita silábica e de sistemas de línguas secretas, por exemplo, a língua do “p”, e a idéia de ser a primeira unidade linguística rítmica a ser manipulada na produção da fala. Para Blevins (1995, p.209), em várias línguas, falantes nativos têm intuições claras sobre o número de sílabas de uma palavra ou expressão, e, em algumas delas, intuições claras quanto ao local onde ocorrem os limites entre as sílabas. Para essa autora, a sílaba é uma unidade estrutural que organiza segmentos melódicos em termos de sonoridade e os segmentos silábicos são equivalentes aos picos de sonoridade dentro dessas unidades organizacionais.

¹⁵ “A sílaba é uma unidade muito importante. Muita gente parece acreditar que, mesmo que não possam definir o que uma sílaba é, eles são capazes de contar quantas sílabas há em uma dada palavra ou sentença. Se são solicitados a fazer isso, frequentemente eles batem os dedos enquanto contam, o que ilustra a importância da sílaba no ritmo da fala.” (ROACH, 2001, p.70, tradução nossa)

Mateus e d'Andrade (2002, p.38) assumem Ohala (1996) e definem a sílaba como uma construção perceptual, criada no espírito do falante. Para os autores, os falantes intuitivamente sentem a existência real de sílabas.

Em gramáticas antigas do português, a importância da sílaba como constituinte já era reconhecida. Para Barboza (1822, p.24), “syllaba quer dizer compreensão; porque he o ajuntamento de huma, ou mais consonâncias com huma voz, diphthongo, ou synerese, compreendido tudo em huma so emissão”. Para Viana (1892, p.24) “uma só vogal, ou diferentes associações de phonemas em que entre pelo menos uma vogal, proferidos numa só emissão de voz numa só expiração, são denominados **sýllaba**”.

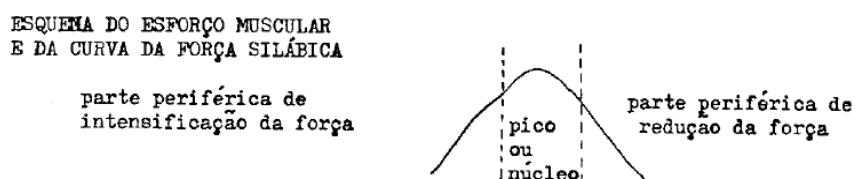
Vários gramáticos concebem a ideia de sílaba associada ao conceito de emissão de voz. Celso Cunha e Lindley Cintra (1984) trazem o seguinte exemplo:

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não fazemos separando um som do outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais. Assim, uma palavra como
alegrou
não será por nós emitida
a-l-e-g-r-o-u
mas sim:
a-le-grou
a cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de SÍLABA.

As sílabas são tradicionalmente classificadas nas gramáticas portuguesas em: 1. sílabas abertas – sílabas terminadas em vogal – e fechadas – sílabas terminadas em consoante; 2. sílabas tônicas – aquelas que carregam o acento – e sílabas átonas – as que não contém acento (BECHARA, 2009). As variadas definições de sílaba que surgem dos gramáticos antigos têm como ideia principal e comumente aceita que a sílaba se constitui em uma unidade de organização rítmica da fala, constituída por um conjunto de sons com coesão interna. Outra concepção tradicional sobre a constituição silábica refere-se ao resultado de um único movimento expiratório, ou seja, de uma única emissão de voz.

Foneticamente, a sílaba é constituída em três partes: duas periféricas e uma parte central (ou nuclear). Na parte nuclear, o elemento que está nessa posição atinge o limite máximo de força. Já nas partes periféricas, para Cagliari (1982), ocorrem a intensificação e a redução dessa força.

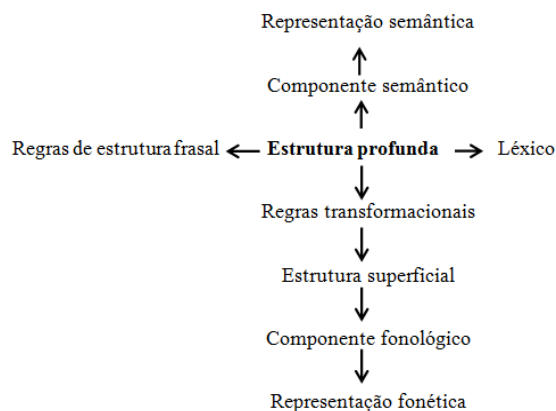
Figura 7 - Intensificação e a redução dessa força na sílaba.



Fonte: retirado da obra de Cagliari (1982, p.101).

Enquanto unidade de análise fonológica, a sílaba é considerada somente em modelos posteriores à fonologia gerativa padrão, presente apenas em contextos de regras fonológicas no *SPE* (*The Sound Pattern of English*, Chomsky e Halle, 1968). Nesse modelo, o acento é tratado como uma propriedade dos segmentos vocálicos individuais, de modo que a atribuição do acento é determinada por sequências particulares de segmentos. O acento, como outros traços, é caracterizado de forma binária [+acentuado] e [-acentuado] e os diferentes graus de atribuição acentual diferenciam a proeminência principal das proeminências de menor destaque, ou de nível secundário, em uma aplicação cíclica que indica cada vogal acentuada de acordo com o seu grau de proeminência (MAGALHÃES, 2004). O componente sonoro, que possuía um papel predominante na teoria estruturalista, por exemplo, passa a ser visto apenas como parte integrante do mecanismo linguístico, sendo que o foco de estudo das análises gira em torno do componente sintático, assumindo – na proposta de análise gerativa – as noções de processos transformacionais. Desta forma, a teoria gerativa padrão propõe uma interação entre os componentes da descrição gramatical: o sintático, o semântico e o fonológico. Esta proposta, esquematizada por Kenstowicz e Kisseberth (1979), segue em (5):

(5)



Em reação à postura abstrata do modelo gerativo padrão, surgiu uma nova proposta de análise, a fonologia gerativa natural. Os pressupostos básicos formulados pela teoria gerativa padrão foram conservados, como a técnica de formalização desenvolvida, as regras fonológicas, o uso dos traços distintivos para especificar os segmentos; porém, houve a necessidade de “impor certas restrições ao componente fonológico, no sentido de impedir uma abstração excessiva nas gramáticas fonológicas” (DUARTE, 1977, p.15). Além de investigar como o léxico é estruturado, essa teoria propõe que a sílaba deve ser inserida à teoria fonológica, por aparecer especificada nos contextos das regras fonológicas.

Hooper (1973 *apud* COSTA, 1978) desenvolveu outro tipo de traço para analisar a estrutura silábica, ainda não utilizado na fonologia gerativa padrão, a *força dos segmentos consonantais*. Este traço dá a organização dos segmentos de uma língua através da escala de força obtida pela comparação da força entre os diversos segmentos. Portanto, a sílaba retoma seu status teórico na fonologia gerativa natural, na medida em que os elementos suprasegmentais são privilegiados nas análises fonológicas. Sendo assim, a sílaba passa a ser considerada como uma unidade gatilho de processos fonológicos, levando-se em conta não somente a fala lenta e pausada, mas também os diversos ritmos e velocidades.

A noção de sílaba pela fonologia natural (STAMPE, 1979) e as inovações trazidas pela teoria gerativa padrão, ao considerar o componente fonológico como um conjunto de subsistemas interagentes e não mais um sistema homogêneo, contribuíram para o desenvolvimento da concepção da fonologia não linear, iniciada com os trabalhos de Goldsmith (1976) sobre o tom, as teses individuais de Liberman e Prince (1977) e os seus trabalhos em conjunto, a respeito do acento e do ritmo¹⁶. Essas teorias propostas surgiram como reações às concepções do modelo gerativo padrão de Chomsky e Halle (1968). Porém, é importante esclarecer que não houve uma negação da teoria gerativa padrão, mas um acréscimo de alterações necessárias, isto é, uma espécie de refinamento para que a teoria se tornasse cada vez mais eficiente e satisfatória (MASSINI-CAGLIARI, 1999a).

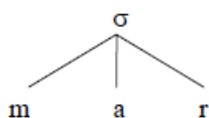
¹⁶ Os autores estabeleceram que, para compreender melhor as regras de acentuação e de ritmo, é necessário agrupar as sílabas em estruturas hierarquicamente superiores (pés métricos). O trabalho desenvolvido por Goldsmith (1976) deu origem à teoria autossegmental, enquanto os de Liberman e Prince (1977) deram origem à fonologia métrica.

Nessas teorias, a sílaba passou a ser o ponto central das discussões. Há vários autores importantes que se debruçaram sobre esse assunto, procurando discutir a relação da sílaba com as representações fonológicas, dentre eles: Selkirk (1980), Harris (1983), Itô (1986) e Hogg e McCully (1991[1987]). Essas teorias passam a considerar a sílaba como tendo uma estrutura de constituintes imediatos, colocando à disposição muito mais recursos da descrição da estrutura da sílaba.

3.1.1.1 A estrutura hierárquica da sílaba

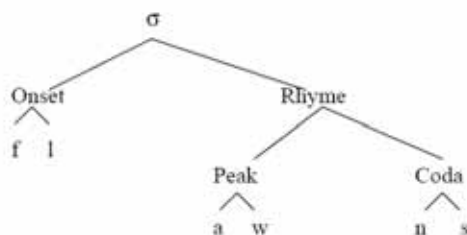
Até aos finais dos anos setenta, século XX, eram muito escassas pesquisas fonológicas sobre a sílaba. Porém, a partir daí, a estrutura silábica de várias línguas começou a ser descrita. A partir do modelo métrico, foram discutidos aspectos sobre a interação entre os processos fonológicos, a estrutura silábica e definições sobre uma tipologia para os inventários silábicos das línguas. Dois eixos teóricos foram propostos para formalizar a estrutura interna da sílaba: a teoria autosegmental e a da constituência silábica. A primeira, formulada por Kahn (1976), considera que os segmentos estão ligados diretamente às sílabas, demonstrando que o relacionamento entre os três elementos é igual e que somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas – (6).

(6)



Selkirk (1980, p.3) propõe uma primeira divisão principal que biparte a sílaba em *onset* (*cluster* inicial consonântico) e rima (o restante). A rima, por sua vez, se divide em duas partes – o pico (que contém o núcleo silábico) e a coda (*cluster* final consonântico), exemplo (7).

(7)



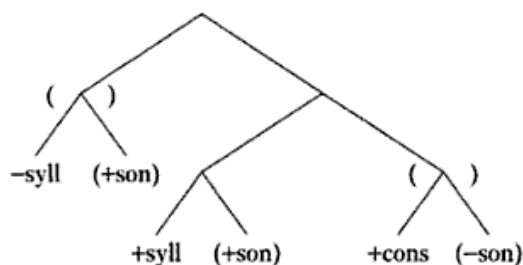
A estruturação da sílaba é representada através de uma planilha silábica, utilizando o diagrama em forma de árvore. O exemplo (7) traz a palavra inglesa *flounce*, “babado” ou “rebolado”. Para a autora, as razões geralmente dadas em apoio à sílaba como uma construção da teoria fonológica são três. Em primeiro lugar, pode-se argumentar que a afirmação mais geral e explicativa das restrições fonotáticas em uma língua só pode ser feita por referência à estrutura da sílaba de um enunciado. Em segundo lugar, pode-se argumentar que só através da sílaba se pode dar a adequada caracterização do domínio de aplicação de uma ampla gama de regras da fonologia segmental. E, em terceiro lugar, pode-se argumentar que um tratamento adequado dos fenômenos suprasegmentais, como acento e tom, requer que os segmentos sejam agrupados em unidades que são do tamanho da sílaba. As mesmas três razões principais para a postulação da sílaba podem ser mostradas para motivar a existência de grupos privilegiados de segmentos dentro da sílaba que devem ser pensados como constituintes, isto é, como próprias unidades linguísticas. A concepção da sílaba que surge, por conseguinte, é de uma unidade hierárquica, uma árvore de estrutura interna bastante semelhante a uma árvore de representação sintática.

De acordo com essa representação, uma sílaba deve ser formada por um ataque e uma rima, esta subdividida em núcleo e coda. Dada essa estrutura, podem-se ter regras fonológicas que se refiram a apenas um dos subconstituintes da sílaba. Independentemente do molde silábico de diferentes línguas, Selkirk (1982) diz que o agrupamento de pico e coda em um constituinte é postulado como aspecto universal na composição de uma sílaba.

Selkirk (1999) propõe duas novas formatações dos aspectos internos à sílaba, diferentemente dos expostos acima. A primeira nova formatação visa à caracterização dos nós como um complexo de traços distintivos, em que traços distintivos específicos

são ligados a nós ou estruturas silábicas específicas (SELKIRK, 1999, p.331). Essa estrutura teria a seguinte representação – (8):

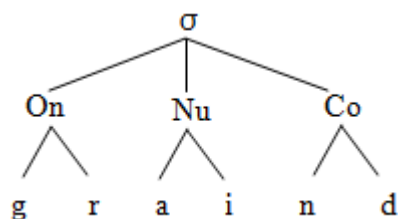
(8)



Na segunda nova representação, um membro tenderia a ser mais fraco em um constituinte de ramificação binária da sílaba. A caracterização dos nós seria feita nos termos de forte e fraco, sendo atribuído o nó forte ao elemento que portar maior sonoridade. Todavia, a autora afirma que as três representações são compatíveis, uma vez que tratam somente de aspectos diferentes da mesma representação.

Hogg e McCully (1991[1987], p.62), citando Liberman e Prince (1977) como os precursores da teoria métrica, afirmam que a grande conquista da fonologia métrica foi estender a análise hierárquica para o acento. Embora o trabalho de Liberman e Prince (1977) estivesse preocupado em apresentar explicações acerca dos acentos na língua inglesa, foi possível, com essa proposta, caracterizar a estrutura interna da palavra, apresentada em dois níveis: 1) as sílabas que são organizadas em constituintes e 2) os pés, elementos sempre binários, rotulados em termos de forte e fraco, representados numa árvore ramificante. Hogg e McCully (1991[1987], p.36) também consideram que a sílaba é composta de três partes, um *onset* consonantal, uma sequência de segmentos não consonantais, o núcleo, e uma sequência final de segmentos consonânticos nomeada coda. Abaixo segue o exemplo (9), que traz a representação da palavra inglesa *grind* (“moer”, em português):

(9)



Ainda segundo Hogg e McCully (1991[1987]), existem boas razões distribucionais para supor que há pelo menos três componentes distintos que vão compor uma sílaba e também há boas razões para supor que a distribuição desses três componentes não se limita a ficar em uma relação linear e acreditam que esses estão relacionados por algum tipo de hierarquia.

No entanto, para Nespor e Vogel (2007[1986]) não há motivação para tratar as unidades internas da sílaba como domínios, independentemente de como elas sejam, uma vez que essas unidades subsilábicas não são organizadas de acordo com os princípios que governam todas as outras unidades acima da sílaba; devido a isso, estamos considerando a representação desse domínio prosódico¹⁷, para as discussões sobre fonotática, a partir de Hayes (1980), Selkirk (1982) e Hogg e McCully (1991[1987]).

Nespor e Vogel (2007[1986], p.73) apresentam as seguintes motivações para a consideração da sílaba externamente:

1. a relação da rima com a atribuição de acento (dependendo da língua, sílabas com rimas ramificadas atraem o acento);
2. o fato de as línguas terem restrições sobre como os segmentos podem ser combinados dentro de sílabas.

Dessa forma, a sílaba é o menor constituinte da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (2007[1986]), sendo a palavra fonológica o domínio de silabação, para essas autoras. Ressaltamos que as palavras são divididas em sílabas, por meio das regras de silabação existentes em cada língua.

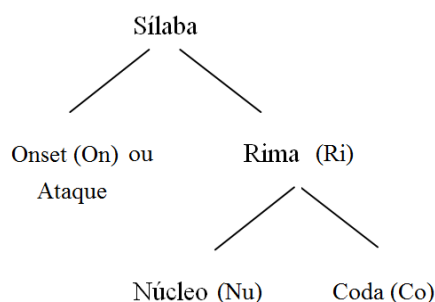
Para justificar o seu posicionamento, elas consideram o princípio 1 de agrupamento de constituintes em unidades hierárquicas: as unidades de um determinado nível (XP⁻¹) devem ser todas do mesmo tipo.

¹⁷ Um domínio prosódico é caracterizado como o intervalo entre dois limites, criado por um princípio de Mapeamento Sintaxe/Fonologia (SELKIRK; SHEN, 1990, p.319).

3.1.1.2 Os constituintes internos da sílaba

Para representação dos constituintes silábicos, adotamos o trabalho de Selkirk (1982), nomeado como modelo Ataque-Rima, em (10), pois esse tipo de representação fonológica facilita a representação de regras fonotáticas, a boa formação da estrutura das sílabas, e, também, a definição de contextos (aspectos que são trabalhados em nossa análise):

(10)



De acordo com o modelo apresentado acima, a sílaba é definida como uma estrutura organizada hierarquicamente em constituintes silábicos: a sílaba (σ) se ramifica em Ataque (*onset*) e Rima; por sua vez, a Rima pode se ramificar em Núcleo e Coda.

Onset ou ataque refere-se à primeira parte em que há consoante(s) que ocorre(m) antes da vogal nuclear, podendo ser simples, só uma consoante no início da sílaba (CV), ou complexo, duas consoantes no início da sílaba (CCV). A *rima* se refere à segunda parte da sílaba – vogal mais consoante(s) pós-nuclear(es). Na rima tem-se a parte que identifica a vogal, que recebe o nome de *Núcleo*; a parte que identifica a consoante é a *coda*.

Os constituintes silábicos podem ainda apresentar uma ramificação ou uma não ramificação. Sendo assim, os constituintes silábicos podem ser associados a um (*lá*) – ataque simples, um ou dois elementos (*fri.o*) – ataque ramificado ou complexo. O ataque pode ser vazio (*Øar*) – ataque vazio.

A rima é o local do núcleo vocálico da sílaba (constituente obrigatório), podendo apresentar opcionalmente uma coda. Assim como o ataque, a rima também pode ser ramificada ou não. Quando a primeira ocorrência é gerada, tem-se uma rima ramificada em núcleo e coda (*paz*); quando não, tem-se somente um núcleo (*lá*). É a partir do

núcleo que existem, no sentido de dependerem dele (ou seja, subordinando-se a ele), os outros constituintes silábicos.

O núcleo, geralmente, é preenchido por vogal; quando há somente um segmento, o núcleo encontra-se não ramificado (*lá*), mas quando ele é preenchido por dois segmentos – uma vogal e uma semivogal (ou glide¹⁸) – tem-se um núcleo ramificado (*lei*).

Como considerar qual segmento ocupará essas estruturas internas da sílaba? Para tal é necessário considerar a ideia de sonoridade relativa. Apenas são legitimados certos segmentos nas posições silábicas que não violem o Princípio de Sonoridade, ou *Sonority Sequencing Generalization*, termo adotado por Selkirk (1984a). Ao lado da ideia do Princípio de Sonoridade, que diz respeito à sílaba, tem-se uma escala hierárquica de sonoridade dos segmentos. Pelo grau de sonoridade dos segmentos, Selkirk (1984a) propõe a seguinte sequência de sonoridade: os sons vocálicos são os de maior sonoridade e tendem a ocupar o núcleo da sílaba. Já os obstruintes são os de menor sonoridade e tendem a ocupar as periferias. Os sons líquidos, os nasais e os glides, por sua vez, têm valor de sonoridade médio, sendo, dentre eles, os glides os mais sonoros, seguidos dos líquidos e dos nasais:

(11)

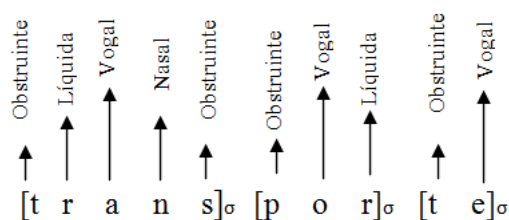
obstruintes (oclusivas, africadas, fricativas) < nasais < líquidas < glides < vogais (altas, médias, baixas)

Dentro da sílaba, o valor da sonoridade dos segmentos aumenta a partir do início até o núcleo e diminui desde o núcleo até o fim. Os segmentos mais sonoros ocupam, considerando o Princípio de Sonoridade, o núcleo da sílaba, enquanto os segmentos menos sonoros, as margens (*onset* e *coda*).

Para ilustrar a interdependência entre a escala hierárquica de sonoridade dos segmentos e o princípio de sonoridade das sílabas, segue como exemplo a palavra *transporte* – (12):

¹⁸ Glide é o termo usado em inglês para um dos dois sons que compõem um ditongo. Como não são nem consoantes nem vogais, normalmente recebem essa denominação também em português.

(12)



Segundo Blevins (1995, p.206-207), assim como os pés da teoria métrica fornecem a organização rítmica, as sílabas podem ser vistas como unidades estruturais proporcionando organização melódica. Essa organização melódica é baseada em grande parte na sonoridade inerente dos segmentos fonológicos, em que a sonoridade de um som é aproximadamente definida como a sua intensidade em relação a outros sons produzidos com a mesma fonte de energia (isto é, com a mesma duração, a mesma acentuação, velocidade do fluxo de ar, tensão muscular, etc.). Por isso, a organização melódica de uma sequência fonológica em sílabas irá resultar em um perfil de sonoridade característica: segmentos serão organizados em sequências de sonoridade crescentes e decrescentes, com cada pico de sonoridade definindo uma sílaba. A sílaba é, então, a unidade fonológica que organiza melodias segmentais em termos de sonoridade; segmentos silábicos são equivalentes aos picos de sonoridade dentro dessas unidades organizacionais.

Em um primeiro momento, escolhido o modelo fonológico, e, considerando o Princípio de Sonoridade, seria possível proceder à silabação das palavras de uma língua. No entanto, estudiosos demonstram que esta não é uma tarefa fácil. Por exemplo, consideremos a passagem da penúltima, (*por*), para a última sílaba, (*te*), da palavra “transporte” em (12). É possível que um segmento seja analisado como *onset* ou como coda em uma palavra, e nos dois casos teríamos uma sílaba bem formada: [por]σ [te]σ ou [port]σ [e]σ.

Um dos argumentos trazidos por Selkirk (1984b) para resolver esse tipo de impasse presente no português (e não só no português) é considerar as limitações da língua. As línguas possuem restrições capazes de selecionar quais os elementos e a sequência que podem ocupar na sílaba. Essas limitações são chamadas de filtros. Além dos filtros de uma determinada língua, há também princípios gerais postulados que auxiliam na decisão.

Um desses princípios, postulado por Selkirk (1984b), que auxiliaria na escolha da silabação adequada do exemplo (12), é o *Maximal Syllable Onset Principle* [Princípio do Ataque Silábico Máximo]. Na estrutura silábica de uma palavra, os *onsets* são maximizados em detrimento das codas, em conformidade com os princípios de composição básica da língua. Isto quer dizer que, quando ocorre um “empate” da sonoridade dos segmentos na sílaba, o *onset* tem prevalência sobre a coda e deve ser maximizado. Retomando nosso exemplo e considerando somente o *Maximal Syllable Onset Principle*, já daríamos conta de explicar a silabação adequada: [por]_σ [te]_σ e não *[port]_σ [e]_σ. Existem condições universais de boa formação da sílaba que determinam como ocorre a silabação, portanto. Em suma, são concebidos os princípios básicos de composição da sílaba de um idioma como um modelo (com modelos auxiliares possíveis também) e um conjunto de restrições. Para ser definida como bem formada, a estrutura silábica subjacente de uma representação fonológica necessita satisfazer os princípios básicos. E, além disso, deve satisfazer aos princípios universais de maximização de *onset*, sempre levando em conta domínios sintaticamente ou morfológicamente especificados (SELKIRK, 1982, p.360).

Para expressar as diferenças quanto à quantidade de segmentos permitidos nas sílabas de diferentes línguas, é usado um molde silábico. Esse consiste em uma afirmação geral a respeito da estrutura – máxima e mínima – possível de sílabas numa determinada língua, isto é, da determinação da quantidade de elementos (= segmentos) permitidos. Passemos ao molde silábico do português.

3.1.2 A sílaba em Português: molde silábico¹⁹

Segundo Collischonn (2005[1996]), as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Há línguas que permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima. Há línguas que permitem um segmento no ataque e dois na rima. Por outro lado, há línguas que permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda. Para Collischonn (2005[1996]), no português não há acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba pode conter. Essa discordância decorre de diferentes análises fonológicas empreendidas.

¹⁹ Do ponto de vista fonológico, a sílaba no PB e no PE não difere; apenas a sua implementação fonética pode variar. Dessa forma, estamos considerando nessa seção a sílaba em português.

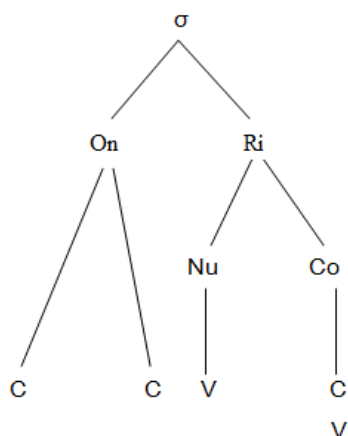
Collischonn (2005[1996]) traz as propostas diferentes de Câmara Jr. (1973[1970]) e de Lopez (1979) para mostrar a consideração do molde silábico do português.

Para Câmara Jr. (1973[1970], p.58), na língua, o ápice da sílaba é preenchido por uma ou duas vogais, o aclave, por uma ou duas consoantes e o declive, por uma das seguintes consoantes: /S/, /R/, /l/ ou pelas semivogais /j, w/. O declive pode ser preenchido também pela consoante nasal, pois, na interpretação do autor, fonologicamente a vogal nasalizada é interpretada como vogal fechada por consoante nasal.

Câmara Jr. (1973[1970]), partindo da posição intervocálica, reconhece 19 fonemas consonânticos portugueses: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/, /f/, /s/, /ʃ/, /v/, /z/, /ʒ/, /m/, /n/, /ɲ/, /l/, /ʎ/, /r/, /r/. Na posição posvocálica o autor assume as seguintes consoantes /S/, /N/, /l/ e /r/, admitindo até seis segmentos na sílaba. No entanto, não são encontradas em nossa língua formas com dois elementos no núcleo e na coda simultaneamente. No caso da sílaba do português, é inadequado postular sequências de ditongo e duas consoantes (*cairs, *peuls), portanto.

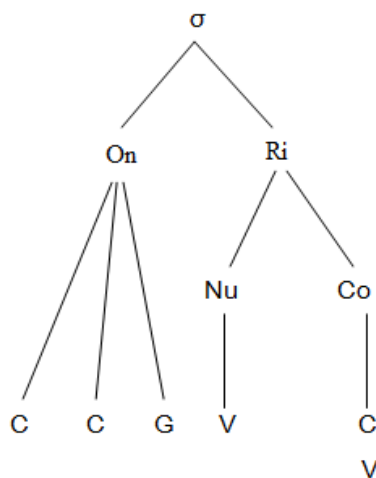
Para Lopez (1979), há, para a sílaba portuguesa, dois moldes: um subjacente (fonológico) e outro de superfície (fonético). A sílaba portuguesa subjacente admitiria até quatro elementos: dois no ataque e dois na rima – (13).

(13)



Em comparação com a proposta de Câmara Jr. (1973[1970]), esse molde é bem reduzido e deixa de fora sílabas como *deus* e *dois*. Na forma fonética, devido a processos de ressilabação, o molde mudaria e admitiria três elementos no ataque, nos quais o terceiro elemento é um glide derivado de uma vogal subjacente – (14).

(14)



Segundo Collischonn (2005[1996]), o modelo de Lopez (1979) também não dá conta de elementos nasais, uma vez que postula que os ditongos nasais derivam de uma sequência que, pelo apagamento da vogal nasal, passa a VV na superfície. Se acrescentarmos o morfema de plural haverá três elementos na rima, e não quatro, como postula Câmara Jr. (1973[1970]). Com três elementos na rima, falta uma posição no modelo de Lopez (1979). Collischonn (1997) formula a proposta de que, nos ditongos, a semivogal está na coda e não no núcleo da sílaba. Como evidência, a autora mostra que não há ditongos seguidos de nasal ou líquida, concluindo que semivogais, nasais e líquidas ocupam o mesmo lugar na coda.

No quadro 2, seguem os padrões silábicos do português a partir da proposta de Collischonn (2005[1996], p.110):

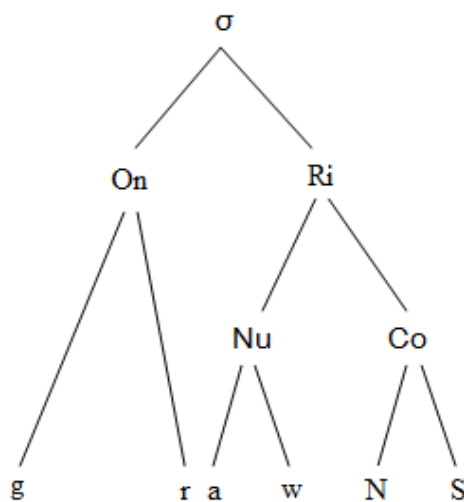
Quadro 2 - Molde silábico do português

V	é
VC	ar
VCC	instante
CV	cá
CVC	lar
CVCC	monstro
CCV	tri
CCVC	três
CCVCC	transporte
VV	aula
CVV	lei
CCVV	grau
CCVVC	claustro

Fonte: Collischonn (2005[1996], p.110).

Segundo Collischonn (2005[1996]), em português, todas as consoantes simples podem ser ataque de uma sílaba e duas consoantes podem formar um ataque; para tal, elas devem dispor-se segundo o princípio da sonoridade, que estipula, como vimos, que a sonoridade de uma sílaba cresce em direcção ao núcleo e decresce para o final. Outra maneira de se ter um ataque com duas posições em português consideraria a ideia de ambissilabidade. Wetzels (2000, p.6) propõe para o PB que os segmentos palatais ocupem duas posições na cadeia segmental ambissilabicamente, ou seja, constituindo uma consoante geminada. Essas três formas (segmento ambissilábico, duas consoantes diferentes e uma consoante simples) podem formar o ataque da sílaba em PB, que não ultrapassa dois elementos. A rima admite até quatro, sendo distribuídos em núcleo e coda. Uma representação arbórea da sílaba da palavra *grãos* /grawNS/, na concepção do autor, segue em (15):

(15)



Para Viana (1892, p.24), existe outra consideração sobre a posição das consoantes na sílaba: “há consoantes que podem constituir síllaba, funcionando como vogaes: são ellas as sibilantes se, z, as ancípites l, r, e as nasaes”. Câmara Jr. (1973[1970], p.43, grifo nosso) também não exclui essa possibilidade:

normalmente a vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, [...] funciona em todas as línguas como centro da sílaba, embora algumas consoantes, particularmente *as que chamamos «sonantes», não estejam necessariamente excluídas dessa posição.*

Abaurre (1979) considera que, no estilo casual, poderá revelar-se necessário reconhecer *s* como silábico, ou seja, uma consoante que ocupa a posição nuclear. O estudo de Abaurre (1979) lida com a organização dos segmentos nos limites silábicos, com especial destaque para os casos de *clusters* na variedade brasileira falada em Vitória, capital do Espírito Santo. Abaurre (1979) examina a estrutura de possíveis sílabas em dois contextos de enunciação: fala cuidada e fala casual. Segundo a autora, essa distinção é feita com o intuito de se obter uma explicação plausível a respeito da aparente diferença nas possibilidades de organização dos segmentos silábicos na estrutura silábica da língua.

Para Abaurre (1979, p. 237-238, grifos da autora)

the fricatives \underline{s} and \underline{z} also occur freely in syllable-initial position in casual speech. The interesting fact about their occurrence in the casual style (not only syllable-initially but syllable-finally as well) is that they can absorb a preceding and/or following unstressed high vowel \underline{i} or \underline{u} in specific environments, and become syllabic or syllable-final.²⁰

De acordo com Abaurre (1979), os padrões de organização dos segmentos na sílaba na variedade brasileira falada em Vitória variam de acordo com os diferentes estilos de fala (casual ou formal). Na fala casual, vogais nucleares podem ser absorvidas ou perdidas (apagadas), dando origem a consoantes silábicas.

Na teoria de Hooper (1973 *apud* COSTA, 1978, p.139) – que considera *a força dos segmentos consonantais* – a vogal continua sendo o elemento essencial da estrutura da sílaba, funcionando como o centro silábico, sendo que os outros elementos podem aparecer opcionalmente antes ou depois dessa vogal, conforme o esquema abaixo, apresentado por Costa (1978, p.136), para o PB:

(16)

(C₁) (C₂) (G) V (G) (C₃) (C₄)

Nessa perspectiva, as posições que precedem o centro silábico (V) podem ser preenchidas por até duas consoantes e um glide, enquanto as que sucedem esse centro

²⁰ “as fricativas \underline{s} e \underline{z} também ocorrem livremente em posição de sílaba inicial em discurso casual. O fato interessante sobre a sua ocorrência no estilo casual (não só sílaba inicial, mas também sílaba final) é que podem absorver as vogais altas átonas \underline{i} ou \underline{u} , quando essas as precedem ou as sucedem, em ambientes específicos, tornando-se silábicas ou finais de sílaba”. (ABAURRE, 1979, p. 237-238, tradução nossa)

podem ser ocupadas por um glide e até duas consoantes. Isso não significa que encontremos sílabas em português que apresentam todos esses elementos ao mesmo tempo em sua estrutura (COSTA, 1978). Dos padrões silábicos presentes no português, temos as sílabas mais complexas do tipo CCVCC ou CVCC, em “**transporte**”, “**perspectiva**”, como também aquelas encontradas com maior frequência na língua, do tipo CV e CVG. Nota-se, no entanto, que não houve grandes mudanças na estrutura silábica em relação àquela adotada na teoria estruturalista, já que a sílaba, em ambos os modelos, é tomada linearmente. Monaretto, Quednau e Hora (2005[1996]) ao analisar as duas posições do *onset* complexo, consideram – nesse contexto – na primeira posição /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/ e /v/, e na segunda posição /l/ e /r/.

3.1.3 A sílaba em Português Arcaico: molde silábico

De acordo com Biagioni (2002), o tipo de sílaba mais comum em PA, sua sílaba canônica, não por coincidência, é também o tipo de sílaba mais comum em todas as línguas do mundo, ou seja, CV. Por outro lado, os tipos menos comuns envolvem sempre sílabas complexas, CCVN, CCVV, CVV. A sílaba mínima, em PA, como na maioria das línguas do mundo é constituída por um elemento (V), mas há vários tipos de sílaba máxima, todos eles compostos por quatro elementos.

O levantamento quantitativo de Biagioni (2002) foi feito com base nas análises de todas as estruturas silábicas encontradas em cinquenta cantigas de amigo, extraídas do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, nas sete cantigas de amigo de Martin Codax, presentes no *Pergaminho Vindel*, em cinquenta cantigas de amor, extraídas do *Cancioneiro da Ajuda* e nas sete cantigas de amor, de D. Dinis, presentes no *Pergaminho Sharrer*. A partir desse levantamento, a autora chegou à seguinte conclusão: o PA não pode ter mais do que 4 elementos na sílaba no nível fonético, embora a sua distribuição possa variar.

Em *onset* simples, em posição inicial e entre vogais, o PA aceita os seguintes segmentos: /p/, /b/, /f/, /v/, /m/, /t/, /d/, /s/ (/tʃ/, /ʃ/), /z/ (/dz/, /z/), /n/, /l/, /r/, /k/, /k^w/, /g/, /g^w/, /j/ (tʃ), /ʒ/ (dʒ), /k/, /ɲ/ e /r/. Ao estudar a variação entre os grafemas *l* e *r* precedidos de consoantes, Maia (1997[1986], p.618-619 e p.627) afirma, primeiro sobre os grupos consonânticos iniciais *pl*, *kl*, *fl* e, depois, sobre a sequência *gl*:

Documenta-se [...] a tendência para manter inalterados os referidos grupos consonânticos, muito provavelmente por influência culta latinizante. [...] Com essas formas convivem outras em que *l*, segundo elemento de um dos grupos consonânticos considerados, se transforma em *r*.

em documentos da Galiza, o referido grupo [*gl*] pode aparecer conservado em palavras de carácter culto (cf. *regla* [...]; *rreglas* [...]); à semelhança do que acontece em espanhol. É mesmo provável que se trate de formas devidas à influência do castelhano na Galiza.

Mattos e Silva (1989, p.100) observa que

todos os casos de variação gráfica em causa provêm de consoante latina seguida de *l* e não de *r*. Consideramos rara essa variação em comparação, por exemplo, com a sistematicidade documentada em, pelo menos, 800 ocorrências de *pr* (< pl, pr) e de 106 ocorrências de *gr* (< gr), não incluídas aí as ocorrências de *gram*, *grande*, *-s* (532).

Massini-Cagliari (2005b) considera, em posição de *onset*, sequências de oclusivas ou fricativas lábio-dentais mais tepe no PA. A única palavra em que aparece uma lateral na segunda posição do *onset*, seguindo uma oclusiva, é a ocorrência do nome próprio *Clemenço*. As sílabas com *onsets* complexos incluem apenas sequências de oclusivas e fricativas lábio-dentais mais tepe e oclusiva mais lateral. Massini-Cagliari (2005b) nota que as restrições em relação às possibilidades de consoante no *onset* complexo são maiores do que as de *onset* simples. Comparando o sistema consonantal do PA ao do PB, em relação aos *onsets* complexos, podemos dizer, com base nos estudos, que esses não diferem muito. Como exemplo, tem-se as oclusivas bilabiais (*prazer*, *nembrar*); alveolares (*trobador*, *madre*), velares (*creer*, *grado*); e fricativas lábio-dentais (*fremosa*, *lavrar*).

na literatura especializada sobre o PA, podem ser encontradas referências à ocorrência de sequências de oclusivas e fricativas (lábio-dentais) mais lateral, na posição de onset. Ocorre, por exemplo, a palavra *flores*, na conhecida cantiga de D. Dinis (CBN 568) “*Ai flores, ai flores do verde pino*”. No Glossário de Michaëlis de Vasconcelos (1920: 68), estão arroladas as formas *pleito* (*pleyto*: cantiga 269 da edição de 1904; CA, p. 226) e *plazer* (sem abonação), com a classificação de “castelhanismo”. (MASSINI-CAGLIARI, 2005b, p.185)

A partir das observações de Maia (1986) e Mattos e Silva (1989), Massini-Cagliari (2005b) diz que essas formas com sequências C+l estariam aparecendo com maior frequência nas CSM do que nas cantigas profanas, dada a tendência mais latinizante do discurso religioso, que, embora composto em galego-português, referia-se

a um universo em que dominava o latim, língua oficial da Igreja. Neste sentido, não é de se admirar que, no conjunto das sete palavras do *corpus* de Massini-Cagliari (2005b) contendo *clusters* cuja segunda posição é preenchida por *l*, cinco se referem ao universo religioso.

Dos exemplos extraídos do *corpus* de Biagioni (2002), constatou-se que somente os segmentos /r/, /l/, /S/ e /N/ ocupam a posição de margem direita de sílaba em PA, ou seja, de coda, e essa é sempre simples. A respeito dos ditongos permitidos em PA, Massini-Cagliari (2005b) também faz a distinção entre ditongos verdadeiros e falsos e nos diz que os verdadeiros ditongos, os decrescentes, corresponderiam a duas posições no núcleo. No entanto, a proposta de Biagioni (2002) é contestada por Zucarelli (2002). Zucarelli (2002) defende para o PA a hipótese de o glide ocupar a posição de coda na planilha silábica e não a ramificação do núcleo, considerando o molde silábico proposto por Selkirk (1980) como inadequado para o estudo da língua em questão.

Os casos de *qu-* e *gu-* são vistos por Biagioni (2002) como representantes de um único som, tratando-se de um dígrafo, que ocupa apenas uma posição no *onset*. Biagioni (2002), a partir de seus argumentos, conclui que esses se comportam como consoantes labializadas. Ao final de sua análise, há 14 tipos de sílabas fonológicas possíveis em PA:

Quadro 3 - Molde silábico do Português Arcaico.

V	V	a mi go
VC	VC	ve er
CV	CV	cã ta vã
CVC	CVC	a ues
CCV	CCV	fre mo las
CVV	CVV	Mha
CCVC	CCVC	en trar
VV	VV	Eu
CVV	CVV	Foi
CCVV	CCVV	prey to
CVVC	CVVC	Mais
VN	VN	uy ã (viam)
CVN	CVN	mã deu
CCVN	CCVN	Grã

Fonte: Adaptado de Biagioni (2002).

De acordo com o estudo de Biagioni (2002), é possível inferir que o PA aceita tanto *onsets* simples, vazios ou complexos. Entretanto, esses últimos são bastante restritos. O núcleo da sílaba em PA é sempre vocálico, podendo ser simples ou ramificado, quando há um ditongo. Há sílabas constituídas apenas por um núcleo vocálico simples (V) ou por um ramificado (VV). Ditongos são encontrados em PA,

tanto crescentes quanto decrescentes. Em ambos os casos os *templates* silábicos propostos por Biagioni (2002) consideram um núcleo ramificado. Já para Zucarelli (2002), há uma diferença no *template* dos ditongos quando crescente e decrescentes. Os ditongos decrescentes seriam acomodados no núcleo e na coda da sílaba. Os ditongos crescentes são, no ponto de vista de Zucarelli (2002), hiatos na forma de base. As sequências *que* e *gue* formam ditongos apenas no nível fonético e, no nível fonológico, são interpretadas como consoantes labializadas para o PA.

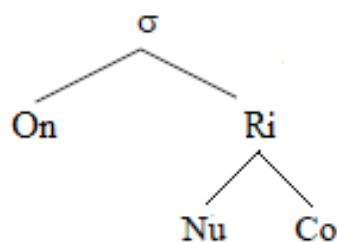
Em relação à coda das sílabas, foi constatado por Biagioni (2002) que o PA apresenta certas restrições em relação a essa posição, além de não admitir codas complexas. A coda no PA seria composta somente de uma consoante e, segundo Zucarelli (2002), não é qualquer consoante que poderia constituir uma coda simples, apenas /r/, /l/, /S/ e /N/.

Os estudos de Biagioni (2002) e de Zucarelli (2002), em um primeiro momento, diferem somente na consideração da posição da semivogal no *template* silábico: núcleo ramificado ou semivogal na coda? No entanto, entendemos que essa diferença não pode ser desconsiderada ou vista como irrelevante. A diferença de posicionamento na constituição da coda no PA, gerada pela consideração da posição da semivogal no molde silábico, decorre das restrições impostas pela língua para a formação de sua sílaba, podendo ter consequências (ou não) para processos fonológicos (não necessariamente os de sândi vocálico externo) e para os parâmetros da língua em PA. Faz-se necessário um estudo mais apurado a respeito da coda do PA, portanto.

Outra questão pertinente seria entender o porquê de não ser possível encontrar codas complexas de dois segmentos consonantais em PA como encontramos hoje no português (por exemplo, a coda *rs* da palavra “pers.pec.tiva” não seria encontrada na língua), fato que nos leva a indagar em que momento da língua começaríamos a encontrar esse tipo de coda e qual seria a motivação.

Percebemos que, com base na literatura exposta, a sílaba desempenha um papel importante nos processos fonológicos de uma língua e pode ser tomada, em relação às unidades de sua duração, de diferentes formas. A estrutura e a organização da sílaba nos permitem compreender a forma que as palavras assumem e, principalmente, perceber que as palavras da língua organizam-se de acordo com certos princípios. Para o presente trabalho, adotamos a representação da sílaba estruturada hierarquicamente em constituintes, como mostrada no exemplo (17), a saber:

(17)



De modo geral, no português, a sílaba tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque (*onset*) e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória; a rima também tem estrutura binária: núcleo e coda. O núcleo, em geral, sempre é uma vogal e a coda é uma soante ou /S/. Para finalizar, o ataque compreende no máximo dois segmentos. A estes constituintes aplicam-se restrições fonotáticas concernentes à estrutura da sílaba, que são um dos argumentos a favor da importância da sílaba para a fonologia.

Em conclusão, consideramos que a sílaba é uma “estrutura basilar” (BISOL, 1999, p.701) com uma hierarquia e organização próprias, regida por processos fonológicos, organizada em termos de sonoridade e perceptível pelos falantes.

3.2 A relação entre sílaba e acento

Neste estudo, o modelo teórico de fonologia métrica seguido é de Hayes (1995). Utilizando as concepções de estruturas hierarquizadas da fonologia não linear, a Fonologia Métrica permite que se obtenha uma representação mais adequada da relação de proeminência entre as sílabas e que se depreendam os padrões de acento que podem ser encontrados nas línguas. De acordo com Hayes (1995), a fonologia métrica é a teoria do acento e da proeminência linguística. O aspecto inovador dessa teoria consiste na consideração de que a proeminência de uma unidade é definida em relação a outras unidades em um mesmo enunciado. Por exemplo, na pronúncia mais comum da frase *Eu quero café*, a sílaba *fé* é a sílaba mais forte ou mais acentuada na frase, mas a sílaba *ca*, embora não seja tão acentuada quanto esta, o é mais em relação a *ro* da palavra *quero*.

Na fonologia métrica, o acento é definido como propriedade da sílaba, não inerente à vogal – fato que permite um tratamento mais flexível de padrões acentuais em diferentes línguas e diferentes contextos prosódicos.

De acordo com Massini-Cagliari (1999a, p.75), a fonologia métrica – criada por Liberman e Prince, no final da década de 70 – se desenvolveu em várias direções. Segundo a Massini-Cagliari (1999a), a versão *standard* da teoria teve a sua elaboração na tese de Hayes (1980) e publicada como livro em 1985. Seguiu-se a esse trabalho a polêmica da representação formal só árvore/só grade. O defensor da posição só grade é Prince (1983), cujo trabalho propõe o abandono das representações arbóreas, uma vez que, para o autor, as grades seriam mais representativas dos fenômenos rítmicos, explicando melhor a ocorrência de fenômenos, chamados, por ele, de regras rítmicas. Do outro lado, há defensores das representações arbóreas, principalmente Selkirk (1980). O trabalho de Selkirk (1980, 1984a) foi o embrião de uma nova teoria fonológica – o modelo prosódico, que também tem como teorizadoras Nespor e Vogel (2007[1986]).

No terceiro momento no desenvolvimento da teoria métrica são considerados os trabalhos de Halle e Vergnaud (1987), Goldsmith (1990), Visch (1990), Haraguchi (1991) e, o seguido por nós, Hayes (1995). A respeito desse terceiro momento, Massini-Cagliari (1999a, p.75) diz:

Esses pesquisadores reúnem as evidências dos defensores dos dois lados da polêmica [...], tanto a favor das representações em grade, como a favor das representações arbóreas rotuladas, e, ao mesmo tempo, mostram que a consideração de constituintes hierarquizados é necessária a qualquer abordagem do acento – visão que compartilham com a teoria métrica padrão.

Os autores reúnem as vantagens dos dois tipos de representação em uma única: a representação através de grades parentetizadas. Segundo Massini-Cagliari (1999a, p.75), o mais importante, nesse momento da teoria, não é a representação em si, mas sim a sustentação de uma teoria de princípios e parâmetros, com maior poder explicativo e de cunho muito mais globalizante. Passemos para a visualização formal das propostas.

As relações de proeminência entre as sílabas são definidas por ramificações binárias que podem ser ilustradas em árvore cujos ramos de um nó são rotulados como fortes (dominantes) ou fracos (recessivos), levando em consideração sua relação com o outro – (18).

árvore ou na grade métrica em que o enunciado aparece. Para finalizar as representações, trazemos a grade parentetizada – (21):

(21)

(x)	frase fonológica		
(x)	palavra fonológica		
(x	.)	(x	.)	(x	.)	pé
x	x	x	x	x	x	silaba
u	ni	ver	si	da	de	

As grades parentetizadas, a exemplo de Hayes (1995), são de base binária. São quatro (semi-independentes) opções que são assumidas para determinar os padrões acentuais que existem nas línguas naturais, de acordo com o autor:

- 1) pé da cabeça (domínio) à direita *versus* pé da cabeça à esquerda;
- 2) recursividade limitada *versus* recursividade ilimitada;
- 3) atribuição do acento: feita da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda;
- 4) sensibilidade ou não ao peso silábico.

Hayes (1995, p.62) fundamenta a proposta de um inventário de pés métricos altamente restritivo e empiricamente suficiente. Para o autor, o acento é decorrência do ritmo, o que implica um modelo também fundamentalmente rítmico. No entanto, adverte que o sistema rítmico do acento não tem a rigidez dos sistemas rítmicos musicais; isso se deve ao fato de o acento ter outras funções não só rítmicas, como fonológicas, morfológicas ou sintáticas. Logo, o inventário de pés tem uma motivação rítmica – *iambic/trochaic law* [em português, lei iâmbico-trocaica] –, uma motivação externa e, também, uma motivação fonológica. Os pés métricos são o mais baixo constituinte métrico e sua denominação advém da métrica latina: pé troqueu (cabeça à esquerda) e pé iambo (cabeça à direita) (MASSINI-CAGLIARI, 1999b).

De acordo com Hayes (1995), uma das ideias seminais na teoria métrica consiste em expressar regras de acento de maneira indireta, ou seja, não acentuando uma sílaba em particular. A alternativa é indicar as possíveis estruturas de constituintes métricos, das unidades mínimas parentetizadas da teoria métrica, os chamados pés.

Hayes (1995) formula um conjunto de parâmetros para a construção do pé, unidade básica na fonologia métrica,²² a saber:

(22)

Tipo de pé: troqueu (silábico ou moraico) ou iambo.

Parâmetro do Pé Degenerado²³: pés degenerados são permitidos ou não.

Direção de segmentação: da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita.

Regra Final: à esquerda ou à direita.

Segmentação dos pés: iterativamente ou não-iterativamente.

Modo de segmentação: acentuação persistente ou não-persistente.

Modo de construção da grade métrica: *bottom-up* (debaixo para cima) ou *top-down* (de cima para baixo).

Com relação à tipologia de pés, Hayes (1995) assume apenas pés binários e ilimitados. Segundo Hayes (1995), são três os tipos de pés, a saber: o troqueu silábico, o iambo e o troqueu moraico (ou mórico). O troqueu silábico é um pé (Σ) com duas sílabas, com proeminência inicial (ou cabeça²⁴ à esquerda) e que leva em consideração apenas as sílabas, sem atentar para a sua organização interna, ou seja, não faz distinção entre sílabas leves (rima não ramificada) e pesadas (rima ramificada). As línguas que optam pelo troqueu silábico são sistemas insensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda.

(23)

(pa.ra) Σ (fu.so) Σ

(x .) Σ (x .) Σ

²² Na poesia grega e latina, a métrica conta-se em função da quantidade das sílabas, consoante sejam breves ou longas. Ao conjunto de sílabas chama-se pé. Entre os mais divulgados contam-se o iambo, com uma sílaba breve seguida de uma longa (˘ -); o espondeu, com duas sílabas longas (- -); o dáctilo, com uma sílaba longa e duas breves (-˘˘). Dos diversos tipos de verso usados, destacam-se o hexâmetro, com seis pés, e o pentâmetro, com cinco pés. O hexâmetro classifica-se segundo o tipo do penúltimo pé: hexâmetro dáctílico com o quinto pé dáctilo e hexâmetro espondeico com o quinto pé espondeu. Na Idade Média, continuou a usar-se o pé como unidade métrica. Mas nessa época a noção de quantidade já não era aplicável às sílabas na generalidade das línguas. Assim, o pé passou a contar-se em função das sílabas tônicas. Tipos de pé: Troqueu – uma sílaba tônica e uma átona; Iambo – uma sílaba átona e uma tônica; Dáctilo – uma sílaba tônica e duas átonas; Anapesto – duas sílabas átonas e uma tônica (MASSINI-CAGLIARI, 1999b).

²³ Pés métricos não binários, de uma única sílaba acentuada, permitidos somente em posições fortes, ou seja, somente no mesmo lugar do acento lexical da palavra.

²⁴ O elemento cabeça possui um grau de acentuação maior do que os outros elementos dos constituintes.

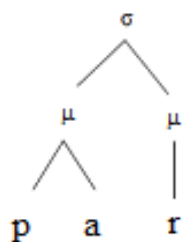
Todo iambo é sensível ao peso. É composto ou por 1) duas sílabas leves ou 2) uma sílaba leve e uma pesada. A proeminência, diferente do troqueu, recai sobre o elemento da direita. Logo, a língua que tem um padrão iâmbico contém predominantemente vocábulos oxítonos. Hayes (1995, p.64) traz como exemplos dois dialetos da língua *Muskogean*: o *Sminole* e o *Creek*. Ambos os dialetos são falados em Oklahoma, também sendo possível encontrar falantes de *Seminole* na Flórida. O exemplo abaixo (24) segue o padrão acentual iâmbico, exemplificado na palavra *cokó* (“casa”):

(24)

 $(cokó)_\Sigma$ $(. x)_\Sigma$

As unidades de contagem no troqueu moraico deixam de ser as sílabas e ficam sendo as moras (μ). Há a consideração da distinção entre sílabas leves e pesadas, ou seja, conta as moras de que as sílabas são constituídas. Hyman (1975) defende a ideia de que as sílabas consistem em unidades de peso nomeadas mora (μ). A μ tem como duração uma propriedade independente das outras propriedades do segmento. Uma sílaba pesada (rima ramificada) tem duas μ e uma sílaba leve, uma μ . Observe no exemplo abaixo, (25), que a consoante em início de sílabas (ataque/*onset*) não possui uma μ independente, pois, para o português, o ataque não contribui para o peso silábico. Já a consoante final (coda) em (25) é levada em consideração e constitui uma μ independente, logo mais uma μ na palavra. Vogais longas e ditongos são associados a duas μ – (26) e (27).

(25)



(26)



(27)



Segundo Collischonn (2005[1996], p.101), essa teoria faz uma predição interessante: “quando um segmento é apagado por uma regra fonológica, a sua duração pode permanecer intacta e ser reassociada a outro segmento adjacente”. Esse fenômeno é denominado alongamento compensatório.

Massini-Cagliari (1999a), baseada em Hayes (1995), ressalta que esse autor propõe que há a necessidade de se observar se a língua conta, com a finalidade de estabelecer o peso silábico, a quantidade de elementos no núcleo ou na rima – perspectiva diferente da trazida por Collischonn (2005[1996]), que afirma, como dissemos, que teorias métricas normalmente dispensam constituição.

Massini-Cagliari (1999a, p.90) nos explica que, como uma sílaba CV tem sempre um único elemento tanto no núcleo como na rima e uma CVV tem sempre dois, universalmente essas são consideradas bimoraicas e aquelas monomoraicas. Segundo a autora, é por este motivo que o peso silábico das sílabas CVC pode variar: as línguas que optam por contar apenas os elementos no núcleo consideram-na monomoraica e as que optam por contar os elementos da rima, bimoraica.

Duas sílabas leves, cada uma correspondendo a uma mora, formam um pé, com cabeça à esquerda; no segundo caso, uma sílaba pesada, correspondendo a duas moras, forma sozinha um pé. As línguas que optam pelo troqueu moraicó são sistemas sensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda, ou um único constituinte, no caso de sílabas pesadas.

Quadro 4 - Resumo dos tipos de pés

Tipo de Pé	Posição da cabeça	Representação
Iambo	Cabeça do pé à direita	(. x)
Troqueu	Cabeça do pé à esquerda	(x .)

Quadro 5 - Construção dos pés

Construção dos pés iterativa	Construção dos pés não iterativa
Até que toda palavra seja segmentada em pés	Até que um pé canônico tenha sido construído

O peso silábico desempenha um papel importante na atribuição do acento, pois, em muitas línguas, as sílabas pesadas atraem o acento. A constituição da sílaba é um fator determinante para o peso silábico. As teorias predizem que as sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento na rima; em outras palavras, possuem uma rima ramificada. As rimas constituídas somente por vogal são leves e as constituídas por vogal + consoante ou vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas. O ataque

(*onset*) pode ser ramificado ou não e, em Hayes (1995), não desempenharia nenhum papel para o peso da sílaba²⁵.

Para eliminar pés ternários, Hayes (1995) propõe a utilização do recurso da extrametricidade. A extrametricidade é um recurso utilizado para adequar a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição de acento que foi pensada por Liberman e Prince (1977). Uma regra de extrametricidade designa um constituinte prosódico específico como invisível para fins de aplicação da regra: as regras analisam a forma como se a entidade extramétrica não fizesse parte da palavra prosódica (HAYES, 1995, p.57).

Um elemento periférico, marcado por colchetes angulados, pode tornar-se temporariamente invisível para as regras de construção de constituintes, não exercendo papel na atribuição do acento. Introduzida por Liberman e Prince (1977) e também utilizada por Halle e Vergnaud (1987), a extrametricidade tem aplicação restringida na proposta de Hayes (1995) da seguinte forma:

(28)

Constituição: somente constituintes (segmento, mora, sílaba, pé, palavra fonológica) podem ser marcados como extramétricos.

Perifericidade: um constituinte pode ser extramétrico somente se estiver em uma borda designada (esquerda ou direita) do seu domínio.

Marcação de borda: a borda não-marcada para a extrametricidade é a borda direita.

Não-exaustividade: uma regra de extrametricidade é bloqueada se converter em extramétrico o domínio inteiro das regras de acento.

Além disso, Hayes (1995) observa que os constituintes que podem ser extramétricos devem ser segmentos, sílabas, pés, sufixos ou palavras; também ressalta que há preferência em elementos extramétricos à direita da palavra.²⁶

²⁵ Estudos desenvolvidos por Topintzi (2006, 2008 e 2010) argumentam que, em algumas línguas, podem ser encontrados indícios de o ataque atribuir peso silábico e favorecer ou impedir processos fonológicos. Segundo Topintzi (2010), há casos em que o acento é sensível à qualidade do *onset*.

²⁶ Com o objetivo de incorporar os elementos protegidos pela extrametricidade à estrutura métrica, Liberman e Prince (1977, p.294) propõem a *Adjunção de Elemento Perdido*: um elemento que não tenha sido contado para a regra de atribuição de acento deve ser contado como um membro metricamente fraco de um constituinte adjacente, respeitando os limites de palavra. Hayes (1995, p.109) argumenta contra essa solução, uma vez que a justificativa utilizada para a *Adjunção de Elemento Perdido* sob as teorias anteriores não se sustenta sob a teoria da grade parentetizada; a *Adjunção de Elemento Perdido* contrariaria a ideia de que a estruturação do pé influenciaria a fonologia segmental e outras áreas. A adoção de *Adjunção de Elemento Perdido* criaria todos os tipos de formas de pés não-canônicos em seu

De acordo com Massini-Cagliari (1999a) quando as sílabas são segmentadas em pés métricos, nem todas precisam ser consideradas em um primeiro momento.

Tais sílabas temporariamente excluídas para fins de regras acentuais [...], são chamadas de *extramétricas*. Esse procedimento – o de desconsiderar temporariamente certos constituintes prosódicos nas regras de atribuição de acento – tem função de simplificar as regras de acentuação de várias línguas sem ter que expandir o inventário de pés básicos. Além disso, a utilização de regras de extrametricidade permite eliminar diferenças de padrões acentuais entre classes diferentes de palavras. (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p.86)

Assim, entendemos, de acordo com Hayes (1995), que a extrametricidade designa um constituinte prosódico particular invisível para fins de criação das estruturas métricas; portanto, as regras de criação de pés e atribuição de acento agem como se esse elemento extramétrico não fizesse parte da palavra. Esse elemento deve ser tardiamente recuperado ou, então, se apagará.

No latim, o acento recai sobre a penúltima sílaba, se essa for pesada (29). Na antepenúltima, se a penúltima for leve (30). Dessa forma, a última sílaba não conta para a acentuação em latim, fato que é chamado de extrametricidade.

(29)

pe.'**per**.ci

(30)

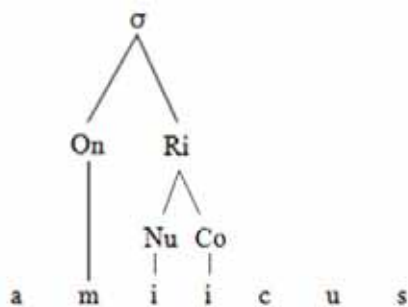
'in.te.ger

Outro fator importante consiste no fato de uma rima pesada ser constituída por vogal longa. Um dos problemas para esta definição era a representação de uma sílaba constituída por uma vogal longa, por exemplo, a sílaba *mi* em *amicus* (latim). Segundo Collischonn (2005[1996]), a primeira solução para esse problema remonta a McCarthy (1979), para quem os nós terminais da árvore silábica constituem elementos C [+cons, -voc] ou V [-cons, +voc], que representam as classes maiores, respectivamente, de consoante e vogal. Dessa forma, uma vogal longa pode ser representada como sequência de dois elementos V idênticos. Portanto, a rima ramifica-se, um elemento fica no núcleo

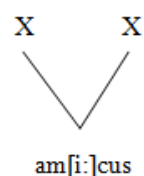
output e essa proposta enfraqueceria as predições da teoria, uma vez que expande o tamanho de constituintes métricos, aumentando o número de lugares possíveis para Mova X, que tem como função evitar choques de acento.

e o outro na coda, e é considerada, então, pesada – (31). Outra abordagem considera que os nós terminais da árvore silábica, que representam os segmentos, são completamente não-especificados e são representados pelo símbolo X – (32).

(31)



(32)

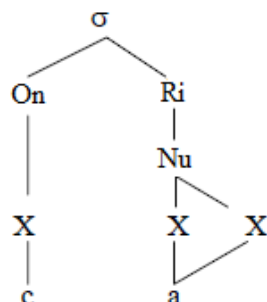


Esta proposta é defendida por Levin (1985) e o símbolo usado (X) é retirado da geometria de traços e representa as duas unidades de tempo que estão ligadas a um nó de raiz.

Hayes (1980) observa a distinção entre sílabas pesadas – constituída por vogal + consoante ou por vogal + vogal (formando ditongo ou vogal longa) – e leves – constituída por apenas uma vogal na rima. Segundo ele, essa distinção está presente nas regras de atribuição de acento e, no caso das línguas tonais, na atribuição de tom.

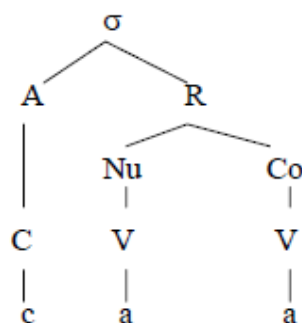
Outro fator ressaltado por Hayes (1995, p.52) é a caracterização de vogais longas. Uma solução apontada por ele é a caracterização do alongamento de vogal como núcleo ramificado *versus* núcleo não-ramificado dentro da teoria da constituição silábica, de acordo com a representação de Prince (1983) e Levin (1985), que usam uma camada X para representar o nível segmental, sendo assim um segmento longo, interpretado como um único traço complexo ligado a dois *slots* X – (33):

(33)



Segundo de McCarthy (1979), os nós terminais da árvore silábica são elementos C ou V. Considerando a vogal longa como uma sequência de duas vogais idênticas, a rima da sílaba com a vogal longa seria ramificada, como nas sílabas pesadas terminadas em consoante ou semivogal de ditongo – (34):

(34)



Temos, em (33), nós terminais de árvore silábica não-especificados, sendo que a vogal longa é caracterizada em um núcleo ramificado. Em (34), os nós terminais de árvore silábica são especificados em consoante da coda ou vogal. A vogal longa é distribuída na rima, que passa a ser ramificada.

Para Hayes (1995), o inventário com os três padrões de acento citados prediz de melhor forma os sistemas de acento das línguas naturais. Em conjunto, atuam outros parâmetros para uma completa descrição dos sistemas acentuais. Ressaltamos que, na seleção de um tipo de pé métrico como caracterizador de um determinado sistema, o tipo de constituinte, a borda de posicionamento da cabeça e a sensibilidade ao peso silábico são concomitantemente selecionados.

Um parâmetro que requer seleção separadamente é o de exaustividade de construção do pé métrico. A construção dos pés é parametrizada em formação iterativa ou não-iterativa. A Regra Final, que atribui a proeminência relativa entre os pés que formam a palavra, também é um parâmetro a ser fixado em direita ou esquerda, de acordo com a posição do acento de palavra na língua.

A formação de pés degenerados também tem marcação paramétrica; línguas proíbem pés degenerados em diferentes graus. A proibição forte não permite pés degenerados categoricamente, enquanto a proibição fraca permite a sua formação quando em posições fortes, ou seja, quando dominados por outra marca na grade.

Em síntese, o modelo de Hayes (1995) restringe a variedade de sistemas de acento a serem permitidos nas línguas naturais. Essa restrição não limita o poder explicativo do modelo, segundo o autor, mas contribui para uma análise mais eficaz e relacionada ao ritmo.

Assim, a fonologia métrica é uma teoria fonológica que consiste na consideração da organização de segmentos em grupos de relativa proeminência. Os segmentos são organizados em sílabas, sílabas em pés métricos, pés em palavras fonológicas e palavras em unidades maiores. O acento, dentro dessa perspectiva, não é mais considerado como uma propriedade de um segmento, mas como resultado de uma relação de proeminência entre as sílabas. Dessa forma, é fundamental estabelecer as estruturas possíveis dos constituintes métricos e a localização do acento a partir da segmentação das sílabas das palavras nesses constituintes, que são chamados pés. O acento, então, é decorrente da maneira de como as sílabas se organizam em pés métricos. O objetivo principal da teoria é determinar os tipos de pés possíveis nas línguas e no que esses podem colaborar para que as explicações sobre o acento sejam simples e satisfatórias, sempre buscando princípios gerais que estão por trás das línguas particulares, dentro das especificidades de cada uma. Assim, a sílaba tem uma importância fundamental para a atribuição do acento, nessa perspectiva.

Segundo Massini-Cagliari (2005a, p.60), estudos filológicos e trabalhos em fonologia mostraram que o acento, como contexto de força, resiste mais fortemente a mudanças: “sendo sua localização, até os dias de hoje, o ponto de aproximação do ritmo, por um lado, entre o latim e o português, e, por outro, entre Português Europeu e Português Brasileiro” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.60).

Pereira (2007) observa que certas características foram mantidas no processo evolutivo da língua.

o português confina a localização do acento às três últimas sílabas da palavra, tal como o latim, o que é dado formalmente por idênticas especificações paramétricas [...]. Por outro lado, latim e português partilham uma outra característica fundamental: as relações de proeminência dentro do pé métrico. Nas duas línguas, o pé básico é o troqueu, de predominância à esquerda, quantitativo em latim (troqueu moraico), não-quantitativo em português (troqueu silábico). Ao nível dos princípios, é nisto que assenta o parentesco. (PEREIRA, 2007, p.84)

Massini-Cagliari (2005a) conclui que o PA é o ponto medial entre esses extremos temporais, sendo importante um estudo sobre a prosódia daquela época, uma

vez que na vasta bibliografia desenvolvida sobre o PA, do século XIX até meados do século XX, são raras as afirmações sobre a prosódia dessa época.

Os poucos autores que trataram desse assunto concordavam, quanto à localização do acento, que o PA possuía uma grande quantidade de palavras paroxítonas e oxítonas, mas discordaram quanto à existência de proparoxítonas. Massini-Cagliari (2007b) ressalta que os autores que trataram de *corpora* fechados, como Nunes (1973), principalmente compostos de textos poéticos, só puderam encontrar paroxítonos e oxítonos. Ainda segundo Massini-Cagliari (2005a), outros estudiosos – Michaëlis de Vasconcelos (1946-13, p.62), Teyssier (1987, p.24) – admitem a existência de proparoxítonos, porém esses autores partem de afirmações mais generalizantes e essa existência de proparoxítonos é rara.

Em relação às alterações de posicionamento do acento do latim ao PA, alguns estudiosos chamam atenção para a tendência de transformação de proparoxítonas latinas em paroxítonas (VASCONCELOS, 1959). Essa tendência de evitar proparoxítonos no PA, segundo Massini-Cagliari (1995 e 1999a), também é apontada por Nunes (1969) e Bueno (1955).

Massini-Cagliari (2007b) ressalta que, por ser a rima em poesia metrificada a posição mais proeminente do verso, é necessário que se observe todas as palavras que ocorrem nessa posição no conjunto de cantigas analisadas,²⁷ com o intuito de mapear todos os padrões ocorrentes.

Sendo a posição de rima o foco prosódico por excelência do verso, e sendo que os versos são construídos *a partir* (e jamais *ao contrário*) do ritmo linguístico do idioma que lhes dá suporte, é a investigação do aproveitamento estilístico das terminações graves e agudas (e nunca esdrúxulas) nessa posição de destaque que revela a tendência rítmica do PA. (MASSINI-CAGLIARI, 2007b, p.89)

A posição de rima em versos metrificados, segundo Massini-Cagliari (2007b), constitui a posição ótima para a observação dos padrões de acento lexical, em um período da língua para o qual não sobreviveram registros orais. A partir dessa observação, Massini-Cagliari (2007b) pôde notar uma alternância entre versos graves e agudos e a coexistência de duas estratégias opostas de versificação quanto às sílabas

²⁷ Massini-Cagliari (2007b) tem como *corpora* 1.233 cantigas medievais galego-portuguesas profanas e religiosas: 310 cantigas de amor contidas no *Cancioneiro de Ajuda* (MICHAELIS DE VASCONCELOS, 1990[1904]), todas as 503 cantigas de amigo contidas no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (NUNES, 1973) e todas as 420 *Cantigas de Santa Maria* (segundo Parkinson, 1998a).

átonas de final de verso. Esse fato foi considerado muito relevante, pois fornece pistas na direção do estabelecimento do padrão rítmico básico do PA, isto é, do pé rítmico que serve de base à localização do acento lexical.

Nas cantigas religiosas (*CSM*), houve um leve predomínio de versos graves, o que, em termos de pé rítmico básico, combina mais com o padrão trocaico. Massini-Cagliari (1995) observou que o *troqueu moraico* constitui o pé básico do PA nas cantigas profanas, pois a maior parte das palavras encontradas em sua pesquisa é paroxítona e a pauta paroxítona indica o padrão trocaico canônico, que segundo Massini-Cagliari (1995), gera preferencialmente pés compostos de duas sílabas breves.

A prova dessa consideração é atribuída ao fato de que não é necessária a construção de mais do que um único pé, da direita para a esquerda, para que a proeminência principal, no nível da palavra, seja localizada em PA. Logo, a direcionalidade do pé acontece da direita para a esquerda e o fato de não terem sido encontrados proparoxítonos em posição de rima comprova que o padrão canônico do PA é trocaico, uma vez que uma janela de apenas duas sílabas para a atribuição do acento em PA é o que se manifesta nesta posição de relevo prosódico.

Por meio de análises de palavras de seu *corpus*, Costa (2006) pôde provar que o PA das *CSM* também é sensível à quantidade silábica na construção dos pés. Assim como nas cantigas profanas (MASSINI-CAGLIARI, 1995, 1999a), os parâmetros que regem a atribuição do acento no PA são exatamente iguais para as *CSM*.

Massini-Cagliari (2007b, p.94) afirma que os padrões mais recorrentes de acento lexical no PA registrados nas cantigas profanas e religiosas, considerados canônicos, são:

- a) as paroxítonas terminadas em sílaba leve (sílabas abertas): *amigo, religiosa, lume*, etc.;
- b) as oxítonas terminadas em sílaba pesada (sílabas bimoraicas, travadas por consoante ou contendo um ditongo decrescente no núcleo): *amor, prazer, virgeu, pastor*, etc.;
- c) as paroxítonas terminadas em sílabas leve precedida por uma sílaba pesada (padrão que inclui tanto as sílabas travadas por consoante como as sílabas contendo um ditongo crescente): *alto, alva, semellança, grande, quebranto*, etc.;
- d) as paroxítonas terminadas em sílaba leve precedida por consoante nasal ou lateral palatal: *maravilla, batalla, consello, agulla, Reinna, fremosinha*, etc.;

e) as palavras terminadas em hiato formado por vogal nasalizada seguida de vogal oral: *irmãa, louçãa, mão, pagão, romão*, etc.

O padrão acentual excepcional é o das proparoxítonas, segundo Massini-Cagliari (2007b, p.97), no *corpus* das cantigas profanas e nos glossários que dão conta desse tipo de cantigas, a ocorrência de proparoxítonas é bastante marginal. No *corpus* das cantigas religiosas e nos glossários das *CSM* as proparoxítonas – *prologo, angeo, espírito, dicipolo*, etc. – são um pouco menos raras, embora seja esse padrão ainda bastante excepcional. No entanto, e mais importante, esse tipo de pauta acentual jamais ocorre na posição rítmica mais importante do verso: a posição de rima. Mesmo nas cantigas religiosas, esse padrão ocorre apenas em posição medial de verso.

Com relação aos verbos, Massini-Cagliari (2007b, p.98) observa que os padrões mapeados são os mesmos já encontrados para os nomes e os demais itens lexicais não-verbais. Portanto, a maior parte segue o padrão canônico de paroxítonos terminados em sílaba leve.

O pé básico que gera o padrão de acento lexical do PA é o troqueu moraico, fato que é confirmado pela maior recorrência de palavras paroxítonas, principalmente paroxítonas terminadas em duas sílabas abertas (tabelas 3.1 e 3.5 de COSTA, 2006). Massini-Cagliari (2005a) conclui que os versos analisados em seu estudo, provenientes do *corpus* de cantigas profanas e religiosas, são compostos a partir de um ritmo linguístico básico trocaico.

3.3 Fonologia prosódica

*Prosodic Phonology is a theory of the organization of an utterance into hierarchically organized phonological units.*²⁸

Nespor (1990, p.375).

O modelo teórico de fonologia prosódica aqui seguido é o de Nespor e Vogel (1986). Segundo as autoras, a fonologia prosódica é uma teoria da estrutura fonológica e sua relação com a sintaxe. Nespor e Vogel (1986) observam que, na gramática gerativista desenvolvida por Chomsky e Halle (1968), as regras fonológicas eram cegas para a estrutura sintática e os componentes sintáticos e fonológicos eram independentes.

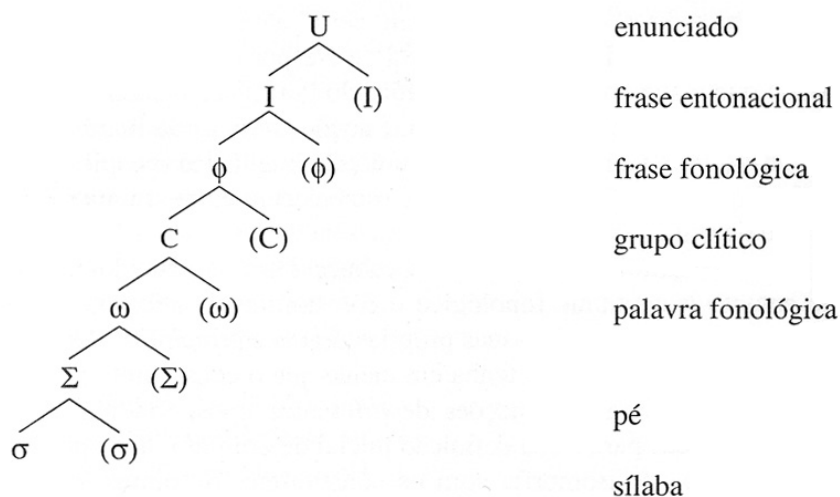
²⁸ “A fonologia prosódica é uma teoria da organização de um enunciado em unidades fonológicas organizadas hierarquicamente.” (NESPOR, 1990, p.375, tradução nossa)

O acento era considerado um traço específico de um segmento sem relação com unidades maiores.

Lieberman (1975) e Liberman e Prince (1977), por meio da teoria métrica, demonstraram que o acento não era um traço segmental, mas um reflexo de uma estrutura hierárquica que organizava as sílabas, as palavras e as frases sintáticas. Como vimos na seção acima, nessa perspectiva, os constituintes têm uma relação de proeminência relativa, sendo sempre um *s* e um *w*. Em 1981, Selkirk formulou regras explícitas para a construção de categorias fonológicas acima do nível da palavra. O fluxo da fala é organizado de maneira hierárquica dentro de domínios prosódicos. Para identificar esta hierarquia prosódica é necessário observar as operações de regras fonológicas e em que domínios esses são aplicados ou bloqueados.

Para Nespor e Vogel (2007[1986]), a estrutura prosódica é determinada, parcialmente, pela estrutura sintática. Algumas vezes ambas não coincidem, em outras, coincidem. Dessa forma, nem sempre a sintaxe corresponde à estrutura prosódica. Os constituintes prosódicos, nessa perspectiva, postos hierarquicamente, encontram-se da seguinte forma (35)²⁹:

(35)



Nespor e Vogel (2007[1986], p.11) estabelecem essas sete unidades da hierarquia prosódica em uma escala de domínios fonológicos crescente, do menor

²⁹ Onde se lê frase, pode ser lido, também, sintagma. Logo: frase entonacional ou sintagma entonacional (I), frase fonológica ou sintagma fonológico (ϕ).

constituente prosódico ao maior, os quais constituem os domínios de aplicação das regras fonológicas. A relação entre a estrutura sintática e a prosódica é dada por um mapeamento sintático-fonológico que fornece uma representação prosódica que, posteriormente, pertence a um dos níveis da hierarquia dos constituintes prosódicos.

Segundo Nespor e Vogel (2007[1986], p.108), a palavra fonológica é o constituinte acima do pé e representa a interação entre morfologia e fonologia. De acordo com a *Strict Layer Hypothesis*, em que se fundamenta essa escala, cada constituinte prosódica é a unidade composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior. Nessa perspectiva, a menor unidade é a sílaba, a qual combina segmentos em torno de um pico de sonoridade, como vimos. As sílabas (36a) se agrupam para formar pés (36b), o pé ou os pés métricos vão constituir a palavra fonológica (36c), que se combina com um clítico para formar o grupo clítico (36d) e assim sucessivamente até chegar à unidade máxima, o enunciado.

(36)

a. bor.bo.le.ta → sílaba

b. (x .) (x .) → pé

c. (x) → acento

d. (a borboleta)_C

A primeira linha mostra a divisão da palavra em sílabas, a segunda indica com x o elemento forte e na terceira, o x indica o acento da palavra. Cada unidade prosódica, por sua vez, é um constituinte imediato que, por definição, expressa uma relação de dominância em termos de forte/fraco. Na sílaba, o forte é o membro de maior sonoridade – a rima – e o fraco é o ataque (ou *onset*). No pé, apenas uma sílaba é forte. Na palavra, apenas a sílaba com acento projetado pelo pé métrico é forte e as sílabas não acentuadas são fracas. Consideremos o exemplo (37), a palavra *amigo*. Essa palavra contém três sílabas: *a.mi.go*; uma delas – em comparação às outras duas – é pronunciada mais fortemente, ou seja, contém uma força expiratória maior, logo, essa é acentuada – *mi*. A sílaba anterior à acentuada é chamada de pretônica, podendo ser mais de uma. A sílaba posterior é a postônica, podendo ocorrer no máximo duas em português. Ambas – sílabas pretônicas e postônicas – constituem sílabas átonas e a sílaba acentuada constitui uma sílaba tônica.

(37)

$[a_{\sigma}$	mi $_{\sigma}$	$go_{\sigma}]_{\omega}$
sílaba	sílaba	sílaba
pretônica	tônica	postônica

Como o intuito do nosso estudo são as resoluções dos encontros de vogais em juntura vocabular (processos de sândi, hiatos ou algum outro processo ainda não nomeado pela literatura especializada que porventura possa ser mapeado), os níveis prosódicos privilegiados são, em um primeiro momento, a sílaba (σ), a palavra fonológica (ω) e a frase fonológica ou sintagma fonológico (ϕ) – (38). Posteriormente, trataremos de possíveis bloqueios das resoluções de sândi e passaremos a analisar as frases entonacionais (I).

(38)

$$[[[um_{\sigma} bo_{\sigma} ni_{\sigma} to_{\sigma}]_{\omega}]_C [[a_{\sigma} mi_{\sigma} go_{\sigma}]_{\omega}]_C]_{\phi}$$

Os motivos pelos quais consideramos esses três domínios em detrimento dos outros consistem em: i) o mapeamento fonologia-sintaxe é necessário para os encontros no pós-léxico, uma vez que partem do nível da palavra fonológica; ii) a frase fonológica é o domínio relevante para a resolução dos encontros vocálicos em juntura de palavras, uma vez que é o domínio seguinte superior ao da palavra; iii) veremos adiante que é pertinente considerar a frase entoacional como bloqueador dos processos em sândi em PA.

Ressaltamos que Nespor e Vogel (2007[1986]) consideram cabeças lexicais de ϕ apenas nomes (N), verbos (V) e adjetivos (A). Assim, se esses constituintes se encontrarem em um enunciado, serão ϕ autônomas, do ponto de vista da Teoria Prosódica aqui apresentada. No caso do PA e do PB, por serem fases históricas de uma língua românica, os A que complementam os N estão no seu lado direito, na posição não marcada.

(39)

PA: Reynna groriosa (CSM 67, verso 4)

PB: menina ^{nome} bonita ^{adjetivo}

Em uma sequência de N seguido de A, cada um deles será uma ϕ :

(40)

PA: [reynna] ϕ [groriosa] ϕ (CSM 67, verso 4)

PB: [menina] ϕ [bonita] ϕ

No entanto, lembramos que o N, que constitui uma ϕ , incorpora até sua máxima projeção o constituinte que estiver em seu lado não recursivo, no caso do PA e PB, o que estiver em seu lado esquerdo. Portanto, frases que apresentam A seguido de N – ordem marcada – constituirão uma só ϕ :

(41)

PA: [Santa Maria] ϕ (CSM 67, verso 7)

PB: [bonita menina] ϕ

Enquanto, como vimos, N seguidos de A constituem duas ϕ . Nespor e Vogel (2007[1986], p.196) mostram que, nas línguas românicas, os adjetivos que são complemento dos nomes se posicionam à direita, considerando uma estrutura não marcada. Todavia, os adjetivos podem ser posicionados, em alguns casos, do lado esquerdo. À esquerda, os adjetivos pertencem ao ϕ cuja cabeça é um nome. Em outras palavras, as principais categorias sintáticas contam como cabeças para efeitos de prosódia apenas quando essas estão na posição não marcada.

Outro fator que podemos ressaltar nessa passagem consiste na relevância do grupo clítico³⁰ para informações sintáticas. Além da incorporação de um constituinte em seu lado não recursivo, a ϕ pode ser reestruturada, incorporando o primeiro complemento ou modificador em seu lado recursivo, desde que este não seja ramificado. A formulação feita por Nespor e Vogel (2007[1986], p.173), para nosso trabalho, é de

³⁰ Segundo Bisol (2004), uma das questões mais discutidas nos estudos de prosódia é o estatuto do grupo constituído de uma palavra com acento e outra ou outras sem acento que estão prosodicamente relacionadas. Para Nespor e Vogel (1986), o grupo clítico é o domínio prosódico subsequente à palavra fonológica. Para outros fonólogos (SELKIRK, 1984a; PEPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2003), esse domínio não se sustenta. Segundo Bisol (2004), a prosodização do clítico em PB poderia acontecer: 1) no nível da palavra, o que corresponderia à visão de Mattoso Câmara (1973 [1970]), ou 2) no nível subsequente da escala prosódica, seguindo a proposta de Nespor e Vogel (2007 [1986]), ou, ainda, 3) no nível da frase. Logo, essa é uma questão em aberto que motiva trabalhos relativos ao estudo dos clíticos em PB.

extrema importância, uma vez que, a partir da investigação da aplicação da regra de reestruturação (42), poderemos observar o comportamento da ocorrência ou o bloqueio dos processos de sândi vocálico externo no PA.

(42)

Reestruturação de ϕ (opcional)

Junte a ϕ que contém X um ϕ não ramificado que é o primeiro complemento de X no seu lado recursivo.

Abaixo segue o exemplo de aplicação da regra de reestruturação retirado de Nespor (1993, p.204):

(43)

a) *Se non c'è altro, [mangerò [p:]anini] ϕ*

(Se não tem outra coisa, comerei sanduíche)

b) *Se non c'è altro, [mangerò] ϕ [[p]anini col salame] ϕ*

(Se não tem outra coisa, comerei sanduíche com salame)

Em (43b), a reestruturação não ocorre, pois o constituinte [panini] é ramificado. Consequentemente, a regra de *Raddoppiamento Sintattico* (RS) [Reduplicação Sintática] não se aplica, pois é uma regra cujo domínio é a frase fonológica. Nespor (1987) examina as regras de degeminação do grego e do italiano³¹, sensíveis à velocidade da fala, para comprovar que elas não têm apenas motivação fonética, mas também são sensíveis à organização em constituintes. A autora observa que a degeminação em grego ocorre entre palavras e com restrições dentro de palavras, concluindo que a degeminação não é ativada simplesmente pela fonética. São apresentadas duas perguntas a respeito da questão rítmica: 1ª) pode um núcleo de sílaba ser deletado? e 2ª) existem restrições para possíveis modificações do padrão rítmico de uma sequência?

Para Nespor (1987, p.73-74), a degeminação da vogal em italiano pode aplicar-se em qualquer lugar em uma sentença, mas dentro de palavras a regra não se aplica

³¹ Limitamo-nos a trazer os aspetos ressaltados pela autora para o italiano sem nos deter nas comparações postuladas, uma vez que não se trata do foco de nosso trabalho uma comparação com a língua grega.

regularmente. A autora salienta dois domínios de aplicação e um de restrição da degeminação em italiano, considerando o contexto de duas vogais adjacentes (V_1 e V_2):

- I. a degeminação se aplica se V_1 portar acento primário – (44a);
- II. a degeminação não se aplica se V_2 portar acento primário – (44b);
- III. a degeminação é aplicada quando V_2 acentuada pertencer a uma palavra funcional – (44c).

(44)

- a. *Se dopo tutto sbaglierá ancóra io mi arrendo (sbaglieráncorá)*
[Se ainda errar depois de tudo, eu me rendo]
- b. *Piantamo ólmi e cipressi tutt'intorno alla casa (*piántanólmi)*
[Plantamos olmos e ciprestes todos ao redor da casa]
- c. *Ruberá ánche questo se lo vede. (ruberánche)*
[Roubará também isto, se o vir]

Portanto, a primeira distinção a ser feita é a aplicação da degeminação quando as sequências vocálicas pertecerem a palavras não funcionais ou a palavras funcionais. A V_2 de palavras funcionais, tanto acentuadas, como não acentuadas, pode ser apagada (44c). Já, com palavras não funcionais o acento de V_2 , haverá uma restrição para a aplicação da degeminação (44b), mas o acento de V_1 não bloqueará o processo (44a).

Quanto à questão das restrições na modificação do padrão rítmico, a autora entende que, no italiano, a degeminação pode ser aplicada mesmo que o núcleo silábico apagado resulte na criação de duas sílabas adjacentes contendo o acento primário (45a e 45b).

A autora ressalta que o resultado desse encontro não pode ser considerado como uma estrutura de superfície, uma vez que o choque acentual não é tolerado em italiano e, provalmente, em outras línguas também não. Dessa forma, é necessário um rearranjo na sequência rítmica com o intuito de uma estrutura de superfície bem formada.

Na variedade do italiano estudada, a solução é a aplicação da regra denominada *Stress Retraction* (SR) [Retração Acentual], (45a e 45b). Essa regra se aplica para eliminar o encontro acentual, movendo o primeiro acento, da sequência de dois acentos, para a sílaba anterior (à esquerda) da palavra em uma sequência de palavras adjacentes

pertencentes a uma ϕ (pré-requisito de aplicação). Logo, a regra de SR não é uma regra de fala rápida; SR não considera quão rápida a taxa de elocução pode ser, mas sim o domínio prosódico:

(45)

a. *pianterà arbusti* → (VD) *pianteràbústi* → (SR) *piánterarbústi*

[plantará arbustos]

b. *stará atténto* → (VD) *starátténto* → (SR) *stáratténto*

[estará atento]

(NESPOR, 1987, p.74)

A ϕ é o nível da hierarquia prosódica constituído de um X (cabeça lexical – um N, ou um V ou um A) que incorpora outra palavra fonológica ou grupo clítico no seu lado não recursivo. Exemplo em PB:

(46)

[Maria] $_{\phi}$ [e Inácio] $_{\phi}$ [formam] $_{\phi}$ [um bonito casal] $_{\phi}$.

O cabeça lexical que estiver no lado recursivo, no caso do italiano e também do português, à direita, será outra frase fonológica. Exemplo em PB:

(47)

[Maria] $_{\phi}$ [e Inácio] $_{\phi}$ [formam] $_{\phi}$ [um casal] $_{\phi}$ [bonito] $_{\phi}$.

Os domínios para aplicação das regras são regulados por quatro princípios que definem os constituintes da escala prosódica. A constituição das duas primeiras regras de Nespor e Vogel (2007[1986], p.08) são baseadas na regra *Strict Layer Hypothesis*, de Selkirk (1984a), que determina que um constituinte não pode pertencer a dois constituintes de ordem superior (uma sílaba não poderia pertencer a dois pés); o terceiro prevê estruturas n-árias, em contraste com propostas anteriores, que admitiam apenas estruturas binárias, e o quarto simplifica a atribuição do acento, uma vez que define apenas um nó forte dentro de um constituinte. Todos os constituintes estão submetidos

aos mesmos princípios, a regra de Construção de Constituinte Prosódico define sua construção:

(48)

Construção de constituinte prosódico

Junte em uma construção n-ária X_p todos os X_{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de X_p .

Com relação a ω , adotamos a definição e as condições de boa formação de Vigário (2003), feita com base no PE:

(49)

Condições de boa formação no domínio palavra prosódica

- Uma palavra prosódica mínima tem um e somente um acento primário.
- Uma palavra prosódica máxima tem um e somente um elemento de destaque.
- Uma unidade que carrega o acento deve ser incluída dentro de uma palavra prosódica mínima.

(50)

Palavra prosódica máxima: uma palavra prosódica que é imediatamente dominada pelo nível prosódico imediatamente superior (isto é, a frase fonológica).

Palavra prosódica mínima: uma palavra prosódica que imediatamente domina o próximo nível prosódico inferior (isto é, o pé).

Adotamos essa perspectiva para ω , pois é possível afirmar que são adequadas também para o PB. De acordo com Schwindt (2000, 2001), a ω em PB só pode comportar um elemento proeminente e, portanto, não possuirá mais do que um acento primário, o que vai ao encontro das condições de boa formação de palavra fonológica e da definição de palavra fonológica mínima propostas por Vigário (2003).

Os dois modelos teóricos seguidos – fonologia métrica e fonologia prosódica – contribuíram para a compreensão de que existe uma relação entre sintaxe e fonologia,

uma vez que passaram a considerar uma estrutura prosódica de base sintática, sendo a fonologia métrica, de Hayes (1980 e 1995), uma teoria do acento e da proeminência linguística, e a fonologia prosódica, de Nespor e Vogel (2007[1986]), uma teoria da organização do enunciado em hierarquias de unidades fonológicas.

3.4 A palavra fonológica

Para algumas áreas da linguística existe uma maneira específica de delimitar o que seria uma palavra em uma determinada língua. Nossa escolha é de enfatizar as noções que vêm sendo postuladas sobre a definição do que é uma palavra fonológica nas línguas em geral e, especificamente, no português.

Câmara Jr. (1969) foi o primeiro entre os linguistas brasileiros a distinguir dois tipos de palavra no português: a palavra morfológica e a palavra fonológica. Embora a ideia de trabalhar com palavra morfológica não constitua nosso objetivo principal de discussão, é importante salientar de que forma essa é definida. A palavra morfológica é definida por meio da composição de seu(s) morfema(s). Logo, palavras lexicais (nome, adjetivo, verbo, classes abertas) e palavras funcionais (preposições, conjunções, determinativos e classes fechadas) são definidas como palavras morfológicas no português. Na morfologia é analisada a estruturação interna das palavras. Nessa perspectiva, a noção de palavra possui diferentes significados e pode ser explicada como lexema (o que se apreende do mundo extralinguístico, unidade abstrata, conteúdo em si), como palavra morfossintática (o que diz respeito à forma da palavra, suas partes e suas flexões) e como forma de palavra (sequência sonora). No estudo morfológico, são vistas as diferentes formas de uma mesma palavra que sofre modificações, levando em consideração: afixos, morfemas, raiz, etc.

A palavra fonológica tem como característica básica portar um acento. Quando ocorre o acento, tem-se uma palavra fonológica; quando não, um clítico.³²

³² De acordo com Câmara Jr. (1969, p.36) “as pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo *olivro*, *sefala*, *falasse*, sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico”. Ainda de acordo com o autor, o clítico não é uma forma livre porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente, mas também não é uma forma presa, pois entre ele e a palavra em que apoia outras palavras podem intercalar-se. O autor o classifica como uma forma dependente, analisando o grupo como palavra fonológica. Inversamente, as palavras compostas, *guarda-chuva*, por exemplo, são dois vocábulos fonológicos e um só vocábulo mórfico. De acordo com Bisol (2004), essa questão ainda é atual e vem sendo uma das mais discutidas na teoria prosódica: qual é o estatuto do grupo constituído de uma palavra com acento e outra ou outras sem acento que estão prosodicamente relacionadas? Nespor e Vogel (2007[1986]) trazem evidências de fenômenos fonológicos, revelando diferentes aspectos da estrutura prosódica e, conseqüentemente, postulam o grupo clítico, mas ainda há controvérsias. Exemplos dessa

O grande problema, no âmbito da língua oral, é que por vocábulo se entendem duas entidades diferentes. De um lado, há o vocábulo fonológico, que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal. De outro lado, há o vocábulo formal ou mórfico, quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua. Há certa correspondência entre as duas entidades, mas elas não coincidem sempre e rigorosamente. (CÂMARA JR., 1969, p.34)

O fato que subjaz à distinção de Câmara Jr. (1969) entre palavra morfológica e palavra fonológica diz respeito à consideração do aspecto do significado em oposição ao ritmo, respectivamente. Para identificar a palavra fonológica, Câmara Jr. (1973[1970], p.53) propõe uma pauta prosódica delineada em termos de algarismos – (51):

(51)

a. habilidade → /abilidade/	b. hábil idade → /abilidade/
1 1 1 3 0	2 0 1 3 0

(CÂMARA Jr., 1973[1970], p.53)

Os números 3 e 2 designam acentos fortes (3 para acento primário e 2, secundário), 1 para pretônica e 0 para átonas após acento. O vocábulo fonológico é uma entidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de tonicidade possíveis, antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico à forma livre de Bloomfield (CÂMARA Jr., 1979[1975], p.38).

Bisol (2004) trabalha com os exemplos de Câmara Jr (1973[1970]) e ressalta que, embora se tenha a mesma sequência de segmentos <habilidade>, ocorre somente isomorfia entre a palavra fonológica e a palavra prosódica em (51a). A palavra *habilidade* contém um acento lexical e um acento prosódico. Em (51b), *hábil idade*, a autora ressalta que a isomorfia deixa de existir.

De acordo com Nespor e Vogel (2007[1986], p.141), a palavra fonológica é o constituinte mais baixo da escala prosódica que representa a interação entre a morfologia e a fonologia. A palavra prosódica é definida por meio de noções morfológicas, que não são as mesmas em todas as línguas.

controvérsia encontramos até mesmo nos estudos em português. Vigário (2003, 2010) propõe, para o PE, um constituinte diferente na hierarquia prosódica, composto não somente de clíticos, mas também de palavras compostas, nomeado, em trabalhos posteriores, como *prosodic word groups* (PWG) ou, em português, grupo de palavra prosódica.

Na perspectiva da hierarquia prosódica, os traços suprasegmentais (acentos, entoação, por exemplo) também fazem parte do escopo da palavra, além dos elementos básicos que a compõem: a sílaba e o pé.

De acordo com Bisol (2004)³³, a palavra fonológica tem três funções: portadora de relações de proeminência, domínio de regras fonológicas (regras de neutralização, harmonia vocálica e outras) e de restrições fonotáticas; de acordo com suas características, pode ser vista como um expoente de proeminência relativa em virtude da relação sintagmática de seus membros, uma entidade rítmica em virtude da organização métrica de suas sílabas e um domínio de regras. Esse último foi discutido amplamente por Nespor e Vogel (2007[1986]).

O tamanho da palavra fonológica também é um tema em discussão. Considerando o aspecto sintático, Booij (1983) mostra que há três possibilidades: igual, maior ou menor do que o elemento terminal de uma árvore sintática. Na visão de Nespor e Vogel (2007[1986]), só pode ser igual ou menor, todavia. Nespor e Vogel (2007[1986]) afirmam que o grego e o latim são línguas que mantêm a isomorfia, em outras palavras, o acento principal aplica-se da mesma forma em palavras simples, derivadas e compostas. Os dois elementos de um composto pertencem ao mesmo domínio prosódico, formando uma só palavra fonológica. No entanto, palavras fonológicas menores que o elemento terminal de uma árvore sintática são encontradas em várias línguas: sânscrito, turco e italiano. Nas duas primeiras, cada raiz de um composto forma a palavra fonológica independente, juntando seus afixos à última raiz. No italiano, os prefixos acabados em vogais constituem por si sós palavras fonológicas; os prefixos acabados em consoantes se juntam a uma raiz para constituir com ela uma só unidade prosódica.

De acordo com Bisol (2004), no português, a isomorfia nem sempre se mantém. Diferentemente do italiano, que distingue prefixos acabados em consoante de prefixos acabados em vogal, os dados do português mostram que o mesmo prefixo se comporta ora como palavra independente ora não. A prefixação pode resultar em um só vocábulo fonológico ou em uma justaposição. Nesse último caso, o prefixo é um vocábulo fonológico por si, de acordo com Câmara Jr. (1969, p.39). Nesse último caso, também, temos um exemplo de uma palavra fonológica menor que o constituinte terminal de uma árvore sintática. Para Câmara Jr. (1969, p.37), palavras como *de seda* e *fala-se* são

³³ Os trabalhos de Bisol (2004) e de Collischonn (1997) consideram as funções da palavra fonológica de acordo com a proposta de Booij (1983).

exemplos de palavra fonológica maior do que a morfológica, em que as duas palavras morfológicas formam uma só palavra prosódica.

Contrariamente, no composto há um só vocábulo morfológico e dois fonológicos: “a palavra fonológica e a palavra morfológica nem sempre andam em perfeita simetria, embora essa seja base daquela” (BISOL, 2004, p.65).

No pós-léxico, não é discutível a isomorfia palavra morfológica/palavra fonológica, uma vez que nesse nível todos os colchetes indicadores de limites morfológicos foram apagados no fim do léxico pela *Convenção de apagamento de colchetes*.³⁴ As regras pós-lexicais são aquelas que se aplicam após a derivação das sentenças pelo componente sintático; elas podem aplicar-se no interior das palavras, mas desconhecem quaisquer informações morfológicas.

Outro aspecto considerado para a determinação do tamanho da palavra fonológica é a ressilabação. Segundo Bisol (2004), a ressilabação é comum às línguas românicas e consiste em um processo que acontece quando a segunda palavra começa por vogal (52):

(52)

Português

lapis#azul

la.pi.za.zul

lapi#zazul

Espanhol

los#otros#estaban

lo.so.tro.ses.ta.ban

lo#sotro#sesta.ban

Italiano

bar#aperto

ba.ra.per.to

ba#raperto

(BISOL, 2004, p.66)

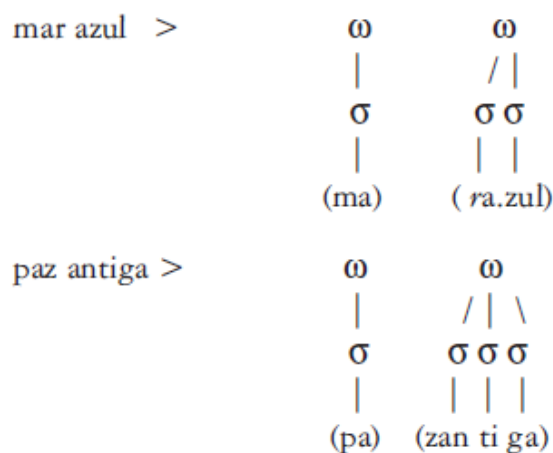
Nas três línguas, uma palavra foi encurtada e outra aumentada, perdendo o alinhamento das bordas final e inicial da palavra fonológica e da palavra morfológica. Especificamente, a correspondência de bordas pré-estabelecida na subdivisão, nomeada por Bisol (2004, p.67) de “alínea”, é perdida por ressilabação, que consiste em tornar a silabificar segmentos previamente silabificados, resultando na quebra de limites. A palavra fonológica se define por sua constituição prosódica (sílaba, pé e apenas um acento primário), ignorando informação dos morfos; desta maneira, no exemplo (52), resultam as seguintes palavras fonológicas: *zazul*, *sestaban* e *raperto*.

³⁴ Essa convenção estipula que ao final de cada estrato os colchetes, que marcam a estrutura morfológica, são apagados. Dessa forma, a estrutura interna de um estrato mais baixo não estará disponível nos estratos mais altos.

Segundo Bisol (2004), existe em PB o contraste entre exemplos como [kasa] e [kaza]. Na organização ou reorganização das sílabas, entre vogais, operam as regras s>z, tanto na silabação, quanto na ressilabação. A diferença reside nos domínios e consequentes resultados. A primeira ocorre no léxico, ou seja, no domínio da palavra fonológica, por acréscimo de afixos, *mar* → *mares*, formando um novo par: palavra morfológica e fonológica. Com o acréscimo do morfema de plural houve uma modificação fonética, estamos no campo, então, da morfofonologia. A segunda, mais tarde, no pós-léxico, sem interação com a morfologia, ocorrendo somente entre palavras fonológicas: *mar azul* → *marazul*.

Bisol (2004) conclui que, como há palavras fonológicas menores do que as morfológicas correspondentes, também há maiores, no português, como no italiano e no espanhol, quando na ressilabação ocorre o alongamento de uma palavra prosódica e a diminuição de outra, não respeitando a *Strict Layer Hypothesis*³⁵. A consoante final não só se torna parte da sílaba inicial da palavra seguinte, mas também da palavra prosódica a que esta sílaba pertence. Esse fato também ocorre no encontro de vogais em juntura vocábular que se resolvem em elisão. Portanto, no processo de ressilabação podem ser preservados todos os segmentos ou podem-se perder alguns (53):

(53)



(BISOL, 2004, p. 68)

³⁵ De acordo com Selkirk (1984a), a categoria prosódica de um nível é exaustivamente analisada em componentes do próximo nível inferior (*Strict Layer Hypothesis*), os constituintes do nível mais baixo são todos do mesmo tipo, a estrutura prosódica não é recursiva e há um descompasso entre a estrutura recursiva sintática, a estrutura de constituintes e a estrutura linear segmentada na prosódia.

Em *mar azul* – (ma.)_ω (ra.zul)_ω –, assim como em (pa)_ω (zantiga)_ω, perde-se o alinhamento dos limites entre as palavras cotejadas, sem perder um segmento de material fonológico ou de material morfológico, o que garante a preservação do significado. Nos casos de sândi vocálico externo, há a perda de material fonético sem prejuízo de significado. Abaixo, em (54), seguem exemplos retirados de Bisol (2004, p.68):

(54)

a. (kómu)_ω (úvas)_ω (madúras)_ω → (ko. (mú.vas.)_ω (ma.dú.ras)_ω)_φ

como uvas maduras

b. (‘kómpra)_ω (‘erva)_ω (máte)_ω → (kom.(prer.va.) (má.te)_ω)_φ

compra erva mate

c. (kómi)_ω (aλu)_ω → (ko (mjaλu)_ω)_φ come alho

Em (54a), as vogais idênticas /u/ degeminam e a consoante flutuante torna-se o ataque da sílaba inicial da palavra seguinte, aumentando-a. Perde-se uma sílaba e, conseqüentemente, material fonético, com o encurtamento da vogal. Em (54b), a coda da sílaba final de uma palavra passa a ser o ataque da sílaba inicial da palavra seguinte, aumentando o seu domínio. Novamente, perdem-se uma sílaba e material fonético, pois a vogal /a/ foi apagada. Em (54c), criou-se um ditongo para resolver o hiato, não se perdeu material, embora a ressilabação tenha gerado uma sílaba a menos. Percebe-se que em nenhum dos casos houve perda de conteúdo semântico. Nos dois primeiros, o morfema modo-temporal apagado fica representado na vogal que persiste por identidade de traços; no segundo, o morfema não foi comprometido como entidade portadora de significado porque apenas um de seus membros é apagado. Dessa forma, podemos pensar que os valores de significado de um morfema ultrapassam fronteiras prosódicas.

Com base no estudo de Bisol (2004), tentamos mostrar que a palavra fonológica distingue-se pelo contorno prosódico delineado a partir do acento primário de que é portadora e representa na hierarquia prosódica o primeiro nível em que morfologia e fonologia interagem. Embora a cadeia prosódica seja mapeada na cadeia morfológica, a simetria entre uma e outra nem sempre se mantém, seja como domínio de regras, seja como resultado de ressilabação. A palavra fonológica tem dimensões que extrapolam os limites da palavra lexical, ou seja, da palavra morfológica.

3.5 Considerações finais

Nosso intuito nesta seção foi apresentar as concepções que utilizamos para desenvolver a análise fonológica empreendida por nós dos dados mapeados. Inevitavelmente, tivemos de fazer um recorte nas teorias trazidas na seção, bem como nas discussões acerca dos temas presentes na seção: sílaba – modelos fonológicos e molde silábico (tanto no PB quanto no PA) –, a questão do acento, a fonologia prosódica e a noção de palavra prosódica.

Devido à escolha de contemplar os aspectos teóricos que utilizamos em nossa análise escolhendo apenas trazer os princípios fonológicos que nos nortearam, não foi nossa intenção esgotar ou concluir qualquer assunto, apenas seguir a mesma linha teórica de trabalhos que tiveram o sândi vocálico externo como tema de estudo. Para tal, foi preciso trazer considerações sobre o molde silábico em PB, discutindo o número de segmentos licenciados na língua, tanto no nível subjacente (fonologicamente) quanto na superfície (foneticamente), para compô-lo. Além desse aspecto, trouxemos estudos sobre os padrões silábicos do português e o posicionamento dos segmentos consonantais e vocálicos dentro do *template* silábico. Esse mesmo percurso foi feito na discussão sobre a sílaba no PA: número de segmentos → padrões silábicos → posicionamento dos segmentos na estrutura interna da sílaba.

A partir do modelo métrico, foram discutidos aspectos sobre a interação entre os processos fonológicos, a estrutura silábica e definições sobre uma tipologia para os inventários silábicos das línguas. Posteriormente, passamos à noção de acento. Comparamos a noção de acento lexical com a de acento entendido como batida rítmica, enfatizando a correspondência entre ambos na determinação do ritmo de uma língua. Para finalizar, expusemos aspectos da Fonologia Prosódica e da concepção de palavra fonológica, especificamente, no português.

4 ESTUDOS SOBRE O SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO

As línguas têm fonologias diferentes, mas todos os sistemas fonológicos selecionam um número finito de segmentos que, combinados, formam as sílabas e que podem ser pronunciados diferentemente dependendo do ambiente em que se encontram, uma vez que as línguas têm processos que afetam os segmentos. Assim, é notável que alguns processos ocorram dentro de palavras e outros entre as palavras. Um exemplo de sândi vocálico interno é o que ocorre quando pronunciamos a palavra *cooperar* como *coperar*, ou então, quando pronunciamos a vogal /i/ do nome Tiago (Ti.a.go) como uma semivogal (Tia.go): T[i.a]go → T[ja.]go.

Como já visto na Introdução desta tese, os processos que ocorrem entre encontros de segmentos vocálicos nas fronteiras de palavras, que modificam ou desfazem a sequência de vogais, são nomeados sândi vocálico externo.

Uma distinção importante a ser feita consiste na opcionalidade ou não para a ocorrência do sândi. A dicotomia entre sândi interno ou externo é crucial para postular a opcionalidade do processo. Externamente, o sândi tem de lidar com aspectos de ordem não-lexical comuns em todas as línguas – como pausas, hesitações, velocidade de fala – que podem constituir uma barreira para sua aplicação, tornando-o então opcional. Logo, os algoritmos de aplicação que operam no sândi em um contexto lexical deixam de existir no nível pós-lexical.

De acordo com Herslund (1986, p.507), a distinção entre sândi interno e externo não serve apenas a uma finalidade expositiva, mas pode ser útil também no que diz respeito ao parâmetro da obrigatoriedade de aplicação, pois fatores como velocidade, pausas e hesitações podem tornar o que seria um sândi interno obrigatório um processo fonológico externamente opcional.

Além dos aspectos mencionados, nem todas as sequências vocálicas são simplesmente desfeitas por estarem em contato; há outros aspectos específicos presentes em cada língua, que bloqueiam a aplicação de sândi externo. No PB, por exemplo, “o acento tem precedência sobre estrutura silábica no que se refere aos processos de sândi em geral” (COLLISCHONN, 2012, p.17).

O sândi vocálico externo é um fenômeno da língua falada, ou seja, oral. Segundo alguns autores, “um corpus escrito não traz muitas pistas sobre como eram proferidos os

encontros de vogais em vocábulos adjacentes, sendo praticamente impossível analisar sândi apenas com textos poéticos” (VELOSO, 2003, p.08).

No entanto, a afirmação de Veloso se refere à atualidade do PB, quando não há mais notações específicas para a elisão na escrita, tanto em textos em prosa quanto nos poéticos. Na época dos cancioneiros trovadorescos, a elisão era marcada, como vimos, com a supressão da vogal não realizada, na escrita, e as vogais envolvidas na ditongação ficavam sob o domínio de uma única sílaba poética, logo, uma só sílaba fonética, considerando a nossa metodologia. Esta diferença, se comparada aos padrões de escrita atual, viabiliza este estudo. Dessa forma, levando em consideração as diferenças entre língua falada e língua escrita, no caso da poesia, podemos observar que vários fenômenos que aparecem na escrita das *CSM* podem elucidar processos ocorridos no PA, uma vez que não tínhamos ainda naquela época uma ortografia fortemente estabelecida e muitos dos processos de sândi vocálico externo ocorriam não por artifício, opção ou estilo do trovador, mas sim por ser um processo gramatical do PA, não apenas estilístico.

4.1 Sândi vocálico externo em PB

A literatura – Bisol (1989, 1992a, 1996, 2000, 2002, 2003); Abaurre (1996); Abaurre, Galves e Scarpa (1999); Tenani (2002, 2003, 2004); Brescancini e Barbosa (2005); Collischoon (2005[1996], 2011, 2012) – sobre o sândi traz de forma unânime e sem controvérsias três processos fonológicos que operam em juntura vocálica intervocabular no PB: elisão, degeminação e ditongação. Segundo Bisol (1992a), o português é uma língua que revela sensibilidade ao peso da sílaba final, ao choque de acentos e também ao choque de núcleos silábicos em fronteira vocabular. Caso a última sílaba não esteja protegida por acento ou pausa, ocorre a perda de um dos núcleos silábicos e, conseqüentemente, da sílaba que o domina, operando a ressilabação, que dá origem aos três processos de sândi mencionados.

Bisol (1992a) apresenta, em uma perspectiva não linear, duas ideias principais sobre o sândi vocálico externo no PB. A primeira ideia define o sândi externo como um processo de ressilabação que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado – (55).

(55)

(A ca sa ma re la é bonita)_U

(adaptado de BISOL, 1992a, p.89)

O exemplo (55) corresponde ao de degeminação, processo que ocorre frequentemente no PB quando há vogais iguais adjacentes na sequência de palavras.

A segunda ideia, consequência da primeira, considera que a sílaba resultante – do encontro dessas duas palavras de sequência VV incorporada – pertence à pauta prosódica do vocábulo seguinte. Segundo Bisol (1992a), o fenômeno de sândi diz respeito ao desaparecimento de uma sílaba e à imediata ressilabação dos elementos flutuantes, que são agregados à sílaba remanescente, atendendo ao Princípio do Licenciamento Prosódico. Outro princípio que opera no sândi, embora a autora não afirme categoricamente em seu estudo, é o *Maximal Syllable Onset Principle* [Princípio de Maximização do Ataque] que motiva a incorporação da nova sílaba à pauta prosódica do vocábulo seguinte, maximizando o *onset* (56).

(56)

((A ca)_ϕ (sa ma re la)_ϕ (é)_ϕ (bonita)_ϕ)_U

(adaptado de BISOL, 1992a, p.89)

Segundo a autora, ϕ é o domínio preferencial para o processo de sândi no PB. Os fenômenos são governados pela ressilabação que ocorre automaticamente quando se encontram palavras que formam em suas fronteiras as sequências VV, sendo pronunciadas sem pausa, como parte de uma unidade prosódica maior.

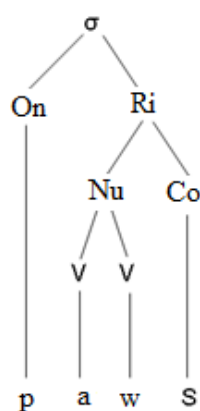
Esses processos são favorecidos por duas vogais em sequência que, por ressilabação, ficam sob o domínio da mesma sílaba. Bisol (2002b) observou que as vogais átonas são favorecedoras da aplicação do processo de sândi. Quando ocorre uma ressilabação, os processos de sândi têm em comum o fato de ocorrerem entre dois núcleos silábicos que entraram em contato.

4.1.1 Ditongação

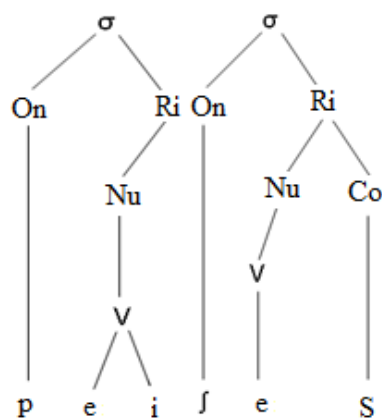
De acordo com Crystal (2000), o termo ditongo é usado na classificação de sons vocálicos formados por dois elementos articulatorios contíguos que mudam de ordem conforme o tipo de ditongo: uma vogal e uma semivogal ou uma semiconsoante, chamada também de glide.

Começamos com o seminal estudo de Bisol (1989) para a ditongação no nível lexical do PB, para depois passarmos a ver a ditongação como solução dos processos de sândi vocálico externo, nível pós-lexical. Segundo Bisol (1989), no PB, há duas classes de ditongos decrescentes no nível lexical: a) ditongo pesado, associado a duas posições no *tier* da rima – (57), e b) ditongo leve – (58), associado a uma só posição. O primeiro, em sua opinião, é o verdadeiro ditongo no PB, pois constitui uma sílaba complexa e tende a ser preservado; o segundo constitui uma rima simples e tende a ser perdido.

(57)



(58)



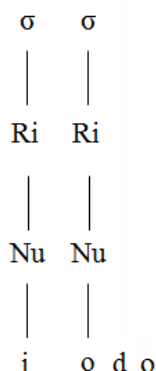
Os ditongos leves, em (58), para a autora, são criados no *tier* melódico por processos assimilatórios. Já os ditongos pesados, ao contrário, possuem duas posições – (57).

Bisol (1989) constata ainda que os ditongos verdadeiros formam pares mínimos com a vogal simples e são, dessa maneira, ditongos fonológicos. O ditongo leve alterna com a vogal simples, mas não causa diferença de sentido, sendo, muitas vezes, um ditongo fonético. Em contexto que envolve uma consoante palatal, a autora afirma que o ditongo seguido dessa consoante possui apenas uma vogal na estrutura subjacente,

criando-se o glide por um processo assimilatório que consiste no espraçamento do traço alto da palatal. Há também os casos de variação entre ditongos e monotongos diante de tepe (/r/).

Já a silabação de ditongos crescentes pode ser alternada com a silabação de hiato, (59), e, portanto, segundo Bisol (1989), também não são ditongos verdadeiros, pois ocupam um núcleo simples (a outra vogal pertencente à próxima sílaba).

(59)



Como solução de encontros intervocábulares, podemos aproximar a ditongação resultante de sândi vocálico externo ao exemplo (59), uma vez que, em sua forma de base, sua realização é similar à de um hiato, pois são palavras diferentes que estão envolvidas e que, como consequência de sua união na cadeia de fala, ficam no domínio de uma mesma sílaba fonética, havendo uma reestruturação silábica seguida de uma ressilabação. Bisol (1989) não considera os ditongos crescentes como parte do inventário fonológico do português. O principal argumento da autora sustenta-se na comparação da sequência vocálica que contém o glide com a mesma sequência cuja realização da vogal é plena (60). Sem pares mínimos, sem mudança de significado, não é possível considerá-los parte do inventário da língua, ocorrendo somente uma variação livre com a vogal alta correspondente.

(60)

quiabo [ki'abu ~ 'kyabu]

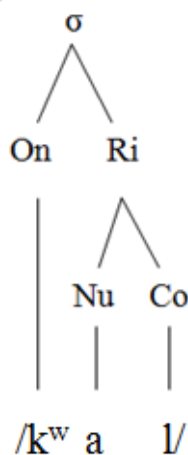
iate [i'atsi ~ 'yatsi]

suar [su'ar ~ 'swar]

(BISOL, 1989, p.216)

Embora a descrição minuciosa feita dos ditongos por Bisol (1989), bem como a fundamentação nos pressupostos teóricos e nos princípios fonológicos forneçam uma análise sobre o ditongo em português, no nível lexical, a pergunta que ainda nos fica é: quando há o ditongo crescente resultante de sândi, qual é o lugar de suas vogais no *template* silábico? Constituem um núcleo (VV) ramificado ou são incorporados no *onset*, assim como nos casos de ditongos crescentes de consoante velar + glide seguidos de vogal (61) no nível lexical? Essa questão não envolve apenas alternativas de expressão, como já ressaltava Câmara Jr (1973[1970]) para os ditongos decrescentes, mas, perspectivas e análises diferentes na língua portuguesa.

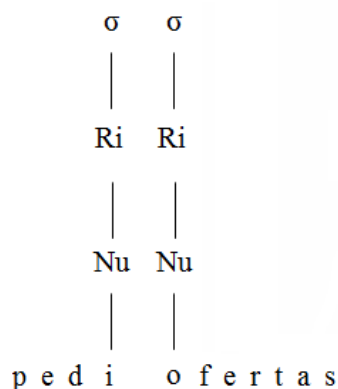
(61)



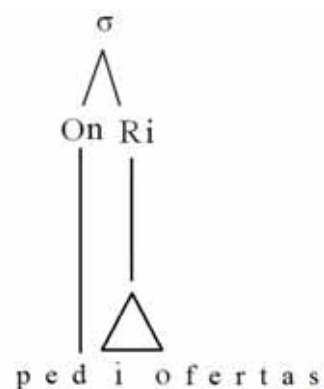
(COLLISCHONN, 2005[1996], p.120)

A ditongação como sândi vocálico externo, segundo Collischonn (2005[1996], p.122), no PB, é um processo de formação de ditongos com a vogal final de uma palavra e a inicial de outra, desde que uma das vogais da sequência seja alta (restrição segmental) e átona (restrição rítmica). O ditongo corresponde a duas vogais sob o domínio do mesmo núcleo, e a vogal flutuante é ajustada à rima disponível. Com o intuito de ilustrar o movimento interno da sílaba no processo de ditongação, segue a frase *pede ofertas* (62), cujo contexto de aplicação da ditongação é licenciado em PB. A restrição segmental (vogal alta *e*) e rítmica (sílabas finais átonas *de*) são contempladas pela primeira palavra (*pede*).

(62)



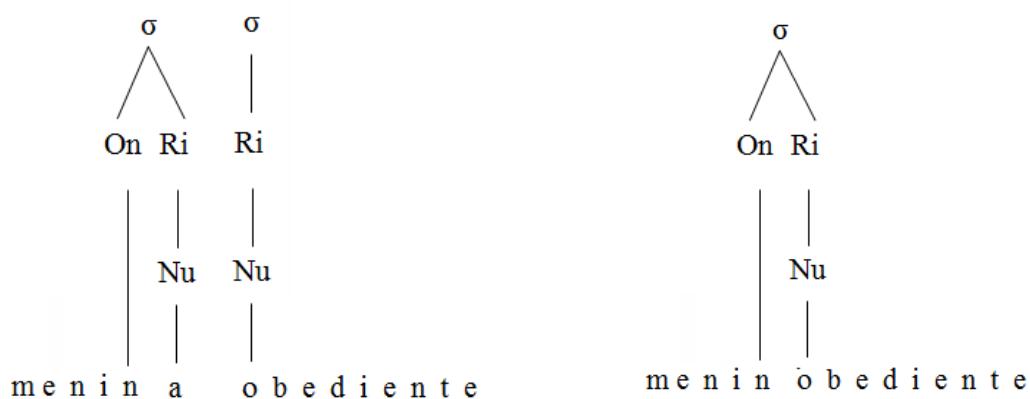
(63)



4.1.2 Elisão

A elisão ocorre, em um encontro intervocabular, quando a presença de duas vogais em seqüência fica sob o domínio de uma mesma sílaba, ocorrendo uma ressilabação. Em função do choque de dois núcleos silábicos em fronteira vocabular, um dos segmentos vocálicos não é preservado. Geralmente, a vogal átona final da primeira palavra é apagada, e uma nova sílaba é formada, a partir da junção do núcleo da sílaba átona final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra (64):

(64)



A elisão somente se aplica, no PB, na fronteira de uma palavra, mas não no interior desta (restrição de domínio); é bloqueada quando a segunda vogal porta acento principal de ϕ (restrição rítmica); tem como domínio maior o I e como menor a ω . As ocorrências acontecem em maior número diante de uma vogal posterior e em menor

número diante de uma vogal frontal. O exemplo (65), retirado de Bisol (2002b) ilustra essa restrição:

(65)

(cómoda)_φ (óca)_φ → [cómodaóca] e não *[comodóca]

(BISOL, 2002b, p.58)

Na elisão ocorre um apagamento de uma das vogais: “A vogal elidida é sempre átona e fica à esquerda” (BISOL, 1992a, p.96). De acordo com Bisol (2000, p.326), outra restrição à elisão diz respeito à ocorrência de um morfema (menor parte da palavra com significado) constituído apenas de uma vogal. A tendência geral é de que se mantenha o hiato quando este estiver sozinho ou em formas contraídas (de+a); assim, o morfema é preservado (66):

(66)

moro na esquina → *moro [nisquina]

cuida da entrada → *cuida [dentrada]

mora na Holanda → *mora [nolanda]

(BISOL, 2000, p.326)

Podemos acrescentar ainda que, quando ocorre a elisão – a primeira de duas vogais de qualidade diferente apaga-se –, as duas vogais não podem ambas ser portadoras de acento primário lexical: “a primeira vogal deve ser átona; há restrições ao apagamento condicionadas pela qualidade das vogais da sequência” (ABAURRE; GALVES; SCARPA, 1999, p.295). Abaurre (1996, p.45) observa também que, quando a segunda vogal da sequência é portadora de acento nuclear no nível da φ, há o bloqueio categórico da elisão. Segundo Abaurre (1996, p.45), a análise feita por Bisol (1993),

embora descritivamente adequada e perfeitamente coerente com a direção bottom-up de atribuição de acento e construção da grade métrica por ela assumida, não parece realmente explicar por que a elisão e a degeminação se tornam possíveis quando o acento primário de palavra é, em suas palavras, enfraquecido por razões prosódicas e rítmicas.

Abaurre, Galves e Scarpa (1999, p.295) demonstram que a sequência de vogal lexicalmente átona + vogal lexicalmente tônica caracteriza um contexto de bloqueio da

elisão no PB. As qualidades vocálicas envolvidas são aquelas que ocorrem nas sílabas finais átonas na maior parte das variedades do PB, “[i,u,a], seguidas de todas as qualidades vocálicas passíveis de serem lexicalmente acentuadas, [i,e,ɛ,a,ɔ,o,u], isto é, as sete vogais ótimas do português brasileiro, nos termos de Mattoso Câmara”.

Ao citar Mattoso Câmara, Abaurre, Galves e Scarpa (1999) nos remetem ao estudo de Câmara Jr. (1973[1970]) sobre a noção de neutralização vocálica no PB. De acordo com Câmara Jr. (1973[1970], p.30) “para as vogais portuguêsas, a presença do que se chama “acento”, [...], é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez [...] os traços distintivos vocálicos”.

Esse conceito é pertinente, uma vez que se trata da motivação (ou não) do sândi a vogal pertencer a uma sílaba tônica (acentuada) ou átona (não acentuada). Um dos traços que caracteriza o PB, de acordo com Câmara Jr. (1973[1970]), é a existência de uma pauta tônica (67) de 7 vogais, uma postônica não final (68) de 4, uma pretônica de 5 vogais (69) e uma pauta átona final de apenas 3 vogais (70). Quanto mais fraca a posição, maior o número de reduções vocálicas; duas posições átonas se contrapõem: a da pretônica, a menos fraca e a da átona final, a mais fraca de todas.

(67)

altas	/u/		/i/	
médias		/ô/		/ê/ (2º grau)
médias		/ò/	/è/	(1º grau)
baixa			/a/	

(68)

altas	/u/		/i/
médias		/.../	/e/
baixa			/a/

(69)

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

(70)

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

Vigário (1998), para o PE, defende a hipótese de que a elisão corresponde a um processo de redução típico de palavras funcionais não acentuadas e acrescenta que estas têm uma forma forte e uma forma fraca. Nos casos das palavras acentuadas, a elisão é explicável pela aplicação de uma regra cujo “domínio é definido fonologicamente” (VIGÁRIO, 1998, p.372). Em PE, devido à pauta prosódica das vogais, a elisão pode operar dentro da ω , fato que não ocorre em PB.

4.1.3 Degeminação

No caso da degeminação (BISOL, 1992a), o que ocorre não é o apagamento de uma das vogais como na elisão, mas a fusão das duas. A degeminação é motivada pelo Princípio do Contorno Obrigatório (PCO)³⁶. A sequência de duas vogais de igual qualidade é proibida. A degeminação ocorre em qualquer sequência de vogais idênticas. Portanto, o PCO rege todo o processo de degeminação. Este princípio, originalmente proposto para dar conta de regularidades distribucionais em sistemas tonais por Leben (1973), foi posteriormente aplicado à fonologia não linear por McCarthy (1979).

Na sequência de duas sílabas em que se encontram núcleos idênticos, perde-se uma sílaba e a ressilabação é chamada. Por se tratar de vogais idênticas, a vogal funde-se com a vogal precedente, resultando uma vogal longa, que é encurtada, em razão de o

³⁶ O PCO (Princípio do Contorno Obrigatório – de *OCP*, *Obligatory Contour Principle*) foi formulado por Leben (1973) e é um dos princípios fundamentais para a análise fonológica de segmentos geminados. Sequências idênticas de autosegmentos são proibidas pelo PCO. Exemplo: a sequência de segmentos (aa) que contém duas unidades se reduz a uma unidade (a) através de um processo derivacional. Esse segmento (a) que vale por dois (aa) recebe o nome de geminado. As sequências de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas.

sistema não possuir vogais longas. As duas vogais passam a ter apenas uma representação no nível melódico.

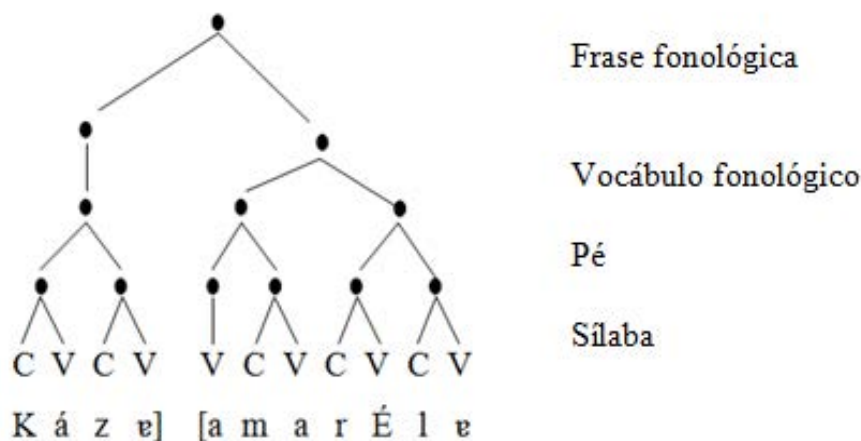
(71)

kaza azul > ka.za.a.zul > ka.za:.zul > ka.za.zul

(BISOL, 1996a, p.13)

Assim, para Bisol (1992a), a degeminação atua sobre uma sequência de vogais idênticas (71) e, como produto da fusão das vogais, tem-se o desaparecimento de uma sílaba, quando se considera a relação entre a silabação inicial e a não inicial, por um processo de ressilabação.

(72)



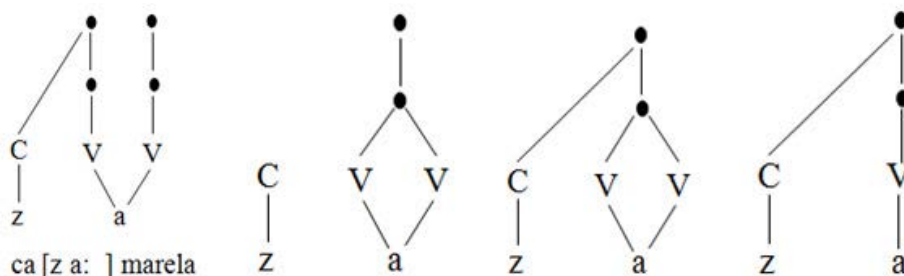
(BISOL, 1992a, p.89)

Quando a ressilabação acontece, em se tratando de vogais de mesma categoria, as diferenças fonéticas provenientes das diferentes posições que ocupavam, na palavra, as sílabas em que estavam anexadas desaparecem. Perdido o limite entre as duas palavras, perdem-se as variantes “posicionalmente condicionadas” (BISOL, 1992a, p.88).

Na degeminação ocorre uma simplificação (encurtamento) de duas sílabas que se convertem em uma só (71). Em linhas gerais, a degeminação compreende duas regras: ressilabação e encurtamento. A primeira é consequência do PCO. A segunda é um processo de simplificação temporal, ou seja, dois tempos na linha prosódica são

substituídos por um só, pois – de acordo com Bisol (1992a) – no português vogais longas inexistem³⁷ – (73).

(73)



(BISOL, 1992a, p.92)

A degeminação pode ocorrer em qualquer ponto de uma sentença: na combinação de dois vocábulos dentro de orações, entre orações ou sentenças. A degeminação tem como domínio a ϕ , embora também se aplique em outros domínios. Bisol (2002b) apresenta dados retirados do projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC) de degeminação no interior de ϕ :

(74)

- a. [**como o** velho David] $_{\phi}$ [tocando] $_{\phi}$ [harpa] $_{\phi}$
 [comu velho Davi] $_{\phi}$

(BISOL, 2002b, p.71)

Todavia, há restrições rítmicas à ocorrência da degeminação. Bisol (1992a, p.87) observa que não há qualquer caso de degeminação no PB quando V_2 porta o acento primário, a não ser que este acento “venha a ser enfraquecido por razões prosódicas ou rítmicas” e quando há duração ou alongamento da vogal, equivalendo à presença temporal de duas vogais. A degeminação é bloqueada em (75a), pois, além de V_2 portar acento primário, ainda porta o acento principal de ϕ . Caso ocorra uma reestruturação da frase e o acento de ϕ deixe de atuar sobre V_2 (75b), poderá ocorrer a degeminação:

³⁷ De acordo com Massini-Cagliari (1999a), vogais pesadas não existem na forma de base no PB, mas podem ser formadas em alguns contextos específicos de flexão, por exemplo, nos verbos da 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo: perd-i-Ø-i = *perdi*).

(75)

- a. (Muita área)_φ – *muitárea (sem aplicação)
 b. Muita área *verde*)_φ – mùi tarea vérde (com aplicação)

(BISOL, 2002b, p.67)

Em (75a), a regra é bloqueada pelo acento de V₂, pois este é o acento principal da φ. O acento de φ é aquele mais à direita dentro do sintagma fonológico. Em (75b), a reestruturação provocou a mudança de lugar do acento principal, que incide em *verde*, deixando aberto o caminho para a degeminação. Bisol (2003, p.195) esclarece que, apesar de o contexto ideal para a degeminação ser a sequência de duas vogais átonas, o acento primário de V₁ e V₂ não representam obstáculo categórico à aplicação da regra, enquanto o acento de φ na segunda vogal a bloqueia.

Para Collischonn (2005[1996], p.127), a degeminação também é sensível ao acento primário de V₂: “A degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes (restrição segmental) [...], desde que a segunda vogal não tenha acento primário (restrição rítmica)”. Entretanto, “o bloqueio exercido pelo acento na segunda vogal, diferentemente do acento na primeira vogal, não é categórico”.

Abaurre, Galves e Scarpa (1999, p.285) já haviam observado que os bloqueios da degeminação e da elisão ocorrem quando o acento primário de palavra da segunda vogal da sequência, atribuído no módulo fonológico lexical, é “pós-lexicalmente interpretado (isto é, na interface Forma Fonológica – FF) como acento nuclear, de frase fonológica, portador de informação sintática” (ABAURRE; GALVES; SCARPA, 1999, p.285).

De acordo com Abaurre, Galves e Scarpa (1999), há a interferência do acento nuclear na implementação de processos fonológicos que pode também ser entendida como efeito da estrutura sintática sobre a estrutura prosódica. Segundo o ponto de vista de Abaurre, Galves e Scarpa (1999), a grade métrica e domínios prosódicos são indissociáveis e são ambos resultado da interpretação de uma FF de base sintática e morfológica.

A respeito do bloqueio da degeminação, Abaurre, Galves e Scarpa (1999) afirmam que, se fugir do contexto de duas vogais não portadoras de acento primário lexical e sendo a primeira átona, a realização de sândi vocálico externo fica comprometida, ou seja, é bloqueada (76).

(76)

[a+a]

Ele plant[a] [á]rvores altas – Ele plánt[a]rvores áltas – *Ele plant[á]rvores.

(ABAURRE; GALVES; SCARPA, 1999, p.298)

Abaurre (1996, p.46) aponta que

o bloqueio a esses processos ocorre quando acento primário de palavra, atribuído no componente lexical, é também interpretado, pós-lexicalmente, como acento frasal, portador de informação sintática, dentro de uma hierarquia de proeminências prosódicas sintaticamente motivadas.

Esse fato está relacionado, segundo a pesquisadora, ao algoritmo de formação da ϕ , na medida em que a proeminência relativa de ϕ sinaliza a direção da recursividade sintática nas línguas naturais (o que é, por definição, um parâmetro sintático). Como o português é uma língua de recursividade à direita, ao acento mais à direita será atribuído o valor *forte*; assim, o acento de ϕ mais à direita tem relação com a recursividade sintática.

Com base no trabalho de Nespor (1994), Abaurre (1996) traz informações sobre experimentos em aquisição da linguagem que parecem confirmar a saliência prosódico-sintática do acento de frase fonológica e sua relevância no estabelecimento da interface entre os módulos fonológico e sintático. Hayes (1995) afirma que a atribuição de acento no nível frasal exibe diferenças marcantes com relação à atribuição do acento de palavra, as quais parecem corroborar uma interpretação do acento frasal como tendo uma natureza não puramente fonológica. Ambos os resultados são tomados como base para a hipótese formulada por Abaurre (1996, p.47): “a implementação dos processos fonológicos, como o sândi externo no português, pode ser (em parte) regulada pelo acento frasal”. Abaurre (1996, p.47, grifos da autora) relembra que Selkirk (1984a) “vincula explicitamente os possíveis padrões de proeminência *rítmica* dos enunciados às suas propriedades *intonacionais*”. Como comprovação, Abaurre (1996) traduz uma parte do trabalho de Selkirk (1984a):

os elementos tonais acidentalmente relevantes (*pitch accents*) são atribuídos às palavras na estrutura superficial independentemente dos padrões de acento frasal, e os padrões frasais são parcialmente definidos como uma função da localização das palavras que, na sentença, são portadoras do *pitch accent*. (ABAURRE, 1996, p.47)

Abaurre (1996) finaliza seu estudo observando que Bisol (1992a) não deixa de considerar que o acento de ϕ está envolvido no bloqueio da degeminação e da elisão, porém deixa de formalizar o fato considerado relevante, que é a referência à proeminência de nível hierarquicamente superior ao acento lexical, ou seja, o acento da frase fonológica. Portanto, Abaurre (1996) argumenta que é a frase fonológica o domínio prosódico de aplicação e bloqueio dos fenômenos de sândi e o acento deste domínio deve ser mantido, fato que demonstra que a necessidade de preservação dos contextos estruturais portadores de informação sintática prevalece sobre a otimização no nível silábico no PB.

Tenani (2002) analisa ocorrências envolvendo sequências de vogais átonas, sendo 24 entre vogais iguais /a+a/ e 24 entre vogais diferentes /u+a/. Segundo Tenani (2002), a escolha dessas vogais se baseia no fato de Bisol (2002b) ter mostrado que essas são favoráveis à aplicação do processo de sândi. Tenani (2002) acrescenta que, caso haja bloqueio do processo em uma dada estrutura prosódica, esse bloqueio está condicionado pela estrutura em que se realiza e não poderá estar associado à qualidade das vogais ou à sua saliência prosódica, posto por Bisol (1993) que se trata de vogais átonas. A autora observa que a aplicação categórica da degeminação em uma mesma ϕ confirma a afirmação de Bisol (1996) de que a ϕ é o domínio preferencial para o processo de sândi; no entanto, o bloqueio do processo se verifica quando os dois ϕ s estão separados por fronteira tonal e pausa.

Dessa forma, Tenani (2002) afirma que, ao se analisarem os contextos prosódicos em que são consideradas vogais átonas, pode-se concluir que o bloqueio de sândi está relacionado à configuração de fronteiras entoacionais, em geral, associadas ao domínio de I. No entanto, a autora ressalta que a análise dos casos em que o sândi se aplica, seja resultando em degeminação, elisão ou ditongação, possibilita explicitar, por meio da grade métrica, como

a implementação de processos segmentais está relacionada à tendência do PB em estabelecer alternâncias rítmicas no domínio mais baixo da hierarquia prosódica, ou seja, processos de sândi se aplicam de modo a implementar o ritmo trocaico, característico do PB. (TENANI, 2002, p.02)

Segundo Tenani (2004, p.928), o bloqueio do processo de degeminação no PB está sujeito ao princípio de *Uniformidade*, “um princípio que expressa um efeito de eurrítmia que ocorre em PB” (TENANI, 2004, p.928).

Nessa perspectiva, percebemos que os padrões rítmicos são determinados pelos padrões entoacionais, e esta relação pode definir, segundo Selkirk (1984a), o lugar da proeminência relativa de constituintes sintáticos, através de sua delimitação prosódica.

A partir das considerações tecidas aqui, torna-se evidente a importância do acento frasal e do seu estatuto prosódico para o PB, pois a este acento estão associadas informações não apenas de natureza rítmica, mas também entoacional e, por fim, sintáticas. Sendo o acento frasal aquele que bloqueia os processos de sândi em PB, Abaurre (1996, p.48) interpreta esse fato como um conflito de natureza “teleológica”.

Esse conflito envolve, por um lado, princípios de boa-formação das sequências fonológicas que se manifestam através da tendência à otimização da cadeia silábica [...]; envolve ainda, por outro lado, a tendência a preservar a estrutura portadora da informação sintática relevante.

Assim, a análise dos dados da degeminação e da elisão indicia que a tendência para se preservar a estrutura portadora de informação sintática prevalece sobre a tendência à otimização silábica no nível da frase fonológica. Logo, está implícita outra afirmação a respeito da interface dos módulos da gramática: a sintaxe tem prevalência sobre a fonologia. Além disso, esse fato mostra que “o acento não tem somente acesso ao acento lexical, mas também à informação sobre a estrutura de acento da frase” (COLLISCHONN, 2012, p.17).

Pudemos evidenciar que tanto Tenani (2002, 2003 e 2004) quanto Abaurre, Galves e Scarpa (1999) e Abaurre (1996) acreditam que a elisão e a degeminação discutidas estariam dentro da categoria de processos de enfraquecimento e, quando ocorre uma reestruturação,³⁸ essa corresponde a uma reorganização da grade, ou seja, “da hierarquia de marcas de acento dentro do enunciado” (ABAURRE; GALVES; SCARPA, 1999, p.302). Por conseguinte, ambas podem ser bloqueadas por fronteiras fortes e favorecidas ou bloqueadas por certos tipos de processos entoacionais ou, ainda, pela velocidade de fala. O bloqueio ocorre no PB quando a segunda vogal da sequência é portadora de um acento. Abaurre (1996, p.48) observa que esse acento lexical é alçado

³⁸ Tenani (2004, p.928) ressalta que a degeminação desencadeia uma reestruturação silábica que afeta a sílaba portadora do elemento mais proeminente.

pós-lexicalmente à condição de acento de frase fonológica, uma vez que o léxico está organizado em dois grandes componentes, o lexical e o pós-lexical. O primeiro, segundo Bisol (1996, p.159), é inserido na hipótese de modularidade, “dispõe a interação de regras morfológicas e fonológicas que, atuando ciclicamente em gramáticas estratificadas, produzem o conjunto de itens lexicais de uma língua dada”. O segundo é o recipiente do material proveniente da sintaxe. “Neles somente atuam regras fonológicas que dispensam informação morfêmica” (BISOL, 1996, p.160).

Assim, de forma contrária ao bloqueio de sândi vocálico externo, viu-se que, para a realização do processo de elisão e de degeminação, as duas sílabas em contato devem ser átonas e sem pausa ou duração intermediária e, como vimos, a frequência de uso da elisão e da degeminação é expressivamente menor, quando uma das vogais estiver protegida pelo acento.

Quando uma palavra acaba em vogal, pico de sílaba, e a outra por vogal começa, também pico de sílaba, se elas não estiverem protegidas por acento ou pausa, ocorre o choque silábico que provoca o desaparecimento do primeiro pico e, conseqüentemente, da sílaba por ele projetada (A) que o domina. Entre os dois elementos, independentemente de sua categoria, cai o prosodicamente mais fraco. (BISOL, 1996, p.163)

A partir desse encontro ocorre uma ressilabação. As consoantes se agregam em torno de picos de sonoridades, que por sua vez projetam a sílaba. Esses picos são em português necessariamente vogais.

Uma sílaba com todas as suas posições preenchidas se manifesta com sonoridade decrescente nas bordas. É que a formação da sílaba é dirigida pelo Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), que exige sonoridade crescente no ataque e decrescente na coda. (BISOL, 1996, p.161)

Portanto, o ponto de partida da realização ou não de sândi vocálico externo é um choque de picos silábicos, que apaga uma sílaba e deixa unidades flutuantes. Podem, então, formar novas sílabas, por vezes não reconhecidas lexicalmente ou perder sílabas e reassociar seus elementos. No nível do pós-léxico o sândi está ligado à reestruturação de unidades prosódicas: ω , ϕ e I. Qualquer relação com a unidade sintática correspondente que porventura haja é desfeita, perde-se uma sílaba na sequência de duas e a restante fica sobre o domínio do acento principal, isto é, o acento mais forte à direta. Ao perder os limites, os vocábulos perdem sua integridade; o resultado é ϕ sem limites internos.

4.2 Estudos sobre o sândi vocálico externo em PA

Estudos de Massini-Cagliari (2005a e 2006), sobre sândi no PA a partir dos *corpora* formados por cem cantigas profanas – cinquenta do *CBN* e cinquenta de amor do *CA* – e cinquenta religiosas composta pelas *CSM* –, e de Migliorini (2012), sobre aspectos fonoestilísticos do PA por meio de 100 *CSM*, comprovam que o trovador não teria opção quanto à aplicação ou não dos fenômenos de sândi no galego-português, pois esses seriam processos “da língua (da fonologia e da gramática) por trás dos versos e não unicamente do estilo” (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p.86).

Para Massini-Cagliari (2005a e 2006), os processos de sândi do PA são altamente condicionados por fatores linguísticos. No entanto, há uma pequena margem de manobra, que é correspondente, segundo a autora, às finalidades estilísticas usadas pelos trovadores, que podem optar por aplicar os processos de ditongação, crase e elisão ou manter hiato entre as vogais que se encontram, de modo a obter a quantidade de sílabas poéticas necessária à boa estruturação do verso.

Migliorini (2012, p.193) advoga que “apesar de muitas vezes o trovador ter de lançar mão de recursos estilísticos para suprir certas necessidades artísticas, o espaço de que dispunham para fazê-lo é praticamente insignificante, dada a mínima margem de manobra deixada para eles”. Os fenômenos considerados estilísticos nas *CSM*, e, portanto, em um primeiro momento não esperados, podem e devem ser inseridos na gramática da língua. Além disso, “os trovadores não podiam ‘criar’ um dialeto literário, tão livremente assim, segundo sua vontade, sendo os usos que apresentavam, artísticos ou não, desviantes ou não, guiados pela mesma fonologia que guia os demais usos, seus e de outros falantes da língua” (MIGLIORINI, 2012, p.194). Logo, os trovadores “não fazem mais do que aproveitar os mecanismos existentes no sistema linguístico” (MONTEIRO, 2009, p.63) para alterar construções fonológicas com intenção estilística.

Nas subseções a seguir mostraremos os estudos sobre os processos fonológicos (elisão, crase e ditongação) em contexto de juntura vocabular em Massini-Cagliari (2000 e 2005a).

4.2.1 Ditongação

A ditongação é encontrada, em PA, tanto em juntura vocabular quanto no interior de palavras. Em juntura vocabular é um processo fonológico minoritário, de

pouca recorrência e com um ambiente limitado, se comparado, por exemplo, com o hiato. Embora Bueno (1955) evidencie que os hiatos no interior da palavra eram muito numerosos no PA, Massini-Cagliari (2005a, p.112) aponta para, nos encontros entre vogais internamente à palavra, a “enorme preferência do PA pela silabação de seqüências de vogais como ditongos”.

Parkinson (2006, p.115) ressalta que casos de hiatos fonéticos e métricos são o subconjunto de hiatos fonológicos que as regras da linguagem ou das suas métricas permitem permanecer.

Quando o hiato é desfeito e a solução encontrada é a ditongação, essa, de acordo com Massini-Cagliari (2005a), dá origem aos ditongos decrescentes, silabação largamente preferida pelo PA, na combinação de duas vogais em seqüência no interior da palavra. O levantamento quantitativo feito por Massini-Cagliari (2005a) mostra que a ditongação, no interior do vocábulo, nunca ocorre em sílabas postônicas no PA, sendo exclusivo de sílabas tônicas e pretônicas e com o glide na coda da sílaba: “o ditongo decrescente é a silabação ‘ótima’ para seqüências de vogais orais no português medieval” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.134). Trazemos, no quadro 6, ditongos decrescente de sílaba tônica ou pretônica, presentes no interior do vocábulo, mapeados por Massini-Cagliari (2005a):

Quadro 6 - Ditongos decrescentes no interior do vocábulo em PA

ai	alcayotaria, alcayotas, bailar
au	bautismo, bautizar, caudela
ei	leixade; leyxades; leixar, acabei, acharei, achei, acordei
eu (êu)	acolheu, connoceu, conquereu, deceu, defendeu, esclareceu, falleceo, leeu, meteu, morreu, nasceu, ofereo, prometeu, respondeu, soffreu, tramateu, tremeu, venceo, viveu
eu (éu)	deu, deus, encreu, encreus, eu, Filisteus, greu, judeu, judeus, leu, lheu, Machabeus, Mateus, meu, meus, romeus, seu, seus, teu, teus
iu	abriu, arreferyu, compriu, consentiu, consomiu, destroyu, dormiu, espedyu, faliu, feriu, fogueu, guariu, mentiu
oi	anoytecia, ascoitade, ascoitar, coydades, coidar, coidando, coitada, coitadas, coitado, coitados, moyreu, oi/mais, oyteenta
ou	ouvessen, pousada, pousar, pousauã, prouguer, prouguesse, souber, soubera, soubere, souberon, soubesse, soubessedes, trouxeran, trouxeron
ui	acuitelada, ascuitado, ascuitados, cuydades, cuidado, cuidando, cuidar, cuidarei, cuidaria, cuidaron, cuidasse, cuidava

Fonte: adaptado de Massini-Cagliari (2005a, p.116).

Os ditongos crescentes, no interior da palavra, são de dois tipos – i+V e QU-/GU- +V (em que V=[a]) – e correspondem a um número menor, se comparados com os ditongos crescentes nesse mesmo contexto, no *corpus* de Massini-Cagliari (2005a). Os ditongos crescente do tipo i+V podem ser encontrados em sílabas tônicas (em maior escala) e postônicas (em menor escala); já os do tipo QU-/GU- +V (em que V=[a]) podem pertencer a sílabas tônicas, pretônicas e postônicas.

Quadro 7 - Ditongos crescentes no interior do vocábulo em PA

i+V (ia; io)	mia; mias; sabiades; bestias; caomia; chuva; comia; Perssia; reliquias; sábia; sábian; sábias; Segovia; sobervia; soberviosa; dormio, juyzio; nervio; novio
QU-/GU- +V (ua)	aguardando; gualardon; guardada; guardade; guardado; guardador; guardar; guardaria; guarido; guaridos; languages; menguada; enguado; minguar; pasqual; quaes; qual; quan; quando; quanta; quantas; quanto; quantos; quatro; egua; lingua; linguas; mingua

Fonte: adaptado de Massini-Cagliari (2005a, p.122).

Nos mesmos *corpora* estudados por Massini-Cagliari (2005a), o processo de ditongação no contexto de juntura vocabular é minoritário, apesar de se constituir um processo mais relevante no *corpus* de profanas do que no de religiosas. A pouca ocorrência de casos de ditongação como processo de resolução de juntura vocabular, segundo a autora, dá-se em decorrência do contexto extremamente restrito de sua aplicação: essa só pode acontecer com os pronomes *mi* e *ti* – e apenas quando seguidos das vogais [a, o, ɔ], dando origem a ditongos crescentes. Devido a sua pouca recorrência, Massini-Cagliari (2005a) tece duas possibilidades de interpretação da ditongação como fenômeno de sândi, no PA. A primeira delas é considerá-la um recurso estilístico, com base na sua pouquíssima recorrência (estatisticamente menos relevante do que os casos de usos estilísticos do hiato): “é possível dizer que, normalmente, seqüências de *mi* + /a, o, ɔ / deveriam formar hiatos [...], mas que acabam formando ditongos, por uma escolha consciente do trovador” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.270). De acordo com Massini-Cagliari (2005a), o hiato, quando realizado foneticamente como ditongo, corresponde a um recurso estilístico-rítmico, tendo como finalidade manter a isometria dos versos.

A respeito da concepção de uso estilístico, o trabalho de Massini-Cagliari (2005a) considera que as variações estilísticas devem ser vistas como casos de desvio.

a melhor maneira de se tratar usos estilísticos, do ponto de vista da TO, é considerar que o falante avalia normalmente os candidatos, pela hierarquia de restrições da língua, sabe qual é o candidato escolhido, mas opta conscientemente por “suspender” esta avaliação, procedendo a uma outra, com base em uma hierarquia que gerará o resultado específico que ele, conscientemente e com finalidades artísticas, quer obter. (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.272)

A segunda possibilidade é “considerar a ditongação como um verdadeiro processo lingüístico de sândi na língua, que, no entanto, é pouquíssimo recorrente, dado o seu contexto de aplicação extremamente restrito” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.270).

Massini-Cagliari (2005a) questiona qual a disposição das vogais quando a ditongação ocorre: núcleo ramificado ou coda da sílaba, como nos casos de ditongos decrescente no interior da palavra? Segundo a autora, “não há, na constituição de ditongos crescentes, a formação de um núcleo complexo. Ao contrário, o glide é silabado no *onset*, pelo fato de a sua mora não ser licenciada” (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.270). Ver-se-á na seção 5 de que forma os dados obtidos em nosso estudo auxiliam nessa discussão.

4.2.2 *Elisão*

Segundo Massini-Cagliari (2005a), a elisão é, de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas. Não foi encontrado por Massini-Cagliari (2005a) qualquer caso de elisão no interior de palavra. A preponderância da elisão se dá principalmente no *corpus* de cantigas profanas. No *corpus* de cantigas religiosas, o hiato é a solução mais recorrente para o encontro de vogais em situação de juntura de palavras. Entretanto, a diferença entre os casos de hiatos e de elisões não é tão acentuada quanto no *corpus* de cantigas profanas. Praticamente todas as sequências vocálicas podem formar hiatos, e há sérias restrições quanto à ocorrência dos demais processos de sândi.

Para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal átona da primeira palavra seja /a/, /e/ ou /o/. Os casos mais típicos de elisão ocorrem quando a vogal átona da primeira palavra é /e/ ou /o/. Nota-se que há algo a mais do que apenas a restrição quanto à qualidade da vogal átona final da primeira palavra. Pode-se perceber uma diferença no comportamento de alguns dos exemplos, quando se comparam os casos de elisão, se a

vogal átona final da primeira palavra é /a/, com aqueles em que a vogal apagada é /e/ ou /o/.

Em primeiro lugar, a autora salienta uma diferença na ocorrência de casos com vogal elidida /a/, por um lado, e /e, o/, por outro. Os casos de apagamento de /a/ correspondem a apenas 4.7% dos casos (99 em 2089), enquanto que os de /e/ equivalem a 56.4%, e os de /o/, a 38.9%. Como se pode notar, a ocorrência de elisão com palavras cuja vogal átona final é /a/ é muito mais restrita do que com /e, o/.

4.2.3 Crase

Massini-Cagliari (2005a) postula que, no caso de /a/, a solução preferida para os encontros vocálicos é o hiato (536 casos, 84.4%, contra apenas 99 elisões, 15.6%). Com relação a /e/ e /o/, esta proporção se inverte. Dos 2013 casos de sândi com vogal átona /e/, 1178 (58.5%) resolvem-se em elisão e 835 (41.4%), em hiato. Além disso, enquanto o processo de elisão de /e, o/ se dá diante de todas as vogais, a elisão de /a/ acontece preferencialmente diante de /a/ mesmo ou /e/.

Com base na discrepância no número de casos observados e na diferença de comportamento da queda da vogal átona quando esta é ou não /a/, em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 2000), elaborados a partir de dados coletados nas cantigas de amigo do CBN, ou a partir do *corpus* de cem cantigas de amigo e de amor considerado (MASSINI-CAGLIARI, 2001 e 2003), Massini-Cagliari (2005a) concluiu estar diante de dois processos diferentes de sândi, quando a vogal átona da primeira palavra é /a/ e a inicial da palavra seguinte também é /a/ e quando a vogal átona final da primeira palavra é /e/ ou /o/, independentemente da qualidade da vogal seguinte. No segundo caso, trata-se do processo clássico de elisão; já, no primeiro caso, o processo observado é a crase entre vogais de mesma qualidade. De fato, a consideração de que ocorreria somente a crase (e não a elisão) quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ explicaria o fato de o hiato ser a solução preferida para encontros vocálicos formados pela vogal /a/ seguida de outras vogais.

Massini-Cagliari (2005a, p.233) preferiu denominar o processo de sândi ocorrente entre dois *as* como crase – e não como degeminação –, já que é, por sua natureza, um pouco diverso do processo descrito por Bisol (1992a) para o PB, uma vez que não pressupõe a simplificação da sílaba, considerando que as duas moras,

correspondentes a cada uma das vogais /a/ que se fundem, se mantêm. Por restrições impostas pelo PCO, as duas vogais acabam se fundindo, no entanto as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantêm.

Em relação à elisão, em uma perspectiva derivacional não linear, a diferenciação do processo consiste nos níveis de desassociação da primeira vogal e de associação da vogal inicial da palavra seguinte, isto é, a mora correspondente à vogal final da primeira palavra na elisão é eliminada (na crase, esta mora se mantêm), ficando apenas a mora da vogal inicial da segunda palavra.

4.3 Considerações finais

A proposta desta seção foi trazer estudos tanto do PB quanto do PA sobre o processo de sândi vocálico externo e temas relacionados (ressilabação, estrutura interna da sílaba quando ressilabada e domínios prosódicos que podem ou não bloqueá-lo). Apresentamos o total de 5 processos fonológicos que foram encontrados em junção de vogais em limite de palavras, tanto em PB quanto em PA. São eles: ditongação, degeminação, elisão de V_1 , crase e apagamento ou não realização de V_2 .

A ditongação é o processo de formação de ditongos que afeta palavras que têm em sua forma de base vogais realizadas plenamente (a primeira, no final, e a segunda, no início). A V_1 alta átona final de uma palavra se torna um glide, quando seguida da vogal inicial da outra palavra, V_2 .

A degeminação, presente no PB, opera na sequência de duas sílabas em que se encontram núcleos idênticos, perdendo uma sílaba, por ressilabação. Por se tratar de vogais idênticas, a vogal funde-se com a vogal precedente, resultando uma vogal longa, que é encurtada, em razão de o sistema não possuir vogais longas. As duas vogais passam a ter apenas uma representação no nível melódico.

Os processos de elisão de V_1 e apagamento ou não realização de V_2 consistem na presença de duas vogais em sequência que ficam sob o domínio de uma mesma sílaba, ocorrendo uma ressilabação. Em função do choque de dois núcleos silábicos em fronteira vocabular, um dos segmentos vocálicos não é preservado.

Para finalizar, na crase, desliga-se o núcleo da sílaba inicial da segunda palavra, seguido da sua reassociação ao núcleo da sílaba precedente, representando uma

ressilabação da estrutura inicial. As duas vogais acabam se fundindo, mas as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantêm.

5 SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO E HIATO NAS CSM: ASPECTOS FONOTÁTICOS E RÍTMICOS

A partir da metodologia apresentada na seção 2, foram mapeados todos os casos de encontros vocálicos intervocabulares, classificando-se cada caso de acordo com o fenômeno de sândi ou hiatos verificados. Nesta seção trazemos, portanto, a análise dos dados obtidos durante o mapeamento dos dados relativos às 200 CSM presentes nos códices To e T³⁹. Feito o mapeamento quantitativo, é necessário que os dados obtidos sejam interpretados qualitativamente, à luz das teorias fonológicas.

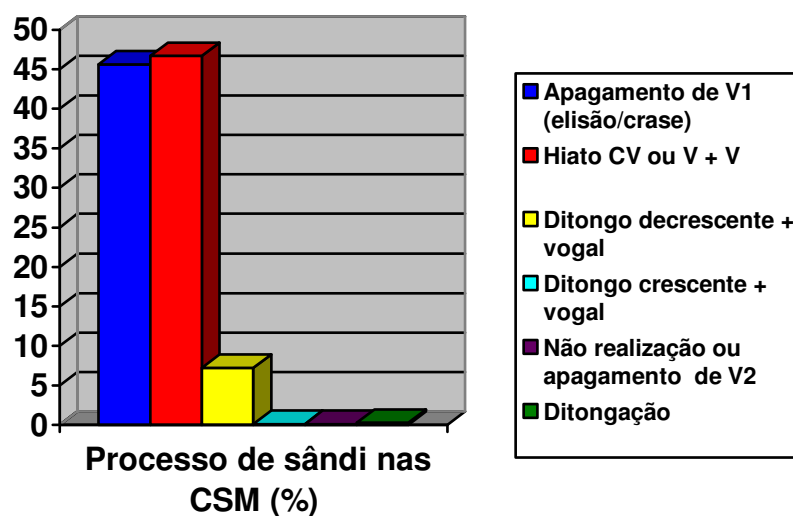
Todas as soluções adotadas pelo trovador nos ajudaram a evidenciar os limites entre as possibilidades e impossibilidades de processos fonológicos de vogais em juntura vocálica dentro do sistema. Dessa forma, nosso estudo se torna relevante, pois consiste em apontar as tendências principais da língua, em termos de silabações ótimas e excepcionais no PA, e aspectos rítmicos.

O hiato que surge na frase do PA por combinação de palavras tende a dar lugar, muitas vezes, à elisão, à crase e à ditongação. Passamos às resoluções identificadas nas ocorrências mapeadas e buscamos explicitar, à luz das teorias fonológicas não lineares, a motivação das ocorrências e a representação dos processos.

Foram mapeadas, no âmbito das 200 primeiras CSM todas as soluções para o encontro de vogais em juntura de palavras. Os resultados encontrados foram 13722 ocorrências de encontros vocálicos intervocabulares. Desses, 6255 casos (45,6%) são referentes ao apagamento de V₁ (elisão/crase), 6409 casos (46,7%) referentes ao hiato de sílaba final CV ou V com vogal inicial da segunda palavra, 985 casos (7,2%) aos hiatos de sílaba final ditongos decrescentes (VV) com vogal, 16 casos (0,1%) aos hiatos sílaba final ditongos crescentes (VV) com vogal, 18 casos (0,1%) a não realização ou ao apagamento da vogal da segunda palavra (V₂) e 39 casos (0,3%) aos processos de ditongação. Veremos abaixo cada resolução detalhadamente.

³⁹ Embora as 200 CSM também estejam presentes no código E, escolhemos analisá-las utilizando os códices To e T, pelos motivos apresentados na seção 1.

Gráfico 2 - Soluções para os encontros vocálicos nas CSM



5.1 Ditongação

A ditongação é a ressilabação dos dois segmentos flutuantes que passam a associar-se ao nó silábico subsistente. Perde-se uma sílaba, em função do choque de dois núcleos silábicos em fronteira vocálica, mas todos os segmentos são preservados. Como o contexto da ditongação é a resolução do encontro de vogais em junção vocálica, temos os seguintes contextos silábicos envolvidos – (77).

(77)

- a. $[CV]_{\sigma} [V]_{\sigma} \rightarrow [CVV]_{\sigma}$ (ocorrência majoritária)
- b. $[CV]_{\sigma} [VV]_{\sigma} \rightarrow [CVVV]_{\sigma}$ (somente uma ocorrência)
- c. $[CV]_{\sigma} [VC]_{\sigma} \rightarrow [CVVC]_{\sigma}$ (somente uma ocorrência)

A resolução em ditongação no PA é minoritária. Ocorre somente em 39 (0,3%) casos dos 13722 casos, tendo a vogal alta /i/ da primeira palavra como semivogal seguida da vogal inicial /a/, /e/ ou /o/ da palavra seguinte formando sempre um ditongo crescente.

Tabela 5 - Ditongação nas CSM

Vogal final do ditongo	Vogal inicial da palavra seguinte	Quantidade	Percentual
i	a (a, ã/an)	21	53,8%
	e (e, ε) / en)	1	2,6%
	o	17	43,6%
TOTAL		39	100%

A grande maioria dos casos de ditongação acontece entre o pronome *mi* e a vogal inicial da palavra seguinte (78), em que duas sílabas de duas palavras distintas ocorrem em uma mesma sílaba poética:

(78)

- a. Ca/ tu/ soa/ es/ a/ que/ **mio**/ po/des/ dar (CSM 21; verso 45) – verso decassílabo
- b. [mi] [o] → [mio]_o
- c. [CV]_σ [V]_σ → [CVV]_σ

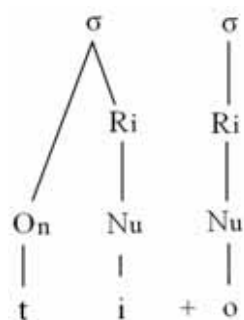
Dentro do universo das 200 cantigas religiosas escolhidas para comporem o *corpus* do presente estudo, a ditongação, enquanto processo de sândi (isto é, como resolução de encontros vocálicos intervocabulares), só aparece em um único contexto: para ligar os pronomes *mi* ou *ti* a uma palavra iniciada pelas vogais /a/, /e/ ou /o/ (tabela 6).

Tabela 6 – Ditongação: Mi/Ti

Vogal final do ditongo	Vogal inicial da palavra seguinte	Quantidade	Percentual
Mi	a (a, ã/an)	19	48,7%
	o	16	41%
Ti	a (a, ã/an)	2	5,1%
	e (e/ en)	1	2,6%
	o	1	2,6%
TOTAL		39	100%

As ditongações com o pronome *ti* são minoritárias, sendo somente 4 (10,3%) dentro dos 39 casos da ditongação: 3 vezes seguido de vogal central /a/, outra vez de vogal arredondada /o/.

(79)

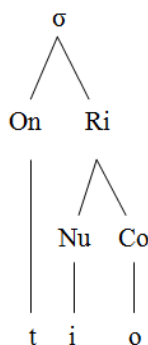


A questão básica que se coloca aqui, para o PA, é a mesma que fizemos para o PB: qual é o lugar das vogais de um ditongo crescente na sílaba? Podemos considerar as possibilidades de ambas no núcleo (80), que por sua vez seria ramificado, ou ocupariam o núcleo e a coda da sílaba (81), constituindo um núcleo simples seguido de uma coda. Ao lado das duas propostas, contamos com uma terceira, a de Massini-Cagliari (2005a). Para Massini-Cagliari (2005a), o PA permite apenas um elemento no núcleo e não há, na constituição de ditongos crescentes, a formação de um núcleo complexo. O glide é silabado no *onset*, pelo fato de a sua mora não ser licenciada (82).

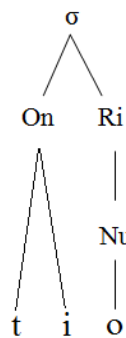
(80)



(81)



(82)



As representações em (80) e (81) são discutidas por um linguista no momento de se propor uma descrição fonológica sobre os ditongos; a definição de qual é o estatuto dos glides vem à tona: estamos diante de um segmento que se comporta como vogal ou como consoante? Foneticamente, esse som apresenta características de ambas as categorias. Logo, alguns estudiosos os classificam como semivogal, outros como semiconsoante.

Na seção 3.1.2, ressaltamos que, para Collischonn (1997), o ditongo decrescente no PB teria uma vogal no núcleo e outra que ocuparia a coda. Como evidência,

Collischonn (1997,) mostra que não há ditongos seguidos de nasal ou líquida na mesma sílaba no PB. Abaixo, em (83), seguem exemplos retirados de Collischonn (1997, p.81):

(83)

- | | |
|---|---|
| <p>a. *Sa[w]l
*Ma[y]lson
*do[y]l
*E[w]ltaquio</p> | <p>b. *ca[w]rtico
*A[y]rton *Ja[y]r
*do[y]or
*E[w]rtáquio
*di[w]rno</p> |
| <p>c. *ca[w]ntico
*a[y]nda
*do[y]n
*de[w]n</p> | <p>d. cá[w]stico
ca[y]s
do[y]s
E[w]stáquio</p> |

De acordo com Collischonn (1997, p.81), o exemplo (83) mostra “que semivogais, líquidas (laterais e não laterais) e nasais parecem estar ocupando a mesma posição, ao passo que /s/ coocorre com estes”.

Na seção 3.1.3 trouxemos as reflexões de Massini-Cagliari (2005a) e Zucarelli (2002), que constataram a proibição de sílabas com ditongos decrescentes seguidos de travamento silábico no PA. Segundo Massini-Cagliari (2005a) e Zucarelli (2002), as únicas exceções são os travamentos pelos arquifonemas /S/ (ex.: *Deus, pois, mais*) e /N/- unicamente em final de palavra. No caso do travamento por /S/, Zucarelli (2002) atribui esta restrição ao fato de o glide, nos ditongos decrescentes, ocupar a posição de coda; desta forma, a única consoante que poderia aparecer depois de um ditongo seria mesmo /S/, que é a única que pode ocupar a segunda posição de uma coda complexa.

Tanto Collischonn (1997), para o PB, quanto Massini-Cagliari (2005) e Zucarelli (2002), para o PA, afirmam que, em se tratando de um ditongo decrescente (*eu; ai...*), o lugar ocupado pela semivogal seria a coda da sílaba.

Em nossos dados, todas as ditongações no contexto de juntura vocabular tiveram como resultado um ditongo crescente (*io* ou *ia*). Dos 39 casos de ditongação, somente 2 envolvem travamento silábico. Para ajudar a discutir essas questões, trazemos os dois exemplos em (84) e (85), em que temos a formação de um ditongo crescente no contexto de sândi contendo uma sílaba travada por uma líquida e por uma vogal, respectivamente.

(84)

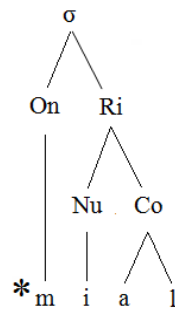
- a. **mi al**/go (CSM 102, verso 23) – 7 sílabas poéticas, redondilha maior
b. [CV]_σ [VC]_σ → [CVVC]_σ

(85)

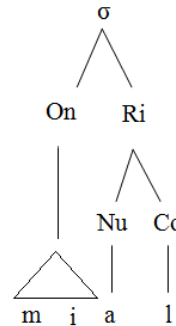
- a. mais/ o/ que/ **ti eu**/ da/d' a/vi/a (CSM 66, verso 67) – 7 sílabas poéticas, redondilha maior
- b. $[CV]_{\sigma} [VV]_{\sigma} \rightarrow [CVVV]_{\sigma}$

O exemplo (84) contém uma consoante líquida licenciada para atuar na coda do PA. Logo, o espaço da coda já estaria ocupado pelo segmento consonantal. A vogal /a/ não é licenciada para atuar em coda em PA. Não teríamos, portanto, uma coda ramificada com os segmentos /a/ e /l/ no PA (86). A possibilidade é que o segmento vocálico, /a/, esteja no núcleo (87).

(86)

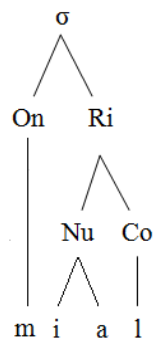


(87)

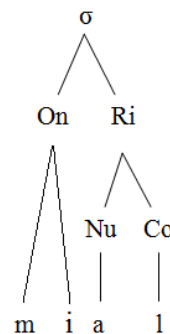


As duas propostas remanescentes seriam o núcleo ramificado (88) e o glide ser silabado no *onset* com núcleo simples (89).

(88)



(89)



No exemplo (90a), há uma particularidade: ditongação unindo o pronome *ti* com um ditongo *eu* em uma única sílaba poética, e, de acordo com nossa metodologia, em

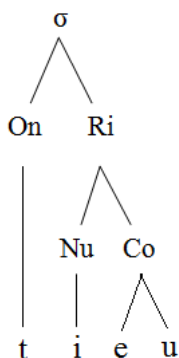
uma única sílaba fonética. Ou seja, ocorre uma sequência de três vogais em uma única sílaba (90b). É necessário postular de que forma o molde silábico pode se organizar para dar conta dessa realização (90c).

(90)

- a. mais/ o/ que/ **ti eu**/ da/d' a/vi/a (CSM 66; verso 67) – 7 sílabas poéticas
- b. $[CV]_{\sigma} [VV]_{\sigma} \rightarrow [CVVV]_{\sigma}$
- c. $[CV]_{\sigma} [VV]_{\sigma} \rightarrow [CVVV]_{\sigma} \rightarrow [tieu]_{\sigma}$

Para esse exemplo também contamos com três possibilidades: núcleo ramificado seguido de coda simples (87), incorporação de uma vogal no *onset* seguida de núcleo e coda simples (88), ou núcleo simples seguido de coda ramificada (91).

(91)



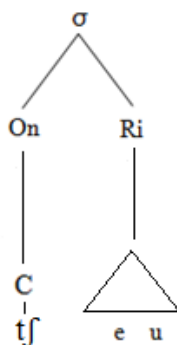
Llorach (1968, p.233)⁴⁰ observa que o latim falado tendia a criar uma ordem de consoantes palatais, iniciado com a consonantização do /i/ em função assilábica, mas que não apareciam fonologicamente, constituindo o grupo das mais antigas palatalizações na língua.

No PB, temos os segmentos /t/ e /d/ tornando-se palatalizados (oclusivas dentais não contínuas), respectivamente [tʃ] e [dʒ], quando vêm antes das vogais frontais [i] e [ɪ] e suas variantes. Assim, pode ser levantada uma primeira hipótese de que a marca

⁴⁰ Agradecemos à Profa. Dra. Célia Marques Telles, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela sugestão de leitura.

dessa palatalização, motivada pelos traços do segmento /e/ do ditongo *eu*, seja grafada como o *i* posterior à consoante /t/.⁴¹

(92)



Dias (2009, p.58) observa que, “no decorrer da evolução do latim ao português, as consoantes que sofreram o processo de palatalização tiveram como princípio a assimilação do ponto de articulação da vogal alta anterior [i] que as precediam (sic) ou seguiam (sic)”. Desse modo, a palatalização que acontece hoje com os fonemas /t/ e /d/ no português brasileiro seria similar à que o latim passou durante a formação das línguas românicas.⁴² Ainda a respeito da palatalização no português brasileiro, Callou e Leite (2000, p.73) observam que esses fonemas “apresentam uma variação sistemática a depender do contexto fônico e da região do país” e Abaurre e Pagotto (2013, p.199) afirmam que, “do ponto de vista histórico, não se pode fazer, para a variável, um percurso do tipo espalhamento geográfico por regiões geográficas limítrofes, mas sim a conjectura de que as razões históricas, no seu aspecto externo, seriam outras”.

No processo de palatalização, a parte frontal da língua se move em direção ao palato duro. O processo é normalmente descrito como um processo pós-lexical de assimilação do traço coronal da vogal [i] pela consoante e, assim, é produzido um novo

⁴¹ Crystal (2000, p. 75, grifos do autor) define como dentais os “sons produzidos com as BORDAS e o ÁPICE da língua contra os dentes” e palatalizados, “qualquer articulação que envolva um movimento da língua em direção ao palato duro” (CRYSTAL, 2000, p. 193). Já para Dubois (1973, p.55), a palatalização seria então, “um fenômeno particular de assimilação que algumas vogais e consoantes sofrem em contato com um fonema palatal”. No português brasileiro, um fonema palatalizador é a vogal alta /i/.

⁴² Há também dialetos do PB em que ocorre a palatalização das oclusivas alveolares quando precedidas pela semivogal alta anterior. Esse seria o caso de algumas variedades do dialeto baiano, no qual podem-se encontrar as seguintes formas em competição: muito [‘muʃtʃu] ~ [‘mütʃu] ~ [‘muʃtu], doido [‘doʃdʒu] ~ [‘doʃdu] ~ [‘dodʒu], etc. Nesse caso, observa-se, muitas vezes, o desaparecimento do segmento condicionador, que é a semivogal alta anterior (MOTA; ROLLEMBERG, 1997, p. 131).

segmento complexo que, conseqüentemente, é realizado como uma africada [tʃ] no lugar do fonema /t/ e [dʒ] para o fonema /d/.

(93)

a. [t] → [tʃ] / ___ [i]

b. [d] → [dʒ] / ___ [i]

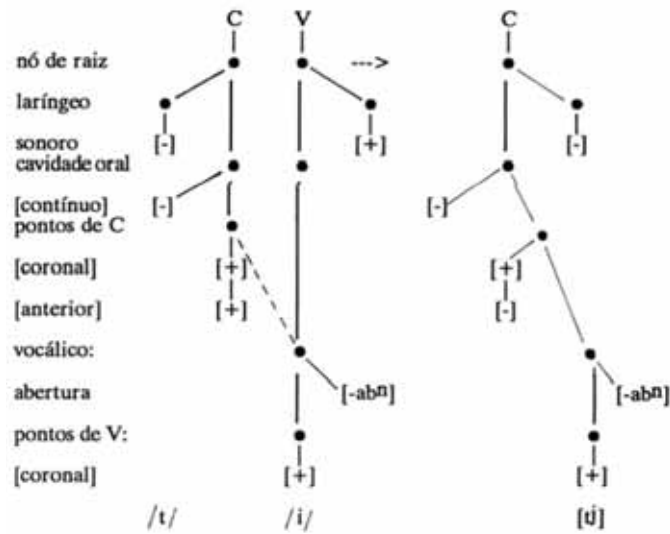
Em uma representação formal do fenômeno linguístico, conforme o modelo gerativo padrão, não será um segmento em um contexto linguístico determinado que será afetado pela mudança, como foi proposto no modelo estruturalista, mas um ou mais traços que estabelecem uma classe natural.

Com traços distintivos, essa regra mostra que o traço [-alto] se torna [+alto] diante de [+alto], indicando a motivação fonética ou a naturalidade da mudança expressa na regra: “consoantes dentais tornam-se palatais (ou seja, altas) antes de vogal *i*, que também é palatal (é [+alta]); trata-se, pois, de um processo de palatalização” (MATZENAUER, 1996, p.25). O processo assimilatório de palatalização é visto como uma cópia de traços do segmento vizinho.

A palatalização das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ pode ocorrer em sílaba átona como no exemplo ['leitʃi] ou tônica como em ['tʃipikʊ]. Dutra (2007), baseado em Bhat (1978), considera que a palatalização pode ocorrer por meio de três processos diferentes: elevação, frontalização da língua e espirantização. Esses processos distinguem-se pelo ambiente que promove a palatalização, pelas consoantes afetadas ou pela língua ou dialeto que sofrem o processo.

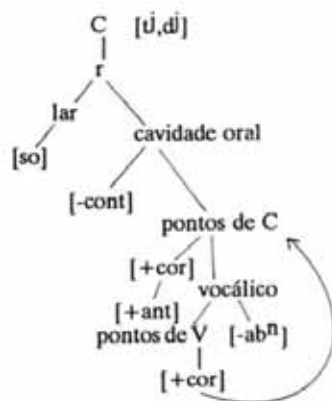
Bisol e Hora (1993, p.32) consideram o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes de /i/ no PB como um processo de assimilação regressiva, devido ao espriamento de um traço [+coronal] que converte o traço [+anterior] das consoantes /t/ e /d/ em [-anterior], motivando, portanto, a criação das coronais palatalizadas [tʃ] e [dʒ]. A título de ilustração do processo de palatalização, no exemplo (94), reproduzimos a proposta de Bisol e Hora (1993, p.32).

(94)

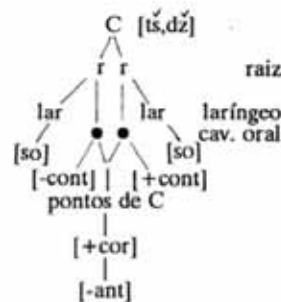


Ainda de acordo com Bisol e Hora (1993), esse processo indica a incorporação de um traço secundário de uma consoante, antes formada apenas por traços primários. O resultado é a mudança da consoante que acontece através de dois estágios: 1º) mudança da consoante oclusiva simples [t] que se palataliza diante de [i], por receber uma articulação secundária; com isso, converte-se em um segmento com duas articulações, sendo uma articulação maior acima do Ponto de Consoante e uma articulação menor ou secundária, relacionada ao nó vocálico; e 2º) há a promoção do traço secundário da consoante à articulação primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes, criando a africada [tʰ].

(95)



(96)



(BISOL; HORA, 1993, p.33)

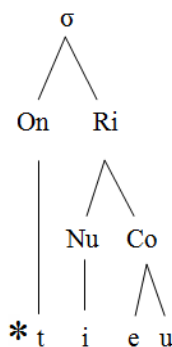
Em (97) trazemos a representação interna das sílabas envolvidas no processo de ditongação. Se considerado um processo de palatalização em PA, a sílaba resultante seria [tʃeu]_σ. No entanto, não podemos afirmar que de fato se trata de um processo de palatalização, tampouco representá-lo à luz da geometria de traços, como fizeram Bisol e Hora (1993), uma vez que não há evidência para a pronúncia africada de /t/ e /d/ antes de /i/ no PA.

(97)

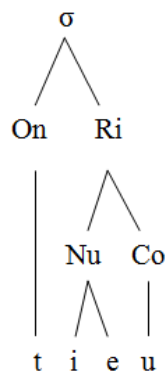
$$[CV]_{\sigma} [VV]_{\sigma} \rightarrow [CVVV]_{\sigma} \rightarrow [CVV]_{\sigma} \rightarrow [tʃeu]_{\sigma}$$

Podemos postular ainda mais duas hipóteses, sem considerar a palatalização da consoante, para dar conta da sequência dessas três vogais: um núcleo simples seguido da ramificação da – coda (98) – e a ramificação do núcleo seguido de uma coda simples (99).

(98)



(99)



A hipótese (98) é descartada, pois vogal /e/ não é licenciada para atuar em coda no PA, dando margem à consideração de (99) ou da incorporação de um traço secundário de uma consoante, antes formada apenas por traços primários, criando a africada [tʃ]

A ditongação como sândi vocálico externo no PA ocorre, então, com uma vogal anterior fechada /i/, seguida de uma vogal posterior semi-fechada, /o/, ou de uma aberta, /a/, (restrição segmental), átona (restrição rítmica); pode ocorrer diante da sequência /tj/ em que não se trata, nessa perspectiva, da realização plena da vogal alta no núcleo, mas

sim de uma marca de palatalização, para a qual não havia uma ortografia estabelecida na época.

Outro fator a se considerar é o de que 22 casos dos 39 de ditongação são exclusivamente para ligar o pronome a um item lexical composto de exclusivamente uma vogal oral (100), 16 casos são ditongações do pronome com a primeira vogal (acentuada ou não) pertencendo a uma palavra fonológica (101) e um caso do pronome com um ditongo (102).

(100)

- a. Ca/ tu/ soa/ es/ a/ que/ **mi**o/ po/des/ dar (CSM 21; verso 45) – verso decassílabo
- b. [mi] [o] → [mio]_ω

(101)

- a. que/ **mi** a/ques/ta/ va/ca/ guar/des. (CSM 31; verso 36) – 7 sílabas poéticas (redondilha maior)
- b. [mi] [aquesta] → [mia] [questa]
- c. ir/ mi/go/ e/ **mi** al/go/ der/des (CSM 102; verso 23) – 7 sílabas poéticas (redondilha maior)
- d. [mi] [algo]_ω → [mial]_ω [go]

(102)

- a. mais/ o/ que/ **ti** eu/ da/d' a/vi/a (CSM 66; verso 67) – 7 sílabas poéticas (redondilha maior)
- b. [ti] [eu] → [tieu]_ω

O contexto definido acima (vogal /i/ dos pronomes *mi/ti* seguida pelas vogais /a/, /e/ ou /o/) é o único contexto favorável à ocorrência da ditongação. Nos demais contextos, veremos que são aplicados outros processos de sândi (elisão ou crase, havendo contexto para tais processos) ou o encontro vocálico se mantém, formando um hiato.

Vimos que a grande maioria dos casos de ditongação acontece entre o pronome *mi* e a vogal. Apenas três casos de ditongação envolvendo o pronome *ti* puderam ser

encontrados no *corpus*. Vimos, também, que a ditongação é devidamente comprovada pela estrutura métrica do verso, isto é, em casos em que as duas vogais envolvidas no processo ocupam uma mesma sílaba poética (de acordo com nossa metodologia uma mesma sílaba fonética), para que a estrutura métrica do poema fique perfeita de modo que todos os versos sejam isossilábicos, como em (103).

(103)

Quan/do/ viu/ o/ mon/g' es/to, pe/sou/-lle/ tan/t' en
 que/ per/ pou/cas/ ou/ve/ra/ de/ per/der/ o/ sen,
 e/ di/ss' en/ton/: «Ay/, Ma/dre/ do/ que/ nos/ man/ten,
 Vir/gen/ San/ta/ Ma/ri/a,/ e/ vem/-**mi a**/ju/dar.
 Ben pod'as cousas feas fremosas tornar ...

(CSM 73; versos de 40 a 44) – 12 sílabas poéticas, alexandrino.

Nos casos de uma vogal /i/ (final de qualquer palavra que não *mi/ti*) seguida de outra vogal, o hiato ocorre no encontro vocálico formado, uma vez que a elisão só ocorre se a vogal final da primeira palavra for /a/, /e/ ou /o/ e a ditongação só ocorre com a vogal alta /i/ pertencente aos pronomes *mi* e *ti*.

No entanto, há ocorrências de hiatos formados pelos pronomes *mi/ti* seguidos de vogais /a/, /e/ ou /o/ em início da segunda palavra (104):

(104)

Juy/ã/o/ di/ss' a/o/ o/me/ san/to:
 «Sa/be/do/r es/, e/ mui/to/ me/ praz;
 mas/ que/r' a/go/ra/ que/ sá/bias/ tan/to
 que/ mui/ mais/ sei/ eu/ ca/ **ti/ a**/ssaz,
 e/ de/ to/d' es/to/ eu/ ben/ m' a/van/to
 que/ sei/ o/ que/ en/ na/tu/ra/ jaz.»
 Ba/si/l[]o/ diz/: «Se/rá/ es/t' en/quan/to
 tu/ co/nno/ce/res/ teu/ Cri/a/dor.»

(CSM 15; verso de 32 a 39) – 9 sílabas poéticas

Esse fato nos leva a pensar em dois aspectos: 1º) a existência de duas formas para cada um desses pronomes – uma tônica (que bloqueia a ditongação) e outra átona (sujeita à ditongação); 2º) os pronomes não são definidos no léxico como tônicos ou

átonos, mas sua tonicidade é dada ou não na estrutura do verso em que eles aparecem, se esses pertencem a uma sílaba tônica no nível poético, são tônicos, se não, átonos.

Nesse sentido, Massini-Cagliari (2005a), no caso de *ti*, afirmou que o pronome é prioritariamente tônico, já que bloqueia, na grande maioria dos casos, a ditongação. Essa, quando ocorre, pode, inclusive neste contexto, ser interpretada como um aproveitamento estilístico desse processo – marginal, apontando para o entendimento de que se trata de uma (re)solução fonológica, portanto. No entanto, no caso de *mi*, embora haja exemplos que comprovem o caráter tônico desse pronome, em que o pronome *mi* é, inclusive, o ponto mais proeminente do verso –, há outros que comprovam sua atonicidade e sua capacidade de realizar-se como clítico. Mesmo nesse caso pode ocorrer um hiato. Para este pronome, no entanto, seria o hiato o processo de sândi não esperado, cujo uso poderia ter conotações estilísticas, portanto.

Enfim, já adiantamos que, enquanto que para os monossílabos átonos terminados em /e/ a possibilidade mais frequente de sândi é a elisão, para os terminados em /i/, o hiato é a solução adotada, com exceção de *mi* seguido de /a, o, o/, quando o processo de sândi selecionado é a ditongação. Portanto, a ditongação tem um contexto desencadeador muito restrito: 1) vogal alta envolvida (restrição segmental); 2) vogal alta átona (restrição rítmica); 3) pronomes *mi/ti* (restrição morfológica).

5.2 Apagamento de V₁: Elisão

A elisão como solução de encontros vocálicos entre palavras é encontrada em 6255 dados (45,6%) do total de todos os processos envolvendo vogais em juntura vocabular no PA. Trata-se de uma solução não majoritária, mas estatisticamente relevante. Não foi encontrado qualquer caso de elisão no interior de palavra.

Como mostrado na tabela 7, só ocorre a supressão das vogais /a/, /e/ ou /o/ finais diante de qualquer outra vogal inicial da segunda palavra.

Tabela 7 - Apagamento de V₁ nas CSM

Vogal final da primeira palavra (V ₁)	Vogal inicial da segunda palavra (V ₂)	Quantidade	Porcentagem
a +	a (a, ã/an)	106	1,69%
	e (e, ê/en)	77	1,23%
	é (/ɛ/)	4	0,06%
	i	1	0,02%
	o	8	0,13%
	ó (/ɔ/)	2	0,03%
	u (ũ/un)	4	0,06%
Subtotal:	a + V	202	3,23%
e +	a (a, ã/an)	1597	25,53%
	e (e, ê/en)	1173	18,75%
	é (/ɛ/)	155	2,48%
	i	129	2,06%
	o	1010	16,15%
	ó (/ɔ/)	7	0,11%
	u (ũ/un)	210	3,36%
Subtotal:	e + V	4281	68,44%
o +	a (a, ã/an)	634	10,14%
	e (e, ê/en)	737	11,78%
	é (/ɛ/)	91	1,45%
	i	42	0,67%
	o	227	3,63%
	ó (/ɔ/)	4	0,06%
	u (ũ/un)	37	0,59%
Subtotal:	o + V	1772	28,33%
TOTAL		6255	100%

Como se vê, para que ocorra a elisão, é necessário que a vogal da primeira palavra seja /a/, /e/ ou /o/ – exemplo em (105):

(105)

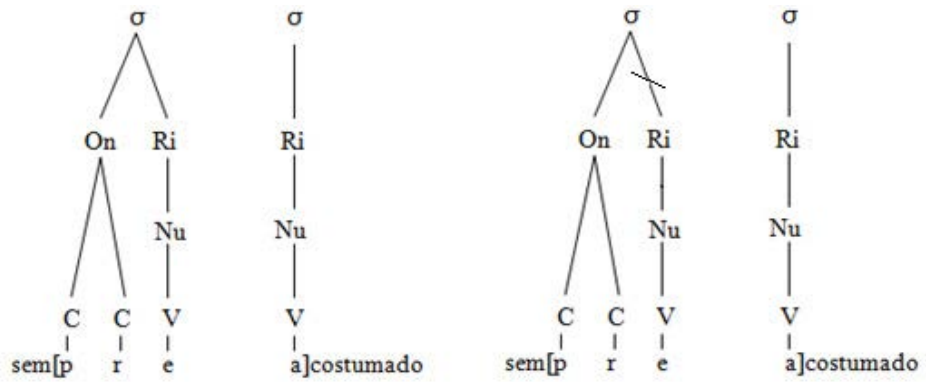
a. E os judeus, que **sempr'** **acostumad'** **an** (CSM 27; verso 70)
sempr' **acostumad'** **an** = sempre + acostumado + an

b. [sempre]_ω [acostumado]_ω [an]_ω → [sem]_ω [**prascostuma**]_ω [dan]_ω

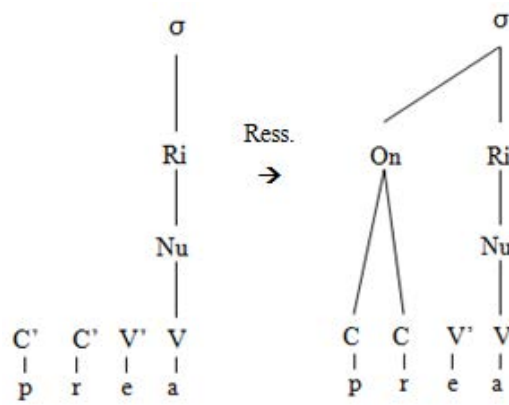
A partir dos resultados quantitativos alcançados no mapeamento das duzentas primeiras CSM, constatamos que há a supressão das vogais /a/, /e,/ e /o/ átonos finais diante de vogal inicial de outra palavra; após esse movimento ocorre a ressilabação do *onset* das sílabas em juntura vocabular. O *onset* da sílaba final da primeira palavra é ligado à primeira sílaba (σ) da palavra seguinte – (106). Este constitui o movimento mais recorrente nas resoluções em elisão nas CSM:

(106)

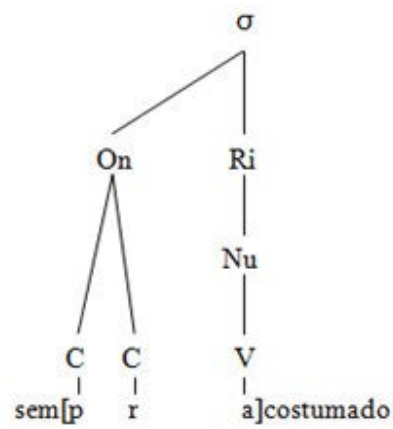
a.



b.



c.



Há, também, condições de natureza fonotática que devem ser seguidas, para o processo de elisão ocorrer. A primeira restrição que observamos diz respeito ao preenchimento da rima da sílaba final da primeira palavra envolvida no processo da elisão: esta tem sempre uma posição nuclear preenchida, ou seja, a elisão não ocorre se a primeira palavra terminar em ditongo (independentemente da qualidade – crescente ou decrescente – sendo estes últimos mais recorrentes), uma vez que o núcleo da sílaba, nesse caso, tem duas posições preenchidas – (107).

(107)

que/ fe/ze/ran/, **deu/ en/**ton (CSM 91; verso 16) – 7 sílabas poéticas, redondilha maior

Outra restrição de natureza fonotática diz respeito ao preenchimento do *onset* da sílaba final da primeira palavra. Na maior parte dos casos, sequências de sílaba átona de *onset* vazio terminadas em /a/, /e/ ou /o/ e vogal são preferencialmente resolvidas em hiato – (108); se as vogais envolvidas não forem /a/, /e/ ou /o/, somente o hiato acontece.

(108)

E/ **u/ e/**le/ y/a/ ca/bo/ de/ ssa/ ca/rrei/ra (CSM 78, verso 45) – 12 sílabas poéticas, alexandrino

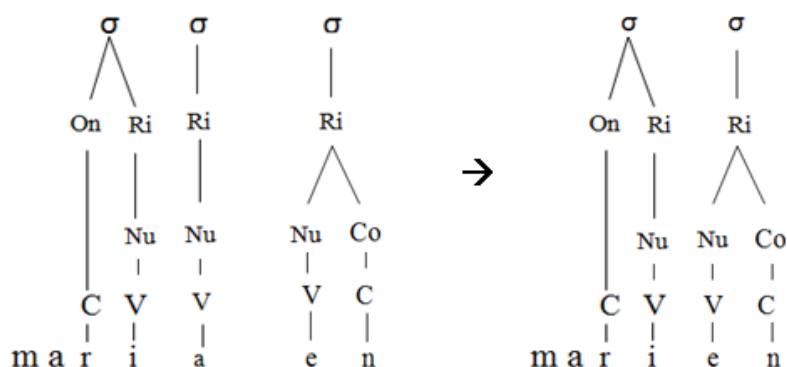
Assim, quando a sílaba átona do *onset* vazio é preenchida pelas vogais /a/, /e/ ou /o/, a solução mais recorrente é o hiato. No entanto, é possível encontrar casos em que a resolução é a elisão – (109).

(109)

- a. ca/ sei/ que/ San/ta/ Ma/**ri', en/** que/ to/do/ ben/ jaz (CSM 64; verso 93) – 13 sílabas poéticas
- b. Ma.ri.**a en** → Ma.ri.en
- c. [Maria]_o [en]_o → [Mari]_o [en]_o

A partir desse fato, é possível afirmar que são poucos os casos em que a elisão de sílaba átona sem *onset* acontece. Geralmente, é preciso que a vogal a ser elidida pertença a uma sílaba com *onset* preenchido – caso contrário, o hiato torna-se mais recorrente.

(110)



Ressaltamos que os monossílabos constituídos de apenas uma vogal se mantêm mais fortemente, e podemos afirmar agora que não estão sujeitos à elisão. Outro fato a se considerar é que a sílaba em que se situam tem o *onset* não preenchido; estão neste caso os artigos definidos, os pronomes acusativos, a preposição *a* e a conjunção *e* – (111).

(111)

des que leixara **a ost'** alçando (CSM 15; verso 164)

Ll' avêo que foi perant' **a ygreja** (CSM 69; verso 30)

Porque **o a** Groriosa / achou muy fort' e sen medo (CSM 2; verso 37 e 38)

e que **a ajades** quant' eu poder punnarei (CSM 64; verso 62)

que deu **a un** seu prelado (CSM 2; verso 8)

sayu **a el** por xe ll' omillar (CSM 15; verso 28)

Ora, assim como afirma Bisol (1992a) para o PB, caso a elisão se aplicasse nesses casos, teríamos problemas de ordem semântica, com consequências para a interpretação do enunciado, uma vez que, caindo a vogal, nada sobraria da sílaba original.

Por último, lembramos que, para que ocorra sândi vocálico externo, a sílaba da primeira palavra tem que ser aberta, ou seja, não pode ter coda preenchida. Isto explica porque uma palavra terminada em sílaba travada por consoante não irá se elidir com a palavra seguinte (neste caso, a possibilidade é haver uma ressilabação da consoante da coda da última sílaba da primeira palavra como *onset* da primeira sílaba da palavra seguinte) (MASSINI-CAGLIARI, 2005a).

Por esse motivo, uma vogal nasal (considerada como uma sequência de vogal + consoante nasal), mesmo que átona, não se elide com a que a segue – (112a). No entanto, a vogal inicial da segunda palavra (V_2) pode ser nasalizada na resolução de elisão, como temos também no exemplo (112b).

(112)

a. **Ben en**pregou el seus ditos (*CSM* 2; verso 17)

b. v_yu a pe**dr' en**tornada (*CSM* 1; verso 46)

O acento de um sintagma entoacional (I)⁴³ também pode exercer influência na ocorrência da elisão. Notamos, em nossa análise, que há uma restrição para a ocorrência da elisão referente à divisão do enunciado em I e à posição das palavras nesses sintagmas: é necessário que as duas palavras envolvidas no processo da elisão pertençam a um mesmo grupo entoacional (I) – (113). Afirmamos que os monossílabos têm uma maior força e que, recorrentemente, se mantém, ou seja, são mais difíceis de se elidir; em outros casos, é a existência de uma fronteira de I que bloqueia a elisão desses monossílabos – exemplo (114).

(113)

a. Ena vila u foi **esto l a**via un usureiro (*CSM* 75; verso 13)

b. [Ena vila u foi esto]_I [avia un usureiro]_I

(114)

a. mui cativa e mui **pobre l e** de tod' aver mesquinna (*CSM* 75; verso 19)

b. [mui cativa e mui pobre]_I | [e de tod' aver mesquinna]_I

⁴³ Define-se I como o conjunto de ϕ ou apenas um ϕ que porte um contorno de entoação indetificável.

É por este motivo que a elisão não pode ser aplicada entre versos e nem no meio do verso quando ocorre cesura. A análise dos dados da elisão indicia que a tendência para se preservar a estrutura portadora de informação sintática prevalece sobre a tendência à otimização silábica no nível de I. Logo, pode estar implícita outra hipótese a respeito da interface dos módulos da gramática no PA: a sintaxe tem prevalência sobre a fonologia. Mostramos que Abaurre (1996) observou essa hipótese para o PB, considerando a ϕ como informação sintática relevante para o bloqueio da elisão. A partir das considerações tecidas aqui, torna-se evidente a importância de I e do seu estatuto prosódico para o PA, pois a este acento estão associadas informações não apenas de natureza rítmica, mas também entoacional e, por fim, sintáticas.

A elisão consiste no apagamento da vogal cuja sílaba foi perdida e na ressilabação da consoante flutuante como *onset* da sílaba subsistente. Nas CSM, pudemos notar que, assim como no PB (BISOL, 1996, 2002, 2003), é apagada a vogal final em posição não-acentuada no final do item lexical, quando este é seguido por outro item que começa por vogal de qualidade diferente.

Desse fato, pode ser inferido que os processos de sândi vocálico em PA levam em consideração, para sua aplicação, a localização do acento primário das palavras envolvidas e também o domínio de I.

Considerando o contexto rítmico, a elisão só ocorre no PA quando V_1 pertencer a uma sílaba átona ou a um monossílabo de estrutura silábica CV (*xel/de/lle/che*) – conferir apêndice B – e V_2 tônica, pretônica, leve ou ditongo. No contexto segmental, V_1 deve ser /a/, /e/ ou /o/ diante de qualquer das 7 qualidades vocálicas de V_2 , a (a, ã/an), e (e, ã/en), é (/ɛ/), i, o, ó (/ɔ/) e u (ũ/un).

5.3 Apagamento de V_1 : Crase

Podemos ainda, nessa perspectiva quantitativa e com base na tabela 7, ressaltar uma diferença dos dados obtidos referentes aos casos de apagamento de V_1 mapeados no *corpus*: é notável que há uma larga diferença quando a vogal final da primeira palavra é /a/ e quando essa é /e/ ou /o/. Os casos de /a/ correspondem a apenas 3,23% (202 em 6255), enquanto os de /e/ equivalem a 4281 casos (68,44%) e os de /o/ 1772 casos (28,33%). Os casos de apagamento da vogal /a/ final da primeira palavra são

muito mais restritos do que com /e/ ou com /o/. Comparando os resultados de /e/ e /o/, a diferença entre a quantidade de apagamentos não é tão grande.

Além disso, quando a vogal /a/ átona final da primeira palavra é suprimida, notamos que este apagamento ocorre frequentemente quando a vogal inicial da segunda palavra também é /a/, 106 casos (1,69%).

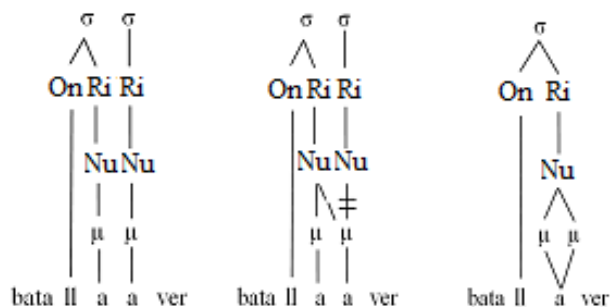
(115)

- a. a que vos fezeistes atan gran torto, com' agor' aduz (CSM 5; verso 175)
 b. [agora]_ω [aduz]_ω → [ago]_ω [raduz]_ω

Massini-Cagliari (2000, 2005a) havia postulado a diferença de comportamento da queda vogal no PA quando esta é ou não /a/. A autora concluiu estar diante de dois processos diferentes de sândi: 1) quando a vogal da primeira palavra é /a/ e a inicial da palavra seguinte também é /a/, ocorre a crase; 2) quando a vogal final da primeira palavra é /e/ ou /o/, independentemente da qualidade da vogal seguinte, trata-se de elisão. Nosso estudo corrobora essa distinção, visto que também obtivemos em nosso mapeamento essa discrepância quantitativa da resolução dos encontros vocálicos, quando de um lado /e/ e /o/ são apagados (elisão) e do outro, /a/ (crase, fusão de /a/s).

Massini-Cagliari (2000) descreve o processo de crase no PA como o desligamento do núcleo da sílaba inicial da segunda palavra, seguido da sua reassociação ao núcleo da sílaba precedente, representando uma ressilabação da estrutura inicial. Por restrições impostas pelo PCO, as duas vogais acabam se fundindo, mas as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantêm (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.233). Podemos ver a ocorrência desse processo na juntura das vogais *batalla a ver* do verso 18 da CSM 38.

(116)



Outro fator, e crucial, que Massini-Cagliari (2005a, p.236) considera para que a geminação dos dois /a/ envolvidos seja crase é o fato de haver uma ocorrência do *corpus* de sua pesquisa – *ca, pois eu morrer', logo dirá 'Iguen* (*Cancioneiro de Ajuda*, cantiga 10, verso 19) – em que a vogal final da primeira palavra é tônica. Este verso não se submete à restrição rítmica que controla o aparecimento da elisão, isto é, a primeira vogal não pode ser tônica. Esse tipo de fusão (vogal tônica seguida de átona) não foi encontrado nas *CSM*.

5.4 Não realização ou apagamento de V₂

Diferentemente das resoluções mostradas acima para o encontro de vogais em juntura intervocabular, encontramos em nosso *corpus* a não realização ou elisão da vogal inicial da segunda palavra quando é seguida por /s/ ou /n/ em 18 (0,1%) casos de vogais em juntura vocabular nas *CSM*.

Tabela 8 - Outros processos nas *CSM*

Vogal final da primeira palavra (V ₁)	Vogal inicial da palavra seguinte (V ₂)	Quantidade	Percentual
a	e (e, ê/en)	10	55,6%
e		8	44,4%
TOTAL		18	100%

(117)

- a. do/ de/mo/, **que s/te/rre/ces**. (*CSM* 20; verso 39) - 6 sílabas poéticas
- b. nen/ d' a/gui/llo/ **a 's/co/du/das**. (*CSM* 31; verso 68) - 7 sílabas poéticas
- c. e/no/ mes/ d' a/gos/to/, no/ di/**a 's/co/llei/to** (*CSM* 77; verso 27) - 11 sílabas poéticas
- d. e/ di/ss': «Es/**ta 'n/fer/me/da/de** | se/me/lla/ mui/t' a/fi/ca/da. (*CSM* 75; verso 36) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- e. ou/tro/si/ nen/ d' al/va/yal/de, | que/ faz/ a/ ca/**ra 'n/rru/ga/da** (*CSM* 75; verso 96) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- f. del/, a/ Re/y/nna/ no/**bre s/pi/ri/tal**. (*CSM* 58; verso 53) - 10 sílabas poéticas
- g. ouv' **a strela** mostrada (*CSM* 1; verso 38)

Nos casos (117a), (117b) e (117g), podemos considerar, assim como fez Massini-Cagliari (2005a), baseada em Cunha (1961), que, pelo fato de os monossílabos portarem uma semiforça, fica mais restrita a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte), uma vez que essa está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade do monossílabo do que com a quantidade de sílabas das palavras envolvidas. Massini-Cagliari (2005a, p.236) afirma que

esses são processos marginais, cuja função é prioritariamente estilística, nos quais o poeta encontra apoio para obter a quantidade de sílabas poéticas desejada para o verso. Mas não se pode negar que, mesmo com função estilística, seu aparecimento está condicionado ao fato de a qualidade da primeira vogal ser /a/.

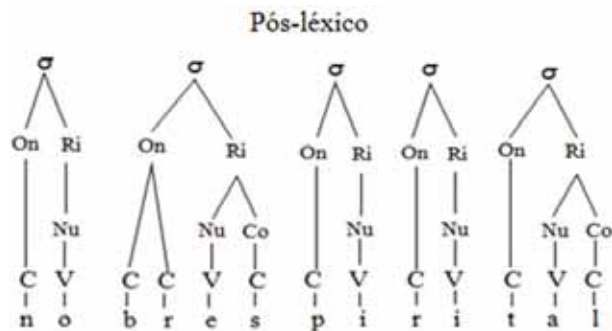
Nos casos (117c), (117d) e (117e), a qualidade da vogal /a/ é diferenciada das outras vogais, assim como afirmou Massini-Cagliari (2005a), e elevada a um valor diferente das demais dentro do sistema, uma vez que nesses casos trata-se de sílabas átonas envolvidas e, como vimos, quando há palavras como uma sílaba final átona seguida de uma outra palavra iniciada por vogal acontece, *a priori*, elisão. No entanto, foi ressaltado por Massini-Cagliari (2005a), e por nós, que é pouco recorrente a elisão do /a/ final da primeira palavra. Então, temos que o fator de resistência de uma palavra ser terminada por /a/ é mais alto ao ser essa terminada em sílaba átona (ambas seguidas de outra vogal). Nesse sentido, quando se trata de uma vogal final /a/ seguida de outra, há um rearranjo no sistema – os casos mais típicos são a resolução em hiato, os menos típicos a resolução de não realização ou apagamento da vogal inicial da segunda palavra. Fica evidenciado, portanto, que o fato de a vogal final da palavra ser /a/ é mais relevante do que a sílaba ser átona.

No entanto, no caso (117f), não podemos considerar essa explicação, pois não sabemos qual das duas vogais sofreu o apagamento; poderíamos pensar na elisão de V_1 – (118), bem como na não realização ou apagamento de V_2 – (119).

(118)

a. [nobre]_ω [espirital]_ω → [no]_ω [br'espirital]_ω

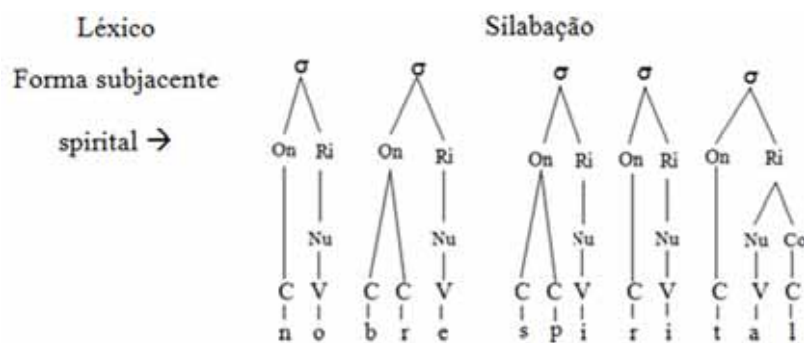
b.



(119)

a. [nobre]_ω [spirital]_ω

b.



A respeito de (119), o primeiro caminho que tomamos ao ver essa realização foi de considerar a metrificação exposta em (120a). Nessa perspectiva, ocorreria uma reestruturação silábica ligando a consoante inicial da segunda palavra à coda da primeira palavra (120b).

(120)

a. ou/v' a s/tre/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) – 6 sílabas poéticas, redondilha menorb. [ouve]_ω [[a estrela]_ω]_C

As consoantes perdidas (<s> ou <n>), aptas a ocupar a posição silábica de coda, se ligam diretamente ao nó silábico da sílaba final da primeira palavra, uma vez que o

item lexical não conta com a vogal inicial de palavra, considerada somente “strela”. No entanto, podemos pensar em uma metrificação diferente para esse caso, (121a), e que mantém as mesmas 6 sílabas poéticas; teríamos um *onset* ramificado, (121b):

(121)

- a. ou/v' a/ stre/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) – 6 sílabas poéticas
 b. [ouve]_o [[a strela]_o]_c

Para Massini-Cagliari (2005a, p.98, grifos nosso), este

é um problema conhecido da fonologia, dado o fato de línguas já bastante exploradas (como o inglês e o italiano) possuírem sílabas deste tipo. No entanto, não parece ser este o caso do PA. Em todos os exemplos mapeados, as sequências de S+C(C) sempre ocorrem depois de palavra terminada em vogal [...]. **Por este motivo, é mais provável a hipótese de estar ocorrendo um processo de sândi, que apaga a vogal inicial de *estrela* (ou impede a sua inserção, no caso de modelos fonológicos que consideram essa vogal epentética), e liga o “S desgarrado” à coda da sílaba anterior.**

Embora o tipo de estrutura silábica presente na sílaba *stre-* (CCCV) da palavra *strela* mostrada acima seja menos recorrente e não mencionado no estudo de Biagioni (2002) como um tipo de sílaba fonética possível no PA, uma vez que Massini-Cagliari (2005a) considera sílabas fonológicas, podemos acrescentá-la⁴⁴ como uma realização possível, pois essa se mantém em outras *CSM*, mesmo não sendo precedida de uma vogal na metrificação dos versos, exemplo (122a).

(122)

- a. [[San/ta/ Ma/ri/a]_I]_U
 [[Stre/la/ do/ di/a]_I]_U
 Mos/tra/-nos/ vi/a
 pe/ra/ Deus/ e/ nos/ gui/a
- b. [Santa Maria]_I
 [Strela do dia]_I

(CSM 100, versos 2 e 3)

⁴⁴ Talvez, somente nesse contexto: *str.*

Nesse sentido, introdutoriamente, não haveria a possibilidade de considerar o som sibilante como pertencente à coda da sílaba anterior. Assim, teríamos uma perspectiva diferente da de Massini-Cagliari (2005a, p. 235), que considera nesse contexto (*str-*) que “a coda inicial ‘desgarrada’ /S/, então, adjunge-se ao núcleo da sílaba anterior”; para nós – nesse momento – não ocorre uma ressilabação nesse contexto. Outro fator que vem a contribuir com essa hipótese é a realização dessa palavra em início de verso dentro da *CSM 100*, não tendo nenhuma vogal antes de sua realização.

Tenderíamos a ir contra a proposta de Massini-Cagliari (2005a, p. 99), que considera que “o PA não possui ataques silábicos supercomplexos”. O Princípio do Ataque Máximo para o PE, desenvolvido por Vigário e Falé (1994, p.475), considera que “é preferível o preenchimento de Ataques ao preenchimento de Codas”. Por outro lado, a própria organização da sílaba em termos de sonoridade, mais especificamente de um crescendo de sonoridade, coloca o problema com esse tipo de sequências (/sp/, /st/...), nomeadamente sequências de fricativa+oclusiva (tautossilábicas); essas não são permitidas no português justamente por violarem o Princípio de Sonoridade. Blevins (1995, p.211) observa que, em inglês, sílabas contendo *st*, *sp* ou *sk* ocorrem tanto no início de palavra quanto em contexto pós-vocálico. Blevins (1995) ainda ressalta que a língua inglesa está longe de ser exclusiva a esse respeito. Para Parker (2002, p.09), uma série de dispositivos formais, alguns dos quais são dolorosamente *ad hoc*, têm sido postulados para explicar excepcionais “reversões de sonoridade”, como extrassilabidade, adjunção, segmentação não exaustiva, núcleos vazios, sílabas degeneradas, unidades fonéticas complexas, dentre outros. No entanto, segundo Parker (2002), o caso do /s/ (ou das sibilantes em geral) pode ser visto como um caso especial, devido à sua estridência. Hogg e McCully (1991[1987], p.49) ressaltam que, por se tratar de uma unidade, não importa o valor dado ao constituinte único, que esse não violará o *template* da sílaba.

Assim, sabemos que o princípio universal de escala de sonoridade inviabiliza a existência destas sequências, de acordo com regras fonotáticas de outras línguas. A dificuldade em identificar a estrutura fonética e fonológica (existência ou não de vogal) origina problemas na segmentação silábica. Nossa proposta consiste em levantar hipóteses que são plausíveis com a metodologia empregada e com o aparecimento dessas sequências no *corpus*. Todavia, estamos receosos em optar por apenas uma das

possibilidades explicativas. Há dificuldades também em justificá-las, pois as posições teóricas parecem divergir, uma vez que o que parece ser acordado é que as sílabas são construídas em torno de vogais; justifica-se, então, a problemática na existência ou não dessa sílaba sem um núcleo vocálico a nível fonético e/ou fonológico: “As regras a que a sílaba obedece são uma prova da sua importância como constituinte fonológico. Porém, são essas mesmas regras universais que, em determinadas situações, inviabilizam uma aceitação de certas segmentações” (HENRIQUES, 2009, p.51).

No entanto, outra análise possível seria considerar um caso de *enjambement*⁴⁵, típico daqueles tempos para a poesia trovadoresca; U passaria a agregar duas ϕ e não somente uma. A vogal final da primeira palavra /a/ faria parte da segunda palavra – [strela] – dando como resultado a palavra fonológica [aStrela].

(123)

- a. [San/ta/ Ma/ri/a]_I, | [Stre/la/ do/ di/a]_IU,
- b. [MariaS]_o [trela]_o
- c. [Mari]_o [aStrela]_o

Como a elisão não ocorre entre I e essa é mais restrita em uma sílaba sem *onset*, a vogal /a/ se manteria e seria necessário outro procedimento para a resolução desse encontro, ou seja, o apagamento da vogal inicial (V₂) da sequência.

(124)

- a. San/ta/ Ma/ri/a, | Stre/la/ do/ di/a,
- b. [Mari]_o [aStrela]_o

(125)

- a. que a terra **toda** 'sclareceu (CSM 15; verso 91)
- b. [to]_o [dasclareceu]_o

⁴⁵ O termo é emprestado diretamente do francês *enjambement*, que significa "encavalgamento", consiste na ruptura de uma unidade sintática (uma frase, proposição ou sentença) no final de uma linha ou entre dois versos. É um contraste em comparação com o fim de frase, em que cada unidade linguística corresponde a uma única linha, a uma cesura, em que a unidade linguística termina no meio da linha (MATTOSO, 2010).

Para postular esse apagamento, teríamos que considerar a seguinte ω : [estrela]
ou [esclareceu]

(126)

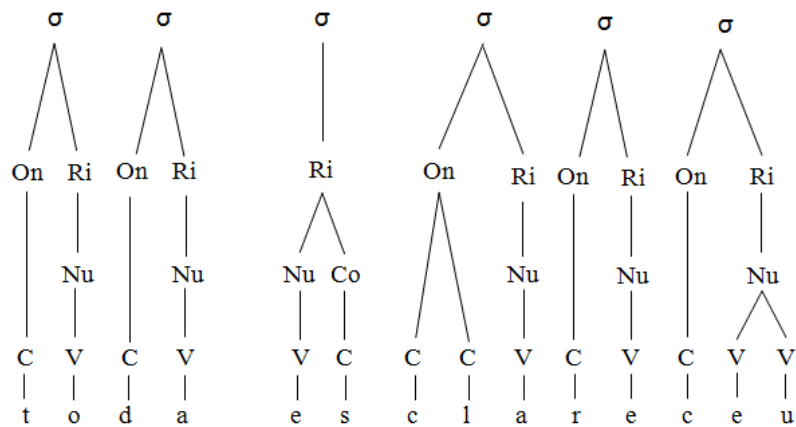
[Maria] $_{\omega}$ [estrela] $_{\omega}$ \rightarrow [Mari] $_{\omega}$ [aStrela] $_{\omega}$

(127)

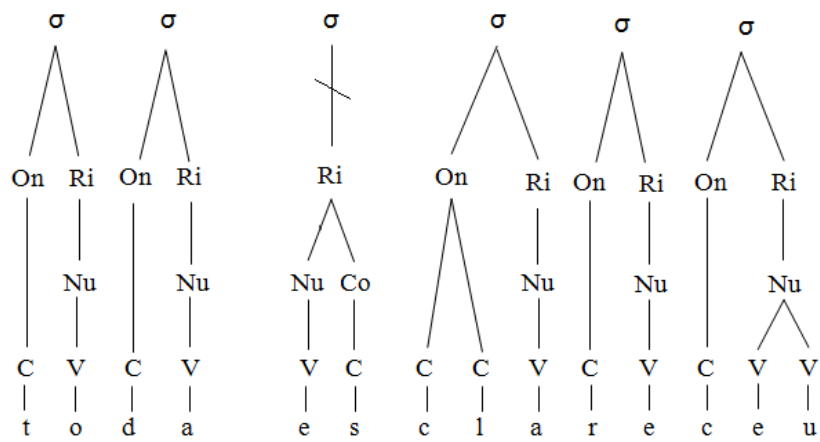
[toda] $_{\omega}$ [esclareceu] $_{\omega}$ \rightarrow [to] $_{\omega}$ [dasclareu] $_{\omega}$

(128)

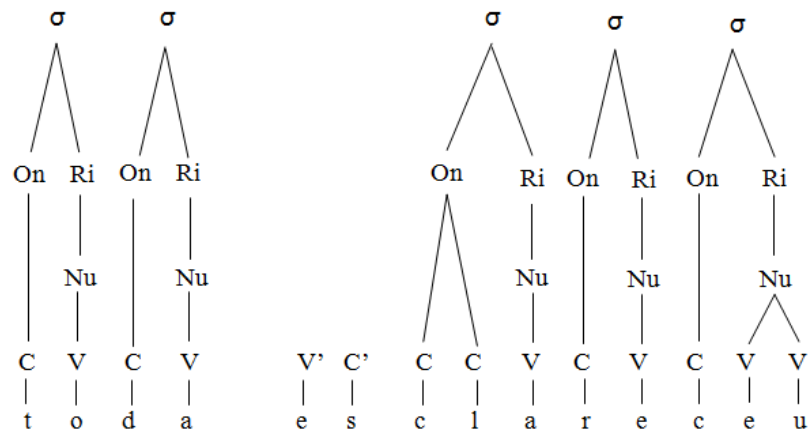
a.



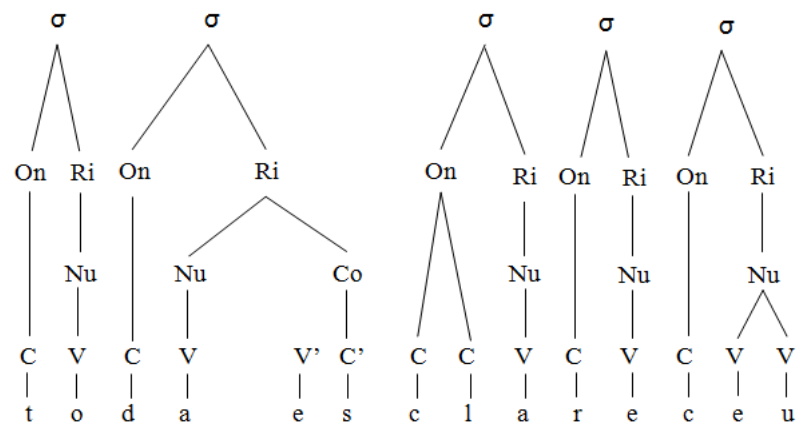
b.



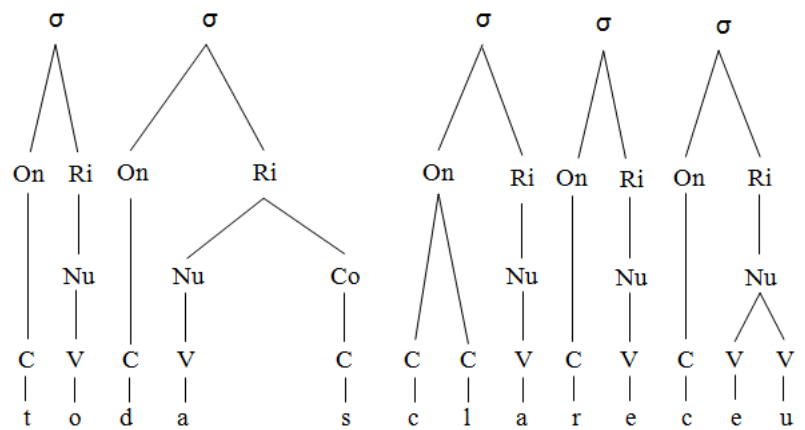
c. Choque



d.



e. Ressilabação



A resolução no apagamento da segunda vogal (V₂) seria possível ritmicamente também, uma vez que cada ω portaria somente um acento:

(129)

[Mari]ω [aStrela]ω

(130)

[to]ω [dasclareceu]ω

No entanto, considerar a elisão da vogal inicial da segunda palavra seria ir contra o princípio de economia das línguas, uma vez que nós postularíamos a inserção de uma vogal e depois o seu apagamento. Na perspectiva que adotamos, derivacional, seria postular a existência de regras coexistentes que se anulam. Seria o caso de pensarmos na questão da *Duke-of-York* (DY) *gambit* do trabalho de Pullum (1976): a forma da derivação seria A → B → A; A como forma de base, subjacente, que passaria ao estágio B e depois retornaria à superfície como A novamente – (131):

(131)

Strela → estrela → strela

A → B → A

O exemplo dado por Pullum (1976) é a análise do “*r*-dropping and *r*-intrusion” (apagamento de *r* e *r* intrusivo) em vários dialetos do Inglês. A esse respeito McCarthy (2003, p.30) observa que “*final r is first deleted and then re-inserted before a vowel: Homer is → Hom[ə] is → Homer is (cf. Hom[ə] saw)*”⁴⁶. Pullum (1976) aborda este caso e outros como ele, perguntando se derivações DY são obrigadas pelos fatos, se podem ser descartadas em geral e como. Pullum (1976) chega a conclusão de que elas são necessárias e não devem ser descartadas.⁴⁷

⁴⁶ “*r* final é primeiramente apagado e então reinserido antes de uma vogal: Homer is [Homer é] → Hom[ə] is → Homer is (cf. Hom[ə]saw) [Homer viu].” (MCCARTHY, 2003, p.30, tradução nossa)

⁴⁷ McCarthy (2003, p.31) observa que este tópico do trabalho de Pullum (1976) foi, de certa forma, negligenciado e reitera que a OT oferece uma nova perspectiva sobre a coexistência e a interação do DY. Segundo McCarthy (2003), é de se esperar, que a OT possa mostrar novos caminhos sobre derivações, do tipo DY.

Casali (1997) diz que a elisão da primeira (V_1) de duas vogais adjacentes é mais produtiva nas línguas, no entanto é atestada também a elisão da segunda vogal (V_2). Casali (1997) sugere que há posições sensíveis que favorecem a permanência/queda das vogais, a saber: posição inicial da palavra, posição inicial da sílaba, conteúdo semântico e saliência fonética. O que torna o assunto difícil é o fato de que fonologicamente as duas saídas são praticamente idênticas. A silabificação resultante de ambos os processos é idêntica:

(132)

- a. Elisão de $V_1 \rightarrow CV_1 V_2 CV = CV_2. CV$
- b. Elisão de $V_2 \rightarrow CV_1 V_2 CV = CV_1. CV$

Colina (1997) propõe uma análise do processo tradicionalmente chamado de epêntese e apagamento no Galego. A respeito da epêntese inicial na língua galega, a autora diz que essa é restrita à posição inicial (casos de /s/ + C) e à posição final, depois de obstruintes, e que resulta da necessidade de satisfazer a sonoridade do *onset*. Formas que não contenham a epêntese, como, por exemplo [sta.bi.li.da.de], violam uma restrição altamente ranqueada, pois /st/ não é um *cluster* aceitável em início de sílaba.

Collischonn (2002) retoma que em latim qualquer consoante poderia aparecer em posição final de sílaba (exceto /k^w/, /g^w/, /f/ e /h/), enquanto o português arcaico (SOMENZARI, 2006) e as outras línguas romance mostram uma tendência à redução ou até mesmo à eliminação de sílabas fechadas através de uma variedade de processos históricos, como a simplificação de geminadas e de grupos consonantais, a vocalização e a monotongação. O resultado disso é que as sílabas somente podiam ser fechadas por soantes ou /s/.

Collischonn (2002) apresenta, também, uma análise do fenômeno da epêntese, de acordo com a teoria derivacional da sílaba de Itô (1986), baseada em Pigott (1995). Collischonn (2002) nos diz que durante a silabação, uma consoante não apta a ocupar uma posição silábica de ataque ou coda não seria ligada a nenhum nó silábico. A existência de uma dessas consoantes perdidas na representação fonológica desencadearia a criação de uma sílaba estrutural, desprovida ainda de núcleo vocálico, a qual permite a associação da consoante perdida em posição de ataque. Mais tarde, no pós-léxico, essa sílaba seria preenchida com uma vogal e a mora correspondente.

Se assumirmos que as línguas fazem um maior esforço para preservar material fonológico em contextos mais salientes, podemos esperar que o destaque acústico para o segmento da posição inicial da palavra lidere a preservação preferencial de elementos neste contexto, fato que não ocorre quando V_2 é elidida. Além disso, como postulou Massini-Cagliari (2005a), a consoante perdida no choque das vogais pode, nesse caso, ocupar coda de V_1 , ligando-se ao nó silábico da primeira palavra. Nessa perspectiva, na hora de escolher qual vogal apagar, o trovador apaga V_2 , vogal epentética – subespecificada – e deixa a vogal plena.

A partir da escansão dos versos em sílabas poéticas, pudemos observar os limites entre as sílabas fonéticas e constatar que nesses casos não é necessária a inserção da vogal epentética /e/ para que seja satisfeita a boa formação da sílaba e, conseqüentemente, a sonoridade do *onset*. Todavia, temos que ressaltar que há alguns casos do galego-português em que o processo de resolução para essas consoantes perdidas (casos de /s/ + C ou /n/ + C) faz com que ora se realizem com a inserção de uma vogal epentética – (133) – e, como vimos, ora não.

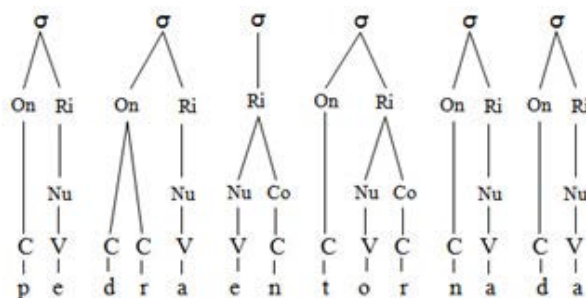
(133)

vyu/ a/ pe/**dr'** en/tor/na/da (CSM 1; verso 46) – 6 sílabas poéticas

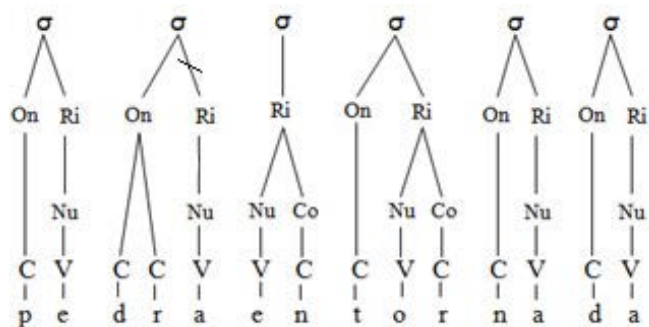
Quando acontece a sua realização, temos como resultado uma elisão, isto é, a vogal final da primeira palavra é apagada. Na elisão, o choque das duas rimas dessilabifica a primeira sílaba, que deixa C' e V' flutuantes com os seus segmentos pendentes. A ressilabação ativada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico faz da consoante perdida o ataque da sílaba remanescente, criando uma sílaba ótima, mas esquece a vogal, que é apagada por convenção – exemplo (134).

(134)

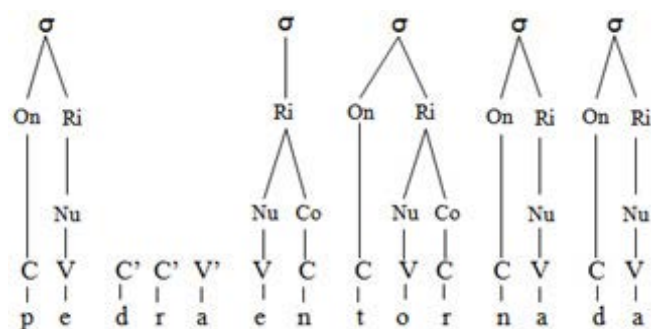
a.



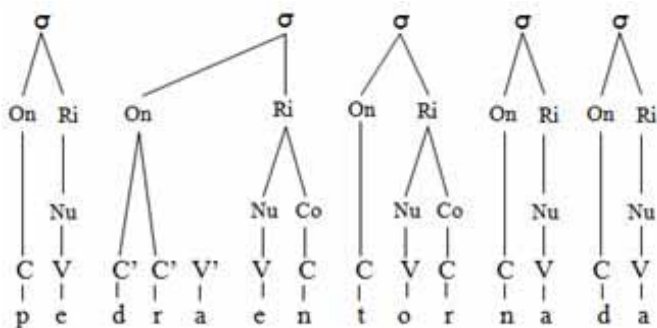
b. Choque



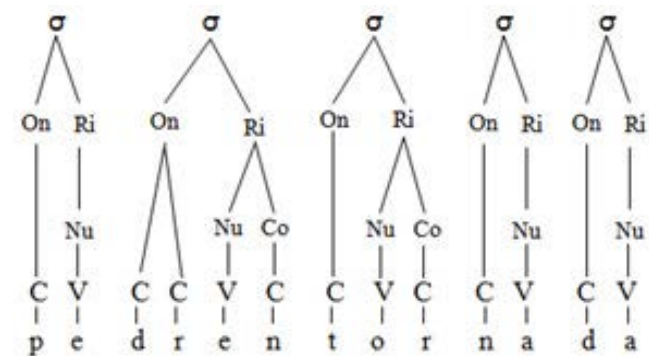
c.



d.



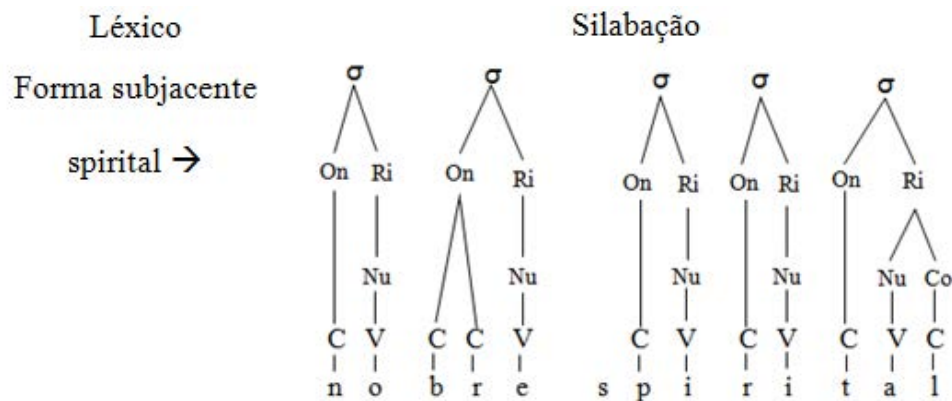
e. Ressilabação



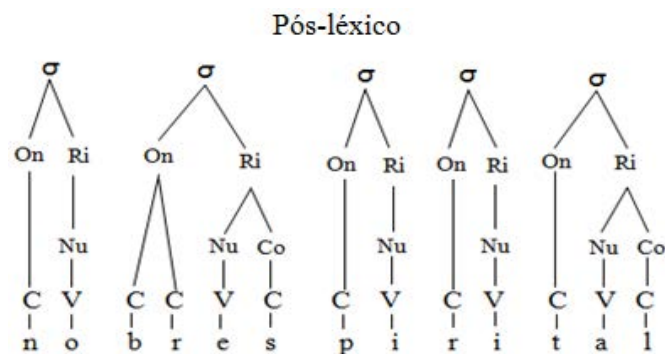
Quando não acontece, uma das hipóteses seria considerar essas consoantes, aptas a ocupar a posição silábica de coda, ligadas ao nó silábico da sílaba final da primeira palavra, como em (135).

(135)

a.



b.



Notamos, também, que a não realização da vogal epentética tem um ambiente rítmico comum: a) sílaba átona seguida de uma sílaba pretônica; b) monossílabo seguido de uma sílaba pretônica.

Nesta perspectiva, podemos postular – introdutoriamente – que /s/ e /n/ podem provocar ou não, em início de palavra e sendo essa sílaba pretônica, a epêntese. Em outras palavras, a epêntese externa nem sempre ocorre para otimizar uma estrutura silábica. Parece-nos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética.

Assim, por meio das possibilidades de escolha de resolução dos encontros de vogais em juntura vocabular nas *CSM*, e identificando as resoluções dos encontros vocálicos no sistema do PA, podemos perceber nuances atribuídas para as resoluções. Considerando as observações da resolução de encontros entre as palavras, podemos também caminhar para um nível superior: o de considerar o levantamento desses processos fonológicos, com o intuito de mostrar indícios de padrões rítmicos no PA. Levando em consideração o fato de esse processo se constituir como marginal, podemos avançar na hipótese sobre o contexto segmental não ser um fator crucial para a consideração do ritmo em PA, corroborando a afirmação da prevalência do contexto sintático sobre o fonológico.

Esse processo ocorre 19 (0,1%) vezes nos 13722 encontros de vogais em juntura de palavras; estamos tratando novamente de um processo marginal no PA, portanto. É necessário ressaltar que as vogais finais envolvidas da primeira palavra são /a/ ou /e/ e a vogal inicial que não se realiza ou sofre apagamento é sempre /e/. A não realização ou a elisão da vogal epentética tem um ambiente rítmico comum: a) sílaba átona seguida de uma sílaba pretônica; b) monossílabo seguido de uma sílaba pretônica.

A dificuldade em identificar as estruturas fonética e fonológica (existência ou não de vogal) origina problemas na segmentação silábica. De acordo com Henriques (2009), até mesmo o falante tem dúvidas na segmentação silábica das sequências /sp, st/. Em nosso trabalho, como não temos a presença física do falante, usufruímos de uma metodologia que busca abstrair dos limites das sílabas poéticas as sílabas fonéticas.

Mostramos que há outro processo ainda não nomeado, que consiste na não realização da vogal inicial da segunda palavra. Outra possibilidade é o apagamento (elisão) quando essa é precedida por /s/ ou /n/. Ambas as possibilidades têm em somente um segmento vocálico: vogal grafada <e>, vogal epentética do português.

A partir dessa perspectiva, supomos resoluções diferentes para esse caso e consideramos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos em alguns casos, possivelmente, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética.

5.5 Hiato

Hiato é o nome que se dá quando dois sons vocálicos estão em sílabas distintas e vizinhas. Tem-se duas vogais "fortes", que equivalem a dois picos de sílaba, pronunciadas em dois esforços de voz. O hiato pode ocorrer no interior de uma palavra ou externamente, no contato de sílabas terminadas em vogais na fronteira de palavras.

Muito embora o objetivo central de análise e discussão sejam os processos de sândi vocálico externo, não poderíamos deixar de contemplar o bloco que se opõe a esse, ou seja, a não-aplicação do sândi, a preservação total da “natureza silábica” da primeira vogal. No hiato, a qualidade e a posição das vogais das palavras são mantidas.

Verificamos, a partir da seção 5 desta tese, que um dos fatores para o bloqueio de processos fonológicos em PA, como o sândi vocálico externo, e, conseqüentemente, a manutenção do hiato, é a sílaba ser proeminente, portar acento em certos níveis da hierarquia prosódica. Todavia, há casos em que as vogais se encontram em posição átona final de palavra e, mesmo aptas a serem suprimidas ou transformadas em semivogal diante de uma vogal inicial de outra palavra, não sofrem qualquer processo fonológico, mantendo o hiato nas fronteiras intervocálicas. Cunha (1961, p. 43), em relação ao hiato em textos medievais, observa que “80% dos exemplos que aparecem nos textos examinados são decorrentes de impedimentos fonéticos, fonêmicos e morfológicos”. Nossa proposta, então, consiste em verificar o motivo, ou os motivos, da manutenção dos hiatos em juntura de palavra.

No levantamento quantitativo realizado, o hiato foi mantido em 7410 casos de vogais em juntura vocabular, número que corresponde a 54% dos casos de sequências vocálicas mapeadas no *corpus* composto por 200 CSM. O fato de o hiato ser quantitativamente majoritário aponta para a tolerância, em grande medida, de sequências vocálicas em juntura vocabular em PA. Os dados foram controlados de acordo com a natureza das vogais envolvidas no hiato: hiatos de sílabas abertas com vogal – (136), hiatos de ditongos decrescentes (VV) com vogal – (137) – e hiatos de ditongos crescentes (VV) com vogal – (138).

(136)

- a. bēeyta e sagrada (CSM 1, verso 6)
- b. no seu reyno e nos erdar (CSM 1, verso 8)
- c. de Roma a Virgen de Deus amada (CSM 17, verso 8)

(137)

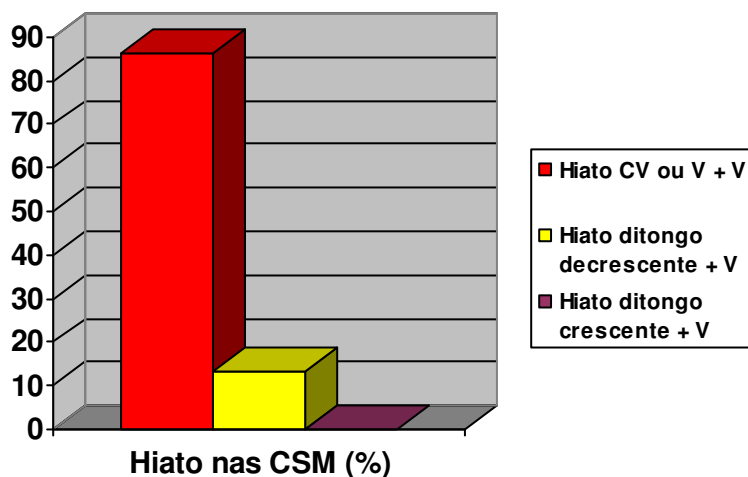
- a. Quando viu o mong' esto, pesou-lle tant' en (*CSM* 73, verso 40)
- b. non ousarerey ant' o abad' aparecer (*CSM* 73, verso 47)
- c. Mais valvera que non fosse eu en este mundo viva (*CSM* 75, verso 159)

(138)

- a. en Segovia, u morar (*CSM* 18, verso 12)
- b. a paga u mia eu porria. (*CSM* 25, verso 67)
- c. con gran ravia as começaram todas de roer (*CSM* 38, verso 83)

Os encontros vocálicos que mantêm hiatos de sílabas abertas com vogal correspondem a um número bem superior (6409 casos mapeados – 86,5%), se comparados com hiatos de ditongos decrescentes (VV) com vogal (985 casos – 13,3%) e hiatos de ditongos crescentes (VV) com vogal (16 casos – 0,2%). Uma das considerações para a discrepância de resultado se deve ao fato de o PA possuir mais sílabas finais de palavra abertas do que de palavras de sílaba final contendo ditongos – VV – (tanto crescentes quanto decrescentes).

Gráfico 3 - Hiatos nas CSM



Além disso, quantitativamente, podemos notar uma diferença entre ditongos decrescentes e crescentes em contexto de juntura vocabular. Massini-Cagliari (2005a),

considerando o contexto de realização de hiatos no interior de vocábulo, já apontava para o fato de que

a maior ou menor recorrência dos ditongos está relacionada principalmente a dois fatores: o primeiro [...] é a ocorrência em um número maior de palavras; o segundo é o fato de alguns ditongos decrescentes serem suporte de marcas de tempo/modo/aspecto, precedidas ou não da vogal temática verbal, em terminações verbais. (MASSINI-CAGLIARI, 2005a, p.117-118)

Os casos de hiatos envolvendo ditongos decrescentes (VV) com vogal inicial da segunda palavra são 985 (13,3%). Na tabela 9, trazemos os ditongos decrescentes finais da primeira palavra em junção vocábrica com V₂ mapeados durante a análise do *corpus*:

Tabela 9 - Hiatos envolvendo ditongos decrescentes

Ditongos decrescentes	Vogal inicial da palavra seguinte (V ₂)	Quantidade	Percentual
eu; oi; ai; iu; ei; ey	a (a, ã/an)	382	38,78%
	e (e, ã/en)	303	30,76%
	é (/ɛ/)	11	1,12%
	i	44	4,47%
	o	168	17,06%
	ó (/ɔ/)	11	1,12%
	u (ũ/un)	66	6,70%
TOTAL		985	100%

Massini-Cagliari (2005a) traz evidências da sensibilidade do PA ao peso das sílabas para a localização do acento tônico, ou seja, qualquer sílaba pesada (com duas moras ou mais) localizada na última posição silábica da palavra atrai para si o acento principal. Como o ditongo ocupa duas posições morais, a sílaba que o possui é pesada, atraindo inevitavelmente o acento, caso esteja posicionada no fim da palavra. O acento é um elemento que bloqueia o sândi vocálico externo; sendo a sílaba final acentuada, só podem ser encontrados hiatos no contexto de ditongos (VV) seguidos por V₂.

Os hiatos envolvendo ditongos crescentes (VV) com vogal inicial da segunda palavra (0,2%) constituem 16 casos. Na tabela 10, trazemos os ditongos crescentes finais da primeira palavra em junção vocábrica com V₂ mapeados durante a análise do *corpus*:

Tabela 10 - Hiatos envolvendo ditongos crescentes

Ditongos crescentes	Vogal inicial da palavra seguinte (V ₂)	Quantidade	Percentual
io; ia; ua	a (a, ã/an)	7	37,5%
	e (e, ê/en)	4	31,25%
	é (/ɛ/)	0	0%
	i	0	0%
	o	4	25%
	ó (/ɔ/)	0	0%
	u (ũ/un)	1	6,25%
TOTAL		16	100%

Vimos na seção 4.2.1 desta tese que, de acordo com Massini-Cagliari (2005), os ditongos crescentes em PA podem ser divididos em dois grupos, vogal I seguida de A ou O e ditongos do tipo QU-/GU- +V (em que V=[a]). Além disso, Massini-Cagliari aponta para o fato de os casos de ditongos IA e IO, no interior da palavra, serem quantitativamente menores que os de QU-/GU- +V (em que V=[a]) nesse mesmo contexto. Todavia, em nosso mapeamento, considerando o contexto de vogais em juntura vocabular, há 13 casos de hiatos envolvendo ditongos IA e IO seguido de V₂, e somente 3 casos de QU-/GU- +V seguido de V₂ – (139g), (139j) e (139m).

(139)

- a. en Segovia, u morar (CSM 18, verso 12)
- b. a paga u mia eu porria. (CSM 25, verso 67)
- c. con gran ravia as começaram todas de roer (CSM 38, verso 83)
- d. que viu jazer ontr' a novia e ssi pera os partir (CSM 42, verso 74)
- e. Enton ss' espertou o novio, e desto tal medo pres (CSM 42, verso 82)
- f. por vos que mia alma cobrou ja saude (CSM 65, verso 192)
- g. poren da lingua, ond' era contreito (CSM 69, verso 97)
- h. resurgio-o dela, que vëo sen al (CSM 76, verso 33)
- i. quando ss' estendia o nervio odeito (CSM 77, verso 38)
- j. e deron-lle pan e agua aqueles peões (CSM 85, verso 20)
- k. h. mia alma, mais que a testa tornasse (CSM 96, verso 57)
- l. e ela des i foi mia aguardador.» (CSM 96, verso 59)
- m. foi logu'e del quardador (CSM102, verso50)
- n. novio a novia em solaz (CSM 135, verso157)
- o. a mia esperança creo que vossa perfia vença (CSM 167, verso18)

Os casos de hiatos cuja primeira vogal não faz parte de um ditongo (hiatos do tipo vogal oral, CV ou V + vogal ou nasal) constituem 6409 casos (86,5%). Trazemos na tabela 11 o mapeamento dos hiatos do tipo CV ou V + vogal ou nasal:

Tabela 11 - Hiatos nas CSM

Vogal final da primeira palavra (V ₁)	Vogal inicial da segunda palavra (V ₂)	Quantidade	Porcentagem
a +	a (a, ã/an)	624	9,74%
	e (e, ê/en)	842	13,14%
	é (/ɛ/)	61	0,95%
	i	81	1,26%
	o	395	6,13%
	ó (/ɔ/)	22	0,34%
	u (ũ/un)	190	2,96%
Subtotal:	a + V	2215	34,56%
e +	a (a, ã/an)	978	15,26%
	e (e, ê/en)	592	9,24%
	é (/ɛ/)	158	2,47%
	i	71	1,11%
	o	649	10,13%
	ó (/ɔ/)	11	0,17%
	u (ũ/un)	108	1,69%
Subtotal:	e + V	2567	40,05%
ɛ +	a (a, ã/an)	13	0,20%
	e (e, ê/en)	13	0,20%
	é (/ɛ/)	1	0,02%
	i	0	0%
	o	0	0,14%
	ó (/ɔ/)	0	0%
	u (ũ/un)	3	0,05%
Subtotal:	ɛ + V	39	0,61%
i +	a (a, ã/an)	99	1,54%
	e (e, ê/en)	75	1,17%
	é (/ɛ/)	6	0,09%
	i	8	0,12%
	o	49	0,76%
	ó (/ɔ/)	1	0,02%
	u (ũ/un)	29	0,45%
Subtotal:	i + V	267	4,17%
o +	a (a, ã/an)	409	6,38%
	e (e, ê/en)	433	6,76%
	é (/ɛ/)	25	0,39%
	i	41	0,64%
	o	230	3,59%
	ó (/ɔ/)	5	0,08%
	u (ũ/un)	44	0,69%
Subtotal:	o + V	1187	18,52%
u +	a (a, ã/an)	46	0,72%
	e (e, ê/en)	42	0,66%
	é (/ɛ/)	14	0,22%
	i	7	0,11%
	o	22	0,34%
	ó (/ɔ/)	0	0%
	u (ũ/un)	3	0,05%
Subtotal:	u + V	134	2,09%
TOTAL		6409	100%

Com relação à pauta prosódica (140), esses são encontrados entre V₁ átona e V₂ pretônica (140a), entre uma V₁ átona e V₂ tônica (140b), entre V₁ tônica e V₂ pretônica (140c) e V₁ tônica e V₂ tônica (140d).

(140)

- a. quen contra Santa Maria filla atrevemento (CSM 34, verso 4)
- b. Un jograr, de que seu nome | era Pedro de Sigrar, (CSM 8, verso 12)
- c. monge, dali adeante | cad'an'un grand' estadal (CSM 8, verso48)
- d. bõa será esta, | asse Deus m'ajude, (CSM 9, verso 111)

Os monossílabos (CV ou V) tônicos incluem-se entre as palavras que bloqueiam a ocorrência de sândi vocálico externo, mantendo o hiato em juntura vocabular, (141).

(141)

- a. Diss' el: «Non, ca eu cobri (CSM 4, verso 92)
- b. E ao mar s' ya (CSM 9, verso 117)
- c. Logo fez que omenyochorou enoataude (CSM 43, verso 67)
- d. se esta dona vos queredes, fazed' assi: (CSM 16, verso 41)
- e. u assas armas ante leixou (15, 125)
- f. ouv' y un que começou a perder, (CSM 38, verso 31)
- g. Logo a Santa Virgen a el en dormindo (CSM 37, verso 31)
- h. de comprar o ano, cuidand' aver sa sennor, (CSM 16, verso 56)

De acordo com Cunha (1961, p. 43), “os encontros do pronome *que* e das conjunções *e*, *que*, *ca* e *se* com palavras de início vocálico [...] se resolvem de regra em hiato, seja a segunda vogal forte ou fraca”. Os dados obtidos por Massini-Cagliari (2005a), o estudo de Migliorini (2012) e o nosso mapeamento corroboram que essas palavras funcionais não se elidem quando seguidos de V₂.

Especificamente, no caso de *que*, Cunha (1961, p. 59) afirma que “a integridade do monossílabo *que* mantinha-se na versificação trovadoresca de forma absoluta”. Em todos os casos mapeados, nas 200 CSM, o monossílabo manteve o hiato em juntura vocabular. No exemplo (142), trazemos alguns, dos muitos, hiatos de *que* + V₂ presentes nas CSM:

(142)

- a. **que a** Deus rogasse que llafezessegãar (CSM 16, verso 33)
- b. **que un** cavaleiro, por desamor (CSM 22, verso 11)
- c. ant' un dia **que a** vir (CSM 25, verso 89)
- d. **que a** arc' ant' ele fogia (CSM 25, verso 103)
- e. ca viu **que a**quel feito (CSM 28, verso 105)
- f. No seu reino **que el** pera nos ten (CSM 30, verso 34)
- g. Pois **que o** judeu assi foi mort' e cofondudo (CSM 34, verso 20)
- h. con estes **que aqui** vëen; l mais paremo-nos en az (CSM 35, verso 52)
- i. alongar enton tan muito l **que as** non viron nenllur (CSM 35, verso 91)
- j. Daquela **que eu** amava, ca euben o jur' a Deus (CSM 42, verso 32)
- k. **que a** cabo de seis dias jazendo morto chorara (CSM 43, verso 77)
- l. **que era** dun cavaleiro; e d'outra parte de fronte (CSM 48, verso 13)
- m. que quanto quer **que a**chasse domõesteirofillava (CSM 48, verso 22)
- n. dos monges, **que ant'** aviandaagua gransoidade (CSM 48, verso 38)

Cunha (1961, p.65) observa que “a autonomia silábica do *que* perdeu-se, no entanto, na versificação portuguesa, antes que a do *e*. Razões fonéticas certamente concorreram para isso, mas razões fonéticas a que se aliavam outras de ordem funcional”. Segundo Cunha (1961), a contração da vogal *e* com uma vogal seguinte provocaria a descaracterização morfológica da palavra, logo a perda do valor silábico de *que* aconteceu anteriormente à de *e* na língua portuguesa:

o *que*, então vocábulo também semitônico, não apresentava a mesma exigüidade formal, motivo por que, à medida que se atonicava, o seu elemento vocálico se ia tornando, cada vez mais, passível de elisões e sinalefas. (CUNHA, 1961, p.65)

Para Cunha (1961, p.65) “a evolução do *que* para o ditonguismo não foi tão rápida” e o fenômeno de mudança no grau de tonicidade dessa conjunção *que*, “sai do campo restrito de nosso idioma para torna-se um fato românico, embora a intensidade na pronúncia do vocábulo se tenha conservado, ao que parece, mais tempo em português do que nas línguas irmãs.” (CUNHA, 1961, p.73). Para finalizar, Cunha

(1961, p. 74) chega a quatro conclusões a cerca do movimento histórico sofrido pelo *que*:

- a) na fase primitiva das línguas românicas o que deveria apresentar tonicidade apreciável, pois, de outra forma, não lhe seria possível desempenhar as funções de vocábulo de apoio nem manter sua individualidade antes de palavras de início vocálico;
- b) em sua evolução românica êsse monossílabo perdeu, progressivamente, a intensidade originária, passando a mera partícula proclítica;
- c) em conseqüência dessa atonificação, não pôde conservar sua integridade antes de fonemas vocálicos, com os quais passou a formar sílaba;
- d) em português, no entanto, a sinalefa e a elisão do que são fenômenos tardios, datáveis, quando muito, de fins do séc. XIV ou princípios do séc. XV.

Outros monossílabos que tendem a manter o hiato são *mi* e *ti*. Mostramos, na seção 5.1, que, quando esses monossílabos estão seguidos por vogais em juntura vocabular, pode ocorrer a ditongação. Todavia, é possível verificar casos de manutenção de V_1 no contexto *mi/ti* seguido de V_2 , no *corpus* analisado:

(143)

- a. de **mi e** da outra dona, a que te mais praz (*CSM* 16, verso 67)
- b. tanto que est' ano rezes por **mi outra** vez (*CSM* 16, verso 77)
- c. que mostra-lo [possa][per **mi e** non ande (*CSM* 65, verso 7)
- d. chama-o ante **mi, e** serás soltado (*CSM* 65, verso 173)
- e. me ficou end' a **mi, e** fui rei alçado (*CSM* 65, verso 203)
- f. por **mi en** esta prebenda (*CSM* 66, 37)

Massini-Cagliari (2005a) advoga que os monossílabos estão submetidos à restrição rítmica que bloqueia o sândi vocálico externo e, considerando a proposta de Cunha (1961), afirma que, por portarem uma semiforça, os monossílabos não podem se elidir com as vogais que os seguem. Além disso, há monossílabos que bloqueiam totalmente o sândi vocálico externo, já outros, apenas, parcialmente.

Além da questão silábica e acentual, observamos também a qualidade vocálica na manutenção do hiato. A respeito da qualidade vocálica de V_1 no contexto de hiato, em um primeiro momento, tenderíamos a considerar que essa informação não seria relevante em sua manutenção, uma vez que é possível encontrar hiatos envolvendo quase todas as sequências vocálicas. No entanto, se compararmos o mapeamento dos hiatos com os de sândi vocálico externo, podemos observar que algumas vogais se

mantêm de forma total ou parcial também quando no contexto de vogais em juntura vocabular. Esse é o caso das vogais *i* e *u*.

(144)

- a. Nen ela outrossi **a** nos de non (CSM 30, verso 25)
- b. E des **ali** adeante non ouv' y boi nen almallo (CSM 31, verso 63)
- c. El **assi** estando en mui gran pavor, (CSM 82, verso 16)
- d. **dali**, esobr' ungran monte opos essa ora (CSM 85, verso 44)
- e. E disse-ll' **assi**: «**I**de falar con mia sennor (CSM 64, verso 56)
- f. porend' eu d' **agui** **ir**-m-ei (CSM 88, verso 46)
- g. **ali** **o** fog' e queimou quant' avia (CSM 39, verso 11)
- h. podedes per **y** **o**feit' entender (CSM 97, verso 61)
- i. **Ali** **u** ergeu os seus (CSM 28, verso 95)
- j. viron entrar **y** **un** moço mui fremosço correndo (CSM 55, verso 62)

(145)

- a. pero ando **nuu** **e** mui mal parado (CSM 65, verso 198)
- b. e pois tu sees **su** **e**l ssé (CSM 80, verso 21)
- d. e foi log' a Roma **u** **o** Papa era (CSM 65, verso 46)
- e. **u** **o**capelan estava ant' el engão llo fito (CSM 75, verso 129)

Grande parte dos vocábulos terminados em *i* mapeados em nosso *corpus* – (144) – pertencem a uma sílaba tônica final. Logo, quando V_1 é portadora de acento, o sândi vocálico externo é bloqueado. Outra situação de manutenção da vogal *i* é quando essa pertence a uma sílaba V – (144h) e (144j). Podemos considerar que a contração da vogal *i* com uma vogal seguinte provocaria a descaracterização morfológica e semântica da palavra quando sozinha em uma sílaba. Dessa forma, a preservação do material morfológico e semântico contribui para que a vogal nesse contexto não sofra nenhum processo fonológico de modificação. Estendemos essa explicação para os exemplos (145d) e (145e), que contemplam a vogal *u*.

Todos os contextos intervocabulares que foram mapeados referentes à sequência $u+V_2$ mantiveram o hiato. A ocorrência da vogal /u/ em sílaba átona final – (145a) e

(145b) - não motiva seu apagamento, ou seja, V_1 não porta acento em nível de ω , nem em níveis superiores a ω ; as palavras envolvidas pertencem a um único I.

É importante ressaltar que os hiatos formados por vogais iguais são diferentes, em natureza, dos hiatos formados por vogais distintas, porque, embora haja uma sequência de vogais iguais, essa sequência não é barrada pelo PCO e, sob uma perspectiva diacrônica, fica visível o processo de mudança da língua no contexto de vogais em juntura vocabular. A partir do levantamento quantitativo realizado por nosso estudo, pode-se verificar que os hiatos realmente aparecem em proporção maior do que o sândi vocálico externo e são constituídos ou por vogais que não se fundem, pois muito provavelmente por não terem o mesmo grau de altura, ou por constituírem vogais idênticas duplas que ainda não estavam aptas a sofrerem nenhum processo fonológico naquela época, ou para manter o metro dos versos, ou por bloqueios de ordem prosódica, rítmica e fonotática.

5.6 Considerações finais

Esta seção consiste na nossa contribuição para os estudos sobre o sândi vocálico externo nas línguas e, especificamente, no PA. Gostaríamos que recebessem destaques as ideias que envolvem o sândi vocálico externo em uma perspectiva não linear. A primeira é considerar o sândi (elisão, crase, ditongação ou degeminação) como um processo de ressilabação, quando duas vogais entram em contato no domínio de palavra lexical e em outros superiores. A segunda tange à incorporação da nova sílaba à pauta prosódica do segundo vocábulo (em uma ordem da esquerda para a direita). Quando é possível a ocorrência de sândi vocálico externo, há princípios que o regulam, tais como as estruturas silábicas envolvidas nos processos fonológicos, o acento nas sílabas ou em domínios superiores e a qualidade das vogais na juntura vocabular.

Os princípios que motivam a ocorrência do sândi no português também o motivam em outras línguas. Todavia, cada língua tem parâmetros responsáveis por marcar suas particularidades, tornando-as diferentes entre si. Os valores de acordo com cada língua dão origem às mudanças entre as línguas e as mudanças dentro da própria língua.

No PA, mapeamos quatro processos fonológicos – elisão, crase, ditongação e apagamento de V_2 – em contexto de juntura vocabular e os contemplamos em

subseções. Foram mapeadas, no âmbito das 200 primeiras *CSM*, todas as soluções para o encontro de vogais em junção vocabular. Obtivemos um total de 13722 ocorrências de encontros vocálicos intervocábulares.

O apagamento de V_1 (elisão/crase) foi a resolução mais adotada para resolver o encontro de vogais em junção vocabular. Na elisão, duas palavras entram em contato, sendo a última sílaba da primeira palavra átona e terminada por vogal /a,e,o/ e a segunda palavra iniciada por uma vogal, independentemente de sua qualidade rítmica (essa pode ser tônica, pretônica, leve, ditongo ou CV); o choque de núcleos silábicos desfaz a sílaba final da primeira palavra (V_1) – mais fraca em termos prosódicos. Os monossílabos átonos terminados em /e/ têm como possibilidade mais frequente a elisão. Para os monossílabos terminados em /i/, *mi* e *ti*, o hiato é a solução adotada em alguns casos e, em outros, podem sofrer ditongação.

Quando o apagamento de V_1 não é contemplado, outros processos fonológicos ocorrem, como, por exemplo, a ditongação. De todos os processos possíveis no PA entre vogais de diferentes palavras, é a ditongação o que tem o contexto desencadeador mais restrito: apenas ocorre depois do pronome átono *mi* (com o pronome *ti*, não é o processo preferencial). Para a realização da ditongação é necessário que os pronomes *mi* ou *ti* sejam átonos e que a palavra posterior seja iniciada pela vogal /a/ ou /o/, independentemente se essas forem tônicas, pretônicas, leves.

Foi possível também observar que o contexto estudado por nós (sequência de vogais em junção vocabular) propiciou o mapeamento da não realização ou do apagamento de V_2 . No entanto, não pudemos afirmar categoricamente se havia somente uma das duas possibilidades, não realização ou apagamento de V_2 , em PA. Embora as teorias não lineares se mostrem bastante explicativas, a questão crucial, no caso da não realização ou do apagamento de V_2 , foi determinar a forma subjacente ou *input* de palavras específicas, em um contexto de análise histórica, em que os dados nem sempre são abundantes nem de fácil interpretação. Logo, podemos dizer que o principal problema relativo à análise da solução dos encontros vocálicos nesse contexto não reside na utilização do aparato formal disponível para explicá-la.

Todas as soluções adotadas nas *CSM* nos ajudaram a evidenciar os limites entre as possibilidades e impossibilidades de processos linguísticos, mais especificamente fonológicos, dentro do sistema. Dessa forma, nossa contribuição se torna relevante, pois

consiste em apontar as tendências principais da língua, em termos de silabações ótimas e excepcionais no PA, em aspectos rítmicos e processos fonológicos.

CONCLUSÃO

O objetivo principal do estudo apresentado foi mapear e analisar todas as sequências vocálicas possíveis no PA em juntura vocabular, através do estudo de fenômenos segmentais e suprasegmentais do português medieval, apreendidos pela análise da métrica de um *corpus* poético composto por 200 *CSM*. Contextualizamos historicamente a época e a língua em que essas foram compiladas. Para o mapeamento dos dados, a metodologia empregada foi a já anteriormente utilizada em Massini-Cagliari (1999a, 2005a), e em trabalhos que nela se baseiam (ZUCARELLI, 2002; BIAGIONI, 2002). A metodologia parte da busca na escansão dos versos em sílabas poéticas dos limites entre as sílabas fonéticas. Especificamente com relação ao estabelecimento das fronteiras silábicas externas à palavra, no caso de encontros vocálicos e à categorização fonológica desses encontros, é particularmente relevante a observação dessas fronteiras no meio dos versos.

Dada a confiabilidade da silabação dos encontros vocálicos em juntura vocabular percebida a partir da métrica das cantigas, os dados provenientes do mapeamento feito a partir do *corpus* formam a base sobre a qual se desenvolveu a análise fonológica aqui proposta. Porém, optamos por também consultar os glossários e vocabulários. Apresentamos, além disso, os modelos teóricos adotados para a análise de nossos dados e estudos sobre o tema proposto no PA e no PB. Posteriormente, passamos para o estudo quantitativo e qualitativo dos encontros vocálicos do PA, mapeando e discutindo todas as possibilidades de resolução dessas sequências (elisões, crases, ditongações e o hiato).

Expomos, na seção 5, aspectos fonotáticos e rítmicos das resoluções dos encontros vocálicos no PA por meio das *CSM*. Um estudo que parte do quantitativo para o qualitativo, como o apresentado na seção 5, é de extrema relevância, no sentido de apontar as tendências principais da língua, em termos de silabações ótimas e excepcionais. Além disso, o estudo desenvolvido também aponta as resoluções (in)aceitáveis em PA para sequências de vogais.⁴⁸

A partir disso, podemos afirmar que o processo de elisão ocorre somente com as vogais /a/, /e/ e /o/ átonos, sendo essas duas últimas mais frequentes. Os encontros de

⁴⁸ A lista de todas as sequências vocálicas mapeadas no *corpus* pode ser encontrada no CD-ROM anexo a esta tese.

/a/ podem ocorrer diante de todas as vogais, no entanto a crase só ocorre quando se encontra com /a/.

Os monossílabos átonos terminados em /e/ têm como possibilidade mais frequente de sândi a elisão. Para os terminados em /i/, o hiato é a solução adotada, com exceção de *mi* seguido de /a, e, o/ (neste contexto o processo de sândi selecionado é a ditongação). Portanto, de todos os processos de sândi possíveis no PA, é a ditongação o que tem o contexto desencadeador mais restrito: apenas ocorre depois do pronome átono *mi* (com o pronome *ti*, não é o processo preferencial).

Vimos que, para a ocorrência da elisão no PA, a primeira palavra deve conter uma sílaba final átona ou ser um monossílabo (não tônico). Assim, quando duas palavras entram em contato, tendo a primeira palavra sua última sílaba átona terminada por vogal /a,e,o/ e a segunda palavra iniciada por uma vogal, independentemente de sua qualidade rítmica (essa pode ser tônica, pretônica, leve, ditongo ou CV), o choque de núcleos silábicos desfaz a sílaba final da primeira palavra (V_1) – mais fraca em termos prosódicos. Então, a ressilabação – chamada para salvar os segmentos flutuantes – reassocia-os ao nó subsistente que domina V_2 .

Os dois pressupostos que orientaram nossa análise consistem em considerar que o sândi externo é um processo de ressilabação motivado pelo choque de núcleos silábicos de palavras diferentes; a elisão é controlada por uma restrição rítmica, isto é, essa não se aplica se incidir sobre a sílaba da primeira palavra o acento lexical.

Para a realização da ditongação, é necessário que os pronomes *mi* ou *ti* sejam átonos e que a palavra posterior seja iniciada pela vogal /a/ ou /o/, independentemente se essas forem tônicas, pretônicas, leves. Mostramos, a partir de nosso trabalho, o único caso de junção do pronome *ti* ao ditongo *eu* e adotamos a suposição de que a vogal anterior alta ocuparia a posição de uma consoante no *onset* palatalizado para dar conta dessa realização.

Finalizamos, mostrando que há outro processo ainda não nomeado, que consiste no apagamento ou elisão ou a não realização da vogal inicial da segunda palavra quando essa é precedida por /s/ ou /n/. Quando essa vogal se realiza é grafada /e/, vogal epentética do português da época. A partir dessa perspectiva, supomos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética.

O estudo feito até o presente momento nos leva a tecer algumas conclusões e hipóteses no âmbito da língua portuguesa. A primeira consideração importante é a de que na primeira fase da história da língua portuguesa os hiatos eram bastante produtivos e foneticamente realizados e temos a confirmação de que os processos fonológicos que desfazem a estrutura de hiato nos dias de hoje começaram a atuar ainda no PA.

A segunda conclusão alcançada diz respeito ao contexto no qual o sândi vocálico externo não é aplicado mesmo quando atingidas as condições morfossintáticas, rítmicas, fonotáticas e fonológicas (relativas à qualidade das vogais envolvidas) para sua ocorrência, ou seja, os hiatos não são desfeitos no PA. Observando nossos dados, é possível constatar que, na formação da língua, os hiatos se mantinham tanto nos contextos tônicos quanto átonos. No PB atual, o padrão de acento influencia a escolha da estratégia de resolução de hiato e esse tende a se manter apenas em contextos tônicos, possibilitando o sândi vocálico externo em todos os outros casos que envolvem a atonicidade da sílaba final da primeira palavra. Esse fato nos mostra uma diferença para aplicação do sândi vocálico externo nos dois períodos: em PA, mesmo quando a sílaba da primeira palavra não portava acento (tanto de ω , quanto de ϕ), o sândi não ocorria. Ritmicamente, esse seria um contexto ótimo para se desfazer o hiato no PA, uma vez que não existiria nenhuma restrição rítmica que impedisse a aplicação de um processo fonológico. No entanto, não é isso que ocorre.

No PB, apesar de o hiato estar presente no *input* (na forma lexical), na maior parte dos casos, o *output* que chega à superfície, em lugar do hiato, é o resultado de um processo de sândi (em quantidade maior, apresenta-se uma forma ditongada). Dessa forma, questionamo-nos se haveria outro motivo, que não rítmico, para a não aplicação do sândi para resolver os hiatos em PA.

Olhamos para a sílaba, mesmo entendendo que, em abordagens derivacionais da fonologia, é o ordenamento entre os estágios de atribuição de acento lexical e de estruturação da frase que dá conta do privilégio do acento sobre as estratégias de silabificação. A hipótese que levantamos é de que a estrutura silábica canônica, constituída por um *onset* simples seguido de rima composta por somente uma vogal (CV) no PA, apresentava-se muito mais forte e relutante a sofrer modificações, uma vez que o hiato chegava à superfície na maioria dos casos mapeados e, quando não chegava, sendo desfeito por um processo fonológico, os escolhidos eram a elisão e/ou a crase, e não a ditongação (processo mais produtivo em português, tanto PB quanto PE, para

resolver o hiato). A elisão e a crase da vogal final de primeira palavra são processos que mantêm uma sílaba bem formada, ou seja, CV. Já na ditongação teríamos uma sílaba não canônica, do tipo CVV. Portanto, é explicável a menor ocorrência da ditongação como processo fonológico marginal do sistema. Ambos os processos marginais, ditongação e o apagamento da vogal inicial da segunda palavra (nomeado por nós como *outros processos*), modificam mais a sílaba da palavra quando em contexto de juntura vocabular do que a elisão e a crase. Se considerarmos essa hipótese, poderíamos afirmar que a boa formação da sílaba tinha prevalência sobre o ritmo na aplicação de processos fonológicos entre vogais em juntura vocabular no PA. O problema em considerar essa hipótese consiste na ideia da não precedência do acento sobre outros processos segmentais, quando ambos interagem.

Parece-nos que, caminhando para o português atual, a identidade de uma sílaba canônica (CV), de *onset* e rima simples, compostos, respectivamente, por uma consoante e uma vogal, e a correspondência entre a forma subjacente (hiato) e a forma que chega à superfície vão deixando de ter tanta prevalência, passando a ter um valor diferente na língua. O PCO constitui outro fator que nos mostra a prevalência do hiato na forma de superfície em PA, pois, mesmo com sequências de elementos idênticos adjacentes, essas não se desfazem facilmente, permitindo a correspondência da forma lexical das estruturas silábicas subjacentes com as de superfície. A proposição que se faz aqui carece ainda de uma sustentação funcional e/ou tipológica, que deixaremos para trabalhos futuros.

Algumas questões, durante o percurso de nosso trabalho, não foram totalmente sanadas e exploradas sistematicamente por nós. Uma das perguntas que nos fizemos foi se a proeminência dos outros domínios da hierarquia prosódica, como o pé (Σ) e a frase entoacional (I), no PA, bloqueariam o sândi vocálico externo. Embora tenhamos indícios para uma resposta, é necessário um estudo sistemático para verificação de bloqueio ou não. Além disso, é necessário definir com mais segurança e clareza o papel do grupo clítico (C) para o PA, bem como da frase fonológica (φ), no que diz respeito a processos fonológicos da língua.

Constatamos, a partir de um pequeno levantamento das fronteiras pós-lexicais, que o sândi vocálico externo não se aplica nas CSM entre todas as fronteiras, sempre que ocorrer adjacência prosódica das sílabas candidatas ao sândi. Verificamos que

processos que resultam em estruturas silábicas CV, como a crase e a elisão – e que, por hipótese, caracterizam o ritmo silábico –, podem ser sensíveis à fronteira prosódica.

Seria necessário verificar, assim como fez Tenani (2006, p.118) para a haplogogia, se a máxima de “quanto mais baixo o domínio, maior a tendência à implementação de um ritmo silábico; quanto mais alto o domínio, maior a tendência ao ritmo acentual” é observada no PA, ou seja, se há correlação entre aplicação do processo fonológico e tipo rítmico preferencial.

Um passo necessário ao estudo sobre o ritmo em PA seria estabelecer a relação entre o bloqueio do processo de sândi no PA e o tipo de estrutura prosódica que condiciona esse bloqueio, mesmo quando satisfeitas as condições segmentais e acentuais, discutidas nesta tese, para sua aplicação. Para alcançar esse objetivo, observaríamos as ocorrências envolvendo sílabas finais átonas em juntura vocabular. Essa escolha se baseia na consideração de qual contexto favorece a aplicação dos processos. Sendo assim, caso haja bloqueio de alguma resolução em uma dada estrutura prosódica, esse bloqueio estará condicionado por essa estrutura e não poderá estar associado à qualidade das vogais ou à sua saliência prosódica, posto que se trata de contextos átonos. Essa perspectiva se faz pertinente, também, devido ao fato de as resoluções em hiato para os encontros vocálicos que contêm a sílaba átona final da primeira palavra envolvida no encontro de vocábulos se manterem frequentemente em um número considerável de resoluções.

Feitas essas considerações a respeito das possíveis relações entre os processos fonológicos estudados neste trabalho e a organização rítmica, com base na análise e no mapeamento dos dados em PA, podemos, embora tenham sido mostrados apenas rumos futuros e não dadas respostas conclusivas a respeito da relação entre a implementação de processos fonológicos e a organização rítmica no PA, apresentar evidências a favor de se considerar informações das fronteiras dos domínios mais altos da hierarquia prosódica para que possa ser compreendido o papel da organização silábica na definição do ritmo em PA. Por fim, para tentar definir com mais segurança o ritmo linguístico em PA, devemos considerar as relações hierárquicas entre os constituintes prosódicos, aos quais estão submetidos os processos fonológicos que afetam as sílabas, no nosso caso, o sândi vocálico externo⁴⁹.

⁴⁹ A respeito da tipologia rítmica do PA, ver Massini-Cagliari (2011).

As descrições linguísticas estabelecem um conjunto de convenções, baseadas nas restrições fonotáticas, que permitem atribuir silabações aos segmentos das palavras no PA. Todavia, alguns autores acreditam que um *corpus* escrito não traz muitas pistas sobre como eram proferidos os encontros de vogais em vocábulos adjacentes, (VELOSO, 2003), sendo praticamente impossível analisar sândi apenas com textos poéticos. Gostaríamos de mostrar, com o nosso trabalho, e reafirmar, a importância e o caráter válido de um *corpus* poético para o estudo de aspectos prosódicos. Esta seria uma forma de estudarmos aspectos suprasegmentais de períodos passados de línguas, em que não há gravação da produção do falante, portanto.

Embora nosso trabalho não seja especificamente de cunho literário, ousamos tecer algumas palavras sobre a importância da união “Literatura + Linguística” para a pesquisa de uma língua. Quanto à pesquisa, acreditamos que estudos que consideram o texto literário não devem ser vistos ou entendidos como menores por não ter uma correspondência direta com a fala dos homens (independentemente da época).

As belezas de um texto, não somente de um texto poético, trazem aspectos estilísticos, que fazem parte da gramática da língua (MIGLIORINI, 2012), mas não só. Um texto literário explora todas as possibilidades da língua, analisa e explica as riquezas expressivas.

Do ponto de vista da cultura, textos escritos nos trazem o testemunho de outra época e de outra realidade geográfica, mostrando-nos como se pensava e se vivia durante uma determinada época. Do ponto de vista linguístico, os dados indiciam que os processos fonológicos de vogais em junta vocabular eram percebidos e marcavam a escrita daquela época. Aquele que escreve guia-se por uma percepção prosódica dos enunciados falados para produzir seu texto. Por fim, entendemos que os dados de escrita analisados podem ser interpretados como indícios de como se constituiu o PA, uma vez que são modos de enunciação sócio historicamente constituídos por meio de práticas orais e letradas.

Além disso, em relação à Linguística e à Filologia, nosso estudo permite conhecer aspectos da língua portuguesa no seu nascedouro. Permite-nos ainda contribuir com o estudo do galego português, unidade que foi se separando pouco a pouco, no decorrer dos tempos e na fala dos homens, em duas unidades linguísticas: o galego e o português.

Em nossa opinião, tudo o que foi exposto, desde a primeira página da presente tese, constitui apenas um resumo da importância do estudo de um *corpus* poético, do português medieval e das *CSM*. Não é pretensioso dizer que somente quem aprendeu a valorizar, como nós, a Idade Média, essa era da história humana que teve momentos de obscuridade tão proclamados, consegue ver seus momentos de claridade, de intenso brilho, presentes na língua daquela época.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. Acento frasal e os processos fonológicos segmentais. **Letras Hoje**. Porto Alegre, v. 31, n.2, 1996, p.41-50.
- ABAURRE-GNERRE, M. **Phonostylistic aspects of a brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints**. Doctoral Dissertation, Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffalo, 1979.
- ABAURRE, M.; PAGOTTO, E. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t,d/. In: ABAURRE, M. (Org.). **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p.195-236.
- ABAURRE, M.; GALVES, C.; SCARPA, E. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (Org). **Estudos da prosódia**. Campinas: UNICAMP, 1999, p.285-323.
- ABERCROMBIE, D. **Elements of General Phonetics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- AFONSO X O SABIO. **Cantigas de Santa María**: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.
- AITA, N. **O Códice florentino das cantigas do Rey Affonso, o sábio**. Rio de Janeiro: Litho-Typo Fluminense, 1922.
- ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**: edición facsímil del códice B.R.20 de la Biblioteca Centrale de Florencia, siglo XIII. 2v. Madrid: Edilan, 1989-91.
- ALFONSO X, EL SABIO. **Cantigas de Santa Maria**: edición facsímil del códice T.I.1 de la Biblioteca de San Lorenzo el Real de El Escorial, siglo XIII. 2v. Madrid: Edilan, 1979.
- ALI, M. S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALLEN, W. **Accent and Rhythm. Prosodic Features of Latin and Greek: a Study in Theory and Reconstruction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

AMARAL, T. A realização prosódica dos clíticos fonológicos nas cantigas religiosas de Santa Maria. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 8, 2010, p.1-30.

BARBOZA, J. **Grammatica Philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem**. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**: atualizada pelo novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993a, p. 142-146.

_____. Alfonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993b, p. 36-41.

BHAT, D. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J.; FERGUSON, C.; MORAVSICK, E. (Eds.) **Universals of Language: Phonology**. v.2. Stanford: University Press, 1978.

BIAGIONI, A. **A sílaba em português arcaico**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2002.

BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a Palavra Prosódica. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 20, n. especial, p. 59-70, 2004.

_____. Sandhi in Brazilian Portuguese. **Probus**. v.15. n.2. p.177-200, 2003.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002a.

_____. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. (Org.) **Gramática do português falado: convergências**. v.V. Campinas: Unicamp, 2002b, p.53-100.

_____. A elisão, uma regra variável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 35 (1), p. 319-330, 2000.

_____. A Sílabas e os seus Constituintes. In: M. H. M. Neves (Org.). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas, VII, 1999, p.701-742.

_____. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 247-261.

_____. Análise Métrica do Acento. **Boletim da ABRALIN**. 1993, p. 133-156.

_____. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez. 1992a.

_____. O acento e o pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.22, p.69-80, 1992b.

_____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

BISOL, L.; HORA, D. Palatalização da oclusiva dental e Fonologia Lexical. **Letras**, Santa Maria, 1993. p.25-40. Disponível em: < <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11447/6921>>. Acesso em 05 jul. 2013

BISOL, L.; SCHWINDT, L. **Teoria da otimidade: Fonologia**. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) **The handbook of phonological theory**. Cambridge: Oxford UK Blackwell, 1995, p.206-244.

BOOIJ, G. Principles and parameters in Prosodic Phonology: **Linguistics**, n. 21. 1983, p.249-280.

BRESCANCINI, C.; BARBOSA, C. A elisão da vogal média /e/ no sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n.3, p. 39-56, 2005.

BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

CAGLIARI, L. **Análise fonológica: introdução à teoria e a prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. Tese (Livre Docência em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 1982.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CÂMARA JR, J. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979[1975].

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1973[1970].

_____. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

CASALI, R. Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes? **Language**, n. 73, 1997.

CASTILHO, A. **Tratado de metrificação portuguesa**. 5ª edição. Lisboa: Empresa da Historia de Portugal/Livraria Moderna Typographia, 1908[1850].

CASTRO, B. **As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of english**. New York: Harper & Row, 1968.

COLINA, S. Epenthesis and deletion in Galician: an optimality-theoric approach. In: MORALES-FRONT, A.; MARTÍNEZ-GIL, F. **Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages**. Washington: Georgetown University, 1997.

COLLISCHONN, G. Sândi Vocálico no Português Brasileiro: como o acento determina sua realização. **Letras&Letras**. Uberlândia. v.28 n.1 p.13-27 jan.- jun. 2012.

_____. A interação entre acento e processos de (re)estruturação silábica: um desafio para a Teoria da Otimidade. **Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v.7, n.1, junho de 2011. Disponível em <<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2011/11/06-A-intera%C3%A7%C3%A3o-entre-acento3.pdf>> Acesso em jul. 2014

_____. Proeminência acentual e estrutura silábica e seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. (Org.). **O acento em português: abordagens fonológicas**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 195-223.

_____. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005[1996], p. 101-134.

_____. A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.). **Fonologia e variação do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **Análise prosódica da sílaba em português**. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

COSTA, D. **Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2006.

COSTA, I. **O acento em português**: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa. Dissertação (Mestrado em Linguística)-IEL/UNICAMP, Campinas, 1978.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 6ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CUNHA, C. Prefácio. In: FERREIRA, M. P. **O som de Martin Codax**: sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV). Lisboa: UNYSIS, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. IX-XIV.

_____. **Estudos de poética trovadoresca**: versificação e ecdótica. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

DIAS, A. **Processo de palatalização no português**: Lagoa da Pedra e Canabrava – TO. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

DUARTE, Y. **As regras de atribuição do acento primário em língua portuguesa.** 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1977.

DUBOIS, J. **Dicionário de Linguística.** São Paulo: Cultrix, 1973.

DUTRA, E. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: PUCRS, 2007. Disponível em: <//tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1508>. Acesso em: 06 dez. 2010.

FARACO, C. **Linguística Histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, M. The stemma of the marian cantigas: Philological and musical evidence. **Bulletin of the cantigueiros de Santa Maria**, Cincinnati, n. 6, p. 58-98, 1994.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à fonologia da Língua Portuguesa.** São Paulo: Hedra, 2001.

FIDALGO, E. **As Cantigas de Santa Maria.** Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. **Cantigas de Santa María:** Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985, p. XI-LXIII.

FREITAS, M. **Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu.** Dissertação de Doutorado – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1997.

GARRIDO, T. et al. A estrada. Liminha [Produtor] In: _____. **Quanto Mais Curtido Melhor.** São Paulo: Sony Music, 1998. 1 CD. Faixa 5 (4 min 42s).

GOLDSMITH, J. **Autosegmental and metric phonology.** Oxford: Basil Blackwell, 1990.

_____. **Autosegmental phonology.** 1976. Doctoral Dissertation (Department of Linguistics)-MIT, Cambridge, MA. 1976.

GUSSENHOVEN, C.; JACOBS, H. **Understanding Phonology.** New York, Oxford University Press, 1998.

HALLE, M.; VERNAUD, J. **An essay on stress**. Cambridge: Mass Mit Press, 1987.

HARRIS, J. **Syllable Structure and Stress in Spanish**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

HARAGUCHI, S. **A theory of Sress and Accent**. Dordrecht: Foris Publications, 1991.

HAUY, A. B. **História da língua portuguesa I: séculos XII, XIII e XIV**. São Paulo: Ática, 1989.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: principles and case studies**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **A metrical theory of stress rules**. Doctoral Dissertation(Linguistics)-Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA., 1980.

HENRIQUES, I. A importância da sílaba: uma reflexão fonológica. **eLingUp** - Revista electrónica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto. Portugal, 2009. p. 37-59. Disponível em: < http://cl.up.pt/elingup/vol1n1/article/article_3.pdf>. Acesso em: 04 jul.2013.

HERSLUND, M. Portuguese sandhi phenomena. In: ANDERSEN, H. (Ed.). **Sandhi Phenomena in the Languages of Europe**. Berlin; New York; Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1986, p. 505-518.

HOGG, R.; McCULLY, C. B. **Metrical Phonology: a coursebook**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991[1987].

HOOPERT, J. **Aspects of Natural Generative Phonology**, Los Angeles: University of California, 1973.

HYMAN, L. M. **Phonology: theory and analysis**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2007.

ITÔ, J. **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. Tese de doutorado – Universidade de Massachussets, 1986.

KAGER, R. **Optimality Theory**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1999.

KAHN, D. **Syllable-based generalizations in English phonology**. Doctoral Dissertation (Department of Linguistics)-MIT, Cambridge, MA, 1976.

KENSTOWICZ, M.; KISSEBERTH, C. **Generative phonology**. San Diego: Academic, 1979.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, v.57, n.2, p. 267-308, 1981.

LAPA, M. **Lições de Literatura Portuguesa: Época Medieval**. 10. ed. revista pelo autor. Coimbra: Ed. Coimbra, 1981.

_____. Introdução. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria editadas por Rodrigues Lapa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1933, p. III-VIII.

_____. **Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média**. Lisboa: edição do autor, 1929.

LEÃO, Â. **Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

_____. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. **Ensaio**: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

LEBEN, W. **Suprasegmental Phonology**. PhD dissertation, MIT. Distributed by Indiana University Linguistics Club, 1973.

LEVIN, J. **A metrical theory of syllabicity**. Tese de doutorado. University of Texas, 1985.

LIBERMAN, M. **The intonational system of English**. 1975. Doctoral Dissertation(Linguistics)- Department of Linguistics, MIT, Cambridge, MA., 1975.

LIBERMAN, M.; PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, Cambridge: Mass., v.8, n.2, 1977, p.249-336.

LIMA, C. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

LLORACH, E. **Fonologia española**. Madrid: Gredos, 1968.

LOPEZ, B. **The sound pattern of Brazilian portuguese (cariocan dialect)**. Los Angeles: University of California, Ann Harbor, University Microfilms International, 1979. Tese (Doutorado). University of California, 1979.

MAGALHÃES, J. **O plano multidimensional do acento na teoria da otimidade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MAIA, C. **História do galego-português**. 2 ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1997 [1986].

MASSINI-CAGLIARI, G. O que é fazer pesquisa em Linguística Histórica? In: GONÇALVES, A.; GÓIS, M. (Orgs.). **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 267-292.

_____. Sobre a tipologia rítmica do Português arcaico. In: VII Congresso Internacional da Abralín, 2011, Curitiba. Abralín Curitiba 2011. Curitiba: Abralín, UFPR, 2011. p. 1701-1715.

_____. Sandhi: a comparative study between Archaic and Brazilian Portuguese. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Contemporary Phonology in Brazil**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2008, p. 84 -109.

_____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C.; GONÇALVES, M. (Orgs.). **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial da FCL/UNESP-Araraquara, 2007a, p. 101-126.

_____. Das cadências do passado: o acento em português arcaico visto pela teoria da otimalidade. In: ARAÚJO, G. (Org.). **O Acento em Português: abordagens fonológicas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2007b, v. 1, p. 85-120.

_____. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos linguísticos e usos estilísticos. **Estudos Linguísticos**, v. 35, 2006, p. 76-94.

_____. **A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas.** Tese (Livre docência em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2005a.

_____. Questões de silabação: comparações entre o português arcaico e o português brasileiro. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; MURAKAWA, C.; BERLINCK, R.; GUEDES, M. (Orgs.). **Estudos de Linguística Histórica do Português**. 1ed. Araraquara; São Paulo: Laboratório Editorial; Cultura Acadêmica, 2005b, v. 1, p. 179-192.

_____. Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional? . In: Encontro Internacional de Estudos Medievais – Eiem, 4, 2001, Belo Horizonte. **Anais do Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 523-531. Organizado por Angela Vaz Leão e Vanda O. Bittencourt.

_____. **Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?** Comunicação apresentada no IV EIEI – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

_____. O sândi vocálico externo no português arcaico visto pela teoria da otimidade. In: BARBOSA, P.; CASTRO, R. (Orgs.). **Actas do Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Braga: APL, 2000, p. 59-75.

_____. **Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

_____. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. In: SCARPA, E. (Org.). **Estudos de prosódia**. 1ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999b, p. 113-139.

_____. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. De sons de poetas ou Estudando Fonologia através da poesia. **Revista da Anpoll**, São Paulo, n.5, p. 77-105, 1998.

MATEUS, M. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: VOTRI, S.; RONCARATI, C (Orgs.). **Anthony Julios Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.278-294.

MATEUS, M.; D'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford : Oxford University Press, 2002.

MATTOS E SILVA, R. **O Português Arcaico: Fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O Português arcaico: Fonologia**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

MATTOSO, G. **Tratado de Versificação**. São Paulo: Annablume, 2010.

MATZENAUER, C. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005 [1996], p. 09-94.

MCCARTHY, J. Sympathy, Cumulativity, and the Duke-of-York Gambit. In: Caroline FÉRY, C.; VIJVER, R. (Orgs.). **The Syllable in Optimality Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 23-76. Disponível em: <
http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1078&context=linguist_faculty_pubs > Acesso em: 15 jan. 2014.

_____. On stress and syllabification. **Linguistic Inquiry**, p.443-466, 1979.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; DICKEY, L.; URBANCZYK, S. (eds.). **Papers in Optimality Theory. University of Massachusetts Occasional Papers 18**. Amherst, Mass.: Graduate Linguistic Student Association. p. 249–384, 1995.

_____. Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction. **Linguistics Department Faculty Publication Series. Paper 14**. Amherst: University of Massachusetts, and New Brunswick, N.J.:Rutgers University, 1993. Disponível em: http://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1013&context=linguist_faculty_pubs>. Acesso em: 04 jul. 2013.

MELO, G. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

MESSNER, D. Conjecturas sobre a periodização da língua portuguesa. In: MASSINICAGLIARI, G. et.al. (Org.). **Descrição do português: lingüística histórica e**

historiografia lingüística. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002. p. 97-117. Série Trilhas Lingüísticas, n. 3.

METTMANN, W. (Ed.). **Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427)**: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1989.

_____. **Cantigas de Santa María (cantigas 101 a 260)**: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1988.

_____. Algumas observaciones sobre la génesis de la colección de las *Cantigas de Santa María* y sobre el problema del autor. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). **Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry**. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 355-366.

_____. **Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)**. : Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986 (volume I).

_____. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria**. Coimbra: Universidade, 1972 [1959]. v. IV: Glossário.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. **Cancioneiro da Ajuda**. Edição de Michaëlis de Vasconcelos: Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1990.

_____. **Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1946.

MIGLIORINI, L. **De versos e trovas: análise de aspectos fonostilísticos do Português Medieval por meio das Cantigas de Santa Maria**. Tese (Doutorado em Linguística em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Araraquara, 2012.

MONARETTO, V.; QUEDNAU, L.; HORA, D. As consoantes do Português. In: BISOL, L. (Org.) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005 [1996], p. 205-246.

MONTEIRO, J. **A estilística: manual de análise e criação do estilo literário**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTOYA MARTÍNEZ, J. **Composición, estructura y contenido del cancionero marial de Alfonso X**. Murcia: Real Academia Alfonso X el Sabio, 1999.

MONTOYA MARTÍNEZ, J.; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, A. (Coord.). **El Scriptorium alfonsí: de los Libros de Astrología a las «Cantigas de Santa María»**. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p. 127-148.

MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.

NESPOR, M. Setting parameters at a prelexical stage. ms, **Anais do I Congresso Internacional de Linguística da ABRALIN**, 1994.

_____. **Le Structure del Linguaggio**: Fonologia. Bologna: Il Mulino, 1993.

_____. Vowel deletion in Italian and the organization of the phonological component. **The Linguistic Review**, p.375-398, 1990.

_____. Vowel Degeminantion and Fast Speech Rules. **Phonology Yearbook**, Amsterdam, v. 4, p. 61-85, 1987.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 2007 [1986].

_____. Prosodic domains of external sandhi rules. In: HULST, H.; SMITH, N. (Eds.) **The Structure of Phonological Representations**. Dordrecht: Foris Publications, 1982. p. 225-255.

NUNES, J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: Fonética e Morfologia**. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969.

_____. **Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1973. 1. ed. 1926/1929.

O'CALLAGHAN, J. **Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography**. Boston: Brill, 1998.

OHALA, J. **Speech perception is hearing sounds, not tongues**. J. Acoust. Soc. Am. 99. 1996, p. 1718-1725.

PARKER, S. **Quantifying the Sonority Hierarchy**. PhD dissertation. University of Massachusetts at Amherst, 2002.

PARKINSON, S. Rules of elision and hiatus in the Galician-portuguese lyric: the view from the *Cantigas de Santa Maria*. **La corónica**. p.113-133, 2006.

_____. Layout and Structure of the Toledo Manuscript of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). **Cobras e Son**: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000a, p. 133-153.

_____. Round Table: The Manuscripts of the *Cantigas de Santa Maria*. In: PARKINSON, S. (Ed.). **Cobras e Son**: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000b, p. 214-220.

_____. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. **Anuario de estudos literarios galegos**, Vigo, p. 179-205, 1998a.

_____. Two for the price of one; on the Castroxeriz *Cantigas de Santa Maria*. In: FLITTER, D. W.; BAUBETA, P. O. (Coord.). **Ondas do Mar de Vigo**: Actas do Simposio Internacional sobre a Lírica Medieval Galego-Portuguesa. Día das Letras Galegas. Birmingham, UK: Seminario de Estudos Galegos, Department of Hispanic Studies, University of Birmingham, 1998b, p. 72-88.

_____. The First Reorganization of the CSM. **Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria**, Cincinnati, v. 1, n. 2, p. 91-97, 1988.

PEPERKAMP, S. Prosodic Words. **HIL Dissertation 34**. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.

PEREIRA, M. Acento latino e acento em português: que parentesco? In: ARAÚJO, G. (Org.) **O Acento em Português: abordagens Fonológicas**. São Paulo: Parábola, 2007, p.61-84.

PIGOTT, G. Epenthesis and syllable weight. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 3, p. 283-326, 1995.

PRINCE, A. Relating to the grid. **Linguistic Inquiry**. n.14, p.19-100, 1983.

PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P. **Optimality Theory**: Constraint Interaction in Generative Grammar. Technical Report #2 of the Rutgers Center for Cognitive Science. Rutgers, Newark, NJ: Rutgers University, 1993.

PULLUM, G. The Duke of York gambit. **Journal of Linguistics** 12. 83-102, 1976.

ROACH, P. **English Phonetics and Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SCHAFFER, M. Los códices de las «Cantigas de Santa Maria»: su problemática. In: SCHAFFER, M. The 'Evolution' of the Cantigas de Santa Maria: The Relationships between Manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.). **Cobras e Son**: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 186-213.

_____. Marginal Notes in the Toledo Manuscript of Alfonso El Sabio's Cantigas de Santa Maria: Observations and Composition, Correction, Compilation, and Performance. **Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria**, Cincinnati, n. 7, p. 65-84, 1995.

SCHWINDT, L. O prefixo e a silabificação no português brasileiro: abordagem de restrições. In: II Congresso Internacional da Abralín, 2001, Fortaleza. **Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN**, 2001.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica. In: Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil, 2000, Évora. **Anais do Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil**, 2000.

SELKIRK, E. The syllable (1982). In: GOLDSMITH, J. (Ed.) **Phonological theory: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishers Inc., 1999. p.328-350.

_____. **Phonology and syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984a.

_____. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF; OEHRLE (org). **Language Sound Structurn** Cambridge, Mass: MIT Press, p. 107-136, 1984b.

_____. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (eds.). **The structure of phonological representations** (Part II). Dordrecht: Foris, 1982, p. 337-383.

_____. **On prosodic structure and its relation to syntactic structure**. Indiana: IULC, 1980.

SELKIRK, E.; SHEN, T. Prosodic domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S.; ZEC, D. (Orgs.) **The Phonology-Syntax connection**. Chicago: University of Chicago Press, 1990, p. 313-37.

SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da filologia portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

_____. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

SOMENZARI, T. **Estudo da Possibilidade de Geminção em Português Arcaico**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2006.

STAMPE, D. **A dissertation on natural phonology**. New York: Garland, 1979.

TAVANI, G. **Ensaio português: Filologia e Linguística**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

TENANI, L. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), São Paulo, v. 35, p. 118-131, 2006.

_____. O efeito de eurrítmia e a degeminção. **Estudos linguísticos**, São Paulo, p.928-932, 2004.

_____. Domínios prosódicos e processos de reestruturação silábica. **Estudos linguísticos**, São Paulo, p.1-4, 2003.

_____. Sândi vocálico e estrutura prosódica. **Estudos linguísticos**, São Paulo, p.1-4, 2002.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994 [1980].

TOLEDO NETO, S. de A. **Varição Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia (Cod. ANTT 643)**. 1996. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - USP, FFLCH, São Paulo, 1996.

TOPINTZI, N. **Onsets: Suprasegmental and prosodic behaviour**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. On the existence of moraic onsets. **Natural Language and Linguistic Theory** 26, 2008, p. 147-184.

_____. **Moraic onsets**. Ph.D. dissertation, University College London, 2006.

TORRES, J. Interpretación organológica de la Miniatura del folio 201-versus del código b.I.2 escurialense. In: Semana de Musica Española, 1984. Madrid. **Symposium Alfonso X el Sabio y la Música**. Madrid: Sociedad Española de Musicología, 1987, p. 117-136.

TRASK, R. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VASCONCELLOS, J. L. de. **Lições de filologia portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

VELOSO, B. **A elisão de monomorfemas em casos de sândi vocálico externo em três variedades do português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

VIANA, A. **Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

VIEIRA, Y. Afonso X. In: VIEIRA, Y. (Org.). **Poesia medieval: literatura portuguesa**. São Paulo: Global, 1987. p. 141-142.

VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? **The Linguistic Review** 27, v.4, 2010. p. 485-530.

_____. **The Prosodic Word in European Portuguese**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003.

_____. Elisão da vogal não-recuada final e a palavra prosódica no Português Europeu. **Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1998.

VIGÁRIO, M.; FALÉ, I. A sílaba no português fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. In: Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL/Colibri, p.465-478, 1994.

VISCH, E. **A metrical theory of rhythmic stress phenomena**. Dordrecht: Foris Publicantions, 1990.

WETZELS, W. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, jul./dez. 2000.

WILLIAMS, E. **Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975[1938].

WULSTAN, D. The compilation of the *Cantigas* of Alfonso el Sabio. In: PARKINSON, S. (Ed.). **Cobras e Son**: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 154-185.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. (Orgs.). **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1990.

ZUCARELLI, F. **Ditongos e hiatos nas cantigas medievais galego-portuguesas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A - Contexto de aplicação dos processos de sândi nas 200 CSM

Tabela 1 - Contexto de aplicação dos processos de sândi nas 200 CSM

Contexto de aplicação		Elisão		Hiato		Não-realização de V2		Ditongação		TOTAL	
Tônica	tônica	0	0,00%	76	0,60%	0	0,00%	0	0,00%	76	0,60%
	pretônica	0	0,00%	91	0,72%	0	0,00%	0	0,00%	91	0,72%
	leve	0	0,00%	148	1,16%	0	0,00%	0	0,00%	148	1,16%
	ditongo	0	0,00%	14	0,11%	0	0,00%	0	0,00%	14	0,11%
	VC	0	0,00%	42	0,33%	0	0,00%	0	0,00%	42	0,33%
SUBTOTAL		0	0,00%	371	2,92%	0	0,00%	0	0,00%	371	2,92%
Átona	tônica	793	6,23%	386	3,03%	0	0,00%	0	0,00%	1179	9,27%
	pretônica	1119	8,80%	503	3,95%	10	0,08%	0	0,00%	1632	12,83%
	leve	1262	9,92%	1502	11,81%	0	0,00%	0	0,00%	2764	21,73%
	ditongo	149	1,17%	56	0,44%	0	0,00%	0	0,00%	205	1,61%
	VC	304	2,39%	215	1,69%	0	0,00%	0	0,00%	519	4,08%
SUBTOTAL		3627	28,51%	2662	20,93%	10	0,08%	0	0,00%	6299	49,52%
Monossílabo	tônica	722	5,68%	985	7,74%	0	0,00%	3	0,02%	1710	13,44%
	pretônica	599	4,71%	922	7,25%	7	0,06%	13	0,10%	1541	12,11%
	leve	1162	9,13%	1206	9,48%	0	0,00%	22	0,17%	2390	18,79%
	ditongo	23	0,18%	46	0,36%	0	0,00%	1	0,01%	70	0,55%
	VC	122	0,96%	217	1,71%	1	0,01%	0	0,00%	340	2,67%
SUBTOTAL		2628	20,66%	3376	26,54%	8	0,06%	39	0,31%	6051	47,57%
TOTAL		6255	49,17%	6409	50,38%	18	0,14%	39	0,31%	12721	100%

¹ Nesta tabela encontram-se as sílabas tônicas (ex.: -li de *ali*) e os monossílabos tônicos da primeira palavra (ex.: *que, ã, ca, já, pe, vi, ssi*, conjunção *se, tu, dé, sé, u, i, mi* e *ti* quando tônicos).

² Vogais iniciais tônicas da segunda palavra (ex.: e- de *ela*) e os monossílabos tônicos de uma só vogal oral (ex.: *u, i*).

³ Tem-se os monossílabos átonos da segunda palavra compostos de uma vogal oral leve (ex.: *o, a, e*) e seus plurais (ex.: *os, as*). Consideramos a inserção dos últimos nesse grupo, uma vez que o morfema -s (plural) é extramétrico.

⁴ Os monossílabos compostos somente por ditongos são tônicos.

⁵ Monossílabos tônicos iniciais da segunda palavra formados por uma sequência VC, em que C pode representar uma nasalização da vogal (ex.: *un, ã, en, ã, an, ã*) ou outra consoante (ex.: *al, ar*, 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *auer - ás*).

⁶ Grupo composto pelos monossílabos átonos (CUNHA, 1986; MASSINI-CAGLIARI, 2005a; AMARAL, 2010) da primeira palavra: *o, a, e, xe, che, lle, te, ssa, na, no, sse, me*, pronome *se, de, do, da, mi* e *ti* quando átonos.

Apêndice B - Elisões das formas xe, lle, de e che

Quadro 1 - Elisão dos monossílabos leves *de*, *lle*, *xe* e *che*

Monossílabo	Realizações
che	cha: che + a
	cho: che + o
de	da (s): de + a (s)
	dalende : de + alende
	dali: de + ali
	daquel (s): de + aquel (s)
	daquela(s): de + aquela (s)
	daquesto: de + aquesto
	daqui: de + aqui
	del (e)(s): de + el (e)(s)
	dela (s): de + ela (s)
	dessa (s): de + essa (s)
	desse (s): de + esse (s)
	desta (s): de + esta (s)
	deste (s): de + estes (s)
	disso: de + isso
	disto: de + isto
	do (s): de + o (s)
	donde: de + onde
	dũ: de + ã
	dũa: de + ãa
	dun : de + un
lle	lla: lle + a
	llo: lle + o
xe	xa: xe + a
	xo: xe + o